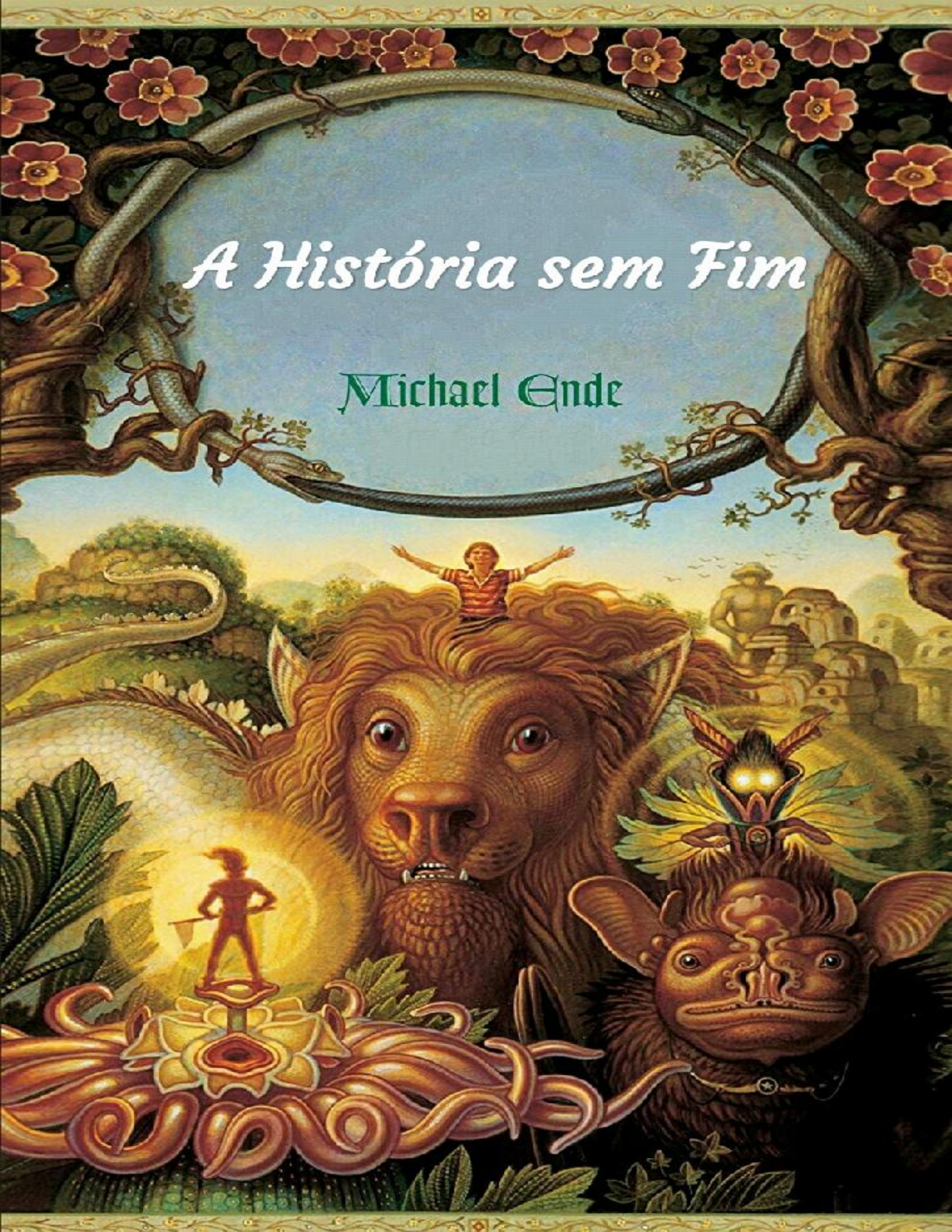
A História sem Fim

Michael Ende



Titulo original: DIE UNENDLICHE GESCHICHTE

Copyright © K. Thienemanns Verlag, Stuttgart, 1979
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1991
para a presente edição 6." *edição brasileira:* março de 1993
Tradução: Maria do Carmo Cary *Revisão e texto final:* João Azenha Júnior
Produção gráfica: Geraldo Alves *Impressão e acabamento:* Yangraf
Capa — projeto: retirada da edição portuguesa

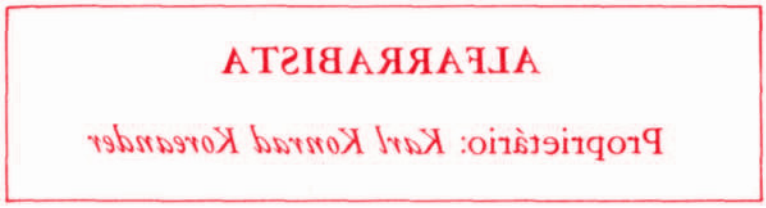
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ende, Michael.
A história sem fim / Michael Ende ; [tradução Maria do Carmo Cary ; revisão e texto final João Azenha Júnior]. — 6. ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1993.
ISBN 85-336-0145-X

1. Romance alemão I. Título.
93-0304 CDD-833.91

índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Século 20 : Literatura alemã 833.91
2. Século 20: Romances : Literatura alemã 833.91

Todos os direitos desta edição para o Brasil reservados, conforme acordo estabelecido com Editorial Presença à LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA. Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 — Tel.: 239-3677 01325-000 — São Paulo — SP — Brasil



Esta inscrição encontrava-se na porta envidraçada de uma pequena loja, mas, naturalmente, só tinha este aspecto quando, do interior sombrio da loja, se olhava para a rua através da vidraça.

Lá fora, era uma manhã cinzenta e fria de novembro, e chovia a cântaros. As gotas escorriam pela vidraça e por cima das letras floreadas. Tudo o que se via através da vidraça era uma parede manchada pela chuva do outro lado da rua.

De repente, a porta se abriu com tanta força que os sininhos de latão, que pendiam sobre ela, começaram a tilintar e só pararam depois de alguns instantes.

O causador deste tumulto era um garoto baixo, gordo, de uns dez ou onze anos. O cabelo castanho-escuro, molhado, caía-lhe sobre o rosto; tinha o casaco encharcado de chuva e trazia a tiracolo uma pasta escolar presa por uma correia. Estava um pouco pálido e ofegante, mas apesar de há pouco parecer ter muita pressa, continuava parado diante da porta aberta, como se estivesse pregado no chão.

À sua frente estendia-se um compartimento comprido e estreito cujos fundos se perdiam na escuridão. Nas paredes havia estantes que iam do chão ao teto, abarrotadas de livros de todos os tamanhos e formas. No chão, empilhavam-se montes de grandes manuscritos, e em algumas mesinhas, havia também montes de livros menores, encadernados em couro, com capas enfeitadas a ouro. Por trás de uma parede de livros da altura de um homem, colocada ao fundo do compartimento, brilhava a luz de um candeeiro. Desse local iluminado, erguia-se de vez em quando uma argola de fumo, que ia aumentando de tamanho para depois desaparecer lá em cima, na escuridão. Pareciam sinais de fumaça usados pelos índios para enviarem mensagens de colina em colina. Era óbvio que havia alguém ali e, com efeito, o rapaz ouviu uma voz bastante rude, que por detrás da parede de livros dizia:

— Ou entre, ou saia, mas feche a porta. Está ventando.

O rapaz obedeceu e fechou a porta de mansinho. Depois, aproximou-se da parede de livros e espreitou cautelosamente para o outro lado. Um homem atarracado estava sentado por detrás dos livros, numa poltrona de orelhas, de couro muito gasto. Vestia um terno escuro, amarrotado, que parecia muito usado e como que empoeirado. Tinha a barriga apertada em um colete estampado. O homem era calvo, mas por cima das orelhas havia dois tufos de cabelos brancos espetados. O rosto era vermelho e lembrava a cara de um buldogue feroz. O nariz bulboso sustentava um par de óculos pequenos, dourados. Além disso, fumava um cachimbo curvo que lhe pendia dos lábios, obrigando-o a torcer a boca. Segurava sobre os joelhos um livro que devia estar lendo, pois fechara-o, deixando o grosso indicador da mão esquerda entre as páginas — como um marcador, por assim dizer.

O homem tirou os óculos com a mão direita, examinou o rapaz pequeno e gordo que se mantinha de pé à sua frente com o casaco encharcado, e, fechando um pouco os olhos, o que lhe acentuou o ar de ferocidade, limitou-se a murmurar:

— Minha nossa!

Depois, abriu novamente o livro e recomeçou a ler.

O rapaz não sabia muito bem o que fazer, por isso deixou-se ficar simplesmente ali, fitando o homem com os olhos muito abertos. Finalmente, o velho fechou novamente o livro, deixando o dedo entre as páginas, e resmungou:

— Preste atenção, menino! Eu não gosto de crianças. Sei que está na moda fazer um grande alarido quando se trata de vocês. . . Mas comigo não! Não gosto nada, nada de crianças. Para mim, não passam de uns patetas choramingas, de uns desajeitados que estragam tudo, sujam os livros de geléia, rasgam as páginas, e não querem nem saber dos problemas e preocupações que os adultos possam ter. Digo isto para que você não se iluda. Além do mais, não tenho livros para crianças e nem venderei outros livros a você. Espero ter sido claro!

Disse tudo isto sem tirar o cachimbo da boca. No fim, tornou a abrir o livro e recomeçou a leitura.

O rapaz assentou em silêncio e fez menção de se retirar; de alguma forma, porém, pareceu-lhe que não poderia aceitar aquele

sermão sem protestar e, por isso, voltou-se uma vez mais e disse baixinho:

— Nem *todos* são assim.

O homem ergueu lentamente os olhos do livro e voltou a tirar os óculos.

— Você ainda está aí? Diga-me uma coisa: o que é preciso fazer para eu me ver livre de você? O que você tinha de tão importante para dizer?

— Não era importante, respondeu o rapaz ainda mais baixinho. Eu só queria dizer que nem todas as crianças são assim como o senhor disse.

— Então é isso! O homem levantou as sobrancelhas com ar de espanto. E certamente você é a grande exceção, não é?

O rapazinho gordo não soube o que responder. Encolheu ligeiramente os ombros e voltou-se para ir-se embora.

— Bela educação!, ouviu a voz resmungona dizer atrás de si. Isto você não deve ter muita; senão, pelo menos tinha-se apresentado.

— Meu nome é Bastian, disse o rapaz. Bastian Baltazar Bux.

— Mas que nome curioso!, resmungou o homem. Com esses três *bês.* Mas você não tem culpa de ter esse nome; não foi você que o escolheu. Eu me chamo Karl Konrad Koreander.

— Três *ks,* disse o rapaz com um ar sério.

— Hum!... resmungou o velho. Correto!

Deu umas baforadas no cachimbo. — Mas pouco interessa como nos chamamos, porque não vamos voltar a nos ver. Agora eu gostaria de saber uma coisa. Por que é que você entrou com tanta pressa em minha loja? Parecia que você estava fugindo de alguma coisa. Estava?

Bastian acenou que sim com a cabeça. Seu rosto redondo empalideceu, os olhos abriram-se ainda mais.

— Provavelmente assaltou a caixa de uma loja, supôs o senhor Koreander, ou bateu em uma velhinha ou fez qualquer coisa dessas que vocês costumam fazer. A polícia está atrás de você, rapaz?

Bastian sacudiu a cabeça.

— Vamos, responda, disse o Sr. Koreander. De quem você está fugindo?

— Dos outros.
— Que outros?
— Dos rapazes da minha classe.
— Por quê?
— Porque nunca me deixam em paz.
— O que eles fazem?
— Ficam me esperando na saída da escola.
— E depois?
— Ficam me xingando, me empurram e riem de mim.
— E você não faz nada?

O Sr. Koreander fitou o rapaz por algum tempo com ar reprovador, e depois perguntou:

— E por que você não lhes dá um murro no nariz? Bastian olhou para ele com os olhos arregalados.

— Não gosto de bater. E, além disso, não sou muito bom no boxe.

— E brigar, você também não sabe? perguntou o Sr. Koreander. Você sabe correr, nadar, jogar bola, fazer ginástica? Ou não' sabe fazer nada disso?

O rapaz fez que não com a cabeça.

— Em outras palavras, você é um molengão, não é verdade? disse o Sr. Koreander.

Bastian encolheu os ombros.

— Mas falar você sabe, disse o Sr. Koreander. Por que não responde quando eles zombam de você?

— Já fiz isso uma vez. . .

— E o que aconteceu?

— Eles me colocaram numa lata de lixo e amarraram a tampa. Fiquei chamando umas duas horas até que alguém me ouviu.

— Hum, resmungou o Sr. Koreander, e agora você não se atreve a fazer outra vez a mesma coisa.

Bastian fez que sim com a cabeça.

— Tudo isso quer dizer, concluiu o Sr. Koreander, que você é um medroso.

Bastian baixou a cabeça.

— Mas aposto que você é um bom aluno, não é? O melhor da classe, que só tira dez, o preferido dos professores, ou não?

— Não, disse Bastian, mantendo os olhos baixos. No ano passado eu repeti.

— Pelo amor de Deus! exclamou o Sr. Koreander. Então você é um fracasso total.

Bastian não disse nada. Deixou-se simplesmente ficar onde estava, os braços caídos, o casaco pingando.

— O que é que eles dizem quando zombam de você?, quis saber o Sr. Koreander.

— Não sei. . . Tudo o que lhes vem à cabeça.

— Por exemplo?

— Gordo, Gordão! Parece um balão! Quando sobe na árvore se esborracha no chão!

— Esta não tem muita graça, disse o Sr. Koreander. E que dizem mais?

Bastian hesitou antes de responder:

— Maluco, cabeça de vento, mentiroso, convencido. . .

— Maluco? Por quê?

— Sabe, às vezes eu falo sozinho.

— E o que é que você fica falando?

— Imagino histórias, invento nomes e palavras que ainda não existem e outras coisas assim.

— E você conta essas coisas para você mesmo? Por quê?

— Porque não interessam a mais ninguém.

O Sr. Koreander calou-se durante algum tempo, pensativo.

— E os seus pais, que dizem disso tudo?

Bastian não respondeu logo. Depois de algum tempo, murmurou:

— O meu pai não diz nada. Nunca diz nada. Não quer saber de nada.

— E a sua mãe?

— Já não está conosco.

— Os seus pais são separados?

— Não, disse Bastian. A minha mãe morreu.

Nesse momento tocou o telefone. O Sr. Koreander levantou-se com alguma dificuldade da sua poltrona e, arrastando os pés, dirigiu-se para um pequeno gabinete que ficava nos fundos da loja. Tirou o fone do gancho e Bastian, com um pouco de esforço, ouviu-

o dizer o nome. Mas, depois, o Sr. Koreander fechou a porta do gabinete e não se ouviu mais nada, além de um murmúrio abafado.

Bastian deixou-se ficar onde estava, sem saber como aquilo tudo tinha acontecido e porque ele havia dito e confessado tudo aquilo. Detestava que lhe fizessem perguntas. De repente, apavorado, deu-se conta de que ia chegar atrasado à escola: sim, tinha que se apressar, correr. . . mas deixou-se ficar onde estava, indeciso. Alguma coisa o retinha, e ele não sabia ao certo o que era.

Continuava a ouvir no gabinete a voz abafada do Sr. Koreander. A conversa ao telefone não acabava mais.

Bastian deu-se conta de que durante todo o tempo estivera olhando fixamente o livro que o Sr. Koreander tinha nas mãos e que se encontrava agora sobre a poltrona de couro. Era como se o livro tivesse uma espécie de magnetismo que o atraía irresistivelmente.

Aproximou-se da poltrona, estendeu a mão devagar, e tocou o livro — e no mesmo instante ouviu dentro de si um "clique", como se tivesse sido pego em uma ratoeira. Bastian teve a estranha sensação de que aquele toque desencadeara qualquer coisa que agora devia forçosamente seguir seu curso.

Levantou o livro e olhou-o por todos os lados. A capa era de seda cor-de-cobre e brilhava quando ele mudava o livro de posição.

Folheando rapidamente o volume, observou que estava impresso em duas cores diferentes. Não parecia ter gravuras, mas as letras que iniciavam os capítulos eram grandes e muito ornamentadas. Examinando melhor a capa, descobriu duas serpentes, uma clara e outra escura, que mordiam uma a cauda da outra, formando uma figura oval. Dentro dessa figura, em letras cuidadosamente traçadas, estava o título:

A História sem Fim

As paixões humanas são misteriosas, e as das crianças não o são menos que as dos adultos. As pessoas que as experimentaram não as sabem explicar, e as que nunca as viveram não as podem compreender. Há pessoas que arriscam a vida para atingir o cume de uma montanha. Ninguém é capaz de explicar por quê, nem mesmo elas. Outras arruínam-se para conquistar o coração de uma

determinada pessoa que nem quer saber delas. Outras, ainda, destroem-se a si mesmas porque não são capazes de resistir aos prazeres da mesa — ou da garrafa. Outras há que arriscam tudo o que possuem num jogo de azar, ou sacrificam tudo a uma idéia fixa que nunca se pode realizar. Algumas pensam que só podem ser felizes em outro lugar que não naquele onde estão e vagueiam pelo mundo durante toda a vida. Há ainda as que não descansam enquanto não conquistam o poder. Em suma, as .paixões são tão diferentes quanto o são as pessoas.

A paixão de Bastian Baltasar Bux eram os livros.

Quem nunca passou tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído sobre o rosto, esquecido de tudo o que o rodeia e sem se dar conta de que está com fome ou com frio. . .

Quem nunca se escondeu embaixo dos cobertores lendo um livro à luz de uma lanterna, depois de o pai ou a mãe ou qualquer outro adulto lhe ter apagado a luz, com o argumento bem-intencionado de que já é hora de ir para a cama, pois no dia seguinte é preciso levantar cedo. . .

Quem nunca chorou, às escondidas ou na frente de todo mundo, lágrimas amargas porque uma história maravilhosa chegou ao fim e é preciso dizer adeus às personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras, que foram amadas e admiradas, pelas quais se temeu ou ansiou, e sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido. . .

Quem não conhece tudo isto por experiência própria provavelmente não poderá compreender o que Bastian fez em seguida.

Olhou fixamente o título do livro e sentiu, ao mesmo tempo, arrepios de frio e uma sensação de calor. Ali estava uma coisa com a qual ele já havia sonhado muitas vezes, que tinha desejado muitas vezes desde que dele se apoderara aquela paixão secreta: uma história que nunca acabasse! O livro dos livros!

Tinha de o conseguir a qualquer custo!

A qualquer custo? Isso era muito fácil de dizer! Mesmo que o livro custasse mais do que os três marcos e cinqüenta *pfennings* da sua mesada, que trazia no bolso e eram todo o dinheiro que

possuía... aquele antipático Sr. Koreander já lhe tinha explicado com toda a clareza que não lhe venderia nenhum livro. E com certeza também não o daria de presente. Não havia esperanças. . .

E, no entanto, Bastian sabia que não podia ir embora sem o livro. Percebia agora que tinha entrado na loja por causa daquele livro, que o livro o tinha atraído de alguma forma misteriosa, porque queria pertencer a ele. Porque, de fato, a ele pertencera desde sempre!

Bastian escutou atentamente o murmúrio que continuava a se ouvir no gabinete.

Sem se dar conta do que fazia, escondeu o livro embaixo do casaco e apertou-o contra o corpo com ambos os braços. Sem fazer barulho, recuou até à porta da loja, olhando sempre para a outra porta, a do gabinete. Ergueu o trinco com cuidado. Não queria que os sininhos de latão fizessem barulho, por isso entreabriu a porta de vidro só o necessário para poder escapulir para a rua. Fechou a porta com cuidado pelo lado de fora, sem fazer barulho.

Só então começou a correr.

Os cadernos, os livros da escola e o estojo que estavam dentro da pasta saltavam e faziam barulho ao ritmo dos seus passos. Começou a sentir uma pontada do lado, mas continuou a correr.

A chuva escorria-lhe pelo rosto e entrava-lhe para o pescoço. O frio e a umidade passavam pelo casaco, mas Bastian nem o notava.

Sentia calor, e não era só de correr.

A sua consciência, que não tinha dado sinal de vida enquanto ele estava na loja, começava a despertar. Todas as justificativas que antes lhe tinham parecido tão convincentes perdiam agora o seu valor, derretiam-se como bonecos de neve ao sopro de um dragão que lança chamas pela boca.

Tinha roubado. Era um ladrão!

O que fizera era ainda pior do que um simples roubo. Sem dúvida aquele livro era único e insubstituível. Fora, certamente, o maior tesouro do Sr. Koreander. Roubar a um violinista o seu violino ou a um rei a sua coroa, era muito pior do que assaltar um banco.

Enquanto corria, mantinha o livro bem apertado contra o corpo, por baixo do casaco. Não o queria perder, apesar do muito que lhe ia custar. Era tudo o que tinha no mundo.

Pois é claro que agora não podia voltar para casa.

Tentou imaginar seu pai, sentado no grande aposento em que trabalhava. À sua volta havia dezenas de moldes de gesso de dentaduras humanas, pois seu pai era dentista. Bastian nunca tinha pensado se seu pai gostava ou não do trabalho que fazia. Pela primeira vez ocorrera-lhe isto, mas nunca mais poderia perguntar aquilo a seu pai.

Se fosse agora para casa, o pai, interrompendo o trabalho, sairia da oficina com seu avental branco, provavelmente trazendo na mão uma dentadura de gesso, e perguntaria: "Já voltou?" "Já" responderia Bastian. "Você não teve aula hoje?" Era como se visse o rosto triste e calmo de seu pai; sabia que não seria capaz de lhe mentir. Mas também não podia dizer-lhe a verdade. Não, a única coisa que podia fazer era ir embora, para qualquer lado, para muito longe. Seu pai nunca deveria saber que o filho era um ladrão. E talvez nem sequer reparasse que Bastian já não estava em casa. Esse pensamento era quase consolador.

Bastian deixara de correr. Agora ia devagar e, ao final da rua, avistou a escola. Sem se dar conta, tinha tomado o caminho de costume. A rua parecia-lhe completamente vazia, apesar de haver algumas pessoas. Mas, para o aluno que chega tarde à escola, o mundo que o rodeia sempre parece morto. De qualquer modo, Bastian tinha medo da escola, cenário das suas derrotas diárias; medo dos professores, que o corrigiam amavelmente ou lhe despejavam suas iras; medo dos outros rapazes, que dele zombavam e não perdiam uma oportunidade sequer de lhe mostrar como ele era fraco e desajeitado. Não era a primeira vez que a escola lhe parecia uma prisão onde ele sofria um castigo infindável, que duraria até que ele crescesse e que tinha de suportar com muda resignação.

Mas, agora, quando percorria os corredores cheios de ecos, que cheiravam a cera e a casacos molhados, quando o silêncio ameaçador lhe tapava os ouvidos como bolas de algodão e quando, finalmente, chegou em frente da porta da sua classe, pintada com a mesma cor verde-espinafre das paredes, percebeu de repente que também ali não tinha mais nada a perder. Tinha de ir embora. E o melhor era fazê-lo já.

Mas para onde?

Bastian tinha lido em seus livros histórias a respeito de rapazes que se alistavam em um navio e corriam o mundo em busca de sua sorte. Alguns tornavam-se piratas ou heróis, outros voltavam ricos para casa ao fim de muitos anos, sem que ninguém os reconhecesse.

Mas Bastian não tinha coragem para tanto. Além disso, estava convencido de que não o aceitariam como grumete. Nem sequer sabia o caminho para um porto onde houvesse navios apropriados para tão arriscados empreendimentos.

Para onde ir, então?

E, de repente, lembrou-se do lugar certo, do único lugar onde — pelo menos por agora — ninguém o iria procurar e encontrar. O sótão era grande e escuro. Cheirava a pó e a naftalina. Não se ouvia nenhum ruído, a não ser o tamborilar suave da chuva sobre as chapas de cobre do enorme telhado. Grandes vigas enegrecidas pelo tempo erguiam-se a distâncias regulares sobre o chão de madeira, encontravam-se lá em cima com as vigas do forro e desapareciam na escuridão. Daqui e dali pendiam teias de aranha, grandes como redes de dormir, que balançavam suave e fantasmagoricamente à corrente de ar. Lá de cima, da clarabóia, descia um raio de luz esbranquiçada.

A única coisa viva, neste lugar onde o tempo parecia ter parado, era um ratinho que saltitava sobre as tábuas do assoalho e que deixava um rastro de pegadas minúsculas impressas no pó. Entre as pegadas havia um risco fino feito pela cauda que se arrastava no chão. De repente, o animalzinho parou e ficou à escuta. E logo — fsst! — desapareceu num buraco entre as tábuas.

Ouviu-se o ruído de uma chave girando na grande fechadura. Devagar, a porta do sótão se abriu rangendo, e, por alguns instantes, um longo raio de luz atravessou o compartimento. Bastian entrou e fechou logo a porta, que voltou a ranger. Meteu a grande chave pelo lado de dentro da fechadura e deu-lhe a volta. Depois, empurrou o ferrolho e suspirou aliviado. Agora, era impossível encontrá-lo. Ninguém viria procurá-lo ali. Raramente alguém ia até o sótão — disso ele tinha certeza — e mesmo que alguém tivesse alguma coisa para fazer ali nesse dia ou no dia seguinte, encontraria

a porta fechada. E a chave tinha desaparecido. Mesmo que, de alguma forma, conseguissem abrir a porta, Bastian teria tempo para se esconder entre os trastes guardados no sótão.

Pouco a pouco seus olhos se habituaram à escuridão. Conhecia bem aquele lugar. Seis meses antes, o diretor da escola pedira-lhe que o ajudasse a transportar um grande cesto de roupa cheio de impressos e papéis velhos, que deveriam ser guardados no sótão. Fora então que vira onde estava guardada a chave da porta: num armário de parede, pendurado no último patamar da escada. Desde então, nunca mais tinha pensado nisso. Mas agora lembrara-se outra vez.

Bastian começou a tiritar, pois o casaco estava encharcado e ali em cima fazia muito frio. Antes de mais nada, tinha de procurar um lugar confortável. Afinal, ele ia ficar muito tempo ali. Por quanto tempo? Bem, nisso ele não queria pensar, nem na fome e na sede que em breve começaria a sentir.

Começou a explorar o local.

O sótão estava entulhado de toda a espécie de trastes, uns caídos, outros em pé: estantes cheias de dossiês e livros de atas que já há muito tempo não se utilizavam, carteiras empilhadas e manchadas de tinta, uma armação em que estavam pendurados uma dúzia de mapas velhos, vários quadros-negros, cuja tinta preta se descascara, fogões de ferro enferrujados, aparelhos de ginástica inutilizados, tais como um cavalo, cujo revestimento de couro estava tão rasgado que o forro saía lá de dentro, bolas de ginástica rebentadas, um monte de colchões de ginástica velhos e manchados, e além disso alguns animais empalhados, roídos pelas traças, entre eles uma enorme coruja, uma águia real e uma raposa, toda a espécie de retortas químicas e recipientes de vidro rachados, uma máquina eletrostática, um esqueleto humano pendurado numa espécie de cabide, e muitas caixas e caixotes cheios de velhos colchões de ginástica. Se se deitasse em cima deles, seria como se estivesse sentado num sofá. Arrastou-os para debaixo da clarabóia, onde havia mais luz. Perto dali estavam empilhadas algumas mantas da tropa, rasgadas e bastante empoeiradas, mas que ainda podiam servir. Bastian foi buscá-las. Tirou o casaco molhado e pendurou-o no cabide, juntamente com o esqueleto. O monte de

ossos balançou um pouco para cá e para lá, mas Bastian não teve medo. Talvez porque estivesse habituado a coisas muito parecidas em sua casa. Tirou também as botas encharcadas. De meias, sentou-se sobre as pernas cruzadas em cima dos colchões de ginástica, e cobriu os ombros com uma manta cinzenta, como um índio. Tinha junto de si a pasta — e o livro de capa cor-de-cobre.

Pensou que, nesse momento, seus colegas deveriam estar na aula de Língua. Talvez estivessem fazendo uma redação sobre algum tema desinteressante.

Bastian olhou para o livro.

"Gostaria de saber", disse para si mesmo, "o que se passa dentro de um livro quando ele está fechado. É claro que lá dentro só há letras impressas em papel, mas, apesar disso, deve acontecer alguma coisa, porque quando o abro, existe ali uma história completa. Lá dentro há pessoas que ainda não conheço, e toda a espécie de aventuras, feitos e combates — e muitas vezes há tempestades no mar, ou alguém vai a países e cidades exóticos. Tudo isso, de algum modo, está dentro do livro. É preciso lê-lo para o saber, é claro. Mas antes disso, já está lá dentro. Gostaria de saber como. . ."

E, de repente, sentiu que aquele momento tinha algo de solene.

Endireitou-se no assento, pegou o livro, abriu-o na primeira página e começou a ler

A História sem Fim

I



Fantasia em Perigo



correr, todos os animais do Bosque de Haule escondiam-se em suas tocas, ninhos e buracos.

Era meia-noite, e um vento tempestuoso assobiava nos cimos das antiqüíssimas e gigantescas árvores. Os troncos, grossos como torres, estalavam e gemiam.

De repente, uma luzinha fraca passou em ziguezague pelo bosque, parou tremeluzindo aqui e ali, subiu, empoleirou-se em um ramo, e logo a seguir continuou o seu caminho. Era uma esfera luminosa, do tamanho de uma bola de criança, que se deslocava em extensos saltos, tocando o chão de vez em quando e logo voltando a flutuar no ar. Mas não era uma bola.

Era um fogo-fátuo. E tinha-se perdido. Era, portanto, um fogo-fátuo perdido, uma coisa muito rara, mesmo em Fantasia.

Normalmente, são os fogos-fátuos que fazem com que as outras pessoas se percam.

Dentro da esfera de luz via-se uma figurinha pequena e muito viva, que saltava e corria o mais que podia. Não era homem nem mulher, pois entre os fogos-fátuos não existem essas diferenças. Segurava na mão direita uma bandeirinha branca, minúscula, que se agitava atrás dele. Tratava-se, portanto, de um mensageiro ou de um embaixador.

Não havia perigo de que a figurinha batesse no tronco de uma árvore durante seus vôos na escuridão, pois os fogos-fátuos são extraordinariamente ágeis e rápidos, podendo mudar de direção mesmo em meio a um salto. Daí o percurso em ziguezague descrito pela luz, embora, de uma maneira geral, ela avançasse sempre em uma determinada direção.

Até que chegou a uma saliência rochosa e retrocedeu, assustado. Sentou-se no buraco de uma árvore, ofegante como um cãozinho, e meditou durante um momento antes de se atrever a aparecer de novo e olhar cuidadosamente para o outro lado do rochedo.

À sua frente, estendia-se uma clareira da floresta, onde estavam sentadas três figuras de aspecto e tamanho muito diferentes, iluminadas pela luz de uma fogueira. Um gigante, que parecia feito de pedra cinzenta e tinha quase três metros de comprimento, estava deitado no chão de barriga para baixo.. Tinha o tronco erguido e apoiado sobre os cotovelos e olhava a fogueira. Em seu rosto de pedra maltratada pelas intempéries, estranhamente pequeno em relação a seus ombros poderosos, destacavam-se os dentes, que pareciam uma fila de cinzéis de aço. O fogo-fátuo percebeu que o gigante era da raça dos come-rochas. Estes seres viviam muito longe do Bosque de Haule, numa montanha... mas não viviam só *na* montanha, viviam *da* montanha, pois devoravam-na aos poucos. Alimentavam-se de rochedos. Felizmente, eram muito modestos e podiam viver durante semanas ou meses com uma única dentada desse alimento, para eles muito substancial. Além disso, não havia muitos come-rochas e, por outro lado, a montanha era muito grande. Mas como estes seres ali viviam há muito tempo — eram muito mais velhos do que a maior parte das outras criaturas

de Fantasia —, ao longo dos anos a montanha adquirira um aspecto muito estranho. Parecia um queijo *Emental* gigante, cheio de buracos e cavernas. E, por isso mesmo, chamavam-lhe a Montanha dos Túneis.

Mas os come-rochas não só se alimentavam de pedras, como também usavam a pedra para fazerem tudo de que precisavam: móveis, chapéus, sapatos, ferramentas... e até relógios-cuco. Por isso, não seria de se estranhar que este come-rochas tivesse estacionado ali perto uma espécie d bicicleta totalmente feita daquele material, com duas rodas que pareciam enormes mós de moinho. No conjunto, a bicicleta mais parecia um cilindro com pedais.

A segunda figura, sentada à direita da fogueira, era um pequeno gnomo noturno. Tinha no máximo o dobro da altura do fogo-fátuo e parecia uma lagarta preta como alcatrão, coberta de pêlos, que se tivesse posto em pé. Gesticulava vivamente ao falar, com as suas minúsculas mãozinhas cor-de-rosa; no lugar onde devia estar o rosto, por baixo dos pêlos pretos, eriçados, brilhavam dois grandes olhos, redondos como luas.

Em Fantasia, havia muitos gnomos noturnos, de todas as formas e tamanhos; portanto, à primeira vista, não era possível adivinhar se este vinha de perto ou de longe. De qualquer modo, porém, parecia estar de viagem, pois o animal que os gnomos noturnos costumam montar — um grande morcego — estava pendurado de cabeça para baixo num ramo, atrás do gnomo, com as asas enroladas em volta do corpo como um guarda-chuva fechado.

Só ao fim de algum tempo o fogo-fátuo conseguiu descobrir a terceira figura, sentada à esquerda da fogueira, pois ela era tão pequena que, àquela distância, quase não se distinguia. Pertencia à raça dos Minúsculos, e era um homenzinho muito elegante: usava um terninho colorido e trazia na cabeça um chapéu vermelho, alongado.

O fogo-fátuo quase nada sabia dos Minúsculos. Já tinha ouvido dizer que esse povo construía cidades inteiras nos ramos das árvores, e que as casinhas eram ligadas entre si por escadinhas, escadas de corda e escorregadores. No entanto, esse povo vivia

num lugar totalmente à parte no reino sem fronteiras de Fantasia, mais longe, muito mais longe ainda do que os come-rochas. Tanto mais surpreendente era o fato de ser um caracol o animal que aquele Minúsculo tinha perto de si, e que usava para montar. O animal estava parado atrás dele. Sobre a sua casca cor-de-rosa, reluzia uma pequena sela prateada; o freio e as rédeas, que lhe pendiam das antenas, também brilhavam como fios de prata.

O fogo-fátuo ficou admirado em ver três seres tão diferentes sentados juntos como bons amigos, pois, normalmente, em Fantasia, nem todas as espécies viviam em paz e harmonia. Havia muitas lutas e guerras, e também rivalidades seculares entre algumas das espécies. Além disso, nem todas eram boas e honradas, havia também criaturas trapaceiras, perversas e cruéis. O fogo-fátuo pertencia precisamente a uma família que deixava alguma coisa a desejar do ponto de vista da credibilidade e da honestidade.

Só depois de ter contemplado durante algum tempo a cena iluminada pela fogueira é que o fogo-fátuo percebeu que os três personagens traziam uma bandeirinha branca ou uma fita, também branca, atravessada no peito. Portanto, eram todos mensageiros ou negociadores, e naturalmente isso explicava por que se comportavam tão pacificamente.

Mas, àquela distância, não era possível entender o que diziam devido ao barulho do vento que assobiava na folhagem das árvores. Mas, como se respeitavam mutuamente na qualidade de mensageiros, talvez considerassem também como tal o fogo-fátuo e não lhe fizessem mal. Afinal de contas, ele tinha de perguntar o caminho a alguém. Talvez não aparecesse outra oportunidade tão favorável em plena floresta e no meio da noite. O fogo-fátuo encheu-se pois de coragem, saiu do seu esconderijo, acenou com a bandeirinha branca e ficou à espera, tremeluzindo no ar.

O come-rochas, que tinha o rosto virado em sua direção, foi o primeiro a vê-lo.

— Há hoje muito movimento por aqui, disse com uma voz áspera. Aí vem outro.

— Huhu, um fogo-fátuo! murmurou o gnomo, e os seus olhos redondos brilharam. Que prazer, que prazer!

O Minúsculo levantou-se, deu alguns passos na direção do recém-chegado e disse com uma voz que parecia o trinar de um pássaro:

— Pelo que vejo, você. . . também está aqui na qualidade de mensageiro.

— Estou, sim, disse o fogo-fátuo.

O Minúsculo tirou o seu chapéu vermelho, alongado, fez uma pequena reverência e disse com voz agradável:

— Então aproxime-se, por favor. Também nós somos mensageiros. Venha sentar-se conosco.

E apontou convidativamente com o chapéu para um lugar livre junto à fogueira.

— Muito obrigado, disse o fogo-fátuo, aproximando-se timidamente. Vou tomar essa liberdade. Permitam-me me apresentar: eu me chamo Blubb.

— Muito prazer, respondeu o Minúsculo. Eu me chamo Ukuk. O gnomo noturno inclinou-se sem se levantar.

— O meu nome é Vuchvusul.

— Muito prazer!, resmungou o come-rochas. Eu sou Piornrachzark.

Todos olharam para o fogo-fátuo, que desviou os olhos, nervoso. Os fogos-fátuos detestam que as outras pessoas os olhem nos olhos.

— Você não quer se sentar, amigo Blubb?, perguntou o Minúsculo.

— A verdade é que estou com muita pressa, respondeu o fogo-fátuo. Eu só queria perguntar se vocês saberiam me ensinar o caminho para a Torre de Marfim.

— Huhu!, fez o gnomo noturno. Quer ir visitar a imperatriz Criança?

— É isso mesmo, disse o fogo-fátuo. Tenho uma mensagem muito importante para ela.

— Que mensagem?, perguntou o come-rochas com sua voz estridente.

— Bem. . ., fez o fogo-fátuo, mudando o peso do corpo de uma perna para a outra. Trata-se de uma mensagem secreta.

— Nós três temos a mesma missão que você. . . Huhu!, replicou o gnomo noturno Vuchvusul. Estamos entre colegas.

— Pode ser até que levamos a mesma mensagem, opinou o Minúsculo Ukuk.

— Sente-se e conte-nos!, rangeu Piornrachzark. O fogo-fátuo sentou-se no lugar vazio.

— A minha terra, começou ele depois de refletir um pouco, fica muito longe daqui. . . não sei se algum dos presentes a conhece. Chama-se o Pântano da Podridão.

— Huhu, ganiu o gnomo noturno, encantado. Uma linda região! O fogo-fátuo sorriu.

— É, não é?

— E isto é tudo?, guinchou Piornrachzark. Por que você iniciou sua viagem, Blubb?

—- Na nossa terra, no Pântano da Podridão, continuou o fogo-fátuo, hesitante, aconteceu uma coisa. . . uma coisa inacreditável. . . Ou melhor, ainda está para acontecer. . . é difícil explicar. . . começou assim: a leste de nossa terra há um lago. . . ou melhor dizendo, *havia. . .* que se chamava Caldo Fervente. Tudo começou quando, certo dia, o lago Caldo Fervente desapareceu... pela manhã, não estava mais ali. Compreendem?

— Quer dizer que secou?, perguntou Ukuk.

— Não, respondeu o fogo-fátuo. Se assim fosse, haveria ali um lago seco. Mas não foi assim. No lugar onde havia o lago não havia nada. . . Nada mesmo, compreendem?

— Havia um buraco?, rangeu o comedor de rochedos.

— Não, não havia um buraco. O fogo-fátuo parecia cada vez mais atrapalhado. Um buraco ainda é alguma coisa. E ali não há *nada.*

Os três outros mensageiros olharam uns para os outros.

— E que aspecto tinha então. . . huhu. . . esse nada?, perguntou o gnomo noturno.

— Exatamente isto é que é tão difícil de explicar, replicou o fogo-fátuo com um ar infeliz. Na verdade, não se parece com coisa alguma. É como... como... Bom, não há palavras para explicar!

— É como se uma pessoa ficasse cega, quando olhasse para esse lugar, não é?, interrompeu o Minúsculo.

O fogo-fátuo fitou-o boquiaberto.

— É exatamente isso!, exclamou. Mas como é que *você* sabe... quero dizer... onde é que já se viu uma coisa assim?

— Espere!, rangeu o come-rochas, intervindo na conversa. Isso só aconteceu nesse lugar?

— A princípio, sim, explicou o fogo-fátuo. Quer dizer, só que o lugar do nada foi crescendo pouco a pouco. Cada vez faltava mais um pedaço de nossa terra. O Velho-Sapo Umpf, que vivia com seu povo no lago do Caldo Fervente, desapareceu num passe de mágica. Outros habitantes do nosso país começaram a fugir. Mas pouco a pouco, começou a acontecer a mesma coisa em outros lugares do Pântano da Podridão. A princípio, o que sumia era muito pequeno, uma coisa de nada, do tamanho de um ovo de galinha. Mas esses lugares foram aumentando. Se alguém, por descuido, pusesse o pé num desses lugares, o pé desaparecia também... ou a mão... ou tudo o que lá entrasse. Não doía. . . mas de repente a pessoa ficava com um pedaço a menos. Algumas pessoas atiravam-se de propósito lá para dentro, ao verem que o nada se aproximava demais. É que o nada exerce uma atração irresistível, tanto mais forte, quanto maior é o lugar. Ninguém na nossa terra sabia o que era aquela coisa horrível, de onde vinha e o que podia fazer para combatê-la. E como não desaparecia por si, pelo contrário, cada vez crescia mais, resolvemos finalmente mandar um mensageiro à imperatriz Criança para lhe pedir conselho e ajuda. E sou eu esse mensageiro.

Os outros três olhavam para a frente, em silêncio.

— Huhu!, disse ao fim de um momento a voz lastimosa do gnomo noturno. Lá no lugar onde eu moro aconteceu exatamente a mesma coisa. E eu comecei minha jornada pela mesma razão. . . huhu!

O Minúsculo voltou o rosto para o fogo-fátuo.

— Todos nós, prosseguiu ele piando como um passarinho, vivemos em regiões diferentes de Fantasia. Encontramo-nos aqui totalmente por acaso. Mas todos trazemos a mesma mensagem para a imperatriz Criança.

— E isso quer dizer, gemeu o come-rochas, que Fantasia inteira está em perigo.

O fogo-fátuo fitou-os, assustadíssimo.

— Mas então, gritou ele, levantando-se de um salto, não podemos perder nem mais um segundo!

— Nós também queríamos partir imediatamente, explicou o Minúsculo. Tivemos de interromper aqui a nossa viagem por causa da escuridão impenetrável do Bosque de Haule. Mas agora que você está aqui, Blubb, você poderá iluminar nosso caminho.

— Impossível!, gritou o fogo-fátuo. Não posso esperar por pessoas montadas em caracóis, sinto muito!

— Mas é um caracol de corrida!, disse o Minúsculo, um tanto ofendido.

— E além disso... huhu!, murmurou o gnomo noturno, se você não esperar por nós, não lhe ensinaremos o caminho!

— Com quem é que vocês estão falando? rangeu o come-rochas. É que o fogo-fátuo já não ouvira as últimas palavras dos outros mensageiros, e afastara-se pela floresta em grandes saltos.

— Ora, comentou Ukuk, empurrando para a nuca o seu chapéu vermelho e alongado, também este fogo-fátuo não era o mais indicado para nos iluminar o caminho.

E saltou para a sela do seu caracol de corrida.

— Também eu, disse o gnomo noturno chamando o seu morcego com um suave "huhu", preferiria que cada um viajasse por sua conta. Afinal, nem todos podem voar.

E desapareceu na escuridão.

O come-rochas apagou a fogueira, dando-lhe simplesmente algumas pancadas com a palma da mão.

— Também prefiro ir sozinho, rangeu ele na escuridão, porque assim não preciso tomar cuidado para não esmagar um Minúsculo.

Ouviu-se o estalar de ramos e o rangido provocado pela sua bicicleta de pedra, atravessando a floresta. De vez em quando ele se chocava surdamente com um tronco gigantesco, e ouviam-se os estalos e os rangidos da pedra. Pouco a pouco, toda essa barulheira foi sumindo na escuridão.

Ukuk, o Minúsculo, ficou sozinho. Pegou as rédeas de fino fio de prata e disse:

— Bom, vamos ver quem chega primeiro. Vamos lá, meu velho, pra frente!

E estalou a língua.

Depois disso, não se ouviu mais nada senão o vento tempestuoso que assobiava no cimo das árvores do Bosque de Haule.

O relógio da torre próxima bateu nove horas.

Os pensamentos de Bastian regressaram contrariados à realidade. Sentia-se contente por a História Sem Fim nada ter a ver com esta realidade.

Não gostava dos livros que, com mau humor e acidamente, narravam acontecimentos absolutamente vulgares, da vida absolutamente vulgar de pessoas absolutamente vulgares. Conhecia muito bem tudo isso da sua vida real, por isso não precisava ler essas coisas. Além disso, detestava quando queriam convencê-lo a fazer alguma coisa. E esses livros queriam sempre convencer as pessoas de alguma coisa, de uma maneira mais ou menos óbvia.

Bastian preferia os livros emocionantes, ou divertidos, ou que falavam à imaginação; livros que contavam as aventuras fabulosas de criaturas fantásticas e em que se podia imaginar tudo o que se quisesse.

Pois isso ele sabia fazer. . . talvez a única coisa que soubesse fazer bem: imaginar uma coisa com tanta clareza, que era quase capaz de a ver e ouvir. Quando contava uma história a si mesmo, esquecia-se de tudo o que o rodeava, e só acordava para a realidade no final da história, como se tivesse sonhado. E aquele livro era exatamente do mesmo gênero das histórias que ele inventava! .Ao lê-lo, era como se ouvisse os estalos da madeira dos troncos grossos das árvores, o assobio do vento nos cimos das árvores, as vozes diferentes dos quatro estranhos mensageiros, e quase pudera sentir o cheiro do musgo e do chão da floresta.

Lá embaixo, na escola, começava a aula de Ciências Naturais, em que só se falava de inflorescências e de estames. Bastian sentia-se contente por estar aqui em cima, no seu esconderijo, lendo. O livro era exatamente do tipo que ele gostava, seu gênero preferido!

Uma semana depois, Vuchvusul, o gnomo noturno, foi o primeiro a chegar ao seu destino. Ou melhor, estava convencido de ser o primeiro porque viera pelo ar.

O sol já se punha, e as nuvens crepusculares pareciam ouro em fusão quando ele percebeu que seu morcego pairava sobre o Labirinto. Era esse o nome de uma grande planície que se estendia de um horizonte ao outro e que não era senão um grande jardim florido, recendente aos perfumes mais estonteantes, e onde se misturavam as mais lindas cores. Entre os arbustos, as sebes, os prados e os canteiros de flores raras e estranhas, desenhavam-se ruas largas e caminhos estreitos tão ramificados e entrelaçados, que todo o jardim formava um enorme labirinto. É claro que este labirinto era feito para brincadeiras e divertimentos e não para que as pessoas se perdessem de verdade ou para desorientar os estrangeiros. Não poderia ser esta a finalidade deste lugar e a imperatriz Criança também não precisava dessa proteção. Não havia, em todo o reino sem fronteiras de Fantasia, ninguém de quem ela tivesse de se defender. E isso por uma razão que já vamos explicar.

Enquanto o pequeno gnomo noturno, montado em seu morcego, pairava silenciosamente sobre este labirinto florido, ele via toda espécie de estranhos animais. Numa pequena clareira, entre lilases e citisos, brincava uma manada de jovens unicórnios, iluminados pelo sol da tarde; depois pareceu-lhe ver, debaixo de uma gigantesca campainha azul, o célebre pássaro Fênix em seu ninho; mas não conseguiu ter certeza, e também não quis voltar para trás para ver melhor, a fim de não perder mais tempo. Agora, no meio do Labirinto, erguia-se à sua frente, resplandecente, a Torre de Marfim, o coração de Fantasia e a residência da imperatriz Criança.

A palavra "Torre" pode dar uma idéia errada a uma pessoa que nunca tenha visitado este lugar, pois esta torre em nada se parecia com a torre de uma igreja ou de um castelo. A Torre de Marfim era tão grande como uma cidade. De longe, parecia o cume de uma montanha, alto e pontiagudo, retorcido em espiral como a concha de um caracol e cujo ponto mais alto desaparecia nas nuvens. Só quando as pessoas se aproximavam é que percebiam que esse

gigantesco pão-de-açúcar se compunha de uma infinidade de torres, torrinhas, cúpulas, telhados, varandas, terraços, portões, escadas e balaustradas, que se cruzavam e entrelaçavam. Tudo isso era feito em marfim, de um branco puríssimo e feérico, e todos os detalhes estavam esculpidos com tanta perfeição, que o conjunto parecia uma finíssima renda.

Em todos esses edifícios viviam os membros da corte da imperatriz Criança, os camareiros e criados, as feiticeiras e os astrólogos, os mágicos e os bobos, os mensageiros, os cozinheiros e os acrobatas, os equilibristas e os contadores de história, os arautos, jardineiros, guardas, alfaiates, sapateiros e alquimistas. E lá em cima, na ponta mais alta da poderosa torre, morava a imperatriz Criança em um pavilhão que tinha a forma de um botão de magnólia. Certas noites, quando a lua cheia brilhava esplendorosa no céu estrelado, as pétalas de marfim se abriam e desabrochavam em maravilhosa flor, no centro da qual se sentava a imperatriz Criança.

O pequeno gnomo noturno aterrissou seu morcego em um dos terraços mais baixos, onde se situavam as cavalariças para os animais. Alguém devia ter anunciado a sua chegada, pois já estavam à sua espera cinco guardas imperiais, que o ajudaram a desmontar, inclinaram-se perante ele e em seguida, silenciosamente, estenderam-lhe a bebida cerimonial de boas-vindas. Para respeitar o protocolo, Vuchvusul apenas molhou os lábios na taça de marfim, devolvendo-a, depois, aos guardas. Cada um dos guardas bebeu então um gole, inclinaram-se novamente e conduziram o morcego às cavalariças. Tudo isto se passou em silêncio.

O morcego, instalado no lugar que lhe estava reservado, não tocou nem na comida nem na bebida; enrolou-se novamente, pendurou-se de cabeça para baixo em seu poleiro e caiu no sono profundo do cansaço. O pequeno gnomo noturno tinha-lhe exigido demais. Os guardas deixaram-no em paz e saíram na ponta dos pés para não fazer barulho.

Nesta cavalariça, por sinal, havia muitos outros animais: um elefante azul e outro cor-de-rosa, um grifo gigantesco, cuja metade superior do corpo era de águia e a inferior de leão, um cavalo alado

branco, cujo nome fora conhecido outrora fora de Fantasia, mas que hoje está esquecido, alguns cães voadores, outros morcegos, e até libélulas e borboletas para cavaleiros especialmente pequenos. Em outras cavalariças havia também animais que não voavam, mas que corriam, rastejavam, saltavam ou nadavam. E junto de cada um deles havia um guarda para os tratar e limpar.

Normalmente, seria de se esperar que aqui se ouvisse uma confusão de vozes diferentes: rugidos, uivos, gritos, pios, grasnidos e cacarejos. Mas reinava um silêncio total.

O pequeno gnomo noturno continuava ainda onde os guardas o tinham deixado. Sentiu-se de repente abatido e desanimado, sem saber ao certo por quê. Estava muito cansado da sua longa viagem. E o fato de ter sido o primeiro a chegar nem sequer o animava.

— Olá, ouviu de repente uma vozinha gorjeante. Não é o nosso amigo Vuchvusul? Ainda bem que você já chegou.

O gnomo noturno olhou à sua volta, e seus olhos redondos brilhavam de admiração quando viu que, em cima de uma balaustrada, encostado a um vaso de marfim, estava o Minúsculo Ukuk, que agitava o seu chapéu vermelho e alongado.

— Huhu!, fez o gnomo noturno, desconcertado. Depois de alguns instantes, repetiu: Huhu! Não lhe ocorria nenhuma observação mais inteligente.

— Os outros dois, explicou o Minúsculo, ainda não apareceram. Eu estou aqui desde ontem de manhã.

— Mas como. . . huhu. . . isso foi possível?, perguntou o gnomo noturno.

— Bem... replicou o Minúsculo, sorrindo com uma certa condescendência. Eu disse que tinha um caracol de corrida.

O gnomo noturno cocou a penugem negra da cabeça com a mãozinha cor-de-rosa.

— Tenho de falar imediatamente à imperatriz Criança, disse ele em tom queixoso.

O Minúsculo contemplou-o, pensativo.

— Huhu!, fez ele. Eu já anunciei ontem a minha chegada.

— Anunciou a sua chegada?, perguntou o gnomo noturno. Então não se pode ir logo falar com ela?

— Não pode ser, replicou o Minúsculo. É preciso esperar muito tempo... Há aqui... como direi... um grande número de mensageiros.

— Huhu, queixou-se o gnomo noturno, e por quê?

— O melhor, trinou o Minúsculo, é ver com seus próprios olhos. Venha, meu caro Vuchvusul, venha comigo!

E puseram-se os dois a caminho.

A rua principal, que subia pela Torre de Marfim formando uma espiral cada vez mais estreita, estava apinhada de uma multidão de estranhas figuras. Gênios gigantescos usando turbante, duendes minúsculos, ogres de três cabeças, anões barbudos, fadas luminosas, faunos de patas de bode, gênios da floresta de pelagem loira encara-colada, resplandecentes espíritos das neves e inúmeros outros seres fantásticos subiam e desciam a rua, formavam grupos e falavam baixinho ou estavam agachados no chão, em silêncio, olhando para frente com ar melancólico.

Quando Vuchvusul viu aquilo tudo, parou.

— Huhu!, disse. Mas o que aconteceu aqui? O que é que toda esta gente está fazendo aqui?

— São todos mensageiros, explicou Ukuk baixinho, mensageiros de todas as regiões de Fantasia. E todos trazem a mesma mensagem que nós. Já falei com muitos deles. Parece que por toda parte surgiu o mesmo perigo.

O gnomo noturno soltou um longo e lamentoso suspiro.

— E alguém sabe, perguntou, o que é esta coisa e de onde vem?

— E a imperatriz Criança?

— A imperatriz Criança está doente, disse o Minúsculo baixinho, muito doente. Talvez seja essa a causa da incompreensível desgraça que se abateu sobre Fantasia. Mas até agora nenhum dos muitos médicos que vieram ao palácio e estão reunidos lá em cima, no Pavilhão da Magnólia, foram capazes de descobrir o que ela tem e como se trata essa doença. Ninguém conhece o remédio.

— Mas isso, disse o gnomo noturno surdamente, é — huhu! — uma verdadeira catástrofe.

— Pois é, respondeu o Minúsculo. É isso mesmo.

Dadas as circunstâncias, Vuchvusul desistiu de anunciar, pelo menos de momento, sua chegada à imperatriz Criança.

Dois dias depois chegou o fogo-fátuo Blubb, que tinha se perdido, como era de se esperar, e por isso fizera um enorme desvio.

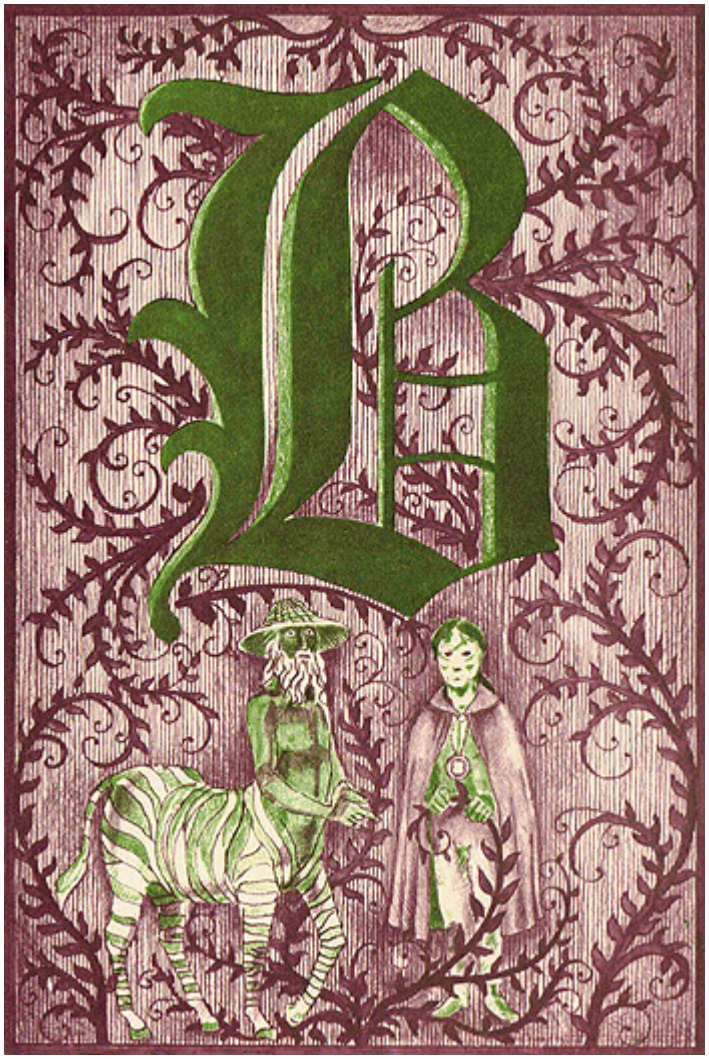
E finalmente, três dias depois, chegou também o come-rochas Piornrachzark. Vinha a pé, marcando o chão com profundas pegadas, porque tinha comido sua bicicleta de pedra durante um ataque de fome repentino — comera-a como se ela fosse sua provisão de viagem!

Durante o longo período de espera, esses quatro mensageiros tão diferentes tornaram-se muito amigos e, mais tarde, prosseguiram viagem juntos.

Mas essa é uma outra história, e terá de ser contada em outra ocasião.

II

Atreiú É Chamado



astava descerem-se alguns andares, a partir do Pa\ hão de Magnólia, para se chegar à grande sala do tron da Torre c Marfim, situada no interior do palácio propriamente dito. Ali se realizavam, via de regra, as conferências em que se discutiam o bem-estar e o futuro de Fantasia.

Esta grande sala circular estava agora cheia do rumor surdo de muitas vozes. Os quatrocentos e noventa e nove melhores médicos do reino de Fantasia encontravam-se ali reunidos e sussurravam ou cochichavam uns com os outros, em grupos pequenos ou grandes. Todos eles tinham examinado a imperatriz Criança — uns há mais tempo, outros há menos — e todos tinham tentado ajudá-la com a sua sabedoria. Mas nenhum fora bem-sucedido, nenhum sabia qual a doença de que ela sofria ou conhecia a sua causa; nenhum deles sabia como curá-la. E o médico de número quinhentos, o mais célebre de todos os de Fantasia, do qual dizia a lenda que conhecia

todas as ervas medicinais, todos os remédios mágicos e todos os segredos da natureza, já estava há algumas horas junto à paciente, e todos esperavam ansiosos pelo resultado do seu exame.

É claro que esta reunião não se parecia em nada com um congresso médico humano. Havia no Reino de Fantasia muitos seres que tinham um aspecto mais ou menos humano, mas havia pelo menos outros tantos que se pareciam com animais ou que tinham uma aparência estranha, diferente da de todas as outras criaturas. Assim como os mensageiros que esperavam lá fora tinham aspectos muito diferentes, também o grupo reunido na Sala de Trono era bastante heterogêneo. Havia médicos anões, corcundas e de barbas brancas, fadas médicas com túnicas reluzentes de um azul-prateado e estrelas cintilantes no cabelo, gênios do mar com barrigas enormes e membranas natatórias nas mãos e nos pés (para estes tinham mesmo instalado banheiras na sala), mas havia também serpentes brancas, que se tinham enroscado sobre a mesa comprida colocada no meio da sala, elfos-abelhas e até bruxos, vampiros e espectros que, em geral, não eram considerados particularmente benéficos ou salutares.

Para compreendermos a razão da presença destes últimos, é preciso que se saiba do seguinte:

A imperatriz Criança — conforme o seu título já dizia — era a soberana de todos os inumeráveis países do reino sem fronteiras de Fantasia; na verdade, porém, ela era muito mais do que soberana, ou melhor, era algo muito diferente.

Não governava, nunca tinha empregado a força ou feito uso do seu poder, não dava ordens e não julgava ninguém, nunca atacava nem tinha de se defender de atacante algum; pois ninguém jamais pensaria em se rebelar contra ela ou em lhe fazer mal. Para ela, todos eram iguais.

Limitava-se a existir, mas sua existência tinha um significado muito especial: ela era o centro de toda a vida de Fantasia.

E todas as criaturas, boas ou más, bonitas ou feias, alegres ou sérias, loucas ou sábias, todas, mas todas mesmo, só existiam porque ela também existia. Sem ela nada podia existir, assim como um corpo humano não pode existir sem coração.

Ninguém podia compreender bem o seu segredo, mas todos sabiam que era assim. E por isso mesmo ela era respeitada por todas as criaturas daquele reino, e todos se preocupavam igualmente com a sua sobrevivência. Pois sua morte seria o fim de todos, o fim do incomensurável reino da Fantasia.

Os pensamentos de Bastian divagaram.

Lembrou-se de repente do corredor comprido da clínica onde sua mãe tinha sido operada. Por horas a fio ele ficara esperando ali sentado, em frente da sala de operações. Os médicos e as enfermeiras passavam para cá e para lá. Quando seu pai perguntava como estava sua mãe, recebia apenas respostas evasivas. Ninguém parecia saber ao certo como ela estava. Finalmente, aparecera um homem calvo, vestido com uma bata branca, que tinha um ar triste e cansado. Disse-lhes que todos os esforços tinham sido em vão e que sentia muito. Apertou-lhes a mão com força, murmurando "meus pêsames".

Depois, tudo se modificara entre Bastian e seu pai.

Não exteriormente. Bastian tinha tudo o que queria. Tinha uma bicicleta com três marchas, um trenzinho elétrico, muitos comprimidos de vitaminas, cinqüenta e três livros, um *hamster* dourado, um aquário com peixes tropicais, uma máquina fotográfica pequena, seis canivetes e tudo quanto se pode imaginar. No fundo, porém, ele não se interessava por estas coisas todas.

Bastian lembrava-se de que antigamente seu pai gostava de brincar com ele. Por vezes, contava-lhe ou lia-lhe histórias. Mas isso era antes. Agora não conseguia falar com o pai. Era como se estivesse rodeado por um muro invisível que ninguém era capaz de transpor. Seu pai nunca ralhava com ele, nem o elogiava. Quando Bastian repetiu o ano, seu pai nada disse. Olhara-o apenas daquela maneira triste e ausente, e Bastian tivera a sensação de não estar ali. Quase sempre era assim que se sentia quando estava perto de seu pai. Quando se sentavam juntos, à noite, em frente da televisão, Bastian sabia que seu pai apenas olhava para o aparelho, mas que seus

pensamentos estavam longe, muito longe dali, num lugar onde ele não os podia acompanhar. Outras vezes, quando estavam os

dois sentados com um livro, Bastian via que seu pai não lia, pois olhava durante horas para a mesma página, sem virar a folha.

Bastian compreendia que seu pai estava triste. Também ele tinha chorado noites inteiras, tanto que chegara a vomitar com os soluços. . . mas isso, pouco a pouco, tinha passado. E ele não tinha morrido. Por que seu pai não falava com ele, por que não lhe falava de sua mãe, de coisas importantes, e não apenas do imprescindível?

— Se ao menos soubéssemos em que consiste sua doença, disse um gênio do fogo, alto e magro, com uma barba de chamas vermelhas. Não tem febre, não tem nenhum inchaço, nenhuma erupção, nenhuma inflamação. É simplesmente como se estivesse se apagando. . . sem se saber por quê.

Quando falava, saíam-lhe da boca nuvenzinhas de fumo que formavam figuras. Desta vez, foi um ponto de interrogação.

Um velho corvo, depenado, que parecia uma batata grande com algumas penas espetadas aqui e ali, respondeu com voz rouca (era especialista em resfriados):

— Não tosse, não assoa o nariz, não tem nenhuma doença conhecida da medicina.

Ajeitou os grandes óculos empoleirados no bico e olhou interrogativamente para os que estavam à sua volta.

— Uma coisa parece evidente, zumbiu um *scarabaeus* (um tipo de escaravelho, também conhecido como "farmacêutico"): é que há uma estranha relação entre a doença dela e as coisas terríveis que os mensageiros vindos de todos os lados de Fantasia nos anunciam!

— Ora, ora!, interrompeu depreciativamente um homenzinho de tinta, você vê relações estranhas em tudo!

— E você não vê nada para além da borda do seu tinteiro!, zumbiu o escaravelho zangado.

— Por favor, colegas!, gemeu um fantasma de faces cavadas, embrulhado em um comprido lençol branco. Não vamos entrar em discussões subjetivas e pessoais! E, sobretudo. . . não falem tão alto!

Estas e outras conversas semelhantes tinham lugar em todos os cantos da grande Sala do Trono. Talvez possa parecer espantoso que seres tão diferentes fossem capazes de se entender uns com os outros. Mas em Fantasia quase todos os seres, incluindo os animais, falavam duas línguas: sua língua nativa, usada para falarem com os da sua espécie e que nenhum estranho compreendia, e uma língua comum, a que davam o nome de fantasio clássico ou Grande Língua. Todos a conheciam, se bem que alguns a falassem de uma forma um tanto peculiar.

De repente, fez-se silêncio na sala, e todos os olhos se viraram para a grande porta que se abria. Cairon, o célebre e lendário mestre da arte médica, entrou na sala.

Ele era aquilo que se chamava na Antigüidade de centauro. Tinha figura de homem até às ancas, e o resto era o corpo de um cavalo. Cairon era um dos chamados centauros negros. Viera de uma região muito longínqua, situada lá para as bandas do Sul. Sua parte humana era cor de ébano e apenas o cabelo e a barba eram brancos e frisados, mas seu corpo de cavalo era listrado como o de uma zebra. Trazia na cabeça um estranho chapéu de junco trançado. Em volta do pescoço, tinha uma corrente com um grande amuleto de ouro, representando duas serpentes, uma clara e outra escura, que mordiam a cauda uma da outra, formando uma figura oval.

Bastian interrompeu a leitura, espantado. Fechou o livro — não se esquecendo de marcar com o dedo a página que lia — e examinou outra vez a capa do livro, com mais atenção. Lá estavam as duas serpentes que mordiam a cauda uma da outra, formando uma figura oval! O que significaria aquele estranho símbolo?

Todos os habitantes de Fantasia conheciam o significado daquele medalhão: era o distintivo do enviado da imperatriz Criança, que podia agir em seu nome como se ela própria estivesse presente.

Significava que conferia ao portador poderes secretos, se bem que ninguém soubesse ao certo quais eram. Todos sabiam o nome desse distintivo: AURIN.

Mas muitos temiam pronunciar o nome desse distintivo, e chamava-lhe, por isso, de "Jóia", ou ainda de "Pentáculo", ou simplesmente de "Brilho".

Portanto, o livro trazia o símbolo da imperatriz Criança!

Um murmúrio percorreu a sala, e ouviram-se alguns brados de admiração. Há muito tempo a "Jóia" não era confiada a alguém.

Cairon bateu algumas vezes com os cascos no chão, até obter novamente silêncio; em seguida, disse com voz grave:

— Amigos, não se espantem, pois vou usar AURIN apenas por pouco tempo. Sou apenas um intermediário. Em breve transmitirei o "Brilho" a outro, mais digno do que eu.

Reinava na sala um silêncio total.

— Não vou tentar disfarçar nosso fracasso com palavras bonitas, continuou Cairon. Estamos todos perplexos diante da doença da imperatriz Criança. Sabemos apenas que esta doença coincidiu com o aniquilamento progressivo de Fantasia. Não sabemos mais nada. Nem sequer sabemos se a ciência médica pode salvá-la. Mas é possível — e espero que nenhum de vocês fique contrariado por eu dizer isto —, é possível que nós, os que estamos aqui reunidos, não reunamos *todos* os conhecimentos, *toda* a sabedoria. De fato, minha única, minha última esperança reside precisamente em que haja, neste reino sem fronteiras de Fantasia, um ser que seja mais sábio que nós, que nos possa ajudar e aconselhar. Mas isto é pouco provável. Onde quer que possa estar a possibilidade de salvação, uma coisa é certa: para encontrá-la precisaremos de um explorador capaz de encontrar caminho onde caminho não há, e de não retroceder diante de qualquer perigo ou esforço. Numa palavra, um herói. E a imperatriz Criança disse-me o nome desse herói, a quem ela e nós confiamos nossa sorte: o nome dele é Atreiú e vive no Mar das Ervas, para além das Montanhas de Prata. É a ele que confiarei AURIN, enviando-o para a Grande Busca. Agora vocês já sabem de tudo.

Tendo dito estas palavras, o velho centauro saiu da sala com grande ruído de cascos.

Os restantes olharam uns para os outros, desorientados.

— Como era mesmo o nome do tal herói?, perguntou um.

— Atreiú ou qualquer coisa assim, disse um outro.

— Nunca ouvi esse nome em minha vida, exclamou um terceiro. E todos os quatrocentos e noventa e nove médicos sacudiram as cabeças, muito preocupados.

O relógio da torre bateu dez horas. Bastian admirou-se em ver com que rapidez o tempo havia passado. Durante as aulas, uma hora parecia-lhe quase sempre uma eternidade. Lá embaixo, os alunos tinham agora aula de História com o Sr. Dröhm, um homem magro, quase sempre mal-humorado, ^que gostava de zombar de Bastian na frente dos outros alunos da classe, porque ele não era capaz de guardar as datas das batalhas, do nascimento e do reinado de ninguém.

O Mar das Ervas, situado atrás das Montanhas de Prata, ficava a muitos, muitos dias de viagem da Torre de Marfim. Tratava-se de uma pradaria que, de fato, era tão vasta e tão plana como o mar. Ali crescia uma erva suculenta, que tinha a altura de um homem, e quando o vento a acariciava, formavam-se ondas sobre as planícies, como em um oceano, e o murmúrio por elas produzido lembrava o das águas.

As pessoas que ali moravam eram conhecidas como "O Povo da Erva" ou também como "os Peles-Verdes". Tinham cabelos de um tom negro-azulado, que também os homens usavam comprido e por vezes trançado, e a pele era de um tom verde-escuro, puxando para o castanho, como o das azeitonas. Levavam uma vida muito modesta, dura e severa, e as crianças, tanto os meninos como as meninas, eram educados na coragem, na nobreza e no orgulho. Tinham de se habituar a suportar o frio, o calor e grandes privações, e tinham de provar sua coragem. Tudo isto era necessário porque os Peles-Verdes eram um povo de caçadores. Tudo aquilo de que necessitavam era extraído ou da erva dura e fibrosa da pradaria ou dos búfalos cor-de-púrpura que percorriam o Mar das Ervas em gigantescas manadas.

Estes búfalos cor-de-púrpura tinham o dobro do tamanho dos touros e vacas comuns; possuíam uma pelagem longa, brilhante e sedosa, de um tom vermelho-púrpura, e cornos poderosos de pontas afiadas como punhais e duras como espinhos. De uma

maneira geral, eram pacíficos; porém, se pressentiam perigo ou se se sentiam atacados, podiam ser tão terríveis quanto um elemento da natureza. Ninguém se teria atrevido a caçar estes animais além dos Peles-Verdes — e eles o faziam com arco e flecha! Gostavam da luta leal, e muitas vezes acontecia de ser o caçador, e não o animal, a perder a vida na caçada. Os Peles-Verdes amavam e veneravam os búfalos cor-de-púrpura e pensavam que só tinham o direito de os matar se também estivessem dispostos a ser mortos por eles.

A notícia da doença da imperatriz Criança e da fatalidade que ameaçava todo o reino de Fantasia ainda não chegara àquelas terras. Há muito que nenhum viajante visitava os acampamentos dos Peles-Verdes. A erva crescia mais suculenta do que nunca, os dias eram claros e as noites estreladas. Tudo parecia correr bem.

Um belo dia, porém, apareceu no acampamento um velho centauro negro de cabelos brancos. De sua pelagem escorria suor; ele parecia estar morto de cansaço e sua cara barbuda estava magra e chupada. Trazia na cabeça um estranho chapéu de junco trançado e, em volta do pescoço, uma corrente de onde pendia um grande amuleto de ouro. Era Cairon.

Parou no meio do acampamento, cujas tendas estavam sempre dispostas num grande círculo em volta de um espaço central vazio, onde os anciãos se reuniam para deliberar e onde, nos dias de festa, dançavam-se velhas danças e cantavam-se antigas canções. Ficou à espera, olhando à sua volta, mas só via mulheres, homens e crianças muito pequenas, que o olhavam com curiosidade. Bateu impaciente-mente com os cascos no chão.

— Onde estão os caçadores e as caçadoras?, perguntou com voz ofegante, tirando o chapéu e enxugando o suor da testa.

Uma mulher de cabelos brancos, com um bebê nos braços, respondeu:

— Foram todos caçar. Só voltam daqui a três ou quatro dias.

— Atreiú está com eles?, perguntou o centauro.

— Sim, estrangeiro, mas como é que o conhece?

— Não o conheço. Chamem-no!

— Estrangeiro, respondeu um homem velho de muletas, dificilmente ele virá, porque hoje é a *sua* caçada. Começa ao pôr-

do-sol. O senhor sabe o que isso significa?

Cairon abanou a crina e bateu com os cascos no chão.

— Não sei, e pouco interessa, porque ele tem coisas mais importantes a fazer. Vocês conhecem este símbolo que trago comigo. Portanto, vão chamá-lo!

— Estamos vendo a "Jóia", disse uma menininha, e sabemos que você foi enviado pela imperatriz Criança. Mas quem é você?

— Chamo-me Cairon, resmungou o centauro, o médico Cairon, se é que isso vos diz alguma coisa.

Uma mulher velha, muito curvada, avançou e exclamou:

— Sim, é verdade. Estou reconhecendo o senhor. Já o vi uma vez, quando eu ainda era jovem. É o médico mais importante e famoso de Fantasia!

O centauro acenou-lhe com a cabeça.

— Obrigado, mulher, disse. E agora talvez algum de vocês me queira fazer o favor de ir chamar esse Atreiú. É muito urgente. Está em jogo a vida da imperatriz Criança.

— Eu vou!, gritou uma menininha que não teria mais de cinco ou seis anos de idade.

Foi-se embora correndo, e depois de alguns segundos passou a galope entre as tendas, montada em um cavalo sem sela.

— Finalmente, suspirou Cairon. E caiu no chão, desmaiado. Quando voltou a si, de início não percebeu onde estava, pois estava escuro à sua volta. Pouco a pouco, percebeu que se encontrava em uma tenda espaçosa, deitado sobre peles macias. Parecia ser noite e, por uma fenda da cortina, que servia de porta, penetrava a luz trêmula de uma fogueira.

— Com mil ferraduras!, murmurou, tentando levantar-se. Há quanto tempo já estarei aqui?

Uma cabeça espreitou pela cortina, retirou-se novamente para fora e alguém disse:

— Sim, parece que acordou.

Então, a cortina foi aberta para um lado e entrou na tenda um rapaz com uns dez anos de idade. Trazia calças compridas e sapatos feitos da pele macia de búfalo. Tinha o tronco nu, pendendo-lhe sobre os ombros um manto cor-de-púrpura, também de pele de búfalo, que ia até ao chão. O cabelo comprido, de um

negro-azulado, estava puxado para a nuca e trançado com tiras de couro. Na pele cor-de-azeitona da testa e das faces havia alguns desenhos simples, pintados com tinta branca. Os olhos escuros fixaram colericamente o intruso; fora isto, porém, não se percebia qualquer emoção em suas feições.

— O que você deseja de mim, estrangeiro?, perguntou. Por que você veio até minha tenda? E por que me privou do meu dia de caça? Se eu tivesse morto hoje o grande búfalo — e a minha seta já estava no arco quando me chamaram — amanhã seria um caçador. Agora terei de esperar um ano inteiro. Por quê?

O velho centauro fitou-o, desconcertado.

— Isto quer dizer que você é o tal Atreiú?, perguntou ele finalmente.

— Sim, estrangeiro.

— Mas não há mais ninguém, algum homem adulto, um caçador experiente, com o mesmo nome?

— Não! Atreiú sou só eu e mais ninguém.

O velho Cairon deixou-se cair novamente sobre as peles e suspirou:

— Uma criança! Um rapazinho! De fato, é difícil compreender as decisões da imperatriz Criança.

Calado e imóvel, Atreiú esperava.

— Desculpe-me Atreiú, disse Cairon, que mal conseguia conter sua agitação. Eu não tinha a intenção de ofender você, mas foi uma surpresa demasiado grande. A verdade é que estou fora de mim! Não sei em que pensar! Pergunto a mim mesmo se a imperatriz Criança sabia o que estava fazendo quando escolheu uma criança como você. É uma verdadeira loucura! E se o fez intencionalmente, então. . . então.. .

Abanou a cabeça com vigor e balbuciou:

— Não! Não! Se eu soubesse a quem ela me enviava, tinha-me recusado a ser portador da sua mensagem. Tinha-me recusado!

— Que mensagem?, perguntou Atreiú.

— É uma monstruosidade!, gritou Cairon, deixando-se dominar pela cólera. Cumprir esta missão seria quase impossível para o maior e o mais experiente dos heróis, mas para você. . . Ela manda que você procure no desconhecido uma coisa que ninguém sabe o

que é. Ninguém pode lhe ajudar, ninguém pode lhe aconselhar, ninguém pode prever o que você vai encontrar. Apesar disso, porém, é preciso que você decida imediatamente, aqui e agora, se aceita ou não essa missão. Não podemos perder nem mais um minuto. Galopei quase sem parar durante dez dias e dez noites para encontrá-lo. Mas agora... agora preferia nunca ter chegado. Sou muito velho, estou quase sem forças. Dê-me um gole de água, por favor!

Atreiú foi buscar uma moringa de água fresca. O centauro bebeu em grandes goles; depois enxugou a barba e, um pouco mais calmo, disse:

— Obrigado, estava ótimo! Já me sinto melhor. Escute, Atreiú, você não é obrigado a aceitar esta missão. A imperatriz Criança deixou isso à sua escolha. Não lhe ordena nada. Posso explicar-lhe, e ela arranjará outra pessoa. Certamente ela não sabia que você era tão novo. Deve ter confundido você com outra pessoa, é a única explicação possível.

— Em que consiste essa missão?, quis saber Atreiú.

— Em encontrar o remédio para a imperatriz Criança e salvar Fantasia, respondeu o velho centauro.

— A imperatriz está doente?, perguntou Atreiú admirado. Cairon começou a contar o que se passava com a imperatriz

Criança e o que tinham relatado os mensageiros de todas as partes de Fantasia. Atreiú continuou a fazer perguntas, e o centauro respondia-lhe o melhor que sabia. Foi uma longa conversa que se prolongou pela noite afora. E quanto mais Atreiú compreendia a extensão da fatalidade que caíra sobre Fantasia, mais claramente se refletia em seu rosto, a princípio tão reservado, uma maior consternação.

— E eu que não sabia de nada disso, murmurou finalmente, com os lábios pálidos.

Por debaixo de suas espessas sobrancelhas brancas, Cairon contemplou o rapaz com gravidade e pena.

— Agora você já sabe como as coisas estão e talvez compreenda por que perdi a calma quando o vi. Mas não há dúvida de que a imperatriz Criança pronunciou o seu nome. "Vá e procure Atreiú!", disse-me ela. "Deposito nele toda a confiança", disse

também. E ainda acrescentou: "Pergunte-lhe se quer empreender a Grande Busca, por mim e por Fantasia " Não sei por que sua escolha recaiu sobre você. Talvez só um rapazinho como você possa desempenhar esta tarefa impossível. Não sei. . . e também nada posso aconselhar. Atreiú deixou-se ficar sentado, de cabeça baixa, sem dizer palavra. Compreendia que lhe propunham uma prova que era muito, mas muito mais importante do que a sua primeira caçada. Era uma prova quase impossível para o maior caçador e o melhor descobridor de pistas, quanto mais para ele.

— Então?, perguntou baixinho o velho centauro. Você aceita? Atreiú levantou a cabeça e olhou-o.

— Aceito, disse com firmeza.

Cairon acenou lentamente a cabeça. Depois, tirou a corrente com o amuleto de ouro e colocou-o em volta do pescoço de Atreiú. — Que AURIN lhe dê o grande poder, disse solenemente. Mas não o utilize, pois a imperatriz Criança também nunca faz uso do seu poder. AURIN o protegerá e o guiará, mas você não deverá intervir, seja o que for que veja, pois de agora em diante sua opinião pessoal deixa de contar. Por isso deve ir sem armas. Você terá que deixar acontecer o que tiver de acontecer. Tudo deve ter o mesmo valor para você, o bem e o mal, o belo e o feio, a loucura e a sabedoria, tal como tudo tem o mesmo valor para a imperatriz Criança. Você só pode procurar e perguntar, mas nunca julgar por si mesmo. Nunca se esqueça disto, Atreiú!

— AURIN!, repetiu Atreiú com veneração. Tentarei tornar-me digno de carregar a "Jóia". Quando devo partir?

— Imediatamente, respondeu Cairon. Ninguém sabe quanto tempo vai durar a sua Grande Busca. É possível que todas as horas contem. Vá despedir-se de seus pais e de seus irmãos!

— Não tenho pais nem irmãos, replicou Atreiú. Os meus pais foram mortos por um búfalo, pouco depois de eu ter vindo ao mundo.

— Quem é que o criou?

— Todas as mulheres e todos os homens. Foi por isso que me chamaram Atreiú, que significa, nas palavras da Grande Língua, "Filho de Todos".

Bastian compreendia melhor do que ninguém o significado daquela afirmação, apesar de seu pai ainda estar vivo. E apesar de Atreiú não ter pai nem mãe. Mas Atreiú tinha sido criado por todos os homens e todas as mulheres e era o "filho de todos", enquanto ele, Bastian, no fundo não tinha ninguém. . . Era um "filho de ninguém". Apesar de tudo, Bastian alegrava-se por ter alguma coisa em comum com Atreiú, pois em outros aspectos não havia grandes semelhanças entre eles, nem do ponto de vista da coragem e da decisão, nem do aspecto físico. Mas também ele, Bastian, tinha partido para a Grande Busca, e não sabia até onde ela podia levá-lo, nem como poderia acabar.

— Então é melhor você ir embora sem se despedir, opinou o velho centauro. Eu fico aqui e explico tudo aos outros.

O rosto de Atreiú tornou-se ainda mais tenso e severo.

— Por onde devo começar?

— Por toda a parte e por parte nenhuma, respondeu Cairon. De agora em diante você está sozinho, e ninguém pode aconselhá-lo. E assim vai ser até o fim da Grande Busca... seja ele qual for.

Atreiú concordou.

— Adeus, Cairon!

— Adeus, Atreiú. E felicidades!

O rapaz deu meia-volta e já ia sair da tenda quando o centauro o chamou novamente. Ficaram os dois de pé, frente a frente, e o velho colocou-lhe as duas mãos sobre os ombros, olhou-o com um sorriso respeitoso nos olhos e disse devagar:

— Acho que começo a perceber por que a escolha da imperatriz Criança recaiu sobre você, Atreiú.

O rapaz baixou ligeiramente a cabeça, e saiu rapidamente.

Lá fora, em frente da tenda, estava Artax, seu cavalo. Era malhado e pequeno como um cavalo selvagem, tinha as patas curtas e grossas, mas apesar disso era o melhor corredor e o mais resistente de todos os cavalos. Estava ainda arreado e selado, tal como Atreiú o deixara ao voltar da caça.

— Artax, murmurou Atreiú, dando-lhe uma palmada no pescoço. Temos de partir novamente. Temos de ir para longe, muito longe. E ninguém sabe se voltaremos.

O cavalinho acenou com a cabeça e resfolegou levemente.

— Sim, meu senhor, respondeu. É o seu dia de caça?

— Vamos atrás de caça muito mais importante, replicou Atreiú, e saltou para a sela.

— Espere, senhor!, resfolegou o cavalinho. Você esqueceu suas armas. Vai partir sem o arco e as flechas?

— Sim, Artax, respondeu Atreiú. Porque levo o "Brilho" e tenho de ir desarmado.

— Ah!, exclamou o cavalinho. E para onde vamos?

— Para onde você quiser, Artax, replicou Atreiú! Deste momento em diante começamos a Grande Busca.

Com estas palavras, partiram a galope e foram tragados pela escuridão.

Ao mesmo tempo, em outro lugar de Fantasia, acontecia algo que ninguém via e de que nem Atreiú e Artax, nem Cairon, tinham a menor idéia.

Numa charneca escura e muito longínqua, as trevas se concentraram formando uma figura vaga e enorme. O negrume tornou-se mais intenso, até que, mesmo naquela noite sem luz, a charneca tomou as feições de um corpo poderoso feito de escuridão. Seus contornos ainda não eram nítidos, mas a figura ergueu-se sobre quatro patas e os olhos de sua poderosa cabeça peluda brilharam com uma luz verde. O monstro ergueu o focinho e cheirou o vento. Ficou assim durante muito tempo. Então, de súbito, pareceu ter farejado o cheiro que procurava, pois de sua garganta saiu um profundo grunhido de triunfo.

Começou a correr. Em grandes saltos silenciosos, aquela criatura das sombras atravessou velozmente a noite sem estrelas.

O relógio da torre bateu onze horas. Começava agora o recreio. Ressoava nos corredores a gritaria das crianças que corriam para o pátio do colégio.

Bastian, que continuava sentado de pernas cruzadas nos colchões de ginástica, tinha as pernas dormentes. Afinal de contas, ele não era nenhum índio. Levantou-se, foi buscar na pasta o sanduíche e a maçã do recreio e começou a andar para cá e para lá

no sótão. Sentia formigarem os pés, que pouco a pouco recuperavam a sensibilidade.

Depois, subiu no cavalo e sentou-se com uma perna para cada lado, como se estivesse montado. Imaginou que era Atreiú e que galopava na noite, montado em Artax. Inclinou-se sobre o pescoço do seu cavalo.

— Hop!, gritou. Galope, Artax! Hop, hop!

Mas depois assustou-se. Era muito imprudente gritar daquela maneira. E se alguém o tivesse ouvido? Parou por alguns instantes, à escuta. Mas só ouvia a gritaria que vinha do pátio do recreio.

Um pouco envergonhado, desceu do cavalo. Realmente, estava se comportando como uma criança pequena!

Desembrulhou o sanduíche e limpou a maçã nas calças. Mas hesitou antes de mordê-la.

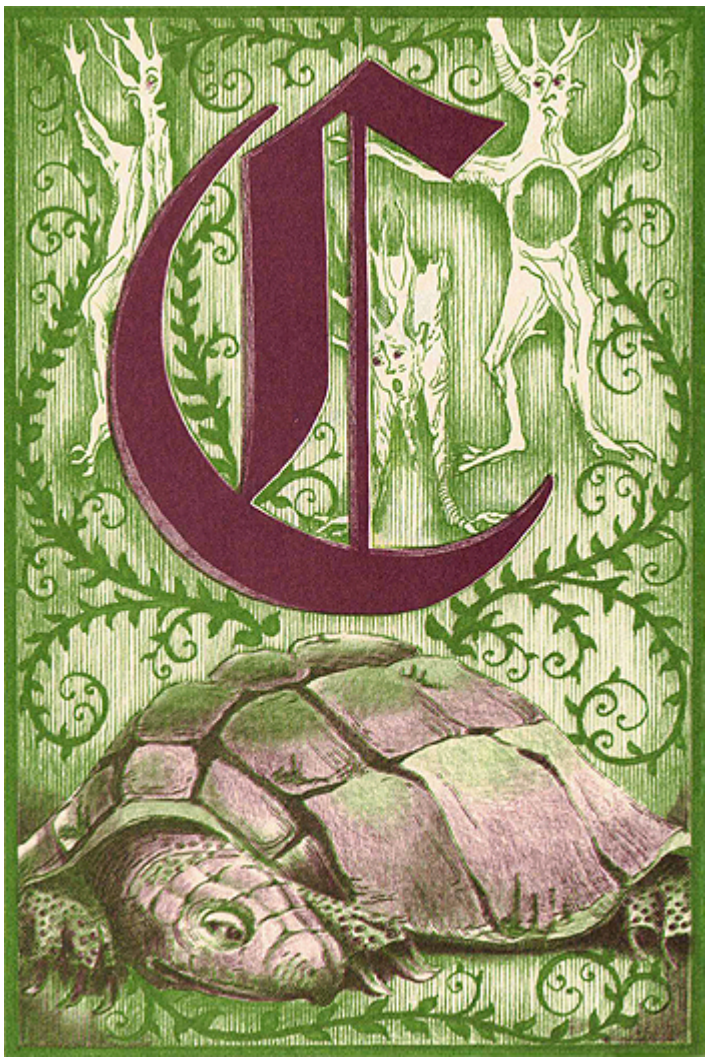
— Não, disse alto, falando consigo mesmo. Tenho de poupar minhas provisões. Quem sabe quanto tempo isto vai durar.

Com o coração apertado, embrulhou outra vez o sanduíche e colocou-o na pasta, juntamente com a maçã. Depois suspirou, sentou-se outra vez sobre os colchões de ginástica e recomeçou a ler o livro.

III



A Velha Morla



airon, o velho centauro negro, deixou-se cair em sua cama de peles macias, enquanto ouvia o barulho dos cascos do cavalo de Atreiú, ressoando cada vez mais longe. Aquele esforço tinha-o esgotado completamente. As mulheres que o encontraram no dia seguinte na tenda de Atreiú temeram pela sua vida. Quando os caçadores voltaram, alguns dias mais tarde, ele não tinha melhorado muito, mas já estava em condições de lhes explicar a razão por que Atreiú tinha ido embora e não voltaria tão depressa. E como todos gostavam do rapaz, daquele dia em diante ficaram tristes e pensavam nele com preocupação. Ao mesmo tempo, sentiam-se orgulhosos pelo fato de a imperatriz Criança ter pedido precisamente a ele que partisse para a Grande Busca. . . apesar de ninguém saber por quê.

O velho Cairon nunca mais voltou à Torre de Marfim. Mas também não morreu, nem ficou vivendo com os Peles-Verdes do Mar das Ervas. Seu destino iria conduzi-lo por um outro caminho, totalmente inesperado. Mas essa é uma outra história, e deverá ser contada em outra ocasião.

Atreiú cavalgou nessa mesma noite até ao sopé das Montanhas de Prata. Já era quase dia quando parou para descansar. Artax pastou um pouco e bebeu avidamente a água de um riacho transparente da montanha. Atreiú enrolou-se em seu manto vermelho e dormiu durante algumas horas. Mas quando o sol se levantou, já estavam novamente a caminho.

No primeiro dia atravessaram as Montanhas de Prata. Conheciam todos os caminhos e todos os atalhos, por isso andavam depressa. Quando sentiu fome, o rapaz comeu um bocado de carne de búfalo seca e duas tortas pequenas feitas de sementes de erva, que levava em um saco preso à sela. . . provavelmente para o seu dia de caça.

— Pois é! disse Bastian. De vez em quando o homem precisa comei Tirou o sanduíche da pasta, desembrulhou-o, dividiu-o cuidadosamente em duas partes, embrulhou novamente uma delas e guardou-a. Depois comeu a outra.

O recreio acabara, e Bastian pensou no que estaria acontecendo agora na sala de aula. Era a aula de Geografia, com a senhora Karge. Era preciso decorar os nomes de rios e afluentes, cidades e números de habitantes, recursos naturais e industriais. Bastian encolheu os ombros e continuou sua leitura.

Ao pôr-do-sol, as Montanhas de Prata já tinham ficado para trás, e cavalo e cavaleiro pararam outra vez para descansar. Durante essa noite, Atreiú sonhou com búfalos cor-de-púrpura. Via-os ao longe, no Mar das Ervas, e tentava aproximar-se deles, montado em seu cavalo. Mas em vão. Eles permaneciam sempre à mesma distância, por mais que esporeasse o animal.

No segundo dia, atravessaram o País das Árvores Cantoras. Todas as árvores desse país eram diferentes, tendo cada uma um porte diferente, folhas diferentes, uma casca diferente; mas a razão

pela qual o país fora batizado com esse nome era porque ali se podia ouvir o crescer das árvores como uma música suave que se ouvia ao longe, e os sons emitidos por todas as árvores combinava-se em um todo sonoro, de uma beleza incomparável, inigualada em todo o reino de Fantasia. Não deixava de ser perigoso atravessar essa região, pois muitas pessoas ficavam encantadas com essa música, sentavam-se ali para ouvi-la e se esqueciam de tudo. Atreiú também experimentou esses sons maravilhosos, mas resistiu ao seu encanto e prosseguiu sua jornada.

Na noite seguinte, sonhou outra vez com os búfalos cor-de-púrpura. Desta vez ia a pé, e os búfalos passaram por ele numa grande manada. Mas estavam fora do alcance do seu arco, e quando quis aproximar-se verificou que seus pés estavam enraizados na terra e não o deixavam avançar. Acordou com o esforço que fez para se libertar. O sol ainda não nascera, mas ele prosseguiu imediatamente.

No terceiro dia, viu as Torres de Cristal de Eribo, nas quais os habitantes desta região recolhiam e guardavam a luz das estrelas. Faziam com ela objetos maravilhosos, mas ninguém além deles no reino de Fantasia sabia para que serviam esses objetos.

Chegou mesmo a ver algumas dessas pessoas, criaturinhas pequenas que pareciam feitas de vidro soprado. Ofereceram-lhe muito amavelmente comida e bebida, mas quando perguntou se alguém sabia alguma coisa sobre a doença da imperatriz Criança, mergulharam em um silêncio triste e desconcertado.

Na noite seguinte, Atreiú sonhou que a manada de búfalos cor-de-púrpura passava junto dele. Viu um dos animais, um grande macho de aspecto majestoso, aproximar-se lentamente dele, sem dar mostras de medo ou cólera. Tal como todos os verdadeiros caçadores, Atreiú tinha o dom de ver imediatamente em todas as criaturas o ponto ideal onde as devia atingir para abatê-las. O búfalo cor-de-púrpura colocou-se na posição de um alvo perfeito. Atreiú colocou a seta no arco e esticou a corda com toda a força. . . mas não foi capaz de atirar. Seus dedos estavam colados à corda do arco e ele não era capaz de os libertar.

Nas noites seguintes, sonhou com a mesma coisa, ou com coisas muito semelhantes. Estava cada vez mais perto do búfalo

cor-de-púrpura, que era exatamente aquele que ele quisera abater — conhecia-o pela mancha branca na testa; por alguma razão, porém, não era capaz de disparar a seta mortífera.

Durante o dia, cavalgava longas distâncias, sem saber para onde ia e sem encontrar ninguém que o pudesse aconselhar. O amuleto de ouro, que trazia ao pescoço, era respeitado por todas as criaturas que encontrava, mas ninguém sabia dar respostas às suas perguntas.

Uma vez, viu de longe as ruas de chamas da cidade de Brousch, onde viviam criaturas que tinham corpos de fogo, mas preferiu não se aproximar. Atravessou o vasto Planalto dos Sassafrases, que nascem velhos e morrem quando chegam à idade de bebês. Entrou no velho templo de Moamath, no interior do qual uma grande coluna de pedra da lua paira no ar sem apoios, e falou com os monges que ali vivem. Mas também eles não souberam dar quaisquer informações.

Já havia errado assim durante quase uma semana, quando no sétimo dia, e na noite seguinte, aconteceram duas coisas muito diferentes que modificaram fundamentalmente sua atitude interior e exterior.

Aquilo que o velho Cairon lhe contara sobre os acontecimentos terríveis que se passavam em todo o reino de Fantasia tinha-o impressionado, mas até aí tinha sido para ele apenas uma narrativa. No sétimo dia, porém, teve ocasião de ver com seus próprios olhos.

Era mais ou menos meio-dia, e ele atravessava uma floresta escura e cerrada, formada por gigantescas árvores de troncos nodosos. Era o Bosque de Haule onde se tinham encontrado há já algum tempo os quatro mensageiros. Atreiú sabia que nessa região havia troles das árvores. Eram criaturas gigantescas, tinham-lhe dito, que se assemelhavam a nodosos troncos de árvore. Quando se mantinham imóveis, como era o seu costume, podiam ser confundidos com árvores e as pessoas passavam por eles sem percebê-los. Mas quando se moviam, via-se que tinham braços semelhantes a ramos e pernas tortas que pareciam raízes. Eram tremendamente fortes, mas não eram perigosos, se bem que gostassem de pregar peça aos viandantes perdidos.

Atreiú acabara de descobrir no meio da floresta um prado por onde corria um riacho de águas claras, e desmontara para que Artax pudesse pastar, quando ouviu de repente um grande ruído de estalidos e rangidos de madeira, e se voltou para trás para ver o que se passava.

Da floresta saíam três grandes troles, cujo aspecto lhe causou arrepios. O primeiro não tinha pernas nem barriga, e por isso tinha de andar sobre as mãos. O segundo tinha um grande buraco no peito, através do qual se podia ver o outro lado. O terceiro saltava sobre a sua única perna, a direita, pois não tinha a metade esquerda; era como se o tivessem cortado ao meio.

Quando viram o amuleto que Atreiú trazia ao peito, trocaram sinais de assentimento e aproximaram-se lentamente.

— Não tenha medo!, disse o que andava sobre as mãos, e sua voz soou como o estalar de uma árvore. Não temos boa aparência, mas nesta parte do Bosque de Haule não há mais ninguém, além de nós, que possa preveni-lo. Foi por isso que viemos ao seu encontro.

— Prevenir-me?, perguntou Atreiú. De quê?

— Já ouvimos falar de você, gemeu o trole com o buraco no peito. E nos disseram o motivo pelo qual você está viajando. Você não deve prosseguir, senão estará perdido.

— Vai acontecer a você o mesmo que aconteceu a nós, suspirou o trole que só tinha metade do corpo. Olhe para nós. Você gostaria de ficar assim?

— Mas o que aconteceu a vocês?, perguntou Atreiú.

— A destruição está se alastrando, gemeu o primeiro. Está cada vez maior, cresce de dia para dia... se é que se pode dizer que o *nada* aumenta. Todos os outros fugiram do Bosque de Haule, mas nós não quisemos deixar nossa terra. E então ele nos surpreendeu durante o sono e nos deixou como você está vendo.

— Dói muito?, perguntou Atreiú.

— Não, respondeu o segundo trole, o que tinha o buraco no peito, a gente não sente nada. Ficamos sem uma parte. E depois disso ter acontecido cada vez nos falta uma parte maior. Em breve deixaremos de existir.

— E em que lugar da floresta aconteceu isso?, quis saber Atreiú.

— Você quer ver? O terceiro trole, o que só tinha a metade, olhou interrogativamente para os seus companheiros. Quando eles acenaram afirmativamente, continuou:

— Vamos levá-lo até um lugar onde você possa ver, mas você precisa nos prometer que não vai se aproximar. Caso contrário, o *nada* vai te atrair de modo irresistível.

Está bem, disse Atreiú. Prometo.

Os três troles voltaram-se e caminharam até a orla da floresta. Atreiú segurou Artax pelas rédeas e seguiu-os. Andaram durante algum tempo por entre as árvores gigantescas, e depois pararam diante de um tronco particularmente grosso. Cinco homens de mãos dadas não bastariam para lhe dar a volta.

— Suba o mais alto que puder, disse o trole sem pernas. E depois olhe para o lado onde o sol se põe. Então você o verá. . . ou melhor, *não* o verá.

Atreiú subiu na árvore, agarrando-se aos nós e saliências do tronco. Chegou aos ramos mais baixos. Subiu para os seguintes e foi subindo cada vez mais, até não ver mais o chão. Continuou a subir; o tronco era cada vez mais fino e as ramificações mais numerosas, de modo que ficou mais fácil avançar. Quando finalmente chegou ao alto da copa, olhou para o lado onde o sol se punha e eis o que viu:

As copas das árvores mais próximas eram verdes, mas a folhagem das árvores afastadas parecia ter perdido a cor, era cinzenta. Um pouco mais adiante, tornava-se estranhamente transparente, nebulosa, ou melhor, parecia cada vez mais irreal. E para além dessas árvores não havia nada, absolutamente nada. Não era um lugar ermo, nem uma zona escura ou clara; era algo insuportável à vista e que dava às pessoas a sensação de terem ficado cegas. Pois não há olhos que suportem olhar o nada total. Atreiú pôs a mão em frente do rosto e quase caiu do ramo onde estava empoleirado. Agarrou-se bem e desceu outra vez, o mais depressa que pôde. Já tinha visto o suficiente. Só agora compreendia bem o horror que ameaçava Fantasia.

Quando chegou novamente ao sopé da árvore-gigante, os três troles tinham desaparecido. Atreiú montou em seu cavalinho e afastou-se a todo galope na direção contrária àquela em que o *nada*

se alastrava inexoravelmente. Só parou para descansar quando já era noite e o Bosque de Haule há muito já ficara para trás.

Nessa noite, teve a segunda experiência que iria dar uma nova orientação à sua Grande Busca.

Sonhou durante a noite — e o sonho foi ainda mais nítido do que os anteriores — com o grande búfalo cor-de-púrpura que quisera abater. Desta vez, estava diante do animal sem arco nem flechas. Sentia-se minúsculo, e a cabeça do grande búfalo enchia todo o céu. Ouviu-o falar. Não conseguia entender tudo o que ele dizia, mas era mais ou menos isto:

"Se você me tivesse morto, seria agora um caçador. Mas você não o fez, por isso posso ajudá-lo, Atreiú. Escute! Há em Fantasia um ser que é mais velho do que todos os outros. Longe, muito longe, na direção do norte, fica o Pântano da Tristeza. No meio desse pântano, eleva-se a Montanha de Corno. É aí que mora a Velha Morla. Procure a Velha Morla!" Em seguida, Atreiú acordou.

O relógio da torre bateu doze badaladas. Os colegas de Bastian iam agora ter a última aula, a de Ginástica. Talvez hoje fossem jogar com a bola de couro, grande e pesada, uma atividade para a qual Bastian sempre se mostrava particularmente desajeitado — e por isso nenhuma das equipes o queria. Às vezes, também jogavam com uma bola pequena, dura como uma pedra, que doía muito quando acertava em alguém. E Bastian sempre levava uma bolada dessas, atirada com toda a força, pois era um alvo fácil. Mas talvez fossem subir na corda, um exercício que Bastian particularmente detestava. Enquanto a maioria dos outros já estava lá em cima, ele continuava pendurado na ponta de baixo da corda, vermelho como um tomate e pesado como um saco de batatas, sem conseguir se erguer a uma altura de meio metro do chão, para grande divertimento de toda a classe. E o professor de Ginástica, o Sr. Menge, não se fartava em zombar de Bastian.

Bastian teria dado tudo para ser como Atreiú. Aí ele poderia mostrar a todos como era!

Suspirou fundo.

Atreiú cavalgava sem direção ao norte. Só parava o tempo indispensável para comer e dormir, mas quase não dava descanso a si mesmo e ao seu cavalo. Cavalgou dia e noite, ao sol e à chuva, em meio a tempestades e trovoadas. Não olhava para nada e não perguntava nada a ninguém.

Quanto mais avançava para o norte, tanto mais escuro ia ficando. Uma luz crepuscular acinzentada, sempre igual, assinalava o dia. O céu noturno era iluminado por auroras boreais.

Numa manhã crepuscular, em que o tempo parecia ter ficado parado, viu finalmente, do alto de uma colina, o Pântano da Tristeza. Sobre ele pairavam farrapos de nevoeiro, e aqui e ali distinguiam-se pequenos bosques de árvores cujos troncos se dividiam para baixo em quatro, cinco ou mais ramificações retorcidas, o que os tornava semelhantes a grandes caranguejos, sustentando-se sobre muitas patas na água negra. Da folhagem castanha pendiam raízes aéreas que pareciam tentáculos imóveis. Era quase impossível perceber onde o solo do pântano era firme e onde consistia apenas em uma cobertura de plantas aquáticas.

Artax resfolegou baixinho, aterrorizado.

— Temos de entrar aí, meu senhor?

— Temos, respondeu Atreiú. Temos de encontrar a Montanha de Corno que fica no meio desse pântano.

Impeliu Artax para a frente, e o cavalinho obedeceu. Experimentava passo a passo a firmeza do solo, tateando com os cascos, e por isso avançavam muito lentamente. Finalmente, Atreiú desmontou e passou a conduzir Artax pelas rédeas. O cavalo atolou-se algumas vezes, mas em todas conseguiu se safar. Porém, quanto mais penetravam no Pântano da Tristeza, mais dificilmente o animal avançava. O cavalinho tinha a cabeça baixa e agora quase só se arrastava.

— Artax, disse Atreiú, o que aconteceu?

— Não sei, meu senhor, respondeu o animal. Acho que devíamos voltar para trás. Tudo isto não tem o menor sentido. Vamos atrás de uma coisa que não passou de um sonho, e que não vamos encontrar. Talvez já seja tarde demais. Talvez a imperatriz Criança já tenha morrido, e tudo o que estamos fazendo não sirva para nada. Vamos voltar para trás, meu senhor.

— Você nunca me falou assim, Artax, disse Atreiú assombrado. Que é que você tem? Está doente?

— É possível, replicou Artax. A cada passo que damos, minha tristeza é maior. Perdi a esperança, senhor. E sinto-me cansado, muito cansado. . . Acho que não sou mais capaz de andar.

— Mas temos de prosseguir!, exclamou Atreiú. Vamos, Artax! Puxou-o pelas rédeas, mas Artax ficou parado. Já estava atolado até a barriga, e não fazia qualquer esforço para se libertar.

— Artax!, gritou Atreiú. Você não pode desistir agora! Ande! Ande para a frente, se não vai ficar atolado!

— Deixe-me, senhor!, respondeu o cavalinho. Não consigo. Vá sozinho! Não se importe comigo! Não posso mais suportar esta tristeza. Quero morrer.

Atreiú puxou-o desesperadamente pelas rédeas, mas o cavalinho afundava-se cada vez mais. Não podia fazer nada para impedi-lo. Finalmente, quando o animal tinha só a cabeça fora da água negra, abraçou-o pelo pescoço.

— Eu seguro você, Artax, murmurou ele. Não vou deixar você afundar.

O cavalinho relinchou outra vez, suavemente.

— Você não pode fazer mais nada por mim, senhor. Está tudo acabado. Nenhum de nós sabia o que nos esperava aqui. Mas já sabemos porque o Pântano da Tristeza tem este nome. É a tristeza que me torna tão pesado e que me faz afundar. Não é possível evitá-lo.

— Mas eu também estou aqui, disse Atreiú. E não sinto nada..

— É porque você tem o "Brilho", senhor, respondeu Artax. E ele o protege.

— Então vou pôr o sinal em volta do seu pescoço, balbuciou Atreiú. Talvez ele o proteja também.

Fez menção de tirar a corrente do pescoço.

— Não, resfolegou o cavalinho. Não pode fazer isso, senhor. A você entregaram o "Pentáculo", e você não está autorizado a dá-lo a quem bem entender. Tem de continuar sua busca sem mim.

Atreiú encostou o rosto ao do cavalinho.

— Artax. . ., murmurou desoladamente. Meu Artax!

— Você quer atender a meu último pedido, senhor?, perguntou o animal.

Atreiú acenou afirmativamente, sem falar.

— Então, peço que vá embora. Não quero que me veja morrer. Você me faz esse favor?

Atreiú levantou-se lentamente. A cabeça do cavalinho estava agora meio submersa na água escura.

— Adeus, Atreiú, meu senhor!, ele disse. E obrigado! Atreiú cerrou os lábios com força. Não conseguia falar. Deu um último adeus a Artax, voltou-lhe as costas, e continuou a andar.

Bastian soluçou. Não conseguia se conter. Tinha os olhos cheios de lágrimas, e não podia continuar a leitura. Teve de tirar o lenço do bolso e assoou o nariz; só depois pôde continuar a ler.

Quanto tempo Atreiú andou a esmo pela água afora, simplesmente avançando, nunca ele o soube. Era como se estivesse cego e surdo. O nevoeiro era cada vez mais cerrado, e Atreiú tinha a sensação de que andava em círculos há muitas horas. Nem sequer reparava onde punha os pés; mas apesar disso nunca afundou mais do que até os joelhos. O sinal da imperatriz Criança conduzia-o misteriosamente pelo bom caminho.

De repente, viu-se diante da encosta íngreme de uma alta montanha. Subiu pelas fendas dos rochedos até o cume redondo. A princípio não reparou de que eram feitos estes rochedos. Só quando chegou ao alto da montanha e olhou para baixo é que reparou que eram grandes placas de chifres, em cujas gretas e fendas crescia o musgo.

Tinha encontrado a Montanha de Corno!

No entanto, esta descoberta não lhe deu qualquer prazer. A morte de seu fiel cavalinho tornara-o indiferente a ela. Tinha que descobrir agora quem era a Velha Morla que ali vivia e onde ela estava.

Enquanto meditava, sentiu a montanha tremer; depois ouviu sopros e roncos fortes e uma voz que parecia vir das entranhas mais profundas da terra:

— Olha lá, velha, alguma coisa está afundando em cima de nós.

Atreiú apressou-se até à beira da plataforma em que se encontrava, pois os sons pareciam vir desse lado. Mas escorregou nos musgos e começou a deslizar. Não conseguiu agarrar-se e foi escorregando cada vez mais depressa, até cair. Felizmente, caiu em cima de uma das árvores que ficavam mais abaixo. Os ramos amorteceram-lhe a queda.

Atreiú viu à sua frente uma grande caverna na montanha, onde a água ondulava e esparrinhava, pois lá dentro qualquer coisa se movia e se aproximava lentamente da saída. A coisa parecia um pedaço de rocha do tamanho de uma casa. Quando apareceu bem à vista, Atreiú verificou que era uma cabeça que rematava um pescoço comprido de pele enrugada; era a cabeça de uma tartaruga. Os olhos pareciam charcos escuros. Da boca escorriam-lhe algas e lodo. Toda esta Montanha de Corno — Atreiú compreendeu-o de repente — era um animal gigantesco, uma monstruosa tartaruga dos pântanos: A Velha Morla!

Ouviu novamente aquela voz aguda e gorgolejante:

— Ei, garoto, o que você faz aqui?

Atreiú pegou no amuleto que trazia ao pescoço e levantou-o para que os olhos do tamanho de charcos o pudessem ver.

— Conhece isto, Morla?

Ela só respondeu ao fim de alguns instantes:

— Olha, velha... AURIN... Há muito tempo que não o víamos, o Sinal da imperatriz Criança. . . Há muito tempo.

— A imperatriz Criança está doente, retomou Atreiú. Você sabia?

— Tanto faz, não é verdade, velha?, respondeu Morla. Parecia falar consigo mesma desta maneira estranha, talvez porque não tivesse mais ninguém com quem falar, sabe Deus há quanto tempo.

— Se não a salvarmos, ela morrerá, insistiu Atreiú.

— Tanto faz, respondeu Morla.

— Mas, se ela morrer, Fantasia deixa de existir, exclamou Atreiú. O *nada* já está se alastrando por toda a parte. Vi-o com meus próprios olhos.

Morla fixou-o com os seus olhos enormes e vazios.

— Pouco nos importa, não é verdade, velha?, gorgolejou ela

— Mas morreremos todos!, gritou Atreiú. Todos!

— Escute uma coisa menino, respondeu Morla. E o que tem demais nisso? Para nós nada tem importância. Tudo nos é indiferente; nada nos interessa.

— Mas você não quer desaparecer, não é Morla?, gritou Atreiú encolerizado. Porque você também vai desaparecer! Ou pensa que é tão velha que vai sobreviver depois de Fantasia ter deixado de existir?

— Escute, gorgolejou Morla. Somos velhas, menino, velhas demais. Já vivemos bastante. Já vimos muito. Para quem sabe tanto como nós, nada é importante. Tudo se repete eternamente, dia e noite, verão e inverno; o mundo está vazio e não tem significado. Tudo se move em círculos. O que aparece tem de desaparecer, o que nasce tem de morrer. Tudo passa, o bem e o mal, o estúpido e o inteligente, o belo e o feio. Tudo é vazio. Nada é real. Nada é importante.

Atreiú não soube o que responder. O olhar gigantesco, escuro e vazio da Velha Morla paralisava-lhe a mente. Depois de alguns instantes, ouviu-a falar novamente:

— Você é novo, menino. Nós somos velhas. Se você fosse velho como nós, saberia que não há nada senão tristeza. Veja uma coisa. Por que não haveríamos de morrer, você, eu, a imperatriz Criança, todos, todos? Tudo é aparência, tudo é um jogo no Nada. Tudo vai dar exatamente no mesmo. Deixe-nos em paz, menino, vá embora.

Atreiú reuniu toda a sua coragem para lutar contra o efeito paralisante daquele olhar, para combatê-lo.

— Se você sabe tanto, disse ele, também deve saber qual é a doença da imperatriz Criança e se há remédio para ela.

— Sabemos, não é verdade, velha? Sabemos, resfolegou Morla. Mas tanto faz que ela se salve ou que morra. Por isso, por que haveríamos de dizê-lo a você?

— Se tudo lhe é indiferente, insistiu Atreiú, então você poderia dizer-me.

— Poderíamos, não poderíamos, velha?, resmungou Morla. Mas não temos vontade.

— Então, exclamou Atreiú, é porque nem tudo lhe é indiferente! Nem mesmo você acredita no que diz!

Durante muito tempo, não se ouviu mais nada além do gorgolejar e de um ruído semelhante a soluços. Devia ser uma espécie de risada, caso a Velha Morla ainda fosse capaz de rir. De qualquer maneira, acabou dizendo:

— Você é manhoso, menino! Sim senhor. É manhoso. Há muito tempo que não nos divertíamos tanto, não é verdade, velha? Escute só. Realmente podemos dizê-lo a você. Não faz diferença. Vamos dizer-lhe, velha?

Fez-se um longo silêncio. Atreiú esperou ansiosamente a resposta de Morla, sem interromper com perguntas o curso lento e incerto de seus pensamentos. Finalmente, a tartaruga voltou a falar:

— Você vive pouco, menino. Nós vivemos muito. Vivemos demais. Mas ambos vivemos no tempo. Você pouco tempo, eu muito. A imperatriz Criança já existia antes de nós. Mas não é velha. É sempre jovem. Repare. A vida dela não se mede em tempo, mas sim em nomes. Precisa de um nome novo, precisa sempre de ter um novo nome. Sabe os nomes dela, menino?

— Não, reconheceu Atreiú. Nunca os ouvi.

— Porque não pode tê-los ouvido, explicou Morla. Nem sequer nós somos capazes de nos lembrar desses nomes. E, no entanto, teve muitos. Mas todos foram esquecidos. Todos passaram. Sem um nome, porém, ela não pode viver. A imperatriz Criança precisa apenas de um novo nome para ficar curada. Porém, tanto faz que se cure ou não.

Fechou os olhos grandes como charcos e começou a encolher lentamente a cabeça.

— Espere, exclamou Atreiú. E de quem ela recebe esse nome? Quem pode dar-lhe um nome? Onde posso encontrar esse nome?

— Nenhum de nós, ouviu a Morla gorgolejar. Nenhum ser de Fantasia lhe pode dar um nome novo. Por isso, não há nada a fazer. Mas não se preocupe, menino. Nada importa.

— Então, quem?, gritou Atreiú, fora de si. Quem pode lhe dar um nome, para salvá-la e nos salvar a todos?

— Não faça tanto barulho!, disse a Morla. Deixe-nos em paz e vá embora. Também não sabemos quem pode dar-lhe um nome.

— Se você não sabe, gritou Atreiú ainda mais alto, quem é que sabe?

A Morla abriu outra vez os olhos.

— Se você não tivesse trazido o "Brilho", resfolegou ela, nós o comeríamos só para termos sossego.

— Quem?, teimou Atreiú. Diga-me quem sabe, e eu a deixarei em paz para sempre!

— Afinal, dá no mesmo, respondeu ela. Talvez o Uiulala, no Oráculo do Sul. Talvez ele saiba. Que nos importa?

— E como posso chegar até lá?

— Não pode chegar de maneira nenhuma, menino. Ora! Nem ao fim de dez mil dias de viagem. Você vive muito pouco. Morreria antes disso. É muito longe. No Sul. Demasiado longe. Por isso não vale a pena. Foi o que dissemos desde o princípio, não é verdade, velha? Pare de andar e desista, menino. E, principalmente, deixe-nos em paz.

Dizendo isto, fechou definitivamente os olhos inexpressivos e meteu outra vez a cabeça na concha. Atreiú percebeu que não tiraria mais nada dela.

Neste momento, o ser sombrio que se formara da escuridão da charneca noturna encontrou a pista de Atreiú e pôs-se a caminho do Pântano da Tristeza. Nada nem ninguém em toda Fantasia poderia desviá-lo dessa pista.

Bastian tinha apoiado a cabeça nas mãos e olhava para frente com ar pensativo.

— É muito estranho — disse em voz alta —, que nenhum ser de Fantasia possa dar um novo nome à imperatriz Criança.

Se apenas fosse preciso inventar um novo nome, Bastian poderia ajudá-la facilmente. Era uma coisa que fazia muito bem. Infelizmente, porém, não estava em Fantasia, onde suas capacidades podiam ser aproveitadas e talvez lhe trouxessem simpatias e honras. Por outro lado, porém, sentia-se contente de não estar lá, pois nunca teria tido coragem para se aventurar num lugar como o Pântano da Tristeza. E aquele sinistro ser das sombras que perseguia Atreiú sem que ele o soubesse! Bastian

gostaria de poder avisá-lo, mas isso não era possível. Não podia fazer outra coisa senão confiar na sorte e continuar a ler.

IV

Ygramul, o Múltiplo



ois eram os tormentos que começavam a afligir Atreiú: sede e fome. Há dois dias ele deixara atrás de si o Pântano da Tristeza; desde então, vagueava por um deserto rochoso onde não se via um único ser vivo. As poucas provisões que ainda lhe restavam tinham sido tragadas pelas águas negras juntamente com Artax. Em vão, Atreiú escavava com as mãos as fendas dos rochedos, para ver se encontrava pelo menos algumas raízes, mas ali nada crescia, nem sequer musgo ou líquenes.

A princípio, sentira-se satisfeito por pisar novamente em terra firme; pouco a pouco, porém, teve de reconhecer que sua situação atual era ainda pior. Tinha-se perdido. Não podia orientar-se pelo céu, pois o crepúsculo era igual para todos os lados e não lhe fornecia qualquer ponto de referência. Um *vento* frio soprava

constantemente entre as agulhas de pedra que se elevavam à sua volta.

Escalou cristas e cumes rochosos, subiu e desceu, mas a única coisa que via eram montanhas cada vez mais longínquas, por detrás das quais se elevavam outras cadeias de montanhas, e assim até ao horizonte, em todas as direções. E não havia nenhum ser vivo, nem sequer um escaravelho ou uma formiga, nem sequer abutres que costumavam seguir pacientemente um homem perdido até que ele desfalecesse.

Não havia dúvida: o país por onde vagueava eram as Montanhas Mortas. Poucos as tinham visto, e quase nenhum regressara. Mas as lendas contadas pelo povo de Atreiú falavam dessas montanhas. Recordou uma estrofe de uma velha canção:

Mais valera ao caçador nos pântanos sucumbir porque nas Montanhas Mortas, lá no Abismo Profundo, habita Ygramul, o Múltiplo, o mais terrível dos monstros.

Mesmo que Atreiú soubesse que direção tomar para regressar, não lhe teria sido possível fazê-lo. Já estava longe demais. Agora só lhe restava prosseguir. Se se tratasse de sua pessoa comum, ele teria simplesmente se sentado no buraco de um rochedo e esperado ali a morte, como costumavam fazer nesses casos os caçadores de seu povo. Porém, sua missão era a Grande Busca, e dele dependia a vida da imperatriz Criança e de toda a Fantasia. Não podia dar-se por vencido.

Continuou, então, a subir e descer montanhas, e por vezes tinha consciência de que, já há muito, caminhava como um sonâmbulo, enquanto seu espírito vagueava por outras paragens, regressando a muito custo à realidade.

Bastian sobressaltou-se. O relógio da torre batia uma hora. As aulas tinham-se acabado por hoje.

Bastian escutou o barulho e os gritos das crianças que lá embaixo saíam das aulas e corriam pelos corredores. Ouvia-se o pisar de muitos pés nas escadas. Durante algum tempo, ouviram-se ainda gritos lá fora, na rua. Finalmente, o silêncio caiu sobre a escola.

Esse silêncio caiu sobre Bastian como um cobertor pesado que o abafava. Daí em diante ele ficaria completamente sozinho no grande prédio da escola. . . o dia inteiro, a noite seguinte, e sabia-se lá por quanto tempo ainda. De agora em diante, a coisa passava a ser séria.

Os outros iam para casa almoçar. Bastian também tinha fome, e estava com muito frio, apesar da grossa manta militar que colocara sobre os ombros. De repente, perdeu a coragem, e todo o seu plano lhe pareceu completamente disparatado e absurdo. Queria ir para casa, agora mesmo, naquele exato momento! Ainda estava em tempo. O pai ainda não teria percebido nada. Bastian nem sequer precisaria dizer-lhe que tinha matado a aula. É claro que algum dia seu pai viria a saber, mas não seria agora. E o problema do livro roubado? Sim, também teria de confessá-lo. O pai havia de encarar isso como encarava todas as desilusões que Bastian lhe tinha dado. Não havia razões para ter medo. Provavelmente não diria nada, iria falar com o Sr. Koreander e resolveria o assunto.

Bastian pegou o livro de capa cor-de-cobre para colocá-lo na pasta, mas não chegou a fazê-lo.

— Não, disse ele de repente em voz alta, no silêncio do sótão. Atreiú não desistiria tão depressa, só porque a coisa estava um pouco difícil. Tenho de levar até o fim o que comecei. Agora já fui longe demais para voltar atrás. Tenho de continuar, aconteça o que acontecer.

Sentiu-se muito só; apesar disso, porém, também havia nesse sentimento uma espécie de orgulho: orgulho de ter tido coragem para não renunciar ao seu intento.

Ele se parecia, um pouquinho que fosse, com Atreiú!

Chegara o momento em que Atreiú não podia mesmo continuar seu caminho. À sua frente abria-se o Abismo Profundo.

O aspecto grandioso daquela paisagem não pode ser descrito com palavras. Através da região das Montanhas Mortas, a terra abria-se numa fenda que teria talvez cerca de um quilômetro de largura, e cuja profundidade era insondável.

Atreiú deitou-se na saliência de um dos rochedos próximos ao abismo e olhou para baixo, para as trevas que pareciam ir até o

centro da terra.

Apanhou no chão ali perto uma pedra do tamanho de um crânio humano e lançou-a tão longe quanto pôde. A pedra foi caindo, caindo, caindo, até ser tragada pela escuridão. Atreiú ficou escutando; mas apesar de esperar muito tempo, o ruído do impacto não lhe chegou aos ouvidos.

A esta altura, fez a única coisa que podia fazer: começou a caminhar ao longo da borda do Abismo Profundo. Estava sempre à espera de ver "o mais terrível dos monstros" de que falava a velha canção. Não sabia de que espécie de criatura se trataria; sabia apenas que seu nome era Ygramul.

O Abismo Profundo cortava as montanhas numa linha ziguezagueante e, naturalmente, não havia nenhum caminho à sua beira; era ladeado por altos rochedos em que ele tinha de subir e que por vezes oscilavam sensivelmente sob o peso do seu corpo; outras vezes, tinha de contornar grandes penhascos que obstruíam o caminho, ou transpor declives cobertos de cascalhos que rolavam para o abismo quando ele os pisava. Mais de uma vez esteve prestes a cair.

Se soubesse que havia alguém que seguia sua pista e se aproximava dele a cada hora que passava, talvez tivesse cometido alguma imprudência que lhe poderia custar caro nesse percurso difícil. Tratava-se daquele ser da escuridão, que o seguia desde que se tinha formado. Entretanto, sua figura tinha-se adensado tanto que se podiam agora distinguir claramente seus contornos. Era um lobo, negro como breu e grande como um boi. Sempre com o focinho no chão, seguia a pista de Atreiú no deserto rochoso das Montanhas Mortas. A língua pendia-lhe para fora da boca; tinha os lábios arreganhados e os terríveis dentes à mostra. Os rastros deixados há pouco indicavam-lhe que poucas milhas o separavam de sua presa. E essa distância se encurtava inexoravelmente.

Mas Atreiú nada sabia do seu perseguidor e procurava lenta e cautelosamente o seu caminho.

Quando percorria uma fenda estreita que atravessava Um maciço rochoso, como se fosse uma espécie de tubo curvo, ouviu de repente um estrondo inexplicável, pois não se assemelhava a qualquer outro ruído conhecido. Era, ao mesmo tempo, um rugido,

um mugido e um ronco, e Atreiú sentiu tremer o grande rochedo que o rodeava; ouviu o estampido da queda de blocos de pedra que, lá fora, se precipitavam no abismo. Esperou um momento para ver se o tremor de terra — ou o que quer que fosse! — acabava, e quando finalmente cessou, gatinhou pela fenda até chegar à saída, espreitando cautelosamente para fora.

E eis o que viu: sobre a escuridão do Abismo Profundo, estendia-se, de borda a borda, uma teia de aranha gigantesca. E nos fios pegajosos daquela rede, grossos como cordas, debatia-se um grande Dragão da Sorte, branco, agitando a cauda e as garras, mas enredando-se cada vez mais desesperadamente na teia.

Os Dragões da Sorte são os animais mais raros de Fantasia. Não se parecem com os dragões vulgares, que se assemelham a serpentes monstruosas, habitam cavernas profundas, espalham um cheiro pestilento à sua volta e guardam tesouros reais ou imaginários. Essas criaturas do caos são quase sempre perversas ou insociáveis, têm asas de morcego que lhes permitem elevar-se nos ares com grande ruído e cospem fumo e fogo. Os Dragões da Sorte, pelo contrário, são criaturas do ar e do bom tempo, de uma alegria incontida e, apesar do seu colossal tamanho, são leves como uma nuvenzinha de verão. Por isso não precisam de asas para voar. Nadam pelos ares do céu como os peixes na água. Vistos da Terra, parecem lentos relâmpagos. Mas sua característica mais maravilhosa é o seu canto. Sua voz parece o alegre repicar de um grande sino e, quando falam baixinho, é como se se ouvisse um sino repicando à distância. Quem ouve alguma vez esse canto nunca mais o esquece, e continua a falar nisso aos seus netos.

Mas este Dragão da- Sorte que Atreiú via agora não estava de maneira nenhuma em uma situação que lhe desse vontade de cantar. O corpo comprido e flexível, coberto de escamas brilhantes, de um madrepérola rosado e branco, pendia retorcido e preso na teia de aranha gigante. Os longos bigodes que ornavam o focinho do animal, a crina eriçada e as franjas de pêlo da cauda e dos membros estavam enredados nos fios pegajosos da teia, imobilizando-o quase que completamente. Só os olhos cor-de-rubi brilhavam em sua cabeça de leão, indicando que ele ainda estava vivo.

O soberbo animal sangrava em muitas feridas, pois havia ainda outra coisa, um ente gigantesco que, com a velocidade do raio, se abatia continuamente sobre o corpo do dragão branco como uma nuvem escura, cuja forma mudava constantemente. Ora se parecia uma aranha gigante, de patas longas, numerosos olhos ardentes e corpo grande, recoberto de uma pelagem escura e felpuda, ora se transformava em uma grande mão de garras compridas, que tentava esmagar o Dragão da Sorte; no momento seguinte, se transformava em um gigantesco escorpião negro, que picava a infeliz vítima com seu ferrão envenenado.

A luta entre aqueles dois seres poderosos era terrível. O Dragão da Sorte continuava a se defender, cuspindo um fogo azul, que chamuscava os pêlos daquela criatura parecida com uma nuvem. A fumaça se alastrava e formava redemoinhos de vapor na fenda do rochedo. O cheiro quase tirava o fôlego de Atreiú. Num dado momento, o Dragão da Sorte quase conseguiu arrancar com uma dentada uma das pernas compridas do seu adversário. Porém, o membro decepado não caiu nas profundezas do abismo, mas moveu-se sozinho durante um momento no ar, voltando, depois, ao seu lugar original, e reunindo-se novamente à nuvem escura do corpo. E isto repetia-se constantemente: o dragão parecia morder o vazio sempre que apanhava um dos membros do adversário com os dentes.

Só então Atreiú reparou numa coisa que não vira até aí: o corpo dessa criatura horrenda não era compacto e feito de uma só peça; era constituído por uma quantidade infinita de pequenos insetos de cor azul-acinzentada, que zumbiam como vespas encolerizadas e, num enxame espesso, adotavam constantemente novas formas.

Era Ygramul, e agora Atreiú já sabia porque lhe chamavam "o Múltiplo".

Saltou de seu esconderijo, agarrou a jóia que trazia ao peito e gritou o mais alto que pôde:

— Alto! Em nome da imperatriz Criança, pare!

Mas sua voz foi abafada pelo zumbido e pelos roncos das criaturas em luta. Ele próprio quase não a ouvia.

Sem refletir, correu até os lutadores por cima das cordas pegajosas da teia. A teia oscilava por debaixo dos seus pés. Perdeu

o equilíbrio, caiu através das malhas e ficou pendurado pelas mãos sobre o abismo, mas conseguiu içar-se novamente, ficou grudado, libertou-se, e continuou o seu caminho.

Ygramul logo percebeu que algo se aproximava dele. Voltou-se para trás como um raio, e seu aspecto era terrível: ele se transformara agora em uma gigantesca cara cinzento-azulada, com um único olho por cima do nariz, cuja pupila vertical fixava Atreiú com inimaginável maldade.

Bastian emitiu um pequeno grito de horror.

Um grito de horror ressoou acima do ruído da batalha ecoando várias vezes nos rochedos. Ygramul voltou o olho para a esquerda e para a direita, para ver se havia outro recém-chegado, pois o rapaz que estava à sua frente, como que paralisado pelo terror, não podia ter sido. Mas não havia mais ninguém.

"Terá sido o meu grito que ele ouviu?", pensou Bastian muito perturbado. "Não é possível."

E então Atreiú ouviu a voz de Ygramul. Era uma voz muito aguda e um pouco surda, que não condizia em nada com aquela cara de gigante. Além disso, a boca não se mexia quando o monstro falava. Era o zumbido do gigantesco enxame de vespas que formava as palavras.

— Um bípede!, ouviu Atreiú. Depois de passar fome durante tanto tempo aparecem-me logo estes dois petiscos! Que dia de sorte para Ygramul!

Atreiú teve de apelar para toda a sua coragem. Pôs o "Brilho" à frente do único olho do monstro e perguntou:

— Conhece este sinal?

— Aproxime-se, bípede!, zumbiu o coro de muitas vozes. Ygramul não enxerga muito bem.

Atreiú deu mais um passo na direção da cara. Esta tinha agora a boca aberta. No lugar da língua, ela possuía numerosas antenas, pinças e tenazes vibrantes.

— Mais perto!, zumbiu o enxame.

O rapaz deu mais um passo. Estava agora tão perto da cara, que podia ver distintamente os inúmeros pequenos seres cinzento-azulados que esvoaçavam loucamente uns pelo meio dos outros. E, no entanto, aquele rosto horrível parecia totalmente imóvel.

— Sou Atreiú, disse ele, e cumpro uma missão da imperatriz Criança!

— Você vem em má hora, respondeu o zumbido colérico, após uma pausa. Que quer de Ygramul? listou muito ocupado, como você pode ver.

— Quero este Dragão da Sorte, respondeu Atreiú. Dê-o para mim!

— Para que você o quer, bípede Atreiú?

— Perdi meu cavalo no Pântano da Tristeza. Tenho de ir procurar o Oráculo do Sul, pois só o Uiulala pode me dizer quem é capaz de dar um novo nome à imperatriz Criança. Se não receber esse nome ela morrerá, e com ela toda a Fantasia, e você também, Ygramul, a quem chamam Múltiplo.

— Ah!, e o som proveniente da cara ressoou prolongada-mente. É por isso que apareceram esses lugares onde não há nada?

— Sim, respondeu Atreiú. Você também já sabe, Ygramul. . . O Oráculo do Sul mora muito longe e o tempo que me é dado viver não seria suficiente para ir até lá. É por isso que peço este Dragão da Sorte. Se ele me transportar pelos ares, talvez possa atingir meu objetivo a tempo.

O enxame agitado que formava a cara emitiu então um som que parecia o riso abafado de muitas vozes.

— Engana-se, bípede Atreiú. Nada sabemos do Oráculo do Sul nem de Uiulala, mas sabemos que o dragão já não pode te transportar. E mesmo que não estivesse ferido, sua viagem seria tão longa que nesse meio-tempo a imperatriz Criança morreria vítima de sua doença. Você não pode medir sua Busca tendo em conta seu tempo de vida, bípede Atreiú, mas o dela.

O olhar da pupila vertical era quase insuportável, e Atreiú baixou a cabeça.

— Isso é verdade, disse baixinho.

— Além disso, continuou a cara impassível, o veneno de Ygramul já está no corpo do dragão. Ele não tem mais do que uma

hora de vida, quando muito.

— Então, murmurou Atreiú, já não há esperança, nem para ele, nem para mim, nem para você, Ygramul.

— Bem, zumbiu a voz, pelo menos Ygramul terá comido bem pela última vez. Mas também não podemos dizer que esta seja a última refeição de Ygramul. Porque ele sabe uma maneira de o conduzir num abrir e fechar de olhos até ao Oráculo do Sul. Resta saber se essa maneira lhe agrada, bípede Atreiú.

— O que você quer dizer?

— Esse é o segredo de Ygramul. As criaturas do Abismo também têm seus segredos, bípede Atreiú. Até agora Ygramul nunca o revelou a ninguém. E você também tem de jurar que não o dirá a ninguém. Pois seria muito ruim para Ygramul, muito ruim mesmo, se este segredo fosse conhecido.

— Juro. Fale! A gigantesca cara cinzento-azulada inclinou-se ligeiramente em sua direção e zumbiu de uma forma quase inaudível:

— Tem que deixar que Ygramul o morda. Atreiú recuou, horrorizado.

— O veneno de Ygramul, continuou a voz, mata ao fim de uma hora, mas, ao mesmo tempo, confere àquele que o tem em si o poder de se deslocar até qualquer lugar de Fantasia onde deseje ir. Imagine o que seria se todos soubessem disto! Todas as vítimas de Ygramul lhe escapariam!

— Uma hora?, bradou Atreiú. Mas que posso eu fazer em apenas uma hora?

— Essa hora, zumbiu o enxame, lhe será mais útil do que todas as horas que possa passar aqui. Decida!

Atreiú lutava consigo próprio.

— Você liberta o Dragão da Sorte se eu lhe pedir em nome da imperatriz Criança?, perguntou finalmente.

— Não, respondeu a cara, você não tem qualquer direito de pedir isso a Ygramul, ainda que tenha consigo AURIN, o "Brilho". A imperatriz Criança aceita-nos a todos como somos. É por isso que Ygramul respeita seu sinal. E você sabe muito bem disso.

Atreiú continuava imóvel e de cabeça baixa. Ygramul dizia a verdade. Assim, não podia salvar o branco Dragão da Sorte. Seus

próprios desejos não contavam.

Endireitou-se e disse:

— Faça o que me propôs!

A nuvem cinzento-azulada precipitou-se sobre ele com um raio e envolveu-o por todos os lados. Sentiu uma dor insuportável no ombro esquerdo e só teve tempo de pensar: "Para o Oráculo do Sul!"

Depois, sua visão se turvou.

Quando o lobo chegou pouco tempo depois àquele lugar, viu a gigantesca teia de aranha. . . não havia mais nada nem ninguém. O rastro que seguira até aí desaparecera de repente e, por mais que se esforçasse, não conseguiu reencontrá-lo.

Bastian interrompeu a leitura. Sentia-se mal, como se ele próprio tivesse no corpo o veneno de Ygramul.

— Graças a Deus, disse baixinho para si mesmo, que não estou em Fantasia. Felizmente estes monstros não existem na realidade. Afinal, trata-se apenas de uma história.

Mas seria mesmo só uma história? Como era então possível que Ygramul — e provavelmente também Atreiú — tivesse ouvido o grito de terror de Bastian?

Pouco a pouco, aquele livro começava a lhe parecer estranho.

V



Os Dois Colonos



ntorpecido, Atreiú voltou a si e, durante um terrível instante, pensou que Ygramul o enganara e que ele ainda estava no deserto de pedra.

Ergueu-se com dificuldade. Viu então que se encontrava numa montanha deserta, mas completamente diferente. O terreno ali parecia consistir inteiramente em grandes placas de pedra cor-de-ferrugem, empilhadas e amontoadas umas em cima das outras, de modo a formar toda a espécie de torres e pirâmides. Entre estas, pequenos arbustos e ervas cobriam o solo. O calor era escaldante. A paisagem estava banhada pela luz de um sol deslumbrante, que encandeava os olhos...

Atreiú protegeu o rosto com a mão e viu, a cerca de uma milha de distância, uma porta de pedra de forma irregular, cujo arco era

formado por placas dispostas horizontalmente e que parecia ter uns trinta metros de altura.

Seria aquela a entrada para o Oráculo do Sul? Pelo que podia ver, nada havia para além da porta do que uma infindável planície vazia; não havia edifícios, nem templos, nem bosques. . . — nada que se assemelhasse aos lugares onde se localizam os oráculos.

Enquanto pensava no que faria, ouviu de súbito seu nome ser pronunciado por uma *voz* grave, que mais parecia o ressoar de um sino de bronze:

— Atreiú! E logo outra vez: Atreiú!

Voltou-se e viu sair detrás de uma das torres de pedra cor-de-ferrugem o Dragão da Sorte. O sangue escorria-lhe das numerosas feridas que tinha no corpo, e estava tão fraco que só com grande esforço conseguiu arrastar-se em sua direção. Apesar disso, piscou alegremente um de seus olhos cor-de-rubi, e disse:

— Não se espante por eu também estar aqui, Atreiú. É certo que eu estava paralisado, preso na teia de aranha, mas ouvi tudo o que Ygramul disse a você. E, então, pensei que também tinha sido mordido e que também podia fazer uso do segredo que ele tinha confiado a você. E foi assim que escapei.

Atreiú estava radiante.

— Custou-me muito deixá-lo nas garras de Ygramul, disse ele, mas o que eu podia fazer?

— Nada, respondeu o Dragão da Sorte. Mas apesar de tudo *você me* salvou a vida. . . embora com alguma colaboração de minha parte.

E tornou a piscar o olho, só que desta vez o outro.

— Salvei sua vida. . ., repetiu Atreiú, mas só por uma hora, pois é só o tempo de vida que nos resta. Sinto cada vez com mais força o veneno de Ygramul.

— Para cada veneno existe um antídoto, respondeu o dragão branco. Você vai ver que tudo se resolverá.

— Não sei como, duvidou Atreiú.

— Eu também não, replicou o dragão, mas isso é que é o melhor. De agora em diante, tudo vai dar certo para você. Afinal sou um Dragão da Sorte. Enquanto estava suspenso na teia, nunca perdi a esperança. . . e, como você pode ver, eu tinha razão.

Atreiú sorriu.

— Diga-me. . . por que você pediu para vir a este lugar, e não a qualquer outro lugar mais agradável, onde talvez você pudesse se curar?

— A minha vida, se você a quiser, lhe pertence, disse o dragão. Pensei que precisaria de um animal em que montar para a Grande Busca. E você verá que é muito diferente percorrer o mundo a pé e mesmo montado num bom cavalo, ou nas costas de um Dragão da Sorte, que cruza os céus à velocidade do vento. Combinado?

— Combinado!, respondeu Atreiú.

— A propósito, acrescentou o dragão, meu nome é Fuchur.

— Muito bem, Fuchur, disse Atreiú, mas enquanto estamos aqui conversando, esgota-se o pouco tempo que nos resta. Tenho de fazer qualquer coisa. Mas o quê?

— Ter sorte, respondeu Fuchur, é o que basta.

Mas Atreiú já não o ouvia. Tinha caído no chão, e jazia imóvel, enrolado nos macios anéis do corpo do dragão.

O veneno de Ygramul estava surtindo seu efeito.

Quando Atreiú — quem sabe quanto tempo mais tarde — abriu novamente os olhos, de princípio não viu nada além de um rosto muito estranho que se inclinava sobre ele. Era o rosto mais enrugado que tinha visto em toda a sua vida, embora fosse aproximadamente do tamanho de um punho. Era castanho-escuro como uma maçã assada, e os olhinhos brilhavam como estrelas. Tinha na cabeça uma espécie de capuz de folhas secas.

Atreiú sentiu então que lhe chegava aos lábios um copo pequeno.

— Bom remédio, ótimo remédio!, murmuravam os lábios murchos daquele rostinho enrugado. Beba, filho, beba. Vai lhe fazer bem!

Atreiú bebeu um gole. Tinha um sabor estranho, ao mesmo tempo doce e amargo.

— O que aconteceu com o dragão branco?, perguntou ele com dificuldade.

— Está tudo em ordem, respondeu a vozinha sussurrante. Não se preocupe, rapaz. Ele vai ficar bom. Os dois vão ficar bons. O pior já passou. Mas beba, beba!

Atreiú tomou outro gole e adormeceu imediatamente; desta vez, porém, dormiu o sono profundo e reparador da convalescença.

O relógio da torre bateu duas horas.

Bastian não podia mais agüentar: precisava urgentemente ir ao banheiro. Já estava com vontade há algum tempo, mas não quisera interromper a leitura. Além disso, tinha um certo receio de ir até lá embaixo. Disse a si mesmo que não havia razão para ter medo, que o colégio estava vazio e ninguém o veria. Apesar disso, porém, tinha medo; era como se a própria escola fosse um ser vivo que o observasse.

Mas não havia outro remédio. Tinha que ir!

Colocou sobre os colchões de ginástica o livro aberto na página que estava lendo, levantou-se e foi até a porta do sótão. Ficou durante um momento à escuta, com o coração aos saltos. Tudo estava quieto. Correu o ferrolho e lentamente deu a volta na chave. Quando empurrou o trinco, a porta se abriu com um rangido sonoro.

Saiu na ponta dos pés, calçado só com as meias, e deixando a porta aberta para não fazer mais barulho. Em seguida, desceu as escadas até o primeiro andar. Via à sua frente o corredor comprido, com as portas das classes pintadas de verde-espinafre. O banheiro da escola ficava no extremo oposto. Bastian estava aflito, e correu o mais depressa possível. Chegou ao lugar de salvação literalmente no último minuto.

Enquanto estava sentado na privada, pensou por que os heróis de histórias como a que lia nunca tinham problemas daquela natureza. Certa vez — quando ainda era bem menor — chegara mesmo a perguntar, na aula de Religião, se Jesus precisava de ir ao banheiro como um homem comum, pois, como homem comum, ele também comia e bebia. Toda a classe tinha desatado a rir, e o professor de Religião marcara-lhe uma falta por "mau comportamento" no livro de chamada. Mas não respondeu à pergunta de Bastian. Ele não tivera a intenção de ser inconveniente.

"Pode ser", pensava agora Bastian, "que estas coisas sejam secundárias e pouco importantes, e por isso não se fala delas nas histórias".

Embora para ele muitas vezes elas tivessem uma importância desesperadora e vergonhosa.

Tinha acabado. Puxou a descarga e ia sair quando, de repente, ouviu passos no corredor. Alguém abria e fechava as portas das classes, uma após outra, e os passos aproximavam-se.

O coração de Bastian começou a bater tão depressa, que parecia querer sair pela boca. Onde iria se esconder? Permaneceu imóvel, como se estivesse paralisado.

A porta do banheiro se abriu, mas, felizmente, ocultou Bastian. O porteiro da escola entrou. Espreitou em todas as privadas, uma após outra. Quando chegou àquela onde corria água e a corrente da descarga se movia, parou um momento. Murmurou qualquer coisa mas, quando viu que a água deixava de correr, encolheu os ombros e saiu. Seus passos se perderam na escada.

Bastian, que tinha prendido a respiração durante todo aquele tempo, respirou profundamente. Quando quis sair, reparou que suas pernas tremiam.

Cautelosamente, e o mais depressa que pôde, correu na ponta dos pés pelo corredor das portas verde-espinafre, subiu as escadas e voltou para o sótão. Só descansou quando fechou e trancou novamente a porta.

Suspirou fundo e sentou-se outra vez em sua cama de colchões; enrolou-se na manta militar e pegou no livro.

Quando Atreiú voltou a acordar, sentia-se recuperado e bem-disposto.

Endireitou-se.

Era noite, a lua brilhava, e ele viu que estava no mesmo lugar onde tinha encontrado o dragão branco. Fuchur também estava ali, deitado no chão, mas agora respirava calmamente, parecia profundamente adormecido. Havia curativos em todas as suas feridas.

Atreiú reparou que alguém também tinha colocado em seu ombro um curativo, não de tecido, mas de ervas e fibras vegetais.

Alguns passos mais adiante, havia no rochedo uma pequena gruta, de cuja entrada saía uma luz fraca.

Atreiú levantou-se com cuidado, sem mexer o braço esquerdo, e foi até à entrada baixa da gruta. Curvou-se e olhou lá para dentro. Viu um compartimento semelhante a um laboratório de alquimista em miniatura. Ao fundo do compartimento, ardia o fogo de uma lareira. Viam-se por toda a parte cadinhos, potes e frascos de formas estranhas. Numa prateleira, estavam empilhados vários feixes de plantas secas de espécies diferentes. A mesinha do meio e os outros móveis pareciam feitos de raízes. No conjunto, o compartimento tinha um aspecto muito confortável.

Só quando ouviu alguém tossir é que Atreiú reparou que, numa cadeira de braços, em frente da lareira, estava sentado um homenzinho. Tinha na cabeça uma espécie de chapéu feito de raízes, que parecia um cachimbo virado ao contrário. Seu rosto era tão castanho e enrugado como o que tinha visto debruçado sobre si, ao acordar. Mas este tinha uns óculos grandes empoleirados no nariz, e as feições pareciam mais duras e preocupadas. O homenzinho lia um livro muito grande que tinha em cima dos joelhos.

Nesse momento, saiu de um outro quarto, que ficava mais para dentro, uma segunda figurinha, que Atreiú reconheceu imediatamente ser a que há pouco o tinha tratado. Só agora via que era uma pequena mulher. Além do capuz de folhas, ela vestia — tal como o homenzinho que estava sentado à lareira — uma espécie de hábito de monge, que também parecia feito de folhas murchas. Cantarolava satisfeita, esfregando as mãos, e logo se pôs a mexer em um pote que estava suspenso sobre o fogo. As duas figurinhas eram pouco mais altas do que a perna de Atreiú do pé ao joelho. Era evidente que se tratava de dois membros da grande família dos gnomos, se bem que de um tipo pouco comum.

— Mulher, disse o homenzinho de mau humor, saia da frente da luz! Você está atrapalhando meus estudos!

— Você e os seus estudos!, respondeu a mulherzinha. Isso não interessa a ninguém. Agora eu preciso preparar meu elixir mágico. Aqueles dois que estão lá fora precisam dele.

— Aqueles dois que estão lá fora, replicou o homenzinho irritado, vão precisar muito mais ainda dos meus conselhos e da minha ajuda.

Está certo... concordou a mulherzinha. Mas só quando estiverem bons. Deixe-me passar, velho!

O homenzinho, resmungando, afastou um pouco a cadeira do fogo.

Atreiú tossiu, para se fazer notar. O casal de gnomos voltou-se para trás e olhou-o.

— Já está bom, disse o homenzinho. Agora é a minha vez!

— Espere um pouco, ralhou a mulherzinha. Eu é que decido se ele está bom ou não. Você só vai agir quando eu disser que está na hora.

Depois voltou-se para Atreiú.

— Gostaria muito de convidá-lo a entrar. Mas isto aqui é muito pequeno para você. Espere um momento! já vou falar com você aí fora.

Amassou ainda qualquer coisa mais num pequeno pilão e despejou o ingrediente dentro do caldeirão. Depois, lavou as mãos e enxugou-as no hábito ao mesmo tempo que dizia ao homenzinho:

— E você fique aqui, Enguivuck, até que eu o chame. Estamos entendidos?

— Está bem, Urgi!, resmungou o homenzinho.

A mulherzinha-gnomo saiu para fora da caverna. Observou Atreiú com os olhos semicerrados, olhando-o de baixo para cima.

— Então? Parece que já está bom, hein? Atreiú acenou afirmativamente com a cabeça.

A mulherzinha subiu na saliência de um rochedo de modo a ficar à altura do rosto de Atreiú e sentou-se.

— Você não está sentindo mais dor?, quis saber.

— Quase nenhuma, respondeu Atreiú.

— Como assim?, insistiu a mulherzinha com os olhos brilhando. Dói ou não dói?

— Ainda sinto um pouco de dor, explicou Atreiú, mas não faz mal. ..

Ora, ora!, resmungou Urgi. Era só o que faltava, o doente dizer ao médico o que faz e o que não faz mal. O que você entende disso, ignorante! *Tem* de doer para se curar. Se o braço não doesse era porque já estava morto.

— Desculpe, disse Atreiú, que parecia uma criança repreendida. Queria dizer. . . queria agradecer à senhora.

— Ora, ora!, continuou Urgi sem o deixar acabar. Afinal, eu sou curandeira. Não fiz mais do que a minha obrigação. E Enguivuck, o meu velho, viu o "Pentáculo" que traz no pescoço. Por isso não tivemos quaisquer dúvidas.

— E Fuchur?, perguntou Atreiú. Como está?

— Quem é esse?

— O Dragão Branco da Sorte.

— Ah! Ainda não sei. Recebeu um pouco mais de veneno que você. Por isso, vai levar mais tempo para ficar bom. Mas vai conseguir. Tenho quase certeza de que vai ficar bom. Onde é que vocês apanharam esse veneno, hein? E de onde é que vocês apareceram tão de repente? O que é que querem? E quem são vocês?

Enguivuck também tinha saído da gruta e ouviu as respostas de Atreiú às perguntas da velha Urgi. Depois, avançou alguns passos e disse:

— Cale-se, mulher, agora é comigo!

Voltou-se para Atreiú, tirou da cabeça o estranho chapéu em forma de cachimbo, cocou a cabecinha calva e disse:

— Não leve a mal tantas perguntas, Atreiú. A velha Urgi, às vezes, parece um bocado impertinente, mas sua intenção é boa. Meu nome é Enguivuck. Também nos chamam de os Dois Colonos. Você já ouviu falar de nós?

— Não, confessou Atreiú.

Enguivuck pareceu ficar um pouco ofendido.

— Pois bem, afirmou, é porque você não freqüenta o meio científico; se o fizesse, já teria ouvido dizer que não há melhor conselheiro que eu para ajudá-lo a encontrar Uiulala, no Oráculo do Sul. Você veio à pessoa certa, rapaz.

— Convencido!, interrompeu a velha Urgi. E logo desceu do seu assento e desapareceu no interior da gruta, resmungando consigo mesma.

De propósito, Enguivuck ignorou a interrupção.

— Posso explicar tudo, continuou. Estudei a coisa de trás para frente e de frente para trás durante toda a minha vida. Aliás, foi para

isso que montei meu observatório. Vou publicar brevemente uma grande obra científica sobre o Oráculo. O título vai ser: "O enigma de Uiulala decifrado pelo professor Enguivuck". Soa bem, você não acha? Infelizmente ainda me falta conhecer alguns pormenores. Você poderia me ajudar, rapaz.

— Um observatório?, perguntou Atreiú, que não conhecia a palavra.

Enguivuck acenou afirmativamente com a cabeça; seus olhinhos brilhavam de orgulho. Com a mão, fez sinal a Atreiú para que o seguisse.

Entre as enormes placas de pedra, subia um caminho sinuoso. Em alguns pontos em que a subida era particularmente íngreme, alguém tinha talhado na pedra degraus minúsculos, naturalmente muito pequenos para os pés de Atreiú. Mas ele simplesmente passava por cima deles com passos largos. Apesar disso, tinha dificuldades em acompanhar o gnomo, que agilmente andava a passos pequenos na frente dele.

— Hoje temos uma bela noite de luar, ouviu Enguivuck dizer. Você vai poder ver muito bem.

— Ver o quê?, perguntou Atreiú. Uiulala?

Mas Enguivuck limitou-se a acenar que não, contrariado, e continuou a andar.

Finalmente, chegaram ao cume da torre de rochas. O chão era plano, mas tinha de um lado uma espécie de parapeito natural, como uma varanda de placas de pedra. No meio dessas placas havia um buraco que se percebia ter sido feito com qualquer instrumento. À frente do buraco, sobre um tripé de madeira de raízes, havia um pequeno telescópio.

Enguivuck espreitou pelo telescópio, regulou-o rodando ligeiramente um único parafuso, acenou satisfeito, e fez sinal a Atreiú para que espreitasse também. Este obedeceu ao convite do gnomo, mas teve de se deitar no chão, apoiado sobre os cotovelos, para conseguir olhar pelo instrumento.

O telescópio estava voltado para a grande porta de pedra, de modo a se poder observar a parte inferior do pilar direito. Atreiú viu, então, que junío desse pilar estava sentada uma grande esfinge, ereta e imóvel, banhada pela luz do luar. As patas dianteiras, sobre

as quais se apoiava, eram de leão, mas a parte de trás do corpo era de touro; tinha nas costas grandes asas de águia, e o seu rosto era o de um ser humano. . . mas só na forma, pois a expressão não era humana. Era difícil perceber se aquele rosto sorria ou refletia uma tristeza infinita, ou ainda uma indiferença total. Depois de a ter contemplado durante algum tempo, Atreiú achou que ela exprimia uma maldade e uma crueldade incomensuráveis, mas, pouco depois, teve de retificar essa impressão, pois nela apenas conseguia encontrar serenidade.

— Desista!, ouviu a voz do gnomo dizer junto ao seu ouvido. Você nunca vai descobrir. É o que acontece com todo mundo. Comigo também. Contemplei-a a vida toda e não consegui decifrá-la. E agora, a outra!

Rodou um dos parafusos, a imagem deslocou-se, passando pela abertura da porta, atrás da qual se estendia apenas uma planície vazia, até que Atreiú viu o pilar esquerdo, diante do qual estava sentada, na mesma posição, uma segunda esfinge. Seu corpo imponente brilhava à luz da lua, estranhamente pálido, como se fosse de prata liquida. Parecia olhar fixamente a primeira esfinge, tal como esta olhava, imóvel, em sua direção.

— São estátuas?, perguntou Atreiú, sem conseguir desviar delas o olhar.

— Não!, respondeu Enguivuck com uma risadinha. São duas esfinges de verdade, vivas. . . e bem vivas! Já viu o suficiente por agora. Anda, vamos descer outra vez. Eu lhe explico tudo.

E pôs a mão em frente do telescópio, de modo que Atreiú não pôde ver mais nada. Voltaram pelo mesmo caminho, em silêncio.

VI

As Três Portas Mágicas



uchur continuava a dormir profundamente, quando Enguivuck e Atreiú voltaram à caverna dos gnomos. Nesse meio-tempo, a velha Urgi preparara uma pequena mesa ao ar livre, cobrindo-a com toda a espécie de guloseimas e suculentos sucos de frutos e plantas.

Além disso, espalhados pela mesa, havia copinhos e um pequeno bule cheio de chá quente e perfumado. Duas pequenas lamparinas de azeite complementavam a decoração da mesa.

— Sentem-se!, ordenou a pequena mulher. Atreiú precisa comer e beber alguma coisa para recuperar suas forças. O remédio só não basta.

— Obrigado, disse Atreiú, mas já me sinto muito bem.

— Não me contrarie!, resmungou Urgi. Enquanto você estiver aqui, terá que fazer o que eu mando, ouviu? O veneno que havia em seu corpo foi neutralizado, por isso agora você não precisa ter

pressa, meu rapaz. Tem todo o tempo que quiser, de forma que o melhor é levar as coisas com calma.

— Mas não é só de mim que se trata, replicou Atreiú. A imperatriz Criança está morrendo. Cada hora que passa é muito importante.

— Bobagem!, resmungou a velhinha. Devagar se vai ao longe. Sente-se! Coma! Beba! Então, vai se sentar ou não?

— É melhor fazer o que ela diz, murmurou Enguivuck. Eu a conheço bem e sei que não desiste. Quando mete alguma coisa na cabeça, é impossível contrariá-la. Além disso, você e eu temos muito o que falar.

Atreiú sentou-se de pernas cruzadas em frente da minúscula mesa e serviu-se. À medida que comia e bebia parecia-lhe realmente que uma vida quente e dourada fluía em suas veias, em seus músculos. Só então se deu conta de como tinha estado fraco.

Bastian estava com água na boca. Era como se, de repente, pudesse sentir o cheiro da refeição dos gnomos. Farejou à sua volta, mas é claro que tudo não passava de imaginação.

Seu estômago roncava alto. Ele não era capaz de evitá-lo. Tirou da pasta o resto do sanduíche e a maçã e comeu tudo. Logo sentiu-se melhor, se bem que ainda tivesse fome.

Compreendeu, então, que aquela tinha sido sua última refeição. Esse pensamento assustou-o. Procurou não pensar mais nisso.

Onde você conseguiu todas estas coisas boas?, perguntou Atreiú a Urgi.

— Ah, filho, disse ela, é preciso ir muito longe e procurar muito para encontrar todas as ervas e plantas necessárias. Mas ele, esse cabeça-dura do Enguivuck, quer viver precisamente aqui. . . por causa dos seus importantes estudos! Ele não quer nem saber onde eu vou buscar a comida.

— Mulher!, respondeu Enguivuck em tom grave. E por acaso você sabe o que é importante e o que não é? Vá embora e deixe-nos conversar!

Urgi retirou-se reclamando para a pequena gruta, onde começou a fazer uma barulheira com os pratos e panelas.

— Não ligue para ela, resmungou Enguivuck. É boa pessoa, mas sempre tem de dizer alguma coisa. Escute, Atreiú! Vou lhe dizer algumas coisas sobre o Oráculo do Sul que é bom que você saiba. Não é fácil ir até junto de Uiulala. Na verdade, é muito difícil. Mas não quero fazer uma palestra científica. Talvez seja melhor que você me faça perguntas. Às vezes, acabo me perdendo em pormenores. Portanto, pergunte!

— Está bem, concordou Atreiú; então, quem é ou o que é Uiulala?

— Bolas!, resmungou Enguivuck, fitando-o aborrecido. Suas perguntas são tão diretas como as da minha velha. Você não poderia começar por outra coisa?

Atreiú meditou um pouco e perguntou:

— Essa grande porta de pedra com as esfinges que você me mostrou... é a entrada?

— Assim já está melhor!, respondeu Enguivuck. Assim podemos progredir. A porta de pedra é a entrada, mas depois há ainda mais duas portas e Uiulala vive para lá da última — se se pode dizer que vive em algum lugar.

— Você já esteve alguma vez com ele?

— Que idéia!, replicou Enguivuck, novamente aborrecido. Eu trabalho por métodos científicos. Ouvi todas as descrições das pessoas que lá estiveram. Quando voltam, é claro. É um trabalho muito importante. Por isso, não posso me arriscar pessoalmente. Isto poderia prejudicar minha obra.

— Compreendo, disse Atreiú. E o que são estas três portas? Enguivuck levantou-se, pôs os braços atrás das costas e começou

a andar para cá e para lá, enquanto explicava:

— A primeira chama-se Porta do Grande Enigma. A segunda, Porta do Espelho Mágico. E a terceira, Porta Sem Chave...

— É estranho, interrompeu Atreiú. Pelo que pude ver, atrás da porta de pedra só havia uma planície vazia. Onde estão as outras portas?

— Calma!, repreendeu-o Enguivuck. Se você não parar de me interromper, não poderei explicar nada. É tudo muito complicado! O que acontece é que a segunda porta só aparece depois de se ter transposto a primeira. E a terceira só se vê quando se passou pela

segunda. E Uiulala apenas surge depois de se ter passado pela terceira porta. Antes disso, não há nada lá atrás. Nada está lá, percebe?

Atreiú acenou que sim, mas preferiu calar-se, para não irritar outra vez o gnomo.

— A primeira, a Porta do Grande Enigma, foi a que você viu com meu telescópio. E também as duas esfinges. Essa porta está sempre aberta. . . O que é lógico. Não tem batentes. Apesar disso, ninguém pode passar para o outro lado, a menos que. . ., e agora Enguivuck falava com o minúsculo indicador em riste, a menos que as esfinges fechem os olhos. E sabe por quê? Porque o olhar de uma esfinge é totalmente diferente do olhar de qualquer outro ser. Nós e todos os outros seres olhamos para alguma coisa. Vemos o mundo. Mas uma esfinge não vê nada: em certo sentido, é cega. Em contrapartida, seus olhos transmitem algo. E o que seu olhar transmite? Todos os enigmas do mundo. Por isso, as duas esfinges estão sempre a olhar uma para a outra. Porque só uma esfinge pode suportar o olhar de outra esfinge. E agora imagine o que será de uma pessoa que se atreva a interferir na troca de olhares entre ambas! Fica ali, petrificada, e não poderá mover-se antes de ter decifrado todos os enigmas do mundo. Bom, quando você passar por lá logo verá os restos desses pobres diabos.

— Mas você não disse, interrompeu Atreiú, que elas às vezes fecham os olhos? Não dormem de vez em quando?

— Dormir? Enguivuck riu às gargalhadas. Pelo amor de Deus, imagine uma esfinge dormir! Não, claro que não dormem. Você é mesmo tolo. Mas sua pergunta não é de todo absurda. Coincide até com a direção em que se orientam minhas investigações. As esfinges fecham os olhos para certos visitantes e deixam-nos passar. A questão é: por que fecham os olhos para uns e não para outros? Não se pode dizer que deixem passar os sábios, os valentes ou os bons, e que excluam os tolos, os covardes ou os maus. Nem de longe! Com os meus próprios olhos já as vi deixarem passar, e não foi só uma vez, um pateta qualquer ou um desprezível patife, e fazerem esperar em vão, por vezes durante meses, as pessoas mais sensatas e mais dignas de consideração, acontecendo mesmo de nunca as deixarem passar. Uma outra coisa

que parece também não ter influência no comportamento delas é o fato de as pessoas procurarem o oráculo levadas por uma necessidade urgente ou apenas por curiosidade.

— E as suas investigações, perguntou Atreiú, não chegaram a um resultado?

Enguivuck fez imediatamente a sua cara de zangado.

— Você não ouviu o que eu disse? Pois acabei de dizer que até hoje ninguém conseguiu esclarecer essa questão. É claro que formulei algumas teorias ao longo dos anos. A princípio, pensei que o ponto decisivo, o critério pelo qual as esfinges se guiavam, fossem características físicas — a altura, a beleza, a força ou qualquer coisa assim. Mas logo tive de desistir dessa idéia. Em seguida, tentei estabelecer determinadas relações numéricas, por exemplo, que entre cinco sempre eram excluídos três, ou que só entravam os números primos. Tudo isso se podia aplicar ao passado, mas não serviu para prever o futuro. Nesse ínterim, cheguei à conclusão de que a decisão das esfinges é totalmente casuística e ilógica. Mas minha mulher diz que esta hipótese é caluniosa e pouco imaginativa, além de não ter nada de científica.

— Lá vem você outra vez com seus disparates, ralhou a voz da mulherzinha-gnomo lá de dentro da caverna. Que vergonha! Só porque o seu cerebrozinho se definhou dentro de sua cabeça você acha que pode negar assim esses grandes mistérios, velho pateta!

— Está ouvindo?, disse Enguivuck com um suspiro. E o pior é que ela tem razão!

— E o amuleto da imperatriz Criança?, perguntou Atreiú. Você acha que elas não vão respeitá-lo? Afinal, elas também são criaturas de Fantasia.

— É certo, opinou Enguivuck, cocando sua cabecinha do tamanho de uma maçã, mas para isso era preciso que o *vissem.* E elas não vêem nada. Mas o olhar delas o atingiria da mesma maneira. Também não tenho certeza de que as esfinges obedeçam à imperatriz Criança. Talvez sejam mais importantes que ela. Não sei. É tudo muito incerto.

— O que você me aconselha, então?, perguntou Atreiú.

— Você terá de fazer o que todos fazem, respondeu o gnomo. Esperar até que elas decidam. . . sem saber por quê.

Atreiú acenou a cabeça com um ar pensativo. A pequena Urgi saiu da gruta. Trazia na mão um baldezinho cheio de um líquido fumegante e, debaixo do outro braço, um molho de plantas secas. Resmungando entre os dentes, dirigiu-se para o Dragão da Sorte que continuava a dormir, imóvel, e começou a subir em cima dele para trocar os curativos das feridas. O gigantesco paciente suspirou uma única vez, satisfeito, e espreguiçou-se; fora isso, pareceu não perceber o tratamento.

— Era melhor que você também fizesse alguma coisa de útil, disse ela a Enguivuck, quando voltava para a cozinha, em vez de andar por aí dizendo disparates.

— O que eu estou fazendo *é muito* útil, gritou o marido. Certamente muito mais do que aquilo que você faz. Mas você nunca vai perceber isso,-mulher teimosa!

E voltando-se novamente para Atreiú: — Ela só pensa em coisas práticas. Não tem o menor dom para os grandes conhecimentos.

O relógio da torre bateu três horas.

A esta altura, o pai de Bastian provavelmente já teria percebido — se é que ele percebia alguma coisa — que ele não voltara para casa. Estaria preocupado? Talvez saísse para procurá-lo. Talvez já tivesse avisado a polícia. Quem sabe se não iriam até mesmo transmitir avisos pela rádio. Bastian sentiu um aperto na boca do estômago.

Se assim fosse, onde iriam procurá-lo? Na escola? Talvez até ali, no sótão?

Teria ele trancado a porta quando voltou do banheiro? Já não se lembrava! Levantou-se para verificar. Sim, a porta estava fechada e aferrolhada.

Lá fora, começava lentamente a escurecer. A luz que entrava pela clarabóia era cada vez mais fraca.

Para se acalmar, Bastian caminhou durante algum tempo para cá e para lá no sótão. Descobriu muitas coisas que nada tinham a ver com a escola, mas que também estavam ali guardadas. Por exemplo, um velho gramofone todo amassado. . . Quem sabe quando e por quem ele tinha sido levado para lá? Em um canto

havia vários quadros com molduras douradas cheias de enfeites, onde já quase não se via nada da pintura, além de um ou outro rosto branco e de olhar severo, destacando-se sobre um fundo escuro. Havia também um candelabro de sete braços, roído pela ferrugem, com restos de velas grossas que tinham formado longas barbas de pingos de cera.

A esta altura, Bastian assustou-se, porque em um canto escuro havia qualquer coisa que se mexia. Olhando com mais atenção, viu que se tratava de um grande espelho no qual vira indistintamente seu reflexo. Aproximou-se e olhou-se durante algum tempo. De fato, não era lá muito bonito: a figura gorda, as pernas tortas e o rosto redondo. Abanou lentamente a cabeça e disse:

— Não!

Depois voltou para sua cama de colchões. Agora tinha de levantar o livro até perto dos olhos para poder ler.

— Onde tínhamos parado?, perguntou Enguivuck.

— Na Porta do Grande Enigma!, lembrou Atreiú.

— É verdade! Vamos supor que você consiga transpô-la. Então, e só então, aparecerá à sua frente a segunda porta. A Porta do Espelho Mágico. Sobre ela, como já disse, nada posso dizer que tenha observado pessoalmente, mas só aquilo que me têm contado. Esta segunda porta está ao mesmo tempo aberta e fechada. Parece absurdo, não parece? Talvez seja melhor dizer que não está nem aberta, nem fechada. Se bem que isso também pareça um tanto disparatado. Em suma: é como um grande espelho, ou qualquer coisa do gênero, mas não é feita de vidro nem de metal. Ninguém foi capaz de me dizer do que ela é feita. De qualquer maneira, quando as pessoas chegam em frente dela, vêem-se a si próprias. . . mas não como se veriam num espelho comum, nada disso! Não vêem sua aparência exterior, mas seu verdadeiro ser interior, tal como ele é na realidade. Quem quiser transpor esta porta tem, por assim dizer, de penetrar em si próprio.

— Em todo o caso, opinou Atreiú, parece-me mais fácil transpor esta Porta do Espelho Mágico do que a primeira.

— Engana-se!, exclamou Enguivuck, e começou outra vez a andar todo excitado para cá e para lá. Você está muitíssimo

enganado, meu amigo! Tive ocasião de verificar que são precisamente aqueles visitantes, que se consideram mais perfeitos, que fogem a gritar do monstro que os olha ironicamente do espelho. Tivemos mesmo de tratar alguns deles durante várias semanas, até estarem em condições de empreender a viagem de regresso.

— Tivemos de tratar deles!, resmungou Urgi, que passava nesse momento com outro baldinho na mão. *Tivemos* de tratar deles! De quem é que *você* tratou?

Enguivuck limitou-se a afastá-la com um gesto.

— Outros, continuou ele a expor, ao que parece nunca tinham visto coisas tão terríveis; mesmo assim tiveram coragem para passar para o outro lado. Para outros, a visão foi menos aterrorizante, mas todos tiveram de vencer a si próprios para passar. Nada se pode dizer que seja válido para todos os casos. Cada qual vê uma coisa diferente.

— Está bem!, disse Atreiú. Mas, de qualquer maneira, *é possível* passar através desse Espelho Mágico?

— Ê possível, afirmou o gnomo, claro que é possível. Se não fosse não haveria uma porta. É lógico, não é?

— Também se pode dar a volta pelo lado, opinou Atreiú. Ou não?

— Sim, é claro, confirmou Enguivuck, evidentemente que se pode. Mas acontece que, nesse caso, não há nada lá atrás. A terceira porta só aparece depois de se ter passado pela segunda. Quantas vezes tenho que dizer a mesma coisa?

— E como é essa terceira porta?

— Ora, aí é que a coisa se torna realmente difícil! A Porta Sem Chave está fechada. Simplesmente fechada. E é tudo! Não tem trinco, nem puxador, nem buraco de fechadura, nada! Segundo a minha teoria, o único batente da porta, que fecha hermeticamente, é de selênio fantástico. Você sabe que não há nada capaz de partir, dobrar ou dissolver o selênio de Fantasia. Ele é absolutamente indestrutível.

— Então, é impossível passar por essa porta?

— Devagar, rapaz, devagar! Já houve pessoas que passaram por ela e falaram com Uiulala, não é verdade? Portanto, é possível abrir a porta.

— Mas como?

— Ouça bem: o selênio de Fantasia reage à nossa vontade. É precisamente a nossa vontade que o torna tão resistente. Quanto mais queremos entrar, mais hermética se torna a porta. Mas se alguém conseguir se esquecer de todas as suas intenções e não quiser absolutamente nada. . . a porta se abrirá sozinha perante essa pessoa.

Atreiú baixou os olhos e disse, em voz baixa:

— Se isso é verdade. . . como posso eu passar? Como eu posso não querer passar?

Enguivuck assentiu, suspirando.

— Foi o que eu lhe disse: a Porta Sem Chave é a mais difícil.

— E se, apesar de tudo, eu conseguisse passar, continuou Atreiú, chegaria logo ao Oráculo do Sul?

— Sim, disse o gnomo.

— E poderia falar com Uiulala?

— Sim, disse o gnomo.

— E quem é ou o que é Uiulala?

— Não faço idéia, disse o gnomo, e os seus olhos brilharam de raiva. Nenhum dos que estiveram junto dele quis me dizer. Como posso acabar minha obra científica se tudo está envolto em um silêncio misterioso, hein? Dá vontade de arrancar os cabelos — se eu ainda os tivesse. Se você conseguir chegar até junto dele, Atreiú, promete me contar tudo? Promete? Minha curiosidade é puramente científica, mas ninguém quer me ajudar. Por favor, prometa-me que me dirá!

Atreiú levantou-se e olhou para a Porta do Grande Enigma, que brilhava sob a clara luz da lua.

— Não posso prometer nada, Enguivuck, disse ele suavemente, se bem que gostaria de lhe demonstrar minha gratidão. Mas se ninguém lhe disse quem era ou o que era Uiulala, deve haver uma razão para isso. E, sem saber qual é essa razão, não posso decidir se uma pessoa que nunca chegou até ele deverá ser informada.

— Então vire-se! Vá embora!, gritou o gnomo, e seus olhinhos faiscaram encolerizados. Só se recebe ingratidão! Eu me esforço durante toda minha vida para desvendar um segredo de interesse

geral. Mas ninguém quer me ajudar. Não devia ter me preocupado com você!

Dizendo isto, correu para a pequena gruta, batendo a porta com força.

Urgi veio até junto de Atreiú, soltou uma risada abafada e disse:

— Não ligue para o que diz aquele cabeça-dura. É só da boca para fora. Ele está outra vez terrivelmente desiludido por causa de suas ridículas investigações. Gostaria de ser ele a resolver o Grande Enigma. O famoso gnomo Enguivuck! Não o leve a mal!

— Não, disse Atreiú, não o levo a mal. Diga-lhe, por favor, que eu lhe agradeço de todo o coração pelo que fez por mim. E também agradeço a você. Se puder, revelarei a ele o grande segredo. . . caso regresse.

— Então vai nos deixar?, perguntou a velha Urgi.

— Tenho de o fazer, respondeu Atreiú. Não posso perder mais tempo. Irei agora ao Oráculo. Adeus! E enquanto eu estiver fora, tome conta do Fuchur, o Dragão da Sorte!

Dizendo isto, voltou-se e dirigiu-se à Porta do Grande Enigma. Urgi viu sua figura ereta, com o manto ondulante, desaparecer entre os rochedos. Correu atrás dele e gritou:

— Boa sorte, Atreiú!

Mas ficou sem saber se ele a ouviu. Ao voltar para a pequena caverna com seu andar gingado, resmungou para si mesma: "Vai precisar. . . Realmente, vai precisar de muita sorte!"

Atreiú estava agora a cerca de cinqüenta passos da porta de rocha. Ela era muito maior do que ele imaginara à distância. Para além dela, estendia-se uma planície totalmente deserta, que não oferecia à vista qualquer ponto de referência, fazendo com que o olhar se perdesse no vazio. Em frente à porta e entre dois pilares, Atreiú viu inúmeras caveiras e esqueletos. . . Restos dos mais diversos habitantes de Fantasia que, ao tentarem transpor a porta, haviam sido paralisados para sempre pelo olhar das esfinges.

Mas não foi isso que fez Atreiú parar. O que o deteve foi o aspecto das esfinges.

Atreiú já tinha aprendido muito em sua Grande Busca; vira muitas coisas, algumas maravilhosas e outras terríveis, mas até

aqui não sabia que o maravilhoso e o terrível podiam coexistir num só objeto e que a beleza podia ser horrível.

A luz da lua banhava aqueles dois seres colossais, que pareciam crescer até ao infinito, à medida que Atreiú se aproximava deles. Parecia-lhe que suas cabeças chegavam à lua e que a expressão com que se olhavam mutuamente mudava a cada passo que ele dava em sua direção. Através de seus corpos eretos, e sobretudo através de seus rostos de traços humanos, corriam e palpitavam correntes de uma força terrível e desconhecida. . . era como se as esfinges simplesmente não estivessem ali, perenes como o mármore, mas se evaporassem e renascessem a cada momento. E era como se, precisamente por isso, fossem muito mais reais que qualquer bloco de rocha.

Atreiú teve medo.

Não era medo do perigo que o ameaçava, mas um medo que provinha de si próprio. Quase não lhe passava pela cabeça que — no caso de ser atingido pelo olhar das esfinges — ficaria para sempre enfeitiçado e paralisado. Não. Era o medo do incompreensível, do incomensuravelmente grandioso, da realidade de uma onipotência, era esse o medo que lhe tolhia as pernas tornando-as cada vez mais pesadas, até as sentir como se fossem feitas de frio e cinzento chumbo.

Apesar disso, continuou em frente. Não voltou a olhar para cima. Manteve a cabeça baixa e, muito lentamente, caminhou passo a passo, avançando sempre na direção da grande porta de rocha. E o fardo do medo que queria pregá-lo ao chão era cada vez mais pesado. Apesar disso, continuou. Não sabia se as esfinges tinham ou não fechado os olhos. Não podia perder tempo. Tinha de arriscar: ou elas lhe permitiriam entrar, ou seria ali o fim de sua Grande Busca.

E no mesmo instante em que lhe pareceu que toda sua força de vontade era insuficiente para dar o último passo, ouviu o ressoar desse passo no interior do arco de rocha. E, ao mesmo tempo, o medo o abandonou, tão total e absolutamente, que ele percebeu que dali em diante nunca mais teria medo, acontecesse o que acontecesse.

Ergueu a cabeça e viu que a Porta do Grande Enigma ficava para trás. As esfinges tinham-no deixado passar.

À sua frente, a uma distância de cerca de vinte passos, aparecia agora a Porta do Espelho Mágico, onde antes existia uma planície vazia. Era grande e redonda como a lua cheia (que ainda pairava lá em cima no céu) e brilhava como prata polida. Parecia impossível passar através daquela superfície metálica, mas Atreiú não hesitou um instante. Estava à espera de ver no espelho qualquer imagem terrível e assustadora de si mesmo, como o advertira Enguivuck, mas agora que tinha deixado o medo para trás, isso lhe parecia irrelevante.

Porém, em vez de uma imagem aterradora, viu uma coisa para a qual não estava preparado e que também não podia compreender. Um rapaz gordo, de rosto pálido — aproximadamente da mesma idade que ele — sentado de pernas cruzadas sobre uma cama feita de colchões amontoados, lendo um livro. Estava embrulhado em um velho cobertor cinzento, todo rasgado. Os olhos do rapaz eram grandes e tinham uma expressão muito triste. Atrás dele, viam-se alguns animais imóveis na luz crepuscular — uma águia, uma coruja e uma raposa — e, um pouco mais adiante, reluzia algo que parecia um esqueleto branco. Não se via bem do que se tratava.

Bastian estremeceu ao compreender o que acabava de ler. Era ele! A descrição coincidia em todos os detalhes. O livro começou a tremer em suas mãos. Decididamente, aquilo estava indo longe demais! Não era possível que, em um livro impresso, pudesse estar escrito algo que só se referia àquele momento e a ele. Qualquer outra pessoa iria ler a mesma coisa ao chegar àquele ponto do livro. Só poderia ser uma coincidência espantosa. Se bem que a coincidência fosse, sem dúvida, muito estranha.

— Bastian, disse em voz alta para si próprio, você é mesmo um louco. Controle-se!

Tinha tentado falar no tom mais firme possível, mas sua voz tremia um pouco, porque ele não estava totalmente convencido de que se tratava apenas de uma coincidência.

"Imagine", pensou, "o que seria, se em Fantasia realmente soubessem alguma coisa de você. Seria fabuloso."

Mas não se atreveu a dizê-lo em voz alta.

Um pequeno sorriso de espanto, apenas isso, se desenhou nos lábios de Atreiú ao entrar na imagem do espelho. . . Estava admirado com o fato de ter sido tão fácil para ele uma coisa que para outros fora quase ou totalmente impossível. Enquanto atravessava o espelho, porém, sentiu um estranho calafrio, uma sensação de formigamento. E nem suspeitou do que, na realidade, lhe tinha acontecido.

Com efeito, quando chegou ao outro lado da Porta do Espelho Mágico, tinha-se esquecido de tudo o que dizia respeito à sua vida anterior, seus objetivos e intenções. Não se lembrava da Grande Busca que o levara até ali e nem sequer de seu próprio nome. Era como se fosse uma criança recém-nascida.

À sua frente, a apenas alguns passos de distância, viu a Porta Sem Chave; mas Atreiú não se lembrava nem desse nome, nem de que tivera a intenção de atravessá-la, para chegar ao Oráculo do Sul. Não sabia o que queria nem o que devia fazer, nem por que estava ali. Sentia-se leve e muito alegre, e riu sem motivo, simplesmente porque estava alegre.

A porta que via diante de si era pequena e baixa como uma porta comum, e erguia-se isolada — sem paredes que a rodeassem — no meio da planície deserta. E o batente desta porta estava fechado.

Atreiú contemplou-o durante um bom tempo. Parecia feito de um material brilhante, da cor do cobre. Era bonito, mas pouco tempo depois Atreiú se desinteressou. Deu a volta à porta e olhou-a pelo lado de trás; deste lado, porém, ela era igual. Também não tinha trinco, nem maçaneta, nem sequer um buraco de fechadura. Evidentemente, a porta não fora feita para ser aberta, nem tinha sentido fazê-lo, dado que não levava a lado nenhum e se limitava a estar ali. Pois, por trás da porta, havia apenas uma vasta planície, destituída de vegetação e completamente deserta.

Atreiú tinha vontade de se ir embora. Voltou-se para trás, aproximou-se da porta circular do Espelho Mágico e contemplou durante algum tempo a parte detrás desta porta, sem compreender o que significava. Resolveu ir embora,

— Não! não! Não vá embora!, disse Bastian em voz alta. Volte, Atreiú. Você tem que atravessar a Porta Sem Chave.

mas aproximou-se novamente da Porta Sem Chave. Queria ver uma vez mais o brilho do cobre. Assim, parou em frente à porta, inclinou-se para a esquerda e para a direita e sentiu-se contente. Acariciou suavemente o estranho material. Era morno e parecia estar vivo. E a porta entreabriu-se.

Atreiú meteu a cabeça pela fenda, mas agora viu do outro lado algo que não tinha visto da outra vez, quando dera a volta à porta. Retirou a cabeça e olhou para trás dela. Só havia planície deserta. Espreitou outra vez pela abertura e viu um longo caminho formado por inúmeras e poderosas colunas. Lá diante havia degraus, outras colunas, terraços, mais escadas, e uma verdadeira floresta de colunas. Mas essas colunas não sustentavam nenhum teto, pois em cima via-se o céu da noite.

Atreiú transpôs a porta e olhou à sua volta, espantado. A porta fechou-se atrás dele.

O relógio da torre bateu quatro horas.

A fraca luz do dia, que descia da clarabóia, ia desaparecendo. Já estava escuro demais para se poder ler. Só com dificuldade Bastian conseguira decifrar a última página. Pôs o livro de lado.

Que faria agora?

Mas certamente havia luz elétrica no sótão. Caminhando com dificuldade na penumbra, Bastian chegou até a porta e tateou a parede. Não conseguiu encontrar interruptor algum. E do outro lado também não havia.

Bastian tirou do bolso das calças uma caixa de fósforos (ele sempre trazia uma consigo, pois gostava de fazer pequenas fogueiras), mas os fósforos estavam úmidos e só o quarto palito é que acendeu. Procurou o interruptor com a luz fraca dessa chamazinha, mas não o encontrou.

Não havia contado com isso. Quando compreendeu que teria de passar ali o resto do dia e a noite toda numa escuridão total, arrepiou-se de medo. Já não era um bebê, e em casa ou em

qualquer outro lugar conhecido não tinha medo do escuro; mas ali em cima, naquele sótão gigantesco, no meio de todos aqueles objetos estranhos, era muito diferente.

O fósforo queimou-lhe o dedo e ele jogou-o fora.

Ficou durante algum tempo parado, à escuta. A chuva abrandara e agora tamborilava mansamente nas chapas metálicas do telhado.

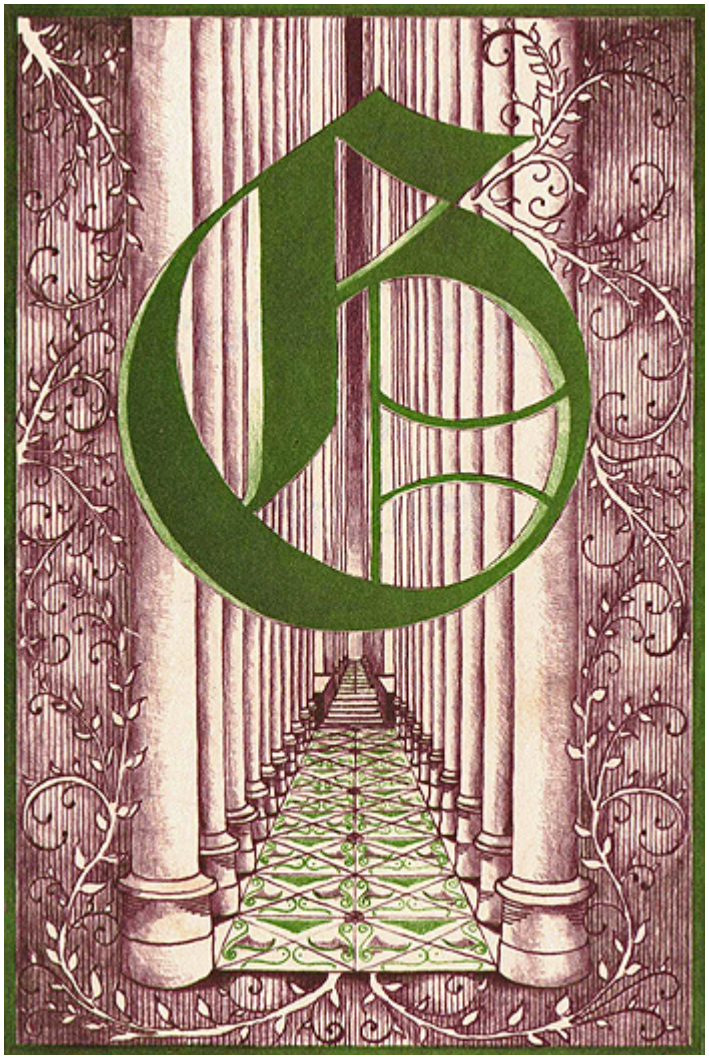
De repente, lembrou-se do grande e enferrujado candelabro de sete braços que descobrira no meio daqueles trastes. Dirigiu-se tateando até o lugar onde o vira, encontrou-o e arrastou-o até os colchões de ginástica.

Acendeu o pavio dos grossos tocos de vela — dos sete — e em breve se difundia pelo sótão uma luz dourada. As chamas crepitavam de mansinho e às vezes oscilavam à corrente de ar.

Bastian respirou fundo e pegou novamente o livro.

VII

A Voz do Silêncio



rande era a satisfação de Atreiú ao avançar pela floresta de colunas que projetava sombras escuras à clara luz da lua. Reinava um silêncio profundo, e ele mal ouvia o som dos seus próprios pés descalços. Não sabia quem era nem como se chamava, como chegara até ali nem o que procurava. Estava cheio de assombro, mas não tinha qualquer preocupação.

O chão era totalmente revestido de mosaicos, formando adornos enigmaticamente intrincados ou misteriosas cenas e desenhos. Atreiú atravessou o mosaico, subiu largas escadarias, chegou a amplos terraços, desceu outras escadas e percorreu uma longa aléia de colunas de pedra. Contemplou-as, uma após outra, e agradou-lhe ver que cada uma dessas colunas tinha uma decoração diferente e estava coberta de sinais também diferentes. Desta forma, ia-se afastando cada vez mais da Porta Sem Chave.

Depois de assim ter andado por não se sabe quanto tempo, finalmente ouviu ao longe um som, e ficou parado à escuta. O som aproximava-se. Era uma voz que cantava, muito bela, argêntea, e aguda como a de uma criança, mas que soava infinitamente triste e, por vezes, parecia até soluçar. Aquele canto plangente ora perpassava entre as colunas como um sopro de vento, ora se diria ficar imóvel no mesmo lugar, pairando no ar, subindo e descendo, aproximando-se e afastando-se, e parecendo formar ao redor de Atreiú um amplo círculo.

Sem se mover, ele aguardava.

Pouco a pouco, os círculos que a voz descrevia em torno de Atreiú foram se estreitando, até que ele conseguiu ouvir as palavras da canção:

"Tudo uma vez apenas acontece
e é desta vez que deve suceder.
Longe, lá onde o campo floresce,
devo morrer e desaparecer..."

Atreiú voltou-se na direção da voz que incansavelmente adejava entre as colunas, mas não viu ninguém.

— Quem é você?, gritou.

Mas a voz repetiu, como um eco: "Quem é você?" Atreiú se pôs a pensar.

— Quem sou eu?, murmurou. Não sei dizer. Parece-me que um dia eu soube. Mas isso é importante?

A voz cantante respondeu:

"Se queres falar-me sobre qualquer tema,
Deves fazê-lo em forma de poema.
Pois aquilo que não escuto em verso,
entendo sempre de modo diverso..."

Atreiú não tinha muita prática em fazer versos e rimas, e pensou que a conversa ia ser muito difícil se a voz realmente só entendesse as coisas ditas em verso. Teve de refletir durante um bom tempo, antes de dizer:

"Se esta curiosidade posso ter,
quem és tu gostaria de saber."

A voz respondeu imediatamente:

"Queres saber quem é quem?
Agora já te entendo bem."

Depois cantou, mas agora o som parecia vir de outra direção:

"Bem-vindo, amigo, de agradável fala,
a este lugar fora do teu mundo.
Sou a voz do silêncio, Uiulala,
no Palácio do Segredo Profundo."

Atreiú deu-se conta de que a voz por vezes soava mais alto e por vezes mais baixo, mas que nunca se calava. Mesmo quando não proferia palavras ou quando lhe falavam, continuava a emitir um som prolongado que pairava à sua volta.

Dado que o som se afastava lentamente, correu atrás dele e perguntou:

"Dize-me, Uiulala, ainda podes me ouvir?
Ver-te não posso, mas quero conseguir."

A voz sussurrou-lhe ao ouvido:

"Nunca ainda aconteceu
De alguém poder me olhar,
Mesmo que não me vejas,
Ainda assim estarei lá."

— Então você é invisível?, perguntou ele. Mas como não recebeu resposta, lembrou-se de que tinha de fazer as perguntas em verso, e disse:

"Que és invisível, o sei bem.
Mas e forma, não a tens?"

Ouviu-se um tinido suave, que podia ser um riso ou um soluço, e a voz cantou:

"Sim e não, os dois, nenhum,
Depende de como encares.
Não sou visível na luz,
Como tu és ao te olharem.
Pois meu corpo é nota e tom,
Por isso apenas audível,
E nesta voz tens o som
Do meu único ser possível."

Maravilhado, Atreiú avançou ainda mais pela floresta de colunas, seguindo a voz. Não tardou até que perguntasse:

"Não sei se te entendo bem.
Tua forma é só um som?
E, se acaba este tom,
deixas então de ser. . . quem?"

E ouviu a resposta, novamente de bem perto:

"Chegando o canto ao final
logo me acontecerá.
o que todos sabem já
ser seu destino fatal.
Assim é a vida, amigo,
e o que te digo, comigo
em breve se passará."

De novo se ouviu aquele soluço, e Atreiú que não compreendera o motivo por que Uiulala chorava, apressou-se em perguntar:

"Diz-me logo, sem demora, por que tão triste estás!
Tua voz é de criança. És jovem ainda, não serás?"

Como um eco, ressoou de novo a voz:

"Breve partirei com o vento.
O que sou é lamentar.
Escuta! Voa o tempo!
Não tardes a perguntar!
Que desejas tu de mim, para que eu possa falar?"

A voz extinguira-se em algum lugar entre as colunas e Atreiú, não conseguindo ouvi-la, voltava a cabeça para todos os lados. Durante um momento, reinou o silêncio, mas logo a voz se aproximou rapidamente e, como se viesse de muito longe, soava agora quase com impaciência:

"Uiulala é resposta, mas precisas perguntar.
Se, porém, nada perguntas, nada poderei falar."

Atreiú bradou:

"Uiulala, me ajuda, eu só queria entender
por que tens, tão em breve, de desaparecer."

E a voz cantou:

"A imperatriz Criança adoece
E com ela Fantasia.
O mesmo comigo acontece,
Pois o Nada tudo esvazia.
Nada e Nunca seremos,
Qual nunca houvéramos sido.
Porém, se novo nome encontrarmos,
Seu mal será logo banido."

Atreiú respondeu:

"Responde, Uiulala, quem a poderá salvar?
Quem poderá saber que novo nome lhe dar?"

E a voz continuou:

"Ouve agora minhas palavras,
Ainda que não as entendas.
Guarda-as fundo, em tua memória,
Antes que te ir pretendas.
E mais tarde, em melhor hora,
Lá do fundo, tua memória,
À tona, à luz as trará,
Tal como agora são.
E tudo dependerá
De seres capaz, ou não."

Durante um momento, ouviu-se apenas um som plangente, sem palavras, mas logo a voz voltou a soar muito perto de Atreiú, como se lhe falasse ao ouvido:

Quem dará um nome novo
À Criança imperatriz?
Nem tu, nem eu, nem elfo, nem ogro.
Poderá alguém salvar-lhe? Diz!
Livrar-nos do mal ninguém pode.
Nem tampouco a podemos curar.
Somos apenas personagens de um livro
E cumprimos o que o autor destinar.
Da história figura e sonho
É tudo o que somos, o que de ser precisamos.
Não podemos, portanto, criar algo novo
Sábio, Criança ou Rei que sejamos.
Mas do outro lado, além de Fantasia,
Existe um reino, o mundo exterior,
De grande riqueza, de um povo moradia,
Que de outra missão é cumpridor.

Os filhos de Adão, justo é o nome
Dos habitantes do mundo da Terra.
As filhas de Eva, a raça dos homens,
Cujo sangue a Palavra encerra.
Desde os primórdios possuem todos
O dom de as coisas nomear.
E à imperatriz Criança, em tempos outros,
Podiam eles vida e nome dar.
E davam-lhe lindos nomes,
Mas há muito tempo atrás,
Pois vinham à Fantasia, os homens,
E o caminho são sabem mais.
Esqueceram-se de que existimos,
Em nós deixaram de crer.
De lá viesse um ser pequenino,
Para nosso problema, então, resolver!
Acreditasse um deles, apenas um só,
E ouvisse nosso chamar!
P'ra eles é fácil, difícil é p'ra nós,
Muito difícil de até eles chegar.
Pois do outro lado fica seu mundo,
E até lá não podemos chegar.
O que te fala Uiulala, guarda bem fundo,
Jovem herói, não te esquecerás?

— Sim, sim!, respondeu Atreiú, desorientado. Esforçava-se o quanto podia para reter na memória tudo o que ouvia, mas não sabia para que o fazia e, por isso, não compreendia do que falava a voz. Pressentia apenas que era algo muito importante, mas toda aquela cantoria e o esforço que fazia para ouvir e para falar em versos deixavam-no sonolento. Então, murmurou:

"Não! Eu vou me lembrar!
Diz-me como e quando começar."

E a voz respondeu:

"Tal resposta a ti te cabe
Meu dever é avisar
Chegou a hora, já é tarde.
Temos de nos separar."

Já meio dormindo, Atreiú ainda perguntou:

"Vais embora? Para onde, agora?"

Ouviu-se de novo o soluçar da voz que, cantando, se afastava cada vez mais:

"O Nada vem chegando
E o Oráculo vai-se calar.
Não mais este som pairando
Tu poderás escutar.
De todos os que vieram
Ao pétreo bosque de esteios,
E minha voz escutaram,
Hás de ser o derradeiro.
É possível que consigas
O que ninguém conseguiu jamais.
Para isto o que te cantei precisas
Guardar, e não esquecer nunca mais!"

E depois, a uma distância cada vez maior, Atreiú ouviu de novo as palavras:

"Tudo uma vez apenas acontece
e é dessa vez que deve suceder.
Longe, lá onde o campo floresce,
devo morrer e desaparecer. . ."

E foi a última coisa que Atreiú ouviu.

Sentou-se junto de uma coluna, encostou as costas na pedra, olhou para o céu noturno e tentou compreender o que tinha ouvido.

O silêncio envolvia-o como um manto pesado e macio; depois, adormeceu.

Quando acordou, a luz fria e crepuscular da aurora já se alastrava no céu. Estava deitado de costas e olhava para cima. As últimas estrelas empalideciam. A voz de Uiulala ressoava-lhe na memória. E, ao mesmo tempo, recordou-se de tudo o que lhe tinha acontecido e da finalidade da Grande Busca.

Agora sabia finalmente o que era necessário fazer. Só um filho do homem, um habitante do mundo que ficava para além de Fantasia, podia dar um novo nome à imperatriz Criança. Tinha de encontrá-lo e de levá-lo até junto dela.

Levantou-se de um salto.

"Ah", pensou Bastian, "eu gostaria tanto de ajudá-la — a ela e também a Atreiú. Com certeza eu poderia inventar-lhe um nome maravilhoso. Se ao menos soubesse como chegar junto de Atreiú! Iria imediatamente. Como ele iria ficar espantado se eu lhe aparecesse de repente! Mas infelizmente isso não é possível. . . Ou será?"

E então disse baixinho:

— Se houver alguma maneira de ir até junto de você, Atreiú, diga-me. Irei sem hesitar! Você vai ver.

Quando Atreiú olhou à sua volta, viu que a floresta de colunas com as suas escadarias e terraços tinha desaparecido. Tudo o que via era a planície deserta que avistara por detrás das três portas mágicas antes de ter transposto a Porta do Grande Enigma. Mas agora já não estavam ali nem a Porta Sem Chave nem a Porta do Espelho Mágico.

Levantou-se e olhou para todos os lados. Descobriu então que no meio da planície, não muito longe do lugar onde se encontrava, surgira um lugar semelhante àquele que vira outrora na Floresta de Haule. Desta vez, porém, estava muito mais perto. Voltou-lhe as costas e começou a correr na direção oposta o mais depressa que pôde.

Só depois de ter corrido durante muito tempo é que Atreiú viu ao longe, no horizonte, uma pequena elevação que poderia ser o

terreno montanhoso, formado por placas de pedra cor-de-ferrugem onde se elevava a Porta do Grande Enigma.

Para lá se dirigiu, mas teve de caminhar durante muito tempo antes de chegar suficientemente perto para distinguir os detalhes. E, então, teve muitas dúvidas. A paisagem era semelhante à das montanhas de placas de rocha, mas não conseguiu descobrir porta alguma. E as placas de pedra não eram vermelhas, mas cinzentas e descoloridas.

Só depois de ter andado durante muito mais tempo, viu que, entre os rochedos, havia um espaço vazio que parecia a parte inferior de uma porta, mas sem o arco lá em cima. O que teria acontecido?

Só descobriu a resposta a esta pergunta quando chegou bem perto — o gigantesco arco de pedra desmoronara-se e as esfinges tinham desaparecido!

Atreiú procurou um caminho entre os blocos de pedra, depois subiu em uma pirâmide de rochedos, procurando o lugar onde deviam estar os dois colonos e o Dragão da Sorte. Ou teriam eles, nesse ínterim, fugido do Nada?

A esta altura, viu que por detrás do parapeito de pedra do observatório de Enguivuck, alguém agitava uma bandeirinha minúscula. Atreiú fez sinais com os dois braços e gritou, levando as mãos à boca:

— Olá! Ainda estão aí?

Assim que sua voz ressoou nos rochedos, saiu do barranco onde se situava a caverna dos dois colonos um Dragão da Sorte branco com reflexos de madrepérola: Fuchur.

Atravessou os ares em movimentos lentos e magníficos, voltando-se por vezes de costas e descrevendo curvas com a velocidade do relâmpago, durante os quais parecia uma língua de fogo branca, para depois aterrar junto da pirâmide de rochedos onde estava Atreiú.

Ergueu-se sobre as patas traseiras e era tão grande, que sua cabeça, no alto do pescoço arqueado, ficava bem acima de Atreiú. Piscou os olhos cor-de-rubi, colocou a língua para fora, abrindo bem a boca numa manifestação de contentamento, e sua voz de bronze ressoou nos ares.

— Atreiú, meu amigo e senhor! Que bom você ter voltado!

Finalmente! Tínhamos quase perdido a esperança, ou seja, os dois colonos, porque eu não!

— Também estou contente por tornar a vê-lo, respondeu Atreiú. Mas o que aconteceu esta noite?

— Esta noite?, exclamou Fuchur. Você pensa que foi só uma noite? Vai ficar espantado! Suba em minhas costas que eu levo você!

Atreiú saltou para o dorso do poderoso animal. Era a primeira vez que cavalgava um Dragão da Sorte. E apesar de já ter montado cavalos selvagens e não ser nada medroso, nos primeiros momentos daquela breve cavalgada através dos ares quase deixou de ver e de ouvir. Agarrou-se com força à crina flutuante de Fuchur, até que o dragão riu sonoramente e gritou:

— Vai ter de se habituar, Atreiú!

— Pelo menos parece que você está completamente curado!, gritou Atreiú em resposta, abrindo a boca para não ficar sem ar.

— Quase, respondeu o Dragão, mas não completamente, ainda! Nesse momento, aterraram em frente da gruta onde habitavam os dois colonos. Enguivuck e Urgi estavam de pé um ao lado do outro à entrada, esperando-os.

— O que aconteceu a você?, começou imediatamente Enguivuck a tagarelar, tem de me contar tudo! Como você conseguiu atravessar as portas? Minhas teorias estão certas? Quem é ou o que é Uiulala?

— Nada disso!, interrompeu a velha Urgi. Primeiro ele precisa comer e beber. Não fiquei cozinhando e fazendo bolos para me divertir. Há muito tempo para a sua tola curiosidade!

Atreiú tinha descido das costas do Dragão e cumprimentou o casal de gnomos. Depois dirigiram-se os três para a mesinha que estava novamente coberta com toda a espécie de coisas boas e onde havia também um bulezinho de chá de ervas.

O relógio da torre bateu cinco horas. Bastian pensou com saudades em duas barras de chocolate de avelã que tinha em casa, guardadas no criado-mudo para o caso de ter fome à noite. Se tivesse adivinhado que nunca mais voltaria para casa, podia tê-las

trazido consigo como última reserva. Mas não havia nada a fazer. O melhor era não pensar nisso!

Fuchur deitou-se no chão da fenda entre os rochedos, para que sua grande cabeça ficasse perto de Atreiú e para que pudesse ouvir tudo o que ele dizia.

— Imaginem, exclamou ele, que o meu amigo e senhor está convencido de que só esteve fora durante uma noite!

— E não foi isto?, perguntou Atreiú.

— Foram sete dias e sete noites!, disse Fuchur. Veja só! Minhas feridas estão quase cicatrizadas!

Só então Atreiú reparou que sua própria ferida também tinha cicatrizado. O curativo de ervas caíra. Admirou-se:

— Como é possível? Passei pelas três portas mágicas, falei com Uiulala e adormeci. . . mas não posso ter dormido durante esse tempo todo!

— O espaço e o tempo, disse Enguivuck, eram talvez diferentes no lugar onde você esteve. Mas mesmo assim nunca ninguém esteve tanto tempo junto ao Oráculo. O que aconteceu? Fale logo!

— Antes disso gostaria de saber o que aconteceu aqui, respondeu Atreiú.

— É o que você está vendo, disse Enguivuck, as cores estão desaparecendo, tudo é cada vez mais irreal, a Porta do Grande Enigma já não existe. Parece que a destruição também já começou a chegar aqui.

— E as esfinges?, quis saber Atreiú. Onde estão? Fugiram? Vocês as viram?

— Não vimos nada, resmungou Enguivuck. Estávamos com esperanças de que você nos pudesse explicar o que aconteceu. O arco de rochedos apareceu desmoronado, mas sem que nenhum de nós visse ou ouvisse nada. Fui até lá e procurei entre os escombros. E sabe o que descobri? Que os fragmentos são muito antigos e estão cobertos de musgo, como se estivessem ali há centenas de anos, como se nunca tivesse existido uma Porta do Grande Enigma.

— Mas estava lá, disse Atreiú baixinho, porque passei por ela e também pela Porta do Espelho Mágico e finalmente pela Porta Sem Chave.

E contou então tudo o que lhe tinha acontecido, recordando sem esforço todos os pormenores.

Enguivuck, que a princípio interrompia constantemente o relato para pedir dados concretos, foi ficando cada vez mais taciturno. E quando Atreiú repetiu finalmente, quase palavra por palavra, o que Uiulala lhe tinha revelado, ficou calado. Só sua carinha enrugada exprimia uma profunda tristeza.

— Agora já sabe o segredo, concluiu Atreiú. Queria sabê-lo a todo o custo, não é? Uiulala é um ser que consiste apenas em uma voz. Só pode ser ouvido. Está onde ressoa.

Enguivuck manteve-se silencioso ainda por algum tempo. Depois, disse com voz rouca:

— *Estava,* você quer dizer.

— Sim, respondeu Atreiú, segundo suas próprias palavras, fui eu o último a quem falou.

Pelas bochechas enrugadas de Enguivuck escorreram duas lágrimas.

— Foi tudo em vão!, soluçou ele. O trabalho de toda uma vida, minhas investigações, as observações feitas ao longo de tantos anos... Tudo em vão! Quando finalmente trazem a última pedra para o meu edifício científico, quando finalmente podia terminá-lo, quando podia, enfim, escrever o último capítulo... verifico que não serve para nada, que é completamente supérfluo, que ninguém quer saber dele, que não vale um tostão, que não interessa a ninguém, porque o tema tratado já não existe! Acabou-se, ponto final!

Foi sacudido por um soluço que parecia um ataque de tosse. A velha Urgi olhou-o com compaixão, acariciou-lhe a cabecinha calva e murmurou:

— Pobre velho Enguivuck! Não desanime! Havemos de encontrar outra coisa.

— Mulher, silvou Enguivuck com os olhinhos faiscando, o que você tem à sua frente não é o pobre velho Enguivuck, mas uma figura trágica!

E correu para a caverna como já o fizera uma vez, batendo a portinha. Urgi abanou a cabeça com um suspiro e murmurou:

— Ele não disse aquilo por mal, é um bom velhinho! O pior é que está completamente maluco!

Quando a refeição terminou, Urgi levantou-se e disse:

— Agora vou fazer as malas. Não podemos levar muita bagagem conosco, uma coisinha ou outra... Sim, tenho de tratar disso.

— Vão-se embora daqui?, perguntou Atreiú. Urgi acenou afirmativamente com tristeza.

— Não temos outro remédio. Onde o Nada se instala as coisas deixam de crescer. E o meu velho já não tem razões para continuar aqui. Vamos ver o que iremos fazer. Havemos de nos arranjar de qualquer maneira. E você?, quais são seus planos?

— Tenho de fazer o que disse Uiulala, respondeu Atreiú. Tentar encontrar o filho de um homem e levá-lo até junto da imperatriz Criança para lhe dar um novo nome.

— E onde vai procurar esse filho do homem?, perguntou Urgi.

— Não sei, disse Atreiú. Para além das fronteiras de Fantasia, se for preciso.

— Você vai .ver que nós vamos conseguir, ressoou a voz de Fuchur. Eu o levo. Vai ver que teremos sorte!

— Pois bem, resmungou Urgi, então ponham-se a caminho!

— Não poderíamos levá-los conosco até algum lugar?, propôs Atreiú.

— Era só o que me faltava!, respondeu Urgi. Nunca na vida vou navegar pelos ares. Os gnomos que se prezam andam na terra firme. Alem disso, não podem perder tempo conosco, pois têm coisas mais importantes a fazer. .. mais importantes para todos.

— Mas eu gostaria de demonstrar a vocês minha gratidão, disse Atreiú.

— A melhor maneira de o fazer, resmungou Urgi, é partir imediatamente, em vez de perder mais tempo com essa conversa fiada!

— Ela tem razão, opinou Fuchur. Vamos, Atreiú!

Atreiú saltou para as costas do Dragão da Sorte. Voltou-se uma última vez para trás, na direção da pequena Urgi, e gritou:

— Adeus!

Mas ela já estava dentro da gruta arrumando a trouxa.

Quando ela e Enguivuck saíram da caverna, algumas horas mais tarde, cada um deles trazia às costas um saco cheio de coisas,

e estavam ambos muito ocupados, ralhando um com o outro. Afastaram-se vacilantes com suas perninhas tortas, sem se voltarem uma única vez para trás.

Enguivuck seria mais tarde muito famoso, o gnomo mais famoso de toda a sua família, se bem que não devido às suas investigações científicas. Mas essa é uma outra história, e terá de ser contada em outra ocasião.

No momento em que os dois colonos se puseram a caminho, Atreiú, cavalgando Fuchur, já ia longe, muito longe, cortando os ares pelos céus de Fantasia.

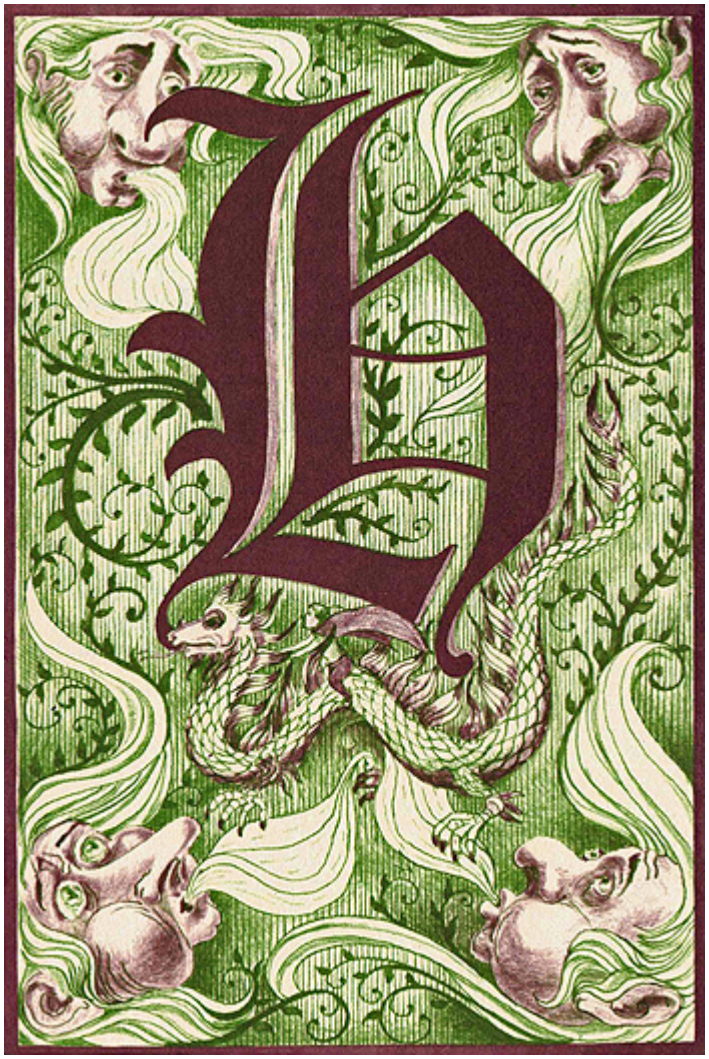
Bastian olhou sem querer para a clarabóia e tentou imaginar o que sentiria se lá em cima, no céu já quase totalmente escuro, aparecesse de repente o Dragão da Sorte, como uma língua de fogo branca e ondulante, aproximando-se cada vez mais. . . se aqueles dois viessem buscá-lo!

— Ah, suspirou ele, se isso fosse possível!

Ele poderia ajudá-los, e eles a ele. Seria a salvação para todos.

VIII

No País dos Espectros



oras e horas tinham-se passado e Atreiú continuava a cavalgar lá no alto do céu. Seu manto vermelho adejava atrás dele. A trança de cabelo negro-azulado, presa com tiras de couro, flutuava ao vento. Fuchur, o branco Dragão da Sorte, deslizava em movimentos lentos, uniformes, sinuosos, através da neblina e das nuvens do céu.

Subia e descia, subia e descia, subia e descia. . .

Por quanto tempo viajaram assim? Por dias e noites e muitos outros dias. . . Atreiú já não sabia há quanto tempo. O Dragão também podia voar durante o sono, avançando sempre, sem parar; de vez em quando, Atreiú também dormia agarrado à crina branca do dragão. Mas era um sono leve e desassossegado. E, por isso, o tempo em que estava acordado ia-se transformando, pouco a pouco, num sonho em que nada era definido.

Lá embaixo, bem ao fundo, passavam montanhas, países e mares, ilhas e rios... Atreiú já nem lhes dava atenção e tampouco impelia o animal como o fizera no princípio, quando partira do Oráculo do Sul. De início, sentira-se impaciente, pois pensara que, montado em seu Dragão da Sorte, atingiria depressa as fronteiras de Fantasia... e, para além delas, o Mundo Exterior, onde moravam os filhos dos homens.

Não sabia como Fantasia era grande.

Agora lutava contra aquele cansaço mortal que o invadia. Seus olhos escuros, normalmente tão penetrantes como os de uma águia, já não viam nada à distância. De vez em quando, chamava a si toda a sua força de vontade, endireitava-se no animal e espreitava para todos os lados; em seguida, porém, deixava-se cair e fitava apenas o corpo comprido e flexível do Dragão, cujas escamas cor-de-madrepérola rosada brilhavam ao sol. Fuchur também estava muito cansado. Até suas forças, que pareciam inesgotáveis, estavam chegando ao fim.

Mais de uma vez tinham visto lá embaixo, durante o prolongado vôo, os pontos da paisagem onde o Nada se alastrava, e para os quais era impossível olhar sem a sensação de se estar cego. Vistos daquela altura, muitos desses lugares pareciam ainda relativamente pequenos, mas havia outros que eram tão grandes como países inteiros e se estendiam até ao longínquo horizonte. O Dragão da Sorte e o seu cavaleiro ficavam aterrorizados quando os viam, e desviavam-se imediatamente para outra direção, para não terem de ver aquele horror. Acontece, porém, que o horror vai deixando de ser tão terrível, à medida que se repete muitas vezes. E, dado que esses lugares do Nada eram em número cada vez maior, Fuchur e Atreiú acabaram por se habituar com eles... ou melhor, tomara-os uma espécie de indiferença. Agora, mal prestavam atenção a eles.

Já há muito tempo não falavam um com o outro, quando, de repente, a voz brônzea de Fuchur ressoou:

— Atreiú, meu pequeno senhor, está dormindo?

— Não, disse Atreiú, apesar de ter sido acordado do seu sono inquieto. O que é, Fuchur?

— Pergunto a mim mesmo se não seria mais inteligente voltar para trás.

— Voltar para trás? Para onde?

— Para a Torre de Marfim. Para junto da imperatriz Criança.

— Quer dizer que devemos voltar de mãos vazias?

— Acho que não se pode dizer isso, Atreiú. Qual era ao certo a sua missão?

— Descobrir a causa da doença de que sofre a imperatriz Criança, e qual o remédio para ela.

— Mas você não estava encarregado, interrompeu Fuchur, de levar esse remédio.

— Que quer dizer com isso?

— Que talvez estejamos cometendo um erro procurando ultrapassar as fronteiras de Fantasia para procurar o filho de um homem.

— Não percebo onde você quer chegar, Fuchur. Explique-se melhor.

— A imperatriz Criança está morrendo, disse o Dragão, porque precisa de um novo nome. Foi o que lhe disse a Velha Morla. Mas só o filho de um homem, um habitante do mundo real, lhe pode dar esse nome. Foi o que lhe disse Uiulala. Você cumpriu sua missão, e parece-me que devia ir comunicá-lo imediatamente à imperatriz Criança.

— Mas de que lhe servirá saber essas coisas, exclamou Atreiú, se me limitar a contá-las e não levar ao mesmo tempo o filho de um homem que a possa salvar?

— Você não sabe, respondeu Fuchur. Ela tem muito mais poder do que você ou eu. Talvez lhe fosse fácil chamar o filho de um homem. Talvez conheça meios e caminhos que você e eu e todos os seres de Fantasia desconhecemos. Mas, para isso, tem de saber precisamente o que você sabe. Vamos partir do princípio que seja assim. Então, não só seria completamente insensato que você e eu andássemos, por nossa própria conta, à procura do filho de um homem para levá-lo até junto dela, como poderia até acontecer que, nesse ínterim, a imperatriz morresse por não regressarmos a tempo.

Atreiú ficou calado. O que o Dragão dissera fazia sentido. Podia ser assim. Mas também podia ser de outra maneira. Era muito possível que ela lhe dissesse, se ele voltasse agora para junto dela com a sua mensagem: "De que me serve isso? Se você tivesse

trazido consigo um salvador, eu ficaria boa. Mas agora já é tarde demais para lhe enviar outra vez à procura dele."

Não sabia o que fazer. E estava cansado, demasiado cansado para tomar decisões.

— Sabe, Fuchur?, disse baixinho, mas o Dragão ouviu-o bem. Talvez você tenha razão, mas talvez não. Vamos voar um pouco mais. Se nesse meio-tempo não encontrarmos qualquer fronteira, voltamos para trás.

— O que você quer dizer com um pouco mais?, perguntou o Dragão.

— Algumas horas... murmurou Atreiú. Bom, digamos mais *uma* hora.

— Está bem, respondeu Fuchur, só por mais uma hora. Mas essa hora lhes foi fatal.

Nenhum deles tinha reparado que, ao norte, o céu estava carregado de nuvens. A oeste, o sol ainda brilhava, mas no horizonte flutuavam farrapos de nuvens semelhantes a algas vermelhas, que não auguravam nada de bom. A leste levantava-se uma tempestade como um pesado manto de chumbo cinzento, em frente do qual flutuavam nuvens que lembravam pingos de tinta azul esmaecida. E dos lados do sul vinha uma nuvem cor-de-enxofre, na qual se viam o faiscar de relâmpagos.

— Parece que vamos ter mau tempo, opinou Fuchur. Atreiú olhou para todos os lados.

— Sim, disse ele, parece que sim. Mas, apesar disso, temos de prosseguir.

— Seria mais razoável, replicou Fuchur, procurar um abrigo. Se é o que eu estou pensando, a coisa não é para brincadeiras.

— E em que você está pensando?, perguntou Atreiú.

— Que os quatro Gigantes do Vento querem recomeçar sua luta, explicou Fuchur. Estão quase sempre em guerra para ver qual deles é o mais forte e deve mandar nos outros. Para eles é como se fosse um jogo, pois não lhes acontece nada. Mas ai daquele que é apanhado no meio desse conflito. Geralmente, não fica inteiro para contar a história.

— Você não pode voar mais alto?, perguntou Atreiú.

— Para além do alcance deles, você quer dizer? Não, tão alto não posso subir. E por baixo de nós, tanto quanto posso ver, só há água, algum mar gigantesco. Não vejo nenhum lugar onde possamos nos esconder.

— Então não há outro remédio, decidiu Atreiú, senão esperá-los. É bom mesmo, pois eu queria perguntar-lhes uma coisa.

— O que você quer fazer?, gritou o Dragão, dando no ar um salto de terror.

— Se eles são os quatro Gigantes do Vento, explicou Atreiú, então conhecem todos os pontos cardeais de Fantasia. Ninguém melhor do que eles poderá nos dizer onde ficam suas fronteiras.

— Santo Deus!, gritou o Dragão, você acha que pode conversar amigavelmente com eles?

— Como se chamam?, quis saber Atreiú.

— O do norte chama-se Lirr, o do leste, Báureo, o do sul, Schirk e o do oeste, Mayestril, respondeu Fuchur. Mas quem você pensa que é, Atreiú? Um rapazinho ou um pedaço de ferro que não sabe o que é medo?

— Passei pela Porta das Esfinges, respondeu Atreiú, e perdi todo o medo. Além disso, trago comigo a insígnia da imperatriz Criança. Se todas as criaturas de Fantasia a respeitam, por que não haveriam os Gigantes do Vento de a respeitar também?

— Claro que sim!, bradou Fuchur. Mas são estúpidos, e você não vai conseguir impedir que lutem entre si. Daqui a pouco você vai ver o que isto significa.

Nesse meio-tempo, as nuvens de tempestade tinham-se aproximado de tal maneira por todos os lados que, quando Atreiú olhou à sua volta, viu uma espécie de funil de dimensões gigantescas, semelhante à cratera de um vulcão, cujas paredes giravam cada vez mais rapidamente, de sorte que o amarelo do enxofre, a cor cinza do chumbo, o vermelho do sangue e o negro profundo se misturavam. E também ele se encontrou girando em círculos sobre o seu dragão branco, como um palito de fósforo no meio de um redemoinho. Foi então que viu os Gigantes da Tempestade.

Na realidade, compunham-se apenas de rostos, porque seus membros eram tantos e mudavam tão rapidamente — ora longos,

ora curtos, ora centenas, ora nenhum, ora nítidos, ora nebulosos — e estavam entrelaçados numa tão monstruosa dança de roda, que era impossível discernir seus verdadeiros contornos. Também os rostos se modificavam constantemente, ora ficando gordos, como que assoprados, ora deformando-se na altura ou na largura, embora continuassem sempre a ser caras que se podiam diferenciar umas das outras. Escancaravam as bocas, gritavam, rugiam, uivavam, riam-se uns dos outros. Nem sequer pareciam notar o Dragão e seu cavaleiro que, comparados com eles, pareciam mosquitos.

Atreiú ergueu-se sobre o animal. Pegou com a mão direita o amuleto de ouro que trazia no peito e gritou o mais alto que pôde:

— Em nome da imperatriz Criança, calai-vos e escutai! E o incrível aconteceu!

Como se tivessem ficado mudos de repente, os ventos calaram-se. Fecharam as bocas, e os oito olhos escancarados dos quatro gigantes fitaram AURIN. O redemoinho também parou. Fez-se de repente um silêncio de morte.

— Respondam-me!, gritou Atreiú. Onde ficam as fronteiras de Fantasia? Você sabe, Lirr?

— Não são a norte, respondeu o rosto de nuvens negras.

— E você, Báureo?

— Também não são a leste, replicou a cara de nuvens cinzentas como chumbo.

— Fale, Schirk!

— A sul não há fronteira, disse a cara de nuvens amarelas como enxofre.

— Mayestril, você sabe responder?

— Não há fronteiras a oeste, replicou a cara de nuvens vermelhas como fogo.

E depois disseram todos os quatro em uníssono:

— Quem é você, que traz o sinal da imperatriz Criança, e não sabe que Fantasia não tem fronteiras?

Atreiú calou-se. Sentia-se como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Não se lembrara sequer da possibilidade de Fantasia não ter quaisquer fronteiras. Tudo fora inútil.

Mal se deu conta de que os quatro Gigantes do Vento tinham recomeçado sua luta. Não importava o que pudesse acontecer

agora. Agarrou-se bem à crina do Dragão quando este foi apanhado repentinamente no turbilhão e atirado para as alturas. Envoltos em relâmpagos, descreveram círculos a uma velocidade vertiginosa, para logo em seguida quase se afogarem em dilúvios de chuva lançados pelo vento quase na horizontal. De repente, foram sugados por um sopro abrasador que quase os consumiu, mas logo foram atirados para uma chuva de granizo que não consistia em grãos, mas sim em agulhas de gelo, compridas como lanças, que caíam para o abismo. Depois, foram novamente aspirados para as alturas, sacudidos e projetados para cá e para lá... Os Gigantes do Vento lutavam entre [S1] pela supremacia.

— Agarre-se bem!, gritou Fuchur quando uma rajada de vento o virou de costas.

Mas não deu tempo. Atreiú desequilibrou-se e caiu no vácuo. Foi caindo, caindo, até que acabou por perder os sentidos.

Quando voltou a si, estava deitado sobre uma areia macia. Ouviu o ruído das ondas e, quando levantou a cabeça, viu que fora lançado a uma praia. Era um dia cinzento e enevoado, mas sem vento. O mar estava calmo, e nada indicava que se tivesse desencadeado ali, há pouco tempo, uma batalha de gigantes. Ou teria acaso isso ocorrido em algum lugar longínquo e bem diferente? A praia era plana, não se viam elevações nem rochedos, mas apenas algumas árvores retorcidas e inclinadas, que se erguiam lá longe, na neblina, como enormes garras.

Atreiú levantou-se. Viu a alguns passos de distância seu manto vermelho de pele de búfalo. Arrastou-se até o local e colocou o manto por cima dos ombros. Para sua grande admiração, verificou que estava quase seco. Portanto, há muito tempo ele já se encontrava ali.

Mas como chegara até lá? E como não se tinha afogado?

Lembrou-se vagamente de uns braços que o tinham transportado e de estranhas vozes que cantavam: "Pobre rapaz, belo rapaz! Segurem-no! Não deixem que se afogue!"

Mas fora talvez apenas o marulhar das ondas.

Ou teriam sido sereias e tritões? Talvez tivessem visto o "Pentáculo" e por isso o tivessem salvo.

Levou involuntariamente a mão ao amuleto, mas não o encontrou! Já não trazia a corrente no pescoço. Perdera o medalhão.

— Fuchur!, gritou Atreiú, o mais alto que pôde. Levantou-se de um salto, correu para cá e para lá e gritou para todos os lados: Fuchur! Fuchur! Onde está você?

Mas não teve resposta. Só o ruído lento e regular das ondas que rebentavam na praia.

Quem sabe para onde teriam os Gigantes do Vento lançado o dragão branco! Talvez Fuchur procurasse neste momento seu pequeno senhor num lugar totalmente diferente, muito longe dali. Ou talvez já tivesse morrido.

Agora Atreiú já não era o Cavaleiro do Dragão ou o Enviado da imperatriz Criança. . . Era apenas um pequeno rapaz. E muito só.

O relógio da torre bateu seis horas.

Lá fora já estava completamente escuro. A chuva havia parado. Reinava um grande silêncio. Bastian contemplou fixamente as chamas das velas.

Mas, de repente, estremeceu, porque o assoalho tinha rangido.

Pareceu-lhe que ouvia alguém respirar. Susteve o fôlego e pôs-se a escutar. Para além do pequeno círculo de luz difundido pelas velas, o enorme sótão estava agora envolto em trevas.

Não se ouviam leves passos na escada? E o trinco da porta do sótão, não teria se movido lentamente?

O assoalho rangeu novamente.

E se houvesse fantasmas naquele sótão?

— Ora, ora! disse Bastian a meia-voz. Fantasmas não existem. *É* o que todo mundo diz.

Mas, então, por que havia tantas histórias de fantasmas?

Talvez esses que afirmavam não haver fantasmas tivessem simplesmente medo de admitir sua existência.

Atreiú estava com frio, por isso envolveu-se bem em seu manto vermelho e pôs-se a caminhar para o interior. A paisagem, tanto quanto a podia ver através do nevoeiro, era muito monótona. Uma região plana e sempre igual, mas onde, de vez em quando, havia

arbustos no meio das árvores retorcidas, arbustos cada vez mais numerosos que pareciam feitos de lata enferrujada e que eram rijos como metal. Tinha de ter cuidado para não se ferir nesse mato.

Ao fim de cerca de uma hora, Atreiú chegou a uma estrada pavimentada com fragmentos de pedra salientes e irregulares. Resolveu seguir pela estrada, que devia ir até algum lugar, mas verificou que era mais cômodo andar na terra do que sobre aquelas pedras irregulares. A estrada descrevia curvas serpenteantes, virava para a esquerda e para a direita, mas sem se saber por quê, pois não havia nenhuma colina, nem qualquer rio. Naquela região tudo parecia torto.

Atreiú andou durante algum tempo e de repente ouviu ao longe um ruído estranho e retumbante que se aproximava. Era como se estivessem batendo num tambor grande, embora se ouvisse também o som agudo de flautas e o chocalhar de matracas. Escondeu-se atrás de um arbusto, à beira da estrada e esperou.

Aquela música estranha aproximou-se e, finalmente, saíram do nevoeiro as primeiras figuras. Via-se que dançavam, mas não era uma dança alegre ou feliz, pelo contrário, saltavam para cá e para lá com os mais estranhos movimentos, rolavam no chão, engatinhavam, endireitavam-se e comportavam-se como se estivessem loucos. Mas o único ruído que se ouvia eram as pancadas surdas do tambor, o som agudo das flautas e os gemidos e a respiração ofegante de muitas gargantas.

As figuras que compunham o cortejo eram muito numerosas, e pareciam nunca mais acabar. Atreiú observou o rosto dos dançarinos. Tinham a cor de cinzas e pingavam suor, mas os olhos irradiavam um brilho desvairado e febril. Muitos deles açoitavam-se com chicotes.

"São loucos", pensou Atreiú, e sentiu um arrepio na espinha.

Além disso, ele podia ver que a maior parte daquela procissão se compunha de gnomos, duendes e fantasmas. Havia também vampiros e muitas bruxas, algumas velhas, com grandes corcundas e barbas de bode no queixo, mas outras novas, bonitas, embora de rostos malévolos. Era óbvio que Atreiú tinha ido parar em um dos países de Fantasia povoado pelas criaturas das trevas. Se ainda tivesse AURIN, teria ido ao encontro deles sem hesitar, para lhes

perguntar o que era aquilo. Mas, assim, preferiu esperar em seu esconderijo até que aquela louca procissão acabasse de passar e o último retardatário desaparecesse no nevoeiro pulando e saltando.

Só então se atreveu a voltar à estrada e a olhar novamente para o estranho cortejo. Devia segui-lo, ou não? Não conseguia se decidir. Na realidade, já não sabia o que podia ou devia fazer.

Sentiu pela primeira vez com clareza a falta que lhe fazia o amuleto da imperatriz Criança e como ficava indefeso sem ele. Não era só pela proteção que lhe proporcionara — pois tivera de recorrer às suas próprias forças para suportar todos os esforços e todas as privações, o medo e a solidão — mas sim porque, enquanto trouxera o "Signo", sempre soubera o que havia de fazer, não conhecera a incerteza. AURIN orientara sempre sua vontade e suas decisões na direção certa, como se fosse uma misteriosa bússola. Mas agora as coisas eram diferentes, agora desaparecera a força secreta que o impelira até ali.

Só para não ficar ali imóvel, resolveu seguir a comitiva dos espectros, pois ainda ouvia o som ritmado do tambor à distância.

Enquanto caminhavam silenciosamente no nevoeiro — tendo sempre o cuidado de se manter a uma distância prudente do final do cortejo — ele tentou pensar acerca de sua situação.

Por que não tinha dado ouvidos a Fuchur quando ele o aconselhara a ir ter imediatamente com a imperatriz Criança? Ele poderia ter comunicado a ela a mensagem de Uiulala e restituído o "Brilho". Sem AURIN e sem Fuchur era-lhe impossível chegar até junto dela, e a imperatriz Criança esperaria por ele até o último momento da sua vida, aguardando sua chegada, pensando que ele lhe traria a salvação, a ela e a Fantasia... Mas esperaria em vão!

Isso já era bastante mau, mas o pior era o fato de os Gigantes do Vento lhe terem dito que Fantasia não tinha fronteiras. Se era impossível sair de Fantasia, então também era impossível apelar para a ajuda do filho de um homem, que habitava um mundo para além dessas fronteiras. Precisamente porque Fantasia era infinita, seu fim era inevitável!

Enquanto seguia, tropeçando pela pavimentação irregular da estrada, por entre turbilhões de névoa, ouviu novamente em sua

memória a doce voz de Uiulala. Um raiozinho de esperança se acendeu em seu coração.

Em outros tempos, tinham chegado homens a Fantasia, para dar novos e magníficos nomes à imperatriz Criança -— assim o cantara a voz do Oráculo. Portanto, tinha de haver um caminho entre este e o outro mundo!

"P'ra eles é fácil, difícil é p'ra nós,
muito difícil de até eles chegar..."

Tinham sido estas as palavras de Uiulala. Os filhos do homem tinham se esquecido desse caminho. Mas não seria possível que um deles, um só, se recordasse novamente?

Atreiú não se importava muito com o fato de já não haver esperança para ele. O importante era que o filho de um homem ouvisse o apelo de Fantasia e viesse — como sempre acontecera, em todos os tempos. E talvez, talvez um deles já se tivesse posto em marcha, já estivesse a caminho!

— Sim! Sim!, gritou Bastian. Assustou-se com o som de sua própria voz, e acrescentou, baixinho: Eu iria ao auxílio de vocês, se soubesse como! Mas não sei o caminho, Atreiú. A verdade é que não sei o caminho.

As pancadas surdas do tambor e o som agudo das flautas tinham cessado e Atreiú, sem dar por isso, aproximara-se tanto da procissão que quase foi de encontro às últimas figuras. Como estava descalço, seus passos eram silenciosos... mas não foi por isso que aquela gente não deu por ele. Mesmo que calçasse botas com ornamentos de ferro e batesse com os pés no chão com toda a força, não o teriam notado.

Agora já não formavam um cortejo, mas estavam dispersos por um campo de lama e erva cinzenta. Alguns balançavam-se leve mente para cá e para lá, outros estavam de pé ou agachados, imóveis mas os olhos de todos, iluminados por um brilho cego e febril, estavam voltados para a mesma direção.

E então Atreiú viu o que eles fitavam com uma espécie de horrível encantamento: do outro lado do campo estava o Nada.

Era tal como Atreiú já o vira antes, no País dos Troles, lá do alto da grande árvore, na planície onde se tinham erguido as Portas Mágicas do Oráculo do Sul, ou ainda das costas de Fuchur, lá das alturas. . . mas até aí só o tinha visto de longe. Agora, porém, via-se inesperadamente muito perto dele; o Nada enchia toda a paisagem, era gigantesco e aproximava-se lentamente, bem lentamente, mas de forma inexorável.

Atreiú viu que as figuras espectrais que enchiam o campo à sua frente começavam a tremer, que seus membros se torciam em convulsões e tinham as bocas escancaradas como se quisessem gritar ou rir. Mas reinava um silêncio de morte. E logo — como se fossem folhas secas apanhadas por uma rajada de vento — correram todas ao mesmo tempo para o Nada e precipitaram-se, rolaram ou saltaram lá para dentro.

Assim que a última figura daquele grupo fantasmagórico desapareceu silenciosamente e sem deixar vestígios, Atreiú viu, aterrorizado, que também seu corpo começava a mover-se, em pequenos solavancos, em direção ao Nada. Apoderava-se dele uma vontade irresistível de se precipitar, também ele, no Nada. Atreiú reuniu toda sua força de vontade e resistiu. Obrigou-se a ficar parado. Lentamente, muito lentamente, conseguiu voltar as costas para o Nada e afastar-se dele passo a passo, como se lutasse contra uma poderosa corrente invisível. A atração tornou-se mais fraca e Atreiú correu, correu o mais depressa que pôde, sobre a pavimentação irregular do caminho. Tropeçou, caiu, levantou-se e continuou a correr, sem pensar onde o conduziria essa estrada envolta no nevoeiro.

Percorria correndo suas curvas inexplicáveis e só parou quando viu à sua frente, no meio do nevoeiro, as altas muralhas, negras como breu, de uma cidade. Lá atrás, elevavam-se para o céu cinzento algumas torres contorcidas. Os grossos batentes de madeira das portas da cidade estavam podres e pendiam obliquamente das dobradiças enferrujadas.

Atreiú entrou na cidade.

Estava cada vez mais frio no sótão. Bastian começou a tiritar.

E se ficasse doente? O que seria dele então? Podia pegar uma pneumonia, como Willi, o mais novo de sua classe. Se isso acontecesse, morreria ali, no sótão, sozinho. Não teria ninguém a seu lado.

Ficaria muito contente naquele momento se seu pai o encontrasse e o salvasse.

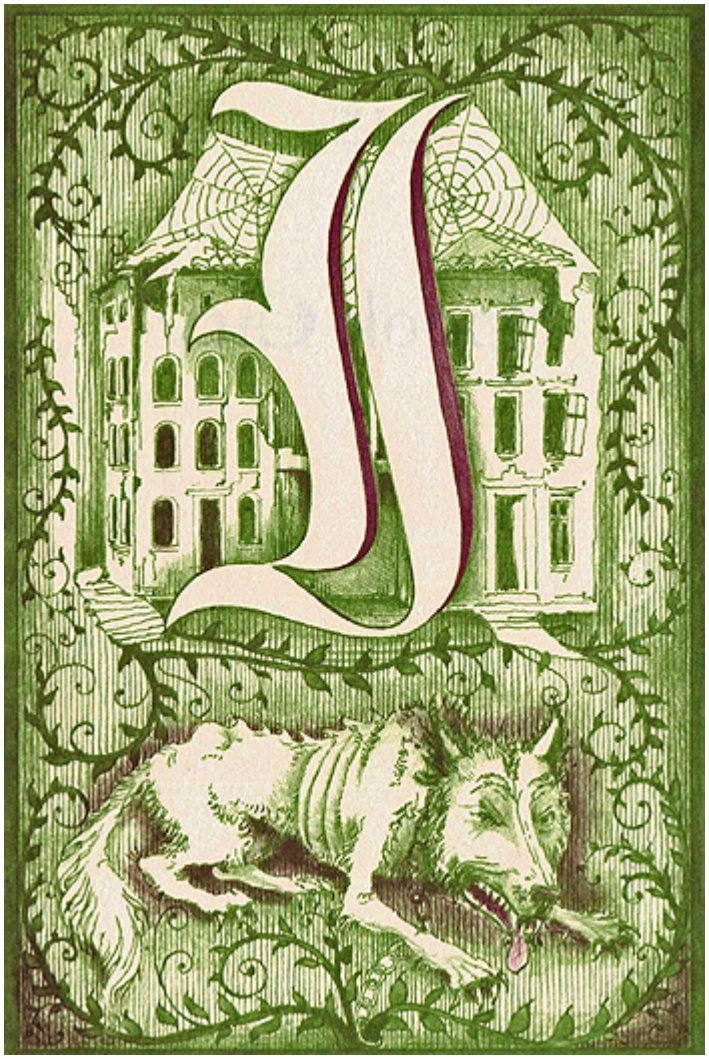
Mas... voltar para casa? Não, isso ele não podia fazer. Preferia morrer!

Foi buscar outras mantas da tropa e embrulhou-se muito bem nelas.

Pouco a pouco, foi se aquecendo.

IX

A Cidade-Fantasma



mpotente como o repicar de um sino de bronze, a voz de Fuchur ressoava em algum lugar no alto, acima das ondas coroadas de espuma:

— Atreiú! Onde está você, Atreiú?

Há muito que os Gigantes dos Ventos, terminada sua luta, se tinham separado. Iriam se defrontar novamente, naquele ou em qualquer outro lugar, para retomar sua contenda, como o faziam desde tempos imemoriais. Já haviam esquecido o que acabara de acontecer, porque nada retinham na memória e nada conheciam, a não ser sua própria e indomável força. Por isso, o dragão branco e seu pequeno cavaleiro tinham desaparecido há muito de sua lembrança.

Quando Atreiú se precipitou no abismo, Fuchur tentara, com todas as suas forças, seguir atrás dele e apanhá-lo na queda. Mas o Dragão fora apanhado no torvelinho e atirado para as alturas e para

muito, muito longe. Quando voltou, os Gigantes do Vento já lutavam sobre um ponto do mar completamente diferente. Fuchur, desesperado, tentou encontrar novamente o lugar onde Atreiú devia ter caído na água, mas, mesmo para um Dragão Branco da Sorte, é impossível distinguir no meio da espuma revolta de um mar tumultuoso o minúsculo pontinho de um corpo arrastado pelas águas. . . ou talvez de um afogado, lá no fundo do mar.

Mas nem por isso Fuchur desistiu. Subiu muito alto nos ares para ver melhor, voou depois a pouca distância das ondas, descrevendo círculos cada vez maiores. Entretanto, continuava sempre a gritar por Atreiú na esperança de avistá-lo ainda no meio da espuma.

Era um Dragão da Sorte, e nada podia abalar sua convicção de que tudo aquilo ainda ia acabar bem. Acontecesse o que acontecesse, Fuchur nunca se daria por vencido.

— Atreiú!, clamava sua voz poderosa no meio das ondas. Atreiú! Onde está você?

Atreiú vagueava pelas ruas de uma cidade deserta, em meio a um silêncio sepulcral. Era uma visão deprimente e sinistra. Não parecia haver ali um edifício sequer que não transmitisse uma sensação de abandono e medo, como se toda a cidade fosse constituída por palácios de fantasmas e casas de bruxas. Sobre as ruas e ruelas, tão sinuosas como tudo naquela região, pendiam enormes teias de aranha, e pelos bueiros e fontes sem água, emanava um cheiro pestilento.

A princípio, Atreiú caminhou junto às paredes para não ser descoberto, mas em breve deixou de se dar ao trabalho de se ocultar. Praças e ruas estavam vazias, e também não havia ninguém nos edifícios. Entrou numa casa, mas só viu móveis desarrumados, cortinas sujas, louça quebrada e cacos de vidro, denunciando o abandono da

casa, mas nem sinal dos seus habitantes. Em cima de uma mesa havia ainda uma refeição feita pela metade, alguns pratos com uns restos de sopa escura e fragmentos pegajosos de qualquer coisa que devia ter sido pão. Comeu esses restos. Tinha um gosto repugnante, mas ele tinha muita fome. Em certo sentido parecia-lhe

correto ter vindo parar naquele lugar. Tudo se adequava a alguém que tivesse perdido toda a esperança.

Bastian sentia-se muito fraco devido à fome.

Sabe Deus por que se lembrou, precisamente naquele momento e de forma bem pouco oportuna, da torta de maçã da senhora Ana. Era a melhor torta de maçã do mundo.

A senhora Ana vinha três vezes por semana, ajudava seu pai com os escritos e arrumava a casa. Geralmente, também cozinhava alguma coisa ou fazia um bolo. Era uma pessoa robusta, que falava e ria alto, despreocupadamente. O pai era muito delicado com ela, mas, de resto, parecia quase não se dar conta de sua presença. Às vezes, se bem que muito raramente, ela conseguia fazê-lo sorrir. Quando isso acontecia, era como se a casa se tornasse um pouco mais iluminada.

Embora não fosse casada, a senhora Ana tinha uma filha pequena. Chamava-se Christa, era três anos mais nova que Bastian e tinha um lindo cabelo louro. Antigamente, a senhora Ana quase sempre levava a filhinha. Christa era muito tímida. Bastian contava-lhe durante horas suas histórias, e ela ficava sentada muito quieta, escutando-o de olhos arregalados. Admirava muito Bastian, e ele gostava muito dela.

Mas, há um ano, a senhora Ana tinha internado a filha numa escola no campo. E agora quase nunca se viam.

Bastian não gostara nada dessa atitude da senhora Ana e todas as suas explicações de como isto seria muito melhor para Christa não o tinham convencido.

Apesar disso, porém, ele nunca pudera resistir às suas tortas de maçã.

Perguntou a si mesmo, preocupado, quanto tempo poderia um homem agüentar sem comer. Três dias? Dois? Já se teriam alucinações ao fim das primeiras vinte e quatro horas? Bastian contou nos dedos o tempo que ali tinha passado. Dez horas ou talvez mais. Se ao menos tivesse poupado o sanduíche do lanche ou pelo menos a maçã!

À luz vacilante das velas, os olhos de vidro da raposa, da coruja e da grande águia real pareciam quase vivos. Seus vultos

projetavam sombras enormes na parede do sótão.

O relógio da torre deu sete badaladas.

Atreiú saiu outra vez para a rua e vagueou sem destino pela cidade. Ela parecia muito grande. Atravessou bairros de casas pequenas e baixas, cujos telhados podia tocar com as mãos, e outros palácios de vários andares, cujas fachadas eram ornamentadas com estátuas. Porém, todas essas estátuas representavam esqueletos ou figuras demoníacas, que fitavam o viandante solitário com os seus rostos grotescos.

De repente, porém, parou como se tivesse ficado pregado ao chão.

Em qualquer ponto das redondezas ressoava um uivo rouco e gutural, tão triste, tão desesperado que cortou o coração de Atreiú. Esse som plangente, que parecia não ter fim e ecoava nas paredes dos edifícios mais longínquos até se transformar no uivo de uma alcatéia dispersa de gigantescos lobos, exprimia toda a solidão, todo o desespero das criaturas da noite.

Atreiú foi ao encontro do som, cuja intensidade foi diminuindo até que finalmente se extinguiu num soluço rouco. Mas teve de procurar durante algum tempo. Passou por um portão, entrou num pátio estreito e escuro, atravessou um outro portal e chegou finalmente a um segundo pátio interior, úmido e sujo. E ali, preso por uma corrente junto a um buraco da parede, estava um lobisomem, meio morto de fome. Podiam-se contar todas as suas costelas por baixo da pelagem sarnenta; as vértebras da espinha sobressaíam como os dentes de uma serra e a língua pendia-lhe para fora da goela entreaberta.

Atreiú aproximou-se dele sem fazer ruído. Quando o lobisomem o viu, levantou repentinamente a cabeça poderosa. Em seus olhos brilhou um clarão esverdeado.

Por um momento, ficaram os dois um em frente do outro a se observarem, sem dizerem palavra, sem fazerem qualquer ruído. Finalmente, o lobisomem rosnou baixo, mas num tom de meter medo:

— Vá embora! Deixe-me morrer em paz!

Atreiú não se moveu. Mas respondeu também baixinho:

— Ouvi o seu chamado, e foi por isso que vim. A cabeça do lobisomem pendeu novamente.

— Não chamei ninguém, rosnou ele. Aquilo era o meu lamento de morte.

— Quem é você?, perguntou Atreiú, e aproximou-se mais um passo.

— Sou Gmork, o lobisomem.

— Por que está preso aqui?

— Esqueceram-se de mim quando se foram embora.

— Quem?

— Aqueles que me prenderam com esta corrente.

— E para onde foram?

Gmork não respondeu. Olhou Atreiú com os olhos meio fechados. Depois de um longo silêncio, disse:

— Você não é daqui, pequeno estrangeiro, não é desta cidade nem deste país. O que procura?

Atreiú baixou a cabeça.

— Não sei como vim parar aqui. Como se chama esta cidade?

— É a capital do país mais famoso de Fantasia, disse Gmork, a cidade e o país sobre os quais se inventaram mais histórias. Estou certo de que você já ouviu falar da Cidade Fantasma, no País dos Espectros, ou não?

Atreiú assentiu lentamente.

Gmork continuava a olhar o rapaz. Estava admirado em ver que este rapaz de pele verde o olhava tão tranqüilamente com os seus grandes olhos negros, sem dar quaisquer sinais de medo.

— E você... quem é você?, perguntou.

Atreiú refletiu durante um momento, antes de responder:

— Sou Ninguém.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que outrora tive um nome. Mas esse nome nunca mais deve ser dito. Por isso sou Ninguém.

O lobisomem arreganhou um pouco os beiços e mostrou os terríveis dentes no que parecia ser um sorriso. Era especialista cm toda espécie de desesperos da alma e sentia que, de algum modo, estava diante de alguém muito parecido.

— Se assim é, disse ele em voz rouca, então Ninguém me ouviu, Ninguém veio até junto de mim e Ninguém está falando comigo em minha última hora.

Atreiú voltou a assentir com um aceno de cabeça. Depois perguntou:

— E não poderia Ninguém livrá-lo dessa corrente?

A luz verde dos olhos do lobisomem faiscou. Começou a salivar e a lamber os beiços.

— Vai mesmo fazer isso?, balbuciou. Você seria capaz de soltar um lobisomem faminto? Não sabe o que isso significa? Ninguém estaria a salvo junto de mim!

— Sim, disse Atreiú, mas eu sou Ninguém. Por que teria medo de você?

Quis aproximar-se de Gmork, mas este soltou uma vez mais o seu terrível rosnido. O rapaz recuou.

— *Não quer* que eu o solte?, perguntou.

O lobisomem pareceu de repente muito cansado.

— Não pode. Se você chegar ao meu alcance tenho de despedaçá-lo com os dentes, filhinho. Isso só adiaria minha morte por um pouco, uma ou duas horas. Portanto, não chegue perto de mim e deixe-me morrer em paz.

Atreiú refletiu.

— Talvez encontre alguma coisa para você comer, disse ele finalmente. Podia procurar na cidade.

Lentamente, Gmork abriu outra vez os olhos, e fitou o rapaz. O fogo verde do seu olhar apagara-se.

— Vá para o inferno, pequeno idiota! Quer conservar-me a vida até que o Nada chegue?

— Pensei que se lhe trouxesse comida e você pudesse se saciar, gaguejou Atreiú, eu poderia me aproximar de você para soltá-lo. . .

Gmork rangeu os dentes.

— Pensa que se a corrente que me prende fosse uma corrente comum eu já não teria conseguido rebentá-la com os dentes há muito tempo?

E, para demonstrar, pegou a corrente e os seus temíveis dentes cerraram-se sobre ela com um rangido. Sacudiu-a na boca e logo a

soltou.

— É uma corrente mágica. Só a pessoa que a colocou em mim é que pode abri-la. E essa pessoa não voltará mais.

— E quem foi que fez isso?

Gmork começou a uivar como um cão escorraçado. Só ao fim de algum tempo acalmou-se o suficiente para poder responder:

— Foi Gaya, a princesa Tenebrosa.

— E para onde ela foi?

— Precipitou-se no Nada. . . como todos os outros.

Atreiú lembrou-se dos dançarinos loucos que vira entre o nevoeiro, antes de chegar à cidade.

— Mas por quê?, murmurou. Por que não fugiram?

— Tinham perdido a esperança. Isso torna as pessoas fracas. O Nada as atrai irresistivelmente e nenhuma delas consegue resistir durante muito tempo.

Ao dizer isto, Gmork soltou uma risada profunda e maligna.

— E você?, perguntou outra vez Atreiú. Fala como se não fosse um de nós.

Gmork fitou-o com seu olhar manhoso.

— Eu não sou um de vocês.

— Então, de onde vem?

— Não sabe o que é um lobisomem? Atreiú negou, em silêncio, abanando a cabeça.

— Você só conhece Fantasia, disse Gmork, mas há outros mundos. Por exemplo, o dos filhos do homem. E há também seres que não possuem um mundo próprio. Em contrapartida, podem entrar e sair de muitos mundos. Eu sou um deles. No mundo dos homens, tenho a aparência de um homem, mas não o sou. E em Fantasia apareço como uma figura fantástica. . . mas também não sou um de vocês.

Atreiú sentou-se lentamente no chão e olhou para o lobisomem moribundo com os seus grandes olhos escuros.

— Você já esteve no mundo dos homens?

— Ando muitas vezes para cá e para lá, entre o mundo deles e o de vocês.

— Gmork, gaguejou Atreiú, sem conseguir evitar que lhe tremessem os lábios. Você poderia me ensinar o caminho para o

mundo dos homens?

Nos olhos de Gmork brilhou uma chispa verde. Era como se estivesse rindo por dentro.

— Para você e para os que são iguais a você, o caminho de ida é muito fácil. Mas só há um problema: depois não podem voltar. Têm de ficar lá, para sempre. Está disposto a isso?

— O que tenho de fazer?, perguntou Atreiú decidido.

— Aquilo que todos os outros desta cidade já fizeram antes de você, filhinho. Só tem de saltar para o Nada. Mas não há pressa, pois, mais cedo ou mais tarde, vai ser obrigado a fazê-lo, quando as últimas partes de Fantasia desaparecerem.

Atreiú levantou-se.

Gmork reparou que todo o corpo do rapaz tremia. Como não conhecia a verdadeira razão desse tremor, disse para sossegá-lo:

— Não tenha medo, porque não vai doer.

— Não tenho medo, respondeu Atreiú. Mas nunca teria pensado que recuperaria a esperança aqui e precisamente por seu intermédio.

Os olhos de Gmork brilharam como duas pequenas luas verdes.

— Não há razão para ter esperança, filhinho. . . seja o que for que esteja pensando. Se você for para o mundo dos filhos do homem, deixará de ser o que é aqui. E esse o segredo que ninguém pode saber em Fantasia.

Atreiú permanecia parado em frente do lobisomem, com os braços pendentes.

— Então o que serei lá?, perguntou. Diga-me o segredo! Gmork manteve-se durante muito tempo calado e imóvel.

Atreiú já temia não obter resposta para sua pergunta, quando finalmente o peito do lobisomem se encheu num suspiro profundo e ele começou a dizer em voz rouca:

— Por quem me toma, filhinho? Pensa que sou seu amigo? Cuidado! Estou apenas passando o tempo falando com você. E, agora, já nem sequer pode sair daqui. Eu o retive, aproveitando-me da sua esperança. Mas, enquanto estou aqui falando, o Nada cerca por todos os lados a Cidade Fantasma e, daqui a pouco, não haverá

qualquer saída. A esta altura, você está perdido. Se você me escuta, é porque já se decidiu. Mas, por enquanto, ainda pode fugir.

A expressão medonha da goela de Gmork acentuou-se. Atreiú hesitou durante um décimo de segundo, e depois sussurrou:

— Diga-me o segredo! O que eu serei lá?

Gmork tornou a calar-se durante muito tempo. Sua respiração era agora ofegante e precipitada. Mas, de repente, sentou-se, apoiado nas patas dianteiras, e Atreiú teve de olhar para cima para conseguir vê-lo. Só então se deu conta de todo o seu tamanho e horror. Quando o lobisomem voltou a falar, sua voz soou asperamente:

— Você já viu o Nada, filhinho?

— Já, muitas vezes.

— Que aspecto tem?

— É como se uma pessoa estivesse cega.

— Pois bem. . . Quando entram no Nada, ele se apodera de vocês. Passam a ser como uma doença contagiosa, que cega os homens, tornando-os incapazes de distinguir entre a aparência e a realidade. Sabe o nome que eles dão a vocês?

— Não, murmurou Atreiú.

— Mentiras!, ladrou Gmork.

Atreiú abanou a cabeça. Seus lábios estavam pálidos.

— Como pode ser isso?

Gmork deliciava-se com o espanto de Atreiú. A conversa animava-o visivelmente. Ao fim de um momento, continuou:

— Você me pergunta como vai ser lá nesse mundo? Mas o que é você aqui? Que são todos vocês, seres de Fantasia? Figuras de sonho, invenções do reino da poesia, personagens de uma História Sem Fim! Você se julga real, filhinho? Pois bem, aqui, neste mundo, você é. Mas, se entrar no Nada, deixa de existir. Você se tornará irreconhecível. Passará a existir num outro mundo. Nesse mundo, vocês deixam de ser aquilo que eram. Levam ao mundo dos homens a cegueira e a ilusão. Sabe o que aconteceu a todos os habitantes da Cidade Fantasma que se lançaram no Nada, filhinho?

— Não, gaguejou Atreiú.

— Transformaram-se em desvarios da mente humana, em imagens geradas pelo medo, quando, na realidade, não há nada a

temer; em desejo de coisas que os tornam doentes, em idéias de desespero, quando não há razões para desesperar.

— Ficamos todos assim?, perguntou Atreiú, aterrorizado.

— Não, replicou Gmork, há muitas espécies de loucuras e de ilusão; se vocês forem belos ou feios, estúpidos ou inteligentes, lá vocês serão mentiras belas ou feias, estúpidas ou inteligentes.

— E eu, quis saber Atreiú, que serei eu? Gmork arreganhou os dentes num sorriso irônico.

— Não vou lhe dizer, filhinho. Logo você verá por si mesmo. Ou melhor, não verá porque já não será você.

Atreiú calou-se e olhou para o lobisomem com os olhos muito abertos.

Gmork continuou:

— É por isso que os homens temem e odeiam Fantasia e tudo o que dela vem. Querem aniquilá-la. Mas não sabem que, ao fazê-lo, aumentam a torrente de mentiras que cai ininterruptamente em seu mundo. . . essa torrente de seres desfigurados, tão diferentes do que eram em Fantasia, e que são obrigados a levar, no mundo dos homens, uma existência de cadáveres vivos, envenenando a alma dos homens com seu odor putrefato. Os homens não sabem disso. Não é divertido?

— E não há ninguém, perguntou Atreiú baixinho, que não nos tema e odeie?

— Eu, pelo menos, não conheço, respondeu Gmork, e isso não é de espantar, pois vocês próprios, quando lá estão, têm de fazer tudo para que os homens pensem que Fantasia não existe.

— Que Fantasia não existe?, repetiu Atreiú sem compreender.

— Sim, filhinho, respondeu Gmork, é isso precisamente o mais importante. Não percebe? Só não pensarão em visitar Fantasia se pensarem que ela não existe. E tudo depende disso, pois, enquanto não conhecem sua verdadeira natureza, vocês podem fazer deles o que quiserem.

— Fazer deles o quê?

— Tudo o que quiserem. Vocês têm poder sobre eles. E nada tem mais poder sobre o homem do que a mentira. Porque os homens, filhinho, vivem de idéias. E as idéias podem ser dirigidas. Esse poder é o único que conta. É por isso que eu tenho estado do

lado do poder e o servi, para poder participar dele. . . embora de forma diferente da sua e da dos seres iguais a você.

— Eu não quero participar dele!, balbuciou Atreiú.

— Calma, pequeno louco, rosnou o lobisomem. Quando chegar a sua vez de saltar para o Nada, você se transformará também num servidor do poder, desfigurado e sem vontade própria. Quem sabe para o que vai servir. É possível que, com sua ajuda, se possam convencer os homens a comprar o que não necessitam, a odiar o que não conhecem, a acreditar no que os domina ou a duvidar do que os podia salvar. Por seu intermédio, pequenos seres de Fantasia, fazem-se grandes negócios no mundo dos homens, desencadeiam-se guerras, fundam-se impérios. . .

Gmork contemplou o rapaz durante algum tempo, com os olhos semicerrados, e logo acrescentou:

— Há também uma quantidade de pobres tontos que, naturalmente, se julgam muito inteligentes e pensam servir à verdade, e não encontram nada de melhor para fazer do que dissuadir as crianças da existência de Fantasia. Talvez você possa ser útil a eles.

Atreiú permaneceu de cabeça baixa. Agora ele sabia por que já não vinham mais a Fantasia e por que nunca nenhum deles viria para dar um novo nome à imperatriz Criança. Quanto mais se alastrava a destruição em Fantasia, maior era o número de mentiras que entrava no mundo dos homens; precisamente por isso, a cada segundo que passava, diminuía a possibilidade da vinda de um ser humano. Era um círculo vicioso de onde não se podia fugir. Atreiú sabia-o agora.

Mas havia mais alguém que também o sabia: Bastian Baltasar Bux. Agora ele sabia por que não só Fantasia, mas também o mundo dos homens, estava doente. As duas coisas estavam relacionadas. De fato, ele já desconfiava disso há muito tempo, mas não sabia explicar por que era assim. Nunca quisera aceitar que a vida fosse tão cinzenta e indiferente, tão pouco misteriosa e maravilhosa como pretendiam as pessoas que diziam: a vida é assim!

Mas agora também sabia que tinha de chegar a Fantasia para que os dois mundos recuperassem novamente a saúde.

E se nenhum homem conhecia o caminho, isso se devia às mentiras e falsas idéias que entravam no mundo dos homens e os cegavam, em conseqüência da destruição de Fantasia.

Bastian pensou com horror e vergonha em suas próprias mentiras. Não incluía entre elas as histórias inventadas que costumava contar a si mesmo. Mas, algumas vezes, tinha mentido deliberada e conscientemente — às vezes por medo, outras para conseguir alguma coisa que desejava muito, mas outras vezes só para se fazer de importante. Que criaturas de Fantasia teria ele aniquilado, desfigurado e maltratado com suas mentiras? Tentou imaginar como teriam sido suas verdadeiras formas antes. . . mas não foi capaz. Talvez precisamente porque tinha mentido.

Uma coisa, porém, era óbvia: também ele tinha contribuído para que Fantasia atingisse o estado desesperado em que se encontrava. E queria fazer alguma coisa para remediar o mal. Devia isso a Atreiú, que estava pronto a tudo para vir buscá-lo. Não podia nem queria desiludir Atreiú. Tinha de encontrar o caminho!

O relógio da torre bateu oito horas.

O lobisomem observava Atreiú com toda a atenção.

— Agora você sabe como pode chegar ao mundo, dos homens, disse. Continua a querer fazer isso, filhinho?

Atreiú fez que não com a cabeça.

— Não quero me transformar numa mentira, murmurou.

— Mas é o que vai acontecer, quer você queira, quer não, respondeu Gmork, quase alegremente.

— E você?, perguntou Atreiú. Por que está aqui?

— Tinha uma missão, disse Gmork, contrariado.

— Você também?

Atreiú olhou o lobisomem com atenção, quase com simpatia.

— E conseguiu cumpri-la?

— Não, rosnou Gmork; caso contrário, certamente não estaria aqui preso. A princípio, as coisas correram bem, até que cheguei a esta cidade. A princesa Tenebrosa, que aqui reinava, recebeu-me com todas as honras. Convidou-me para o seu palácio, hospedou-

me generosamente, falando comigo e comportando-se sempre como se estivesse do meu lado. Os seres do País dos Espectros me eram naturalmente simpáticos e eu sentia como se estivesse em minha casa, por assim dizer. E a princesa Tenebrosa era, a seu modo, uma linda mulher... pelo menos, para meu gosto. Acariciava-me e coçava-me, e eu deixava, porque era muito agradável. Nunca me tinham tratado assim. Em suma, perdi a cabeça e comecei a falar demais. Ela fingia que tinha muita admiração por mim e acabei por lhe falar da minha missão. Deve ter-me narcotizado, pois geralmente tenho um sono muito leve. Quando acordei, estava preso com esta corrente. A princesa Tenebrosa estava à minha frente e dizia: "Você se esqueceu, Gmork, que também eu sou uma criatura de Fantasia. E se você luta contra Fantasia, luta também contra mim. Portanto, é meu inimigo, e eu o venci pela astúcia. Só eu posso livrá-lo outra vez desta corrente. Mas eu vou para o Nada com os meus servos e as minhas servas e nunca mais vou voltar." Em seguida, voltou-me as costas e foi embora. Mas nem todos seguiram o seu exemplo. Só quando o Nada foi-se aproximando da cidade é que um número cada vez maior de habitantes foi sendo tão fortemente atraído, que não puderam resistir. E hoje mesmo, se não me engano, os últimos cederam também a essa atração. Eu caí na armadilha, filhinho, escutei aquela mulher por tempo demais. Mas você, filhinho, caiu agora na mesma armadilha: me escutou por tempo demais. Neste momento, o Nada cerca a cidade como um anel; você está preso e já não pode escapar.

— Então. . . morreremos juntos, disse Atreiú.

— É isso mesmo, respondeu Gmork, mas de maneiras muito diferentes, pequeno louco. Porque eu morrerei antes de o Nada aqui chegar, mas você vai ser tragado por ele. É uma grande diferença. A história daquele que morre antes de ser tragado pelo Nada acaba, mas a sua continua eternamente, sob a forma de uma mentira.

— Por que você é tão mau?, perguntou Atreiú.

— Vocês tinham um mundo, mas eu não, respondeu sombriamente Gmork.

— Qual -era a sua missão?

Gmork, que até aí permanecera sentado e com o corpo ereto, deixou-se cair por terra. Suas forças se esgotavam. Sua voz rouca

ofegava.

— Aqueles a quem sirvo e que decidiram o aniquilamento de Fantasia viram que seu plano estava ameaçado. Souberam que a imperatriz Criança tinha enviado um mensageiro, um grande herói. . . . e parecia que ele ia ser capaz de chamar o filho de um homem até Fantasia. . . Era imprescindível matá-lo a tempo. . . Foi por isso que me enviaram, pois eu conhecia bem Fantasia. . . Encontrei imediatamente o seu rastro. . . segui-o dia e noite. . . fui ganhando terreno. . . passei pelo País dos Sassafrases. . . por Muamat, o templo da selva. . . pelo Bosque de Haule... pelo Pântano da Tristeza... pelas Montanhas Mortas... mas depois, no Abismo Profundo onde Ygramul tece sua teia. . . perdi o rastro. . . como se ele se tivesse evaporado. . . Continuei a procurá-lo, pois tinha de estar em algum lugar. . . mas nunca mais encontrei o rastro dele. . . Acabei por vir parar aqui. . . Não consegui levar a cabo minha missão... Mas ele também não, pois Fantasia está perto do fim! Seu nome era Atreiú.

Gmork levantou a cabeça. O rapaz tinha recuado um passo e pusera-se bem ereto.

— Sou eu, disse. Eu sou Atreiú.

Um tremor agitou o corpo esquelético do lobisomem. Esse tremor repetiu-se, cada vez mais forte. Depois, saiu da sua garganta um ruído que parecia uma tosse ofegante, e que foi se tornando cada vez mais intenso e arquejante, até se transformar num uivo que ecoou nas paredes de todas as casas. O lobisomem ria!

Era o ruído mais aterrador que Atreiú escutara em toda a sua vida, e nunca voltaria a ouvir nada semelhante.

De repente, o ruído extinguiu-se.

Gmork morrera.

Atreiú permaneceu ali, imóvel, durante longo tempo. Finalmente, aproximou-se do lobisomem morto — nem ele próprio sabia por quê — inclinou-se sobre a sua cabeça e tocou com a mão o pêlo negro e eriçado. Nesse mesmo momento, mais rápidos do que um raio, os dentes de Gmork fecharam-se, mordendo a perna de Atreiú. Mesmo depois da morte, a maldade de Gmork era imensa.

Desesperado, Atreiú tentou libertar-se. Mas seus esforços foram em vão. Os dentes gigantescos do monstro haviam-se cravado em sua carne como se fossem parafusos de aço. Atreiú deixou-se cair no chão sujo, junto ao cadáver do lobisomem.

Passo a passo, irresistível e silencioso, o Nada ia penetrando por toda a parte, através das altas muralhas negras que rodeavam a cidade.

X

O Vôo à Torre de Marfim



ustamente quando Atreiú atravessou as portas empoeiradas da Cidade Fantasma e começou a vaguear por suas ruas tortuosas, passeio que acabaria tão mal naquele escuro pátio interior, o Dragão da Sorte, Fuchur, fez uma descoberta espantosa,

Continuando a procurar incansavelmente o seu pequeno senhor e amigo, ele subira muito alto, até às nuvens do céu, e olhara para todos os lados. O mar estendia-se a perder de vista, agora calmo depois da tempestade que o revolvera até às profundezas. De repente, Fuchur viu bem ao longe uma coisa inexplicável. Era um raio de luz dourada, que brilhava e desaparecia em intervalos regulares, acendendo-se novamente e logo depois se apagando. E esse raio luminoso parecia dirigir-se para ele, Fuchur.

Aproximou-se o mais depressa possível daquele lugar, e finalmente, ao pairar sobre ele, verificou que o sinal luminoso intermitente vinha de debaixo da água, talvez mesmo do fundo do mar.

Os Dragões da Sorte — já o dissemos antes — são criaturas do Ar e do Fogo. O elemento Água lhes é estranho, até mesmo hostil. Podem apagar-se na água como uma chama — quando não sufocam primeiro, pois inspiram ar constantemente através das centenas de milhares de escamas cor-de-madrepérola que lhes revestem o corpo. Alimentam-se tanto de ar como de calor, e não precisam de outros alimentos, mas sem ar e calor só vivem por muito pouco tempo.

Fuchur não sabia o que havia de fazer. Nem sequer sabia o que era aquela estranha luz intermitente que brilhava no fundo do mar e se ela tinha alguma coisa a ver com Atreiú.

Mas não pensou durante muito tempo. Subiu no ar como um raio, depois voltou-se de cabeça para baixo, encostou as patas ao corpo, que ficou hirto e ereto como uma tábua, e atirou-se para is profundezas. Mergulhou no mar com tanta força, que espirrou água para todos os lados como uma fonte gigantesca. De início quase desmaiou com o choque, mas logo fez um esforço para abrir os olhos cor-de-rubi. Via agora o brilho muito perto de si, à distância de duas vezes o comprimento do seu corpo, lá no fundo do mar. A água escorria-lhe pelo corpo, formando bolhas de ar como num tacho antes de começar a ferver. Ao mesmo tempo, sentia-se esfriar e enfraquecer cada vez mais. Reunindo todas as forças que lhe restavam, fez um esforço para mergulhar ainda mais fundo — agora a fonte luminosa já estava ao seu alcance. Era AURIN, o "Brilho"! Felizmente o amuleto tinha ficado pendurado pela corrente num ramo de coral que sobressaía de uma fenda rochosa, pois, de outro modo, teria se perdido para sempre num abismo sem fundo.

Fuchur pegou a "Jóia", soltou-a e colocou a corrente em volta do pescoço, para não a perder... e, nesse mesmo momento, sentiu que perdia os sentidos.

Quando voltou a si, começou por não entender bem o que lhe tinha acontecido, pois, para sua grande admiração, voava novamente sobre o mar, atravessando os ares. la a grande

velocidade numa direção bem definida, muito mais depressa do que o permitiam suas poucas forças. Tentou voar mais devagar, mas constatou que o corpo já não lhe obedecia. Uma outra vontade, muito mais forte que a sua, tinha-se apoderado do seu corpo e dirigia-o agora. E essa vontade partia de AURIN, que ele trazia ao pescoço suspenso na corrente.

O dia já terminava e era quase noite quando Fuchur, ao longe, avistou finalmente uma praia. Pouco se via da terra que ficava para além da costa, pois ela estava envolta em nevoeiro. Quando se aproximou mais, verificou que grande parte da região já tinha sido engolida por aquele Nada que fazia doer os olhos e dava a quem o via a sensação de estar cego.

Nesse momento, se pudesse fazer o que queria, Fuchur teria provavelmente voltado para trás. Mas a força misteriosa da "Jóia" obrigou-o a voar em frente. E em breve percebeu por quê, quando de repente viu, em meio àquele imenso Nada, uma pequena ilha que ainda resistia, uma ilha de casinhas com telhados pontiagudos e torres inclinadas. Fuchur pressentiu quem iria encontrar ali, e agora já não era a vontade forte do amuleto que o impelia naquela direção, mas sua própria vontade. No escuro pátio interior, onde Atreiú jazia ao lado do lobisomem morto, já não se via quase nada. O raio de luz cinzenta do crepúsculo, que se insinuava a custo naquela estreita fenda entre as casas, mal permitia distinguir a mancha clara do corpo do rapaz, contrastando com a pelagem escura do monstro. Mas quanto mais escurecia, mais os dois. pareciam fundir-se num único objeto.

Atreiú desistira há muito de tentar libertar-se dos dentes do lobisomem, fortes como aço. Encontrava-se num estado de semiconsciência e sonhava com o búfalo cor-de-púrpura do Mar das Ervas, que não chegara a caçar. Às vezes chamava pelos outros rapazes, seus companheiros de caça, que eram agora verdadeiros caçadores. Mas ninguém lhe respondia. Só havia o grande búfalo imóvel, que olhava para ele. Atreiú chamou Artax, seu pequeno cavalo. Mas ele também não veio, e não se ouvia em lado nenhum o seu alegre relinchar. Chamou pela imperatriz Criança, mas em vão. Também não lhe podia dizer nada. Não era um caçador, não era um mensageiro não era nada.

Atreiú rendera-se.

Mas, então, sentiu outra coisa. O Nada! O Nada devia estar agora muito próximo. Atreiú sentiu novamente aquela atração terrível, que se assemelhava a uma sensação de vertigem. Soergueu-se e puxou pela perna, gemendo. Mas os dentes não o largaram.

O que, neste caso, até foi uma sorte. Pois, se os dentes de Gmork não o tivessem retido, Fuchur teria chegado tarde demais.

De repente, Atreiú ouviu lá no céu a voz brônzea do Dragão da Sorte, por cima da sua cabeça:

— Atreiú! Você está aí? Atreiú!

— Fuchur!, gritou Atreiú. E logo, colocando as mãos em volta da boca, em forma de funil, gritou lá para o alto:

— Estou aqui, Fuchur! Fuchur! Ajude-me! Estou aqui! E continuou a gritar sem parar.

Em breve viu o corpo branco e flamejante de Fuchur atravessar o pedaço de céu quase negro que se via do pátio, como uma chama viva, primeiro muito longe, bem lá em cima, mas da segunda vez já bem mais perto. Atreiú gritava sem parar, e o Dragão da Sorte respondia com a sua voz de sino. Finalmente, o Dragão viu Atreiú lá do alto, pequenino como um mísero escaravelho caído num buraco escuro.

Fuchur dispôs-se a aterrar, mas o pátio interior era estreito, estava escuro e o Dragão, ao baixar, bateu na empena pontiaguda de uma das casinhas. O vigamento do telhado ruiu com barulho de trovão. Fuchur sentiu uma dor cortante, pois rasgara o ventre na ponta afiada da empena. A aterrissagem foi pouco elegante, pois o Dragão caiu no pátio, batendo com força no chão úmido e sujo, ao lado de Atreiú e do corpo de Gmork.

Sacudiu-se como um cão que sai da água e disse:

— Finalmente! Era aqui que você estava metido! Parece que cheguei mesmo a tempo.

Atreiú não disse nada. Estava abraçado ao pescoço de Fuchur e enterrara o rosto na crina prateada do Dragão.

— Ande!, incitou-o Fuchur. Salte para as minhas costas! Não temos tempo a perder.

Atreiú limitou-se a abanar a cabeça. Só então Fuchur viu que ele tinha a perna presa na goela do lobisomem.

— Já vamos resolver isso, disse ele, piscando os olhos cor-de-rubi. Não se aflija!

Com as duas patas dianteiras tentou abrir a dentadura de Gmork. Mas os dentes não cederam nem um milímetro.

Fuchur ofegava e soprava com o esforço que fazia mas não conseguiu seu intento. E certamente não teria sido capaz de libertar seu pequeno amigo se a sorte não tivesse vindo em seu auxílio. Mas os Dragões da Sorte sempre têm sorte, e também dão sorte àqueles que os tratam bem.

Quando Fuchur parou de se esforçar, esgotado, inclinou-se sobre a cabeça de Gmork, para ver melhor na escuridão o que havia de fazer, e o amuleto da imperatriz Criança, que Fuchur trazia suspenso ao pescoço, pousou sobre a testa do lobisomem. Nesse mesmo instante, a mandíbula se abriu e libertou a perna de Atreiú.

— Olhe!, gritou Fuchur. Viu? Atreiú não respondeu.

— Que aconteceu?, perguntou Fuchur. Onde está você, Atreiú?

Procurou o amigo, apalpando na escuridão, mas ele tinha desaparecido. E enquanto tentava penetrar o negrume da noite com os seus olhos vermelhos ardentes, começou também ele a sentir aquilo que atraíra Atreiú, assim que este ficara livre dos dentes do lobisomem: o Nada, cada vez mais próximo. Mas AURIN protegia-o dessa atração.

Atreiú lutara contra ele em vão. Era mais forte do que sua vontade. Debateu-se, lutou, e fez toda a força que pôde, porém seus membros não lhe obedeciam, mas sim àquela atração irresistível. Só alguns passos o separavam já do aniquilamento definitivo.

Nesse momento, Fuchur caiu sobre ele como uma língua de fogo branco e, agarrando-o pela comprida trança de um negro-azulado levantou-o nas alturas e afastou-se com ele no céu negro da noite.

O relógio da torre bateu nove horas.

Nenhum dos dois, nem Fuchur, nem Atreiú, seria mais tarde capaz de dizer quanto tempo tinha durado aquele vôo na escuridão

total, nem se fora apenas uma noite. Talvez o tempo tivesse parado para eles, e eles estivessem suspensos, imóveis, na escuridão infinita. Essa noite foi para Atreiú a mais longa de toda a sua vida, mas também o foi para Fuchur, apesar de ele ser muitíssimo mais velho.

Mas até a noite mais escura e mais comprida termina. E quando a luz pálida da manhã apareceu no céu, ambos avistaram, ao longe, a Torre de Marfim.

Neste ponto cumpre fazer uma interrupção para explicar algumas peculiaridades da geografia de Fantasia. Os países e os mares, as montanhas e os rios não são fixos como no mundo dos homens. Por exemplo, seria completamente impossível fazer um mapa de Fantasia. Nunca se pode prever com segurança que país faz fronteira com que país. Os próprios pontos cardeais variam de acordo com a região em que a pessoa se encontra naquele momento. O verão e o inverno, o dia e a noite, obedecem a leis diferentes em cada região. Pode-se sair de um deserto iluminado por um sol ardente para entrar imediatamente em uma região polar, coberta de neve. Não há neste mundo distâncias mensuráveis e portanto as palavras "perto" e "longe" não têm qualquer significado. Todas essas coisas dependem do estado de alma e da vontade daquele que segue um determinado caminho. Dado que Fantasia não tem fronteiras, o seu centro pode estar em qualquer parte. . . ou, melhor dizendo, está ao mesmo tempo perto e longe de todos os pontos do reino. Tudo depende de quem quer chegar a esse centro. E o centro de Fantasia é precisamente a Torre de Marfim.

Atreiú deu por si sentado nas costas do Dragão, para sua grande admiração, pois não conseguia recordar-se de como tinha chegado ali. Sabia apenas que Fuchur o tinha arrastado para as alturas, segurando-o pelo cabelo. Quando se embrulhou melhor no manto flutuante, pois estava com muito frio, reparou que este tinha perdido completamente a cor e agora era cinzento. O cabelo e a pele de Atreiú estavam também cinzentos. E viu depois, à luz cada vez mais intensa da manhã, que o mesmo se passava com Fuchur. O Dragão deslizava pelos ares como um farrapo de nevoeiro e era quase tão irreal como a neblina. Ambos se tinham aproximado demais do Nada.

— Atreiú, meu pequeno senhor, disse suavemente o Dragão, sua ferida está doendo muito?

— Não, já não a sinto, respondeu Atreiú.

— Você tem febre?

— Não, Fuchur, acho que não. Por que pergunta isso?

— Reparei que estava tremendo, replicou Fuchur. E que outra coisa no mundo pode fazer tremer Atreiú?

Atreiú calou-se um momento e só depois respondeu:

— Estamos quase chegando. Em breve terei de dizer à imperatriz Criança que já não há salvação possível. De tudo o que tive de fazer até aqui, isso é o mais difícil.

— Sim, disse Fuchur mais suavemente ainda, é verdade. Continuaram a voar em silêncio, sempre na direção da Torre de Marfim.

Passados alguns instantes, o Dragão falou novamente:

— Já a viu, Atreiú?

— Quem?

— A imperatriz Criança. . . ou antes, a Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados. É assim que você a deve chamar quando falar com ela.

— Não, nunca a vi.

— Eu sim. Foi há muito tempo. Naquela época, o seu bisavô devia ser uma criança. Também eu era um jovem saltador de nuvens, sem juízo nenhum. Numa noite de lua cheia, tentei apanhar a lua que brilhava no céu, grande e redonda. Como disse, não sabia nada de nada. Quando caí na terra, desiludido, fiquei perto da Torre de Marfim. As pétalas do Pavilhão da Magnólia tinham-se aberto completamente nessa noite, e no meio estava sentada a imperatriz Criança. Lançou-me um só olhar, um olhar muito breve, mas — não sei como explicar — dessa noite em diante passei a ser diferente.

— Como é ela?

— Parece uma menininha. Mas é muito mais velha que o mais velho de todos os seres de Fantasia. Talvez seja mais correto dizer que ela não tem idade.

— Mas ela está mortalmente doente, opinou Atreiú. Você acha que eu devo prepará-la com cuidado antes de lhe dizer que não há mais esperança?

Fuchur abanou a cabeça.

— Não vale a pena. Perceberia imediatamente que você estava tentando enganá-la. Tem de lhe dizer a verdade.

— E se isso a matar?, perguntou Atreiú.

— Não creio que isso possa acontecer, disse Fuchur.

— Sei, sei, respondeu Atreiú, você é um Dragão da Sorte. E continuaram a voar durante muito tempo em silêncio. Finalmente, falaram ainda uma terceira vez um com o outro.

Desta vez, foi Atreiú quem quebrou o silêncio:

— Queria perguntar ainda outra coisa, Fuchur.

— Pergunte!

— *Quem é* ela?

— O que você quer dizer com isso?

— AURIN tem poder sobre todos os seres de Fantasia, sejam elas criaturas da Luz ou das Trevas. Tem também poder sobre mim e sobre você. Mas a imperatriz Criança nunca exerce seu poder. É como se não existisse, mas ao mesmo tempo existe em tudo. Ela é como nós?

— Não, disse Fuchur, ela não é como nós. Não é uma criatura de Fantasia. Todos nós existimos porque ela existe. Mas ela é de uma outra espécie.

— Então. . . Atreiú hesitou antes de formular a pergunta. . . então ela é assim uma espécie de filho do homem?

— Não, disse Fuchur, ela não é o que são os filhos dos homens.

— Então, *quem é ela?,* repetiu Atreiú. Fuchur só respondeu ao fim de bastante tempo:

— Ninguém o sabe em Fantasia, ninguém pode saber. É o mistério mais profundo do nosso mundo. Certa vez, ouvi um sábio dizer que quem pudesse compreender totalmente aniquilaria assim sua própria existência. Não sei o que ele queria dizer com isso. Não posso explicar mais que isto.

— E agora, disse Atreiú, a existência dela, e também a nossa, vai acabar sem termos compreendido o seu segredo.

Desta vez Fuchur calou-se, mas em volta de sua boca de leão esboçava-se um sorriso, como se ele quisesse dizer: "Isso não vai acontecer."

Daí em diante não falaram mais.

Algum tempo depois sobrevoavam a orla exterior do Labirinto, essa planície recoberta de canteiros de flores, sebes e caminhos intrincados que rodeava a Torre de Marfim, formando um grande círculo à sua volta. Constataram com horror que o Nada também ali já tinha chegado. As partes destruídas do Labirinto eram ainda pequenas, mas muito numerosas. Os canteiros de flores coloridas e os arbustos em flor que ficavam entre esses lugares estavam cinzentos e secos. As minúsculas e delicadas árvores estendiam para o Dragão e seu cavaleiro ramos desfolhados e retorcidos, como se estivessem a lhes pedir auxílio. Os prados, outrora verdes e coloridos, estavam agora pálidos e elevava-se deles um leve cheiro de podridão, que chegava lá em cima, ao nariz dos recém-chegados. As únicas cores que restavam eram as dos cogumelos gigantes e de algumas flores de cores vivas e formas estranhas, com uma aparência muito venenosa, que mais pareciam criações da loucura e da perversidade. O último sopro de vida de Fantasia defendia-se ainda fracamente do aniquilamento final que o ameaçava e corroia por todos os lados.

Mas, no centro do Labirinto, ainda brilhava, imaculado e incólume, o branco feérico da Torre de Marfim.

Fuchur não pousou no terraço inferior, reservado aos mensageiros que vinham pelos ares. Pensou que nem ele nem Atreiú teriam forças para subir a comprida rua espiralada que conduzia ao alto da Torre. Pareceu-lhe também que a situação era de tal ordem, que podia passar por cima de todas as prescrições e regras da etiqueta. Passou sobre os miradouros, as pontes e as balaustradas de marfim, e deixou-se cair no último momento sobre a parte mais alta da rua principal, no ponto onde esta acabava em frente ao recinto do palácio propriamente dito. Deslizou ao longo do resto da rua, rodando ainda algumas vezes sobre si mesmo, e parou finalmente, com a cauda voltada para a frente.

Atreiú, que estava agarrado com as duas mãos ao pescoço de Fuchur, endireitou-se e olhou para todos os lados. Pensava que alguém estaria à sua espera, pelo menos que um grupo de guardas do palácio lhe perguntaria quem era e o que queria. . . mas não se

via ninguém em parte alguma. Os edifícios brancos e brilhantes pareciam desertos.

"Fugiram todos!", pensou ele. "Abandonaram a imperatriz Criança sozinha. Ou talvez ela já esteja..."

— Atreiú, murmurou Fuchur, você tem de lhe restituir a "Jóia".

Tirou a corrente de ouro do pescoço. A "Jóia" deslizou para o chão.

Atreiú saltou das costas de Fuchur. . . e caiu por terra. Não se lembrava de sua ferida. Mesmo deitado no chão, agarrou no "Pentáculo" e colocou-o em volta do pescoço. Depois levantou-se a custo, apoiando-se no Dragão.

— Fuchur, disse ele, como faço para chegar até ela?

Mas o Dragão da Sorte não respondeu. Estava deitado no chão, como morto.

A rua principal acabava numa alta e branca muralha circular, em frente de uma grande porta, maravilhosamente lavrada, cujos batentes estavam abertos.

Atreiú foi mancando até à porta, apoiou-se na ombreira e viu que, para além dela, havia uma escadaria larga de um branco brilhante, que parecia chegar até o céu. Começou a subir os degraus. Teve de parar muitas vezes para recuperar as forças. Deixou atrás de si na escadaria branca um rastro de pingos de sangue.

Finalmente, chegou lá em cima e viu que se estendia à sua frente uma comprida galeria. Arrastou-se ao longo dela, agarrando-se às colunas. Depois, atravessou um pátio repleto de fontes, mas já não enxergava bem o que via. Avançava com dificuldade, como se estivesse sonhando. Encontrou uma segunda porta, menor. Depois teve de subir uma segunda escada alta e estreita, chegou a um jardim onde tudo, árvores, flores e animais, era esculpido em marfim, e arrastou-se gatinhando ao longo de várias pontes arqueadas sem parapeito, que terminavam numa terceira porta, a menor de todas. Continuou a avançar, agora rastejando, e depois ergueu o olhar lentamente e viu uma montanha cônica de marfim, polida como um espelho, no cimo da qual estava o Pavilhão da Magnólia. Não havia nenhum caminho, nenhuma escada que levasse até lá.

Atreiú deixou cair a cabeça sobre os braços.

Ninguém que tenha conseguido ir alguma vez até ali ou que alguma vez o venha a conseguir poderia dizer como ele percorreu a última parte do caminho. Deve ter sido um milagre.

Atreiú encontrou-se, de repente, em frente à porta que conduzia ao interior do pavilhão. Entrou. . . e viu-se cara a cara com a Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados.

Ela estava sentada no meio da corola de pétalas, sobre uma almofada redonda e macia, apoiada em muitas outras almofadas, e olhava para ele. Parecia muito frágil e preciosa. Atreiú viu pela palidez da sua face, quase transparente, que ela estava doente. Seus olhos amendoados tinham a cor do ouro escuro. Não demonstravam preocupação ou inquietação. Ela sorria. Sua figura pequena e delgada estava envolta em uma ampla túnica de seda de um branco tão puro que, junto dela, até as pétalas da magnólia pareciam escuras. Tinha o aspecto de uma menina extraordinariamente bela, de dez anos de idade no máximo, mas seu cabelo comprido e liso, que lhe caía sobre os ombros e as costas até à almofada onde estava sentada. . . era branco como a neve.

Bastian sobressaltou-se.

Naquele momento aconteceu-lhe uma coisa que nunca lhe tinha acontecido até então.

Até agora ele conseguira imaginar com grande clareza tudo o que se contava na História Sem Fim. É certo que já tinham acontecido algumas coisas estranhas durante a leitura desse livro, mas elas deviam ter uma explicação. Em sua imaginação, ele vira perfeitamente Atreiú cavalgando o Dragão, vira o Labirinto e a Torre de Marfim. Mas até aquele momento, tudo se passara apenas em sua imaginação.

Mas quando chegou ao momento em que se falava da imperatriz Criança, por uma fração de segundo — o tempo de um relâmpago — viu o rosto dela. Não em imaginação, mas com seus próprios olhos! Não era uma alucinação, Bastian tinha certeza absoluta disso. Notara inclusive pormenores que não constavam da história, por exemplo, as sobrancelhas, que pareciam dois arcos

finos pintados a pincel sobre os olhos dourados — o feitio invulgar dos lóbulos alongados das orelhas — ou ainda a inclinação muito especial da cabeça sobre o delicado pescoço. Bastian sabia com toda a certeza que nunca vira em toda a sua vida coisa mais bela que aquele rosto. E no mesmo instante soube também o seu nome: Filha da Lua. Não havia a menor dúvida de que era esse o seu nome.

E a Filha da Lua tinha olhado para ele. . . para ele, Bastian Baltasar Bux!

Tinha-o olhado com uma expressão que ele não sabia explicar. Estaria também ela surpreendida? Encerraria seu olhar um pedido? Ou saudade? Ou... o quê?

Tentou lembrar-se dos olhos da Filha da Lua, mas já não foi capaz.

Só tinha a certeza de uma coisa: aquele olhar tinha penetrado através dos seus próprios olhos até o fundo de sua alma. Sentia ainda o rastro ardente deste olhar dentro do seu corpo e sentia também que esse olhar estava agora em seu coração, brilhando lá dentro como um tesouro secreto. E isso doía de uma maneira estranha e ao mesmo tempo maravilhosa.

Mesmo que Bastian quisesse, não teria podido evitar o que estava lhe acontecendo. Mas não queria, de maneira nenhuma! Pelo contrário, não renunciaria a esse tesouro por nada deste mundo. Só queria uma coisa: continuar a ler, para reencontrar a Filha da Lua, para tornar a vê-la.

Ele não podia adivinhar que, assim, iria lançar-se irrevogavelmente em uma aventura estranha e também perigosa. Mas, mesmo que tivesse podido adivinhar, nem por isso teria fechado o livro, pondo-o de lado para não mais tocá-lo.

Com os dedos tremendo, procurou o lugar onde tinha interrompido a leitura e continuou a ler.

O relógio da torre bateu dez horas.

XI



A Imperatriz Criança



ilômetros e kilômetros tinha Atreiú percorrido e agora estava ali, de pé, olhando a imperatriz Criança, incapaz de proferir uma palavra. Não sabia como começar seu relato nem como devia se comportar. Tinha tentado muitas vezes imaginar este momento, tinha mesmo preparado o que dizer, mas, de repente, esquecera-se de tudo.

Finalmente ela sorriu e disse com a voz doce e maviosa de um pequeno pássaro, que canta enquanto dorme:

— Você voltou de sua Grande Busca, Atreiú?

— Sim, conseguiu dizer Atreiú, e baixou a cabeça.

— Seu belo manto está cinzento, continuou ela após um instante de silêncio. Seus cabelos também estão cinzentos e sua pele parece feita de pedra. Mas tudo vai voltar a ser como era, ou melhor ainda. Você vai ver.

Atreiú sentia um nó na garganta. Limitou-se, portanto, a abanar a cabeça. Depois ouviu a doce voz que dizia:

— Você cumpriu sua missão. . .

Atreiú não sabia se aquelas palavras eram uma pergunta. Não ousava levantar os olhos para ler na expressão dela o significado da frase. Lentamente, pegou a corrente com o amuleto dourado que trazia ao pescoço e tirou-a. Estendeu o braço para entregá-la à imperatriz Criança, sempre com os olhos fitando o chão. Tentou ajoelhar-se como faziam os mensageiros dos contos e das canções que ouvira nos acampamentos de sua pátria, mas a perna ferida não lhe obedeceu e ele caiu aos pés da imperatriz Criança, deixando-se ficar assim com o rosto contra o solo.

Ela inclinou-se, pegou AURIN, e enquanto os seus dedos brancos brincavam com a corrente, disse:

— Você fez, e muito bem, o que tinha de ser feito. Estou muito contente com você.

— Não!, balbuciou Atreiú quase fora de si. Foi tudo em vão. Não há salvação.

Fez-se um longo silêncio. Atreiú enterrara o rosto no braço dobrado, e seu corpo tremia. Temia ouvir dos lábios dela um grito de desespero, um lamento, ou talvez uma amarga repreensão ou ainda um acesso de cólera. Não sabia ao certo o que o esperava. . . mas certamente não foi isto o que ouviu: a imperatriz ria. Ria baixinho e com prazer. Atreiú ficou desorientado, e durante um momento pensou que ela enlouquecera. Mas não era o riso da loucura. Depois, ouviu sua voz dizendo:

— Mas você o trouxe! Atreiú levantou a cabeça.

— Quem?

— O nosso Salvador.

Ele a olhou atentamente nos olhos, mas neles viu apenas franqueza e serenidade. Ela sorriu novamente.

— Você cumpriu sua missão. Eu lhe agradeço por tudo o que fez e por tudo o que sofreu.

Atreiú balançou a cabeça.

— Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados, gaguejou ele, usando pela primeira vez o título oficial que Fuchur lhe ensinara, eu. . . na verdade não entendo o que a senhora quer dizer.

— Isso é evidente, disse ela; mas quer você o entenda agora, quer não, foi o que fez. E isso é o principal, não é verdade?

Atreiú calou-se. Não lhe ocorreu sequer outra pergunta. Olhava de boca aberta para a imperatriz Criança.

— Já o vi, continuou ela, e também ele já me viu.

— Quando foi isso?, quis saber Atreiú.

— Agora mesmo, quando você entrou. Foi você que o trouxe consigo.

Atreiú olhou sem querer, ao seu redor.

— Onde está ele? Não vejo ninguém aqui a não ser a senhora e eu.

— Ora, isso é porque há muitas coisas que você não pode ver, respondeu ela, mas pode acreditar no que digo. Ele ainda não está em nosso mundo. Mas nossos mundos já estão tão próximos que já podemos nos ver, pois durante um momento, tão breve como o tempo de um relâmpago, a fina parede que nos separa tornou-se transparente. Em breve, ele estará no meio de nós e me chamará pelo novo nome que só ele pode me dar. Então, ficarei curada e, comigo, toda a Fantasia.

Enquanto a imperatriz Criança proferia estas palavras, Atreiú tinha-se soerguido a muito custo. Olhou para cima, pois ela ficava mais alta que ele sentada em seu trono almofadado, e disse com voz velada:

— Isso quer dizer que a senhora há muito tempo já sabia da mensagem que eu lhe traria. Aquilo que a Velha Morla me disse no Pântano da Tristeza, o que a voz misteriosa de Uiulala no Oráculo me revelou — já sabia de tudo isso?

— Sim, disse ela, e já o sabia antes mesmo de enviá-lo para a Grande Busca.

Atreiú engoliu em seco.

— Mas então, perguntou ele finalmente, por que me enviou? Que esperava que eu fizesse?

— Aquilo que você fez, respondeu ela.

— O que eu fiz. . . repetiu Atreiú devagar, e formou-se uma funda ruga de cólera entre suas sobrancelhas. Mas, se é como a senhora diz, então foi tudo desnecessário. Não era preciso me mandar para a Grande Busca. Já ouvi dizer que suas decisões são

muitas vezes incompreensíveis para nós. Pode ser. Mas, depois de tudo por que passei, é difícil suportar com paciência a idéia de a senhora ter brincado comigo.

Os olhos da imperatriz Criança tornaram-se muito sérios.

— Eu não estava brincando com você, Atreiú, disse ela, e sei bem o que lhe devo. Tudo aquilo pelo que você passou foi necessário. Eu o enviei para a Grande Busca, não para ouvir a mensagem que você me traz agora, mas porque era a única maneira de chamar nosso Salvador. Pois ele participou de tudo o que você fez, e o acompanhou em sua longa viagem. Você ouviu o grito de terror dele no Abismo Profundo, quando falava com Ygramul, e viu sua figura quando estava em frente à Porta do Espelho Mágico. Entrou em sua imagem e a levou consigo, e por isso ele o tem acompanhado, pois viu-se a si mesmo com seus próprios olhos. E também agora escuta cada palavra que dizemos. E sabe que estamos falando dele, que o aguardamos e depositamos nele nossas esperanças. Talvez perceba agora que todos os grandes trabalhos que você realizou, Atreiú, foram feitos por ele, que toda a Fantasia o chama!

Atreiú continuava com um ar sombrio; pouco a pouco, porém, a ruga de cólera que se formara em sua testa desapareceu.

— Como pode saber isso tudo?, perguntou ele ao fim de um momento. Como pode saber do grito no Abismo Profundo e da imagem no Espelho Mágico?. . . Ou a senhora também previu isso tudo?

A imperatriz Criança levantou AURIN e, enquanto punha a corrente em volta do pescoço, respondeu:

— O "Brilho" não esteve sempre com você? Você não sabia que através dele eu estava sempre ao seu lado?

— Nem sempre, replicou Atreiú. Perdi-o.

— Sim, disse ela, nessa hora você ficou mesmo sozinho. Conte-me o que aconteceu durante esse tempo!

Atreiú contou o que lhe sucedera.

— Agora sei por que *você* ficou cinzento, disse *a* imperatriz Criança. Esteve demasiado próximo do Nada.

— Então também é verdade, quis saber Atreiú, aquilo que Gmork, o lobisomem, disse das criaturas aniquiladas de Fantasia?

Que se transformavam em mentiras no mundo dos filhos dos homens?

— Sim, é verdade, replicou a imperatriz Criança, e seus olhos dourados se escureceram. Todas as mentiras foram outrora criaturas de Fantasia. São da mesma natureza. . . mas deformaram-se e perderam sua verdadeira essência. Porém, aquilo que Gmork lhe disse era apenas uma semiverdade, como era de se esperar de uma semicriatura. Há dois caminhos para se passar pelas fronteiras entre Fantasia e o mundo dos homens, um certo e outro errado. Quando os seres de Fantasia se vêem arrastados para o mundo dos homens desta maneira horrível, seguem o caminho errado. Mas quando os filhos dos homens vêm até nosso mundo, tomam o caminho certo. Todos os que nos vêm visitar aprendem coisas que só aqui podem aprender e regressam modificados ao seu mundo. Seus olhos se abrem, pois eles se vêem em seu verdadeiro aspecto. Por isso, também podem olhar com novos olhos seu próprio mundo e os outros homens. Descobrem de repente maravilhas e segredos onde outrora só viam a monotonia do cotidiano. Era por isso que eles gostavam de vir até nós. E quanto mais rico e florescente se tornava o nosso mundo graças às visitas deles, menos mentiras havia em seu mundo, e mais perfeito também era esse mundo para eles. Tal como nossos dois mundos podem se destruir mutuamente, também podem se salvar.

Atreiú refletiu durante um momento e depois perguntou:

— Então, como começou tudo isto?

— A desgraça que atingiu os dois mundos, respondeu a imperatriz Criança, tem duas origens. Agora, tudo se converteu em seu contrário: aquilo que pode dar a visão, cega; aquilo que pode criar algo novo, converte-se em aniquilamento. A salvação só pode vir dos filhos dos homens. É preciso que um deles venha até nós, um único, e me dê um novo nome. E ele há de vir.

Atreiú ficou calado.

— Percebe agora, Atreiú, perguntou a imperatriz Criança, por que tive de exigir tanto de você? Só uma longa história cheia de aventuras, maravilhas e perigos podia trazer nosso Salvador até junto de mim. E essa história foi a sua.

Atreiú estava mergulhado em seus pensamentos. Finalmente, acenou com a cabeça.

— Percebo agora, Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados. Agradeço-lhe por ter me escolhido. Perdoe minha cólera.

— Você não podia saber de tudo isto, respondeu ela docemente, e não obstante tudo tinha de ser assim.

Atreiú assentiu novamente. Após um momento de silêncio, disse:

— Estou muito cansado.

— Você já fez muito, Atreiú, replicou ela, gostaria de descansar agora?

— Ainda não. Primeiro, gostaria de ver o final feliz de minha história. Se é como a senhora diz e se cumpri minha missão. . . por que o seu Salvador ainda não está aqui? O que ele está esperando?

— Sim, disse suavemente a imperatriz Criança, o que ele está esperando?

Bastian sentiu as mãos úmidas de excitação.

— Não posso, disse, não sei o que fazer. E o nome que me ocorreu talvez não seja o indicado.

— Posso perguntar-lhe mais uma coisa?, disse Atreiú, recomeçando a conversa.

Ela acenou afirmativamente, sorrindo.

— Por que a senhora só pode ser curada se receber um novo nome?

— Porque só o nome certo confere a todos os seres e a todas as coisas sua realidade, disse ela. O nome errado torna tudo irreal. É isso que a mentira faz.

— Talvez o seu Salvador não saiba ainda que nome lhe dar.

— Sabe, respondeu ela, já sabe. Calaram-se ambos novamente.

— Sim, disse Bastian, já sei. Soube assim que a vi. Mas não sei o que tenho de fazer.

Atreiú ergueu novamente os olhos para ela.

— Talvez ele queira vir e não saiba como fazê-lo.

— Não tem nada a fazer, respondeu a imperatriz Criança. Basta que diga alto o meu nome, que só ele conhece. É tudo o que tem a fazer.

O coração de Bastian começou a bater muito depressa. Deveria experimentar? E se não desse resultado? E se estivesse enganado? Se aqueles dois não estivessem falando dele, mas sim de outro Salvador completamente diferente? Como poderia saber se estavam mesmo falando dele?

— Pergunto a mim mesmo, retomou Atreiú, se será possível que de não saiba que estamos falando dele e de mais ninguém?

— Não, disse a imperatriz Criança, não pode ser tão tolo, depois de todos os sinais que recebeu.

— Vou experimentar!, disse Bastian. Mas não conseguiu proferir as palavras.

Que aconteceria se a coisa desse mesmo resultado? Chegaria de alguma maneira a Fantasia. Mas como? Talvez tivesse de sofrer também uma metamorfose. Que seria dele então? Talvez doesse ou o fizesse desmaiar! E depois, iria mesmo a Fantasia? Bastian queria ir até junto de Atreiú e da imperatriz Criança, mas não de todos os monstros que por lá vagavam.

— Talvez não tenha coragem!, opinou Atreiú.

— Coragem? perguntou a imperatriz Criança. Será preciso coragem para pronunciar meu nome?

— Então, disse Atreiú, só vejo um motivo que o possa reter.

— Qual?

Atreiú hesitou antes de responder:

— Simplesmente porque não quer. Pouco se importa com a senhora e com Fantasia. Todos nós somos indiferentes para ele.

A imperatriz Criança olhou Atreiú com os olhos muito abertos.

— Não! Não!, gritou Bastian. Não podem pensar isso! Não é verdade! Por favor, por favor, não pensem isso de mim! Estão me

ouvindo? Não é verdade, Atreiú!

— Ele me prometeu que vinha, disse a imperatriz Criança, eu o li em seus olhos.

— .Sim, é verdade, bradou Bastian, eu vou, em. breve, mas primeiro tenho de pensar melhor. As coisas não são assim tão simples.

Atreiú baixou a cabeça; durante muito tempo, ambos esperaram calados. Mas o Salvador não aparecia, e não havia o menor indício de que ele estivesse sequer tentando lhes chamar a atenção.

Bastian imaginou o que seria se, de repente, se encontrasse diante deles com sua gordura, suas pernas tortas e sua cara de bolacha.

Podia imaginar a desilusão estampada no rosto da imperatriz Criança, quando esta lhe dissesse:

— O que *você* veio fazer aqui? E Atreiú talvez até risse dele.

Esta idéia fez Bastian corar de vergonha.

Naturalmente esperavam um príncipe, um herói ou qualquer coisa do gênero. Não podia aparecer a eles. Era impossível. Estava disposto a tudo. . . mas não a isto!

Quando a imperatriz Criança finalmente levantou os olhos, a expressão de seu rosto se modificara. Atreiú quase se assustou perante a grandeza e a força do seu olhar. E sabia também onde já vira antes aquela expressão: nas esfinges!

— Só me resta um recurso, disse ela, mas não me agrada ter de recorrer a ele. Gostaria de não me ver obrigada a isto.

— Que recurso?, perguntou Atreiú num murmúrio.

— Quer o saiba, quer não, ele já pertence à História Sem Fim. Agora, não pode nem deve voltar atrás. Fez-me uma promessa e tem que cumpri-la. Mas não posso fazer tudo sozinha.

— Quem há, em toda a Fantasia, que possa fazer o que a senhora não pode?, exclamou Atreiú.

— Só uma pessoa, se quiser, respondeu ela. O Velho da Montanha Errante.

Atreiú olhou a imperatriz Criança com o maior assombro.

— O Velho da Montanha Errante?, repetiu ele, enfatizando cada palavra. Quer dizer que ele existe?

— Você duvidava?

— Os velhos de nossos acampamentos falam dele às crianças muito pequenas, quando elas são desobedientes ou más. Dizem que ele escreve em seu livro tudo o que as pessoas fazem ou deixam de fazer, tudo o que as pessoas pensam e sentem, e que essas histórias bonitas ou feias ficam lá escritas para sempre. Quando eu era pequeno acreditava nisso; mais tarde, porém, pensei que era só uma história para assustar as crianças.

— Quem sabe, disse ela sorrindo, se as histórias não são verdadeiras?

— Então a senhora o conhece, já o viu?, indagou Atreiú. Ela abanou a cabeça.

— Se o encontrar, será a primeira vez que nos veremos.

— Os nossos velhos contam também, continuou Atreiú, que nunca é possível saber onde está a montanha do Velho; ele

aparece sempre inesperadamente, ora num lado, ora noutro, e que só o acaso ou o destino permitem encontrá-lo.

— Sim, respondeu a imperatriz Criança, não se pode procurar o Velho da Montanha .Errante, Só se pode encontrá-lo.

— A senhora também?, perguntou Atreiú.

— Eu também, disse ela.

— E se não o encontrar?

— Se ele existir, encontro-o com certeza, replicou ela com um sorriso enigmático, e se o encontrar é porque ele existe.

Atreiú não entendeu aquela resposta. Hesitante, perguntou:

— Ele é. . . como a senhora?

— É como eu, replicou ela, porque é, em todos os aspectos, o contrário do que eu sou.

Atreiú percebeu que assim não tiraria nada dela. Além disso, outra idéia o inquietava.

— A senhora está muito doente, Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados, disse ele quase com severidade, e sozinha não pode ir muito longe. Pelo que vejo, todos os seus servos e cortesãos a abandonaram. Fuchur e eu poderíamos acompanhá-la com prazer

a qualquer lado, mas, para dizer a verdade, não sei se Fuchur terá forças para tanto. E a minha perna. . . Bom, a senhora já viu que não consigo me pôr de pé.

— Obrigada, Atreiú, replicou ela, obrigada pela sua oferta corajosa e sincera. Mas não tenho intenção de os levar comigo. Só se pode encontrar o Velho da Montanha Errante quando se está sozinho. E Fuchur também já não está onde você o deixou. Encontra-se agora num lugar onde recuperará todas as suas forças e se curará de todas as feridas. E você também, Atreiú, em breve estará nesse lugar.

Seus dedos brincavam com AURIN.

— Que lugar é esse?

— Não precisa saber agora. Chegará lá em sonhos. E dia virá em que você poderá saber onde esteve.

Mas como poderei dormir, quando sei que a senhora pode morrer a qualquer momento?, exclamou Atreiú, que com a preocupação esquecera até de se comportar educadamente.

A imperatriz Criança riu outra vez, baixinho.

— Não estou assim tão desamparada como você pensa. Já lhe disse que há muitas coisas que você não pode ver. Tenho à minha volta meus sete poderes, que me pertencem como a você pertence sua memória, sua coragem ou seus pensamentos. Você não os pode ver nem ouvir, mas estão todos junto de mim neste momento. Vou deixar três deles junto com você e Fuchur, para tomarem conta de vocês. Levo comigo os outros quatro, e eles me acompanharão. Pode dormir em paz, Atreiú.

E com estas palavras da imperatriz Criança todo o cansaço que Atreiú sofrerá durante a Grande Busca caiu sobre ele como um véu negro. Mas não era o cansaço pesado do esgotamento, e sim uma vontade de dormir, calma e pacífica. Queria ainda perguntar muitas outras coisas à Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados, mas as palavras dela pareciam ter reprimido todos os desejos no seu coração, deixando apenas um único, mais forte que todos os outros: dormir. Seus olhos se fecharam e sentado, sem se recostar, deslizou para dentro da escuridão.

O relógio da torre bateu onze horas.

Atreiú ouviu bem ao longe a voz doce e suave da imperatriz Criança dar uma ordem, e logo sentiu que era levantado e transportado por uns braços poderosos.

Durante muito tempo, dormiu no escuro, bem abrigado. Muito, muito depois, sentiu, meio acordado, que um líquido muito agradável umedecia seus lábios ressequidos e enrugados, escorrendo-lhe pela garganta. Viu, como num sonho, que se encontrava numa grande caverna cujas paredes pareciam ser de ouro. Viu também o Dragão da Sorte deitado a seu lado. Viu ainda, ou melhor, pressentiu, que no meio da caverna havia uma nascente, e que à volta dessa nascente estavam deitadas duas serpentes mordendo a cauda uma da outra, uma clara e outra escura. . %

Mas logo uma mão invisível passou sobre os seus olhos numa carícia indescritivelmente benéfica, e Atreiú caiu novamente num sono profundo e sem pesadelos.

Nesse meio-tempo, a imperatriz Criança saíra da Torre de Marfim. Estava deitada sobre almofadas macias de seda, numa liteira de cristal, transportada pelos seus quatro servos invisíveis, de modo que a liteira parecia pairar sozinha no ar.

Atravessaram o jardim-labirinto, ou melhor, o que restava dele, e tiveram de fazer vários desvios, pois muitos dos caminhos já desembocavam no Nada.

Quando finalmente alcançaram a orla exterior da planície, deixando para trás o Labirinto, os servos invisíveis que a transportavam pararam. Pareciam esperar uma ordem.

A imperatriz Criança soergueu-se em suas almofadas e olhou pela última vez para trás, para a Torre de Marfim.

Depois, deixou-se cair novamente sobre as almofadas, e disse:
— Em frente! Sempre em frente. . . para qualquer lado! Uma rajada de vento agitou-lhe o cabelo branco de neve que, longo e pesado como uma bandeira, tremulava atrás da liteira de cristal.

XII

O Velho da Montanha Errante



ongas avalanches se precipitavam pelas encostas escarpadas da montanha com um ruído de trovão; tempestades de neve tumultuavam entre os amontoados de rochedos dos cimos das cordilheiras cobertas de gelo, engolfavam-se ululantes nas cavernas e nos abismos e logo voltavam a varrer as superfícies lisas das geleiras. Estas condições atmosféricas eram muito comuns nestas montanhas, a que se dava o nome de Montanhas do Destino, as maiores e mais altas de toda a Fantasia, e os seus cumes poderosos literalmente tocavam o céu.

Nesta região dos gelos eternos não se aventuravam nem os mais ousados alpinistas. Ou melhor: já fazia tanto tempo que ninguém as conseguia escalar, que ninguém se lembrava mais de quando isto acontecera pela última vez. Pois essa era uma das

muitas leis incompreensíveis de Fantasia: as Montanhas do Destino só podiam ser conquistadas por um alpinista quando aquele que o fizera pela última vez tivesse sido completamente esquecido e quando já não existisse nenhuma inscrição em pedra ou metal que desse testemunho do seu feito. Por isso, quem conseguisse levar a cabo tal proeza seria sempre o primeiro.

Lá em cima não podia existir nenhum ser vivo, além de alguns gigantescos Gênios do Gelo, se é que eles podem ser incluídos entre os seres vivos, pois movem-se tão lentamente que precisam de um ano para dar alguns passos e de centenas de anos para completar um pequeno passeio. É claro que seres como estes só podem manter contato com seus semelhantes e não fazem a menor idéia da existência do resto de Fantasia. Pensam que são os únicos seres vivos do universo.

Fitavam, portanto, com seus olhos estúpidos e sem compreender o que viam, um pontinho minúsculo que, por caminhos tortuosos, por saliências rochosas quase intransponíveis, de paredes verticais cobertas de gelo brilhante, por cristas rochosas afiadas como facas, abismos e ravinas profundas, aproximava-se cada vez mais do cume.

Era a liteira de cristal em que repousava a imperatriz Criança, puxada por seus quatro poderes invisíveis. Quase não se distingui a do que a rodeava, pois o cristal da liteira parecia um pedaço de gelo transparente e a túnica e o cabelo branco da imperatriz Criança confundiam-se com a neve que a rodeava por todos os lados.

Já viajava há muito tempo, e os quatro poderes invisíveis puxavam a liteira há muitos dias e noites, sob sol e chuva, na escuridão e à luz do luar, avançando sempre, como ela havia ordenado: sempre em frente, sem destino. Ela não fazia diferença entre o que podia e o que não podia suportar, tal como outrora, em seu Reino, tinham o mesmo valor a Escuridão e a Luz, o Belo e o Horrendo. Estava disposta a tudo, pois o Velho da Montanha Errante podia estar em toda a parte ou em lugar nenhum.

Mas a escolha do caminho que seus quatro poderes invisíveis seguiam agora não fora feita completamente ao acaso. O Nada, que já tragara países inteiros, muitas vezes só deixava uma única saída, um caminho por onde era necessário enveredar.

Às vezes era uma ponte, um buraco ou um portão, pelo qual tinham escapado no último momento; às vezes eram também as ondas de um lago ou de um braço de mar, sobre as quais os poderes transportavam a liteira com a moribunda, pois para estes portadores não havia diferença entre o elemento líquido e a terra firme.

Foi assim que finalmente chegaram à cordilheira gelada das Montanhas do Destino, que continuaram a subir incansavelmente e sem parar. E enquanto a imperatriz Criança não lhes ordenasse o contrário, continuariam sempre subindo. Mas ela estava deitada em suas almofadas, de olhos fechados e sem se mexer. Estava assim já há muito tempo. A última coisa que lhes dissera fora aquele "para qualquer lado!", proferido ao se despedir da Torre de Marfim.

A liteira deslocava-se agora ao longo de uma garganta profunda, uma fenda entre duas paredes rochosas, afastadas uma da outra por uma distância pouco maior que a largura da liteira. O chão estava coberto de neve macia, talvez com vários metros de profundidade, mas os portadores da liteira não se enterravam nela nem deixavam atrás de si quaisquer pegadas. Estava muito escuro no fundo daquela garganta rochosa, pois a luz do dia mal penetrava ali. O caminho conduzia sempre para cima e, quanto mais a liteira ia subindo, mais se aproximava da luz do dia. Então, quase que inesperadamente, as paredes rochosas afastaram-se de repente, revelando uma vasta superfície plana, branca e brilhante. Era o ponto mais alto das Montanhas, pois o cume das Montanhas do Destino não era rematado por uma agulha, como o da maior parte das outras montanhas, e sim por este planalto tão extenso como um país.

Agora, porém, uma montanha menor, de aspecto estranho, elevava-se surpreendentemente no meio desta imensa planície. Era bastante alta e estreita, semelhante à Torre de Marfim, mas de um azul brilhante. Constituíam-na vários picos de forma bizarra, que se elevavam para o céu como gigantescas estalactites de gelo voltadas ao contrário. Mais ou menos na metade da altura desta montanha, havia um ovo do tamanho de uma casa, apoiado sobre três picos de gelo.

Formando um semicírculo em volta do ovo, e por detrás dele, havia outros picos de gelo maiores, também azuis, que se elevavam para as alturas como os tubos de um grande órgão, formando o cume da montanha. O ovo grande tinha uma abertura circular, que parecia uma porta ou uma janela. E, nessa abertura, apareceu um rosto que olhou a liteira.

Como se tivesse pressentido aquele olhar, a imperatriz Criança abriu os olhos e a ele correspondeu.

— Alto!, disse ela suavemente. Os poderes invisíveis detiveram-se.

A imperatriz Criança soergueu-se na liteira.

— É ele, continuou. Tenho de fazer sozinha a última parte do caminho. Esperem por mim aqui, aconteça o que acontecer.

O rosto desaparecera na abertura redonda do ovo.

A imperatriz Criança desceu da liteira e pôs-se a andar sobre a vasta superfície plana, coberta de neve. Era um caminho difícil, pois ela estava descalça e a neve era dura. Cada um dos seus passos quebrava a crosta rija da neve, e os pedaços de gelo, afiados como vidro, cortavam-lhe os pés. O vento gelado agitava-lhe o vestido branco e o cabelo de neve.

Finalmente, chegou à montanha azul e parou diante dos picos de gelo, lisos e escorregadios como vidro.

Da abertura escura e circular do grande ovo saiu uma escada comprida, tão comprida que não se percebia como tinha cabido dentro do ovo. Finalmente, a escada chegou ao sopé da montanha azul e, quando a imperatriz Criança a segurou, viu que era feita exclusivamente de letras penduradas umas nas outras, e que cada degrau era uma linha. A imperatriz Criança iniciou a subida e, à medida que subia os degraus, ia lendo as palavras que os constituíam:

Volta, volta, sem demora!
em nenhum lugar ou hora,
tu me deves encontrar.
Pois a ti, precisamente,
devo o caminho vedar.
Volta atrás; ouve o conselho!
Se te encontras com o velho,

o indesejável ocorre, isto sim:
o princípio encontra o fim.
Não subas mais, e não insistas
ou poderás encontrar
confusão nunca vista!

Parou para recuperar as forças, e olhou para cima. Havia ainda muito para subir. Não chegara sequer à metade do que precisava subir.

— Velho da Montanha Errante, disse ela em voz alta, se não quer que nos encontremos, não me devia ter lançado esta escada. É a sua proibição de avançar que está me levando até junto de você.

E continuou a subir.
O que és e o que fazes,
eu o registro em frases.
Em letras mortas, perenes formas,
todo o vivo se transforma.
Se quiseres me alcançar
uma desgraça vais causar.
O que em ti começa acaba aqui.
A velhice, imperatriz, não é p'ra ti!
Eu, o velho, sem infância,
adormeço o que despertas, criança!
À vida não cabe a sorte
de a si mesma ver em morte!

Teve de parar novamente, para recuperar o fôlego.

Agora já estava bem no alto e a escada oscilava na tempestade de neve como o galho de uma árvore. A imperatriz Criança, agarrando-se bem aos degraus de letras de gelo, subiu a última parte da escada.

Se não te servem de nada
os avisos desta escada,
se estás disposta a chegar

onde nunca hás de estar,
não te dou outro conselho:
bem-vinda à casa do velho!

Depois de ter deixado para trás o último degrau, a imperatriz Criança suspirou baixinho e olhou para baixo. O seu amplo vestido branco estava todo rasgado, pois tinha ficado preso a todos os traços horizontais, volutas e bicos das letras da escada. De resto, sabia que as letras não eram suas amigas. E a recíproca era verdadeira.

Viu à sua frente o ovo e a abertura circular onde acabava a escada. Entrou por ela, que se fechou imediatamente atrás de si. Sem se alterar, ficou à espera, na escuridão, para ver o que acontecia.

Por muito tempo, porém, não aconteceu nada.

— Estou aqui, disse ela finalmente, em voz baixa, no meio da escuridão. Sua voz ressoou como se ela estivesse numa grande sala vazia. . . ou teria sido outra voz, muito mais grave, que lhe respondera com as mesmas palavras?

Pouco a pouco, começou a ver na escuridão uma luzinha fraca, de cor avermelhada. Ela vinha de um livro aberto, que pairava no ar, no meio do espaço oval. Estava inclinado, para ela poder ver a capa. Era encadernado em seda cor-de-cobre, e na capa deste livro viam-se duas serpentes que mordiam a cauda uma da outra formando uma figura oval, semelhante às da "Jóia" que a imperatriz Criança trazia ao pescoço. Dentro dessa figura oval estava o título:

A História sem Fim

Bastian ficou confuso. Aquele era precisamente o livro que ele lia! Observou-o uma vez mais. Não havia dúvida, era do livro que tinha nas mãos que estavam falando. Mas como podia o livro aparecer dentro de si próprio?

A imperatriz Criança aproximara-se e via agora, por trás do livro suspenso, o rosto de um homem, iluminado por uma luz fraca azulada, proveniente das folhas abertas do livro. Este brilho era irradiado pelas letras, de um tom verde-azulado.

O rosto do homem parecia a casca de uma árvore muito velha, devido aos sulcos formados pelas inúmeras rugas. Tinha uma barba branca comprida e os olhos eram tão encovados, que não era possível vê-los. Trazia uma túnica de monge dê cor azul, com um capuz que lhe encobria a cabeça, e tinha na mão uma pena com a qual escrevia no livro. Não levantou os olhos do seu trabalho.

A imperatriz Criança ficou calada durante muito tempo, olhando para ele. O Velho não estava realmente escrevendo; sua pena deslizava lentamente por cima da página vazia e as letras e as palavras formavam-se por si, emergiam, uniformes, do nada.

A imperatriz Criança leu o que estava escrito e era exatamente o que estava acontecendo naquele instante, ou seja: "A imperatriz Criança leu o que estava escrito. . ."

— Você escreve tudo o que acontece?, perguntou ela.

— Tudo o que escrevo acontece, foi a resposta. E era de novo aquela voz grave e profunda que ela tinha tomado pelo eco da sua própria voz.

O mais estranho era que o Velho da Montanha Errante não abrira a boca. Escrevera as palavras dela e as suas, e ela as ouvira como se estivesse se lembrando do que ele acabara de dizer.

— Você e eu, perguntou, e toda a Fantasia. . . está tudo aí anotado nesse livro?

Ele continuou a escrever e, ao mesmo tempo, ela ouviu a resposta:

— Não. Este livro *é* toda a Fantasia, e você e eu.

— E onde está esse livro?

— No livro, foi a resposta que ele escreveu.

— Então é tudo aparência e reflexo? Ele escreveu, e ela ouviu-o dizer:

— O que reflete o espelho que se reflete num espelho? Sabe responder, Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados?

A imperatriz Criança calou-se durante um bom tempo e o Velho, neste momento, escreveu que ela estava calada. Depois ela disse baixinho:

— Preciso de sua ajuda.

— Eu sei, respondeu e escreveu ele.

— Sim, disse ela, assim terá de ser, sem dúvida. Você é a memória de Fantasia e sabe de tudo o que aconteceu até este momento. Mas, não pode virar as páginas do seu livro e ver o que vai acontecer?

— Páginas em branco!, foi a resposta. Só posso ler para trás o que já aconteceu. Posso ler enquanto escrevo. Sei o que está acontecendo porque o estou lendo. E escrevi-o porque aconteceu. É assim que a História Sem Fim se escreve a si própria pelas minhas mãos.

— Não sabe, então, por que vim procurá-lo?

— Não, e ela ouvia a voz profunda do Velho dizendo as palavras enquanto as escrevia, e preferia que não o tivesse feito. Através de mim, tudo se torna imutável e definitivo. . . e você também, Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados. Este ovo é o seu túmulo e o seu caixão. Você entrou na memória de Fantasia. Como quer sair agora deste lugar?

— Todo ovo, respondeu ela, é o princípio de uma nova vida.

— É certo, escreveu e disse J Velho, mas só quando a casca estala.

— Você pode abri-la, exclamou a imperatriz Criança. Se me deixou entrar. . .

O Velho fez que não com a cabeça e escreveu-o no livro.

— Foi o seu poder que o conseguiu. Mas agora que está aqui dentro, perdeu esse poder. Estamos aqui fechados para sempre. Na verdade, não devia ter vindo! Este é o fim da sua História Sem Fim.

A imperatriz Criança sorriu e não pareceu nem um pouco preocupada.

— Você e eu, disse, não temos poder para a fazer. Mas há uma pessoa que o tem.

— Só o filho de um homem pode criar um novo princípio, escreveu o Velho.

— Sim, replicou ela, o filho de um homem.

O Velho da Montanha Errante levantou lentamente os olhos do livro e, pela primeira vez, encarou a imperatriz Criança. Era como se aquele olhar chegasse do fim do universo, tão longe e escuro era o lugar de onde ele vinha. Ela correspondeu com os seus olhos dourados, sustentando-lhe o olhar. Foi como uma luta silenciosa e

imóvel. Finalmente, o Velho inclinou-se outra vez sobre o seu livro e escreveu:

— Respeite as fronteiras a que você também tem de se sujeitar!

— É o que eu vou fazer, respondeu ela, mas aquele de quem falo e que espero já as ultrapassou há muito. Ele lê esse livro em que escreve e ouve todas as palavras que dizemos. Está, portanto, junto de nós.

— É certo, ouviu dizer a voz do Velho, enquanto escrevia, também ele já pertence irrevogavelmente à História Sem Fim, porque é a sua própria história.

— Conte-a!, ordenou a imperatriz Criança. Você que é a memória de Fantasia, conte-a... desde o princípio e palavra por palavra, tal como você a escreveu!

A mão com que o Velho escrevia começou a tremer.

— Se fizer isso, tenho de escrever tudo outra vez, desde o princípio. E tudo o que eu escrever acontecerá outra vez.

— Assim deve ser!, respondeu a imperatriz Criança.

Bastian começou a se sentir inquieto.

O que ela estaria pretendendo fazer? Aquilo tinha a ver com ele. Mas se até a mão do Velho da Montanha Errante começara a tremer. . .

O velho escreveu e disse:

Se a História Sem Fim em si mesma se encerrar, o mundo inteiro, isto sim, vai neste livro acabar!

E a imperatriz Criança respondeu:

Porém, se o herói vier, e a todos nós se entregar, nova vida irá nascer. Só depende de ele chegar!

— Na verdade é terrível, disse e escreveu o Velho. Isso significa o final sem final. Vamos entrar no círculo do Eterno Retorno. E dele ninguém pode fugir.

— Nós não podemos, respondeu ela, e a sua voz já não era suave, mas dura e cristalina como um diamante. Mas ele também não. . . A menos que nos salve a todos.

— Quer mesmo colocar tudo nas mãos de um filho do homem?

— Quero.

E acrescentou mais baixo:

— Ou será que tem uma idéia melhor?

Reinou um longo silêncio, até que a voz profunda do Velho disse:

— Não.

Ele estava profundamente inclinado sobre o livro em que escrevia. O rosto oculto pelo capuz ficava invisível.

— Então, faça o que lhe pedi!

O Velho da Montanha Errante obedeceu à vontade da imperatriz Criança e começou a contar, desde o princípio, a História Sem Fim.

Nesse momento, a luz que irradiava das páginas do livro mudou de cor. Tornou-se avermelhada como as letras que se formavam agora sob a pena do Velho. Também a túnica de frade e o capuz ficaram cor-de-cobre. Enquanto escrevia, sua voz profunda ressoava.

Também Bastian a escutava muito claramente.

Mas ele não conseguiu compreender as primeiras palavras que o Velho pronunciou. Eram qualquer coisa como: "Atsibarrafla rednaerok darnok lrak oiráteirporp."

"É estranho", pensou Bastian: "Por que o Velho de repente se pôs a falar numa língua estrangeira? Ou será uma fórmula mágica?

Mas a voz do Velho continuava a soar e Bastian teve de ouvi-lo.

"Esta inscrição encontrava-se na porta envidraçada de uma pequena loja, mas, naturalmente, só tinha este aspecto quando, do interior sombrio da loja, se olhava para a rua através da vidraça. Lá fora, era uma manhã cinzenta e fria de novembro, e chovia a cântaros. As gotas escorriam pela vidraça e por cima das letras floreadas. Tudo o que se via através da vidraça era uma parede manchada pela chuva, do outro lado da rua."

"Não conheço esta história", pensou Bastian um tanto quanto desiludido, "não está no livro que estive lendo. Isso só prova que me enganei. Pensei mesmo que o Velho ia começar a contar outra vez a História Sem Fim, desde o princípio."

"De repente, a porta se abriu com tanta força que os sininhos de latão que pendiam sobre ela começaram a tilintar e só pararam depois de alguns instantes.

O causador deste tumulto era um garoto baixo e gordo, de uns dez ou onze anos. O cabelo castanho-escuro, molhado, caía-lhe sobre o rosto; tinha o casaco encharcado de chuva e trazia a tiracolo uma pasta escolar presa por uma correia. Estava um pouco pálido e ofegante, mas, apesar de há pouco parecer ter muita pressa, continuava parado diante da porta aberta, como se estivesse pregado no chão."

Enquanto Bastian lia estas linhas, ouvindo ao mesmo tempo a voz grave do Velho da Montanha Errante, começou a sentir um zumbido nos ouvidos e as linhas do livro começaram a tremer diante de seus olhos.

Aquilo que o Velho contava era sua própria história! E fazia parte da História Sem Fim. Ele, Bastian, era uma das personagens do livro, quando pensara ser apenas um leitor! E quem sabe se não haveria qualquer outro leitor que o estivesse lendo naquele momento e que também pensasse que não passava de um leitor... e assim por diante até ao infinito!

Bastian começou a sentir medo. Teve a sensação de que lhe faltava o ar. Parecia-lhe estar encerrado numa prisão invisível. Queria parar, não queria ler mais.

Mas a voz profunda do Velho da Montanha Errante continuava a contar,

e Bastian não podia fazer nada para detê-lo. Tapou os ouvidos, mas não adiantou nada, pois a voz ressoava dentro dele. Apesar de saber há muito tempo que não era assim, ainda se agarrava à idéia de que esta coincidência com sua própria história era talvez apenas um acaso disparatado.

Mas a voz profunda continuava a falar, implacável,

e então, ele ouviu-a dizer claramente:

"... não deve ter muita, senão pelo menos tinha-se apresentado.
— Meu nome é Bastian, disse o rapaz. Bastian Baltasar Bux,"

Naquele momento, Bastian fez uma importante descoberta: podemos estar convencidos durante muito tempo — anos talvez — de que queremos alguma coisa, se soubermos que nosso desejo é irrealizável. Porém, se de súbito nos vemos diante da possibilidade de este desejo ideal se transformar em realidade, passamos a desejar apenas uma coisa: nunca tê-lo desejado.

Pelo menos, assim aconteceu com Bastian.

Agora, quando tudo se tornava irremediavelmente sério, ele só queria poder fugir. Naquele caso, porém, já não havia como "fugir". Por isso, fez uma coisa que, evidentemente, de nada lhe podia servir. Deitou-se de costas, como um besouro morto. Queria fazer de conta que não existia, ficar tão quieto e tão pequeno quanto possível.

O Velho da Montanha Errante continuou a recontar e, ao mesmo tempo, a reescrever como Bastian tinha roubado o livro, como se tinha escondido no sótão da escola e começado a lê-lo. E de novo recomeçou a história da busca de Atreiú, contando como ele chegou junto da Velha Morla e encontrou depois Fuchur na teia de Ygramul, no Abismo Profundo, onde ouviu o grito de terror de Bastian. Contou como Atreiú foi curado pela velha Urgi e aconselhado por Enguivuck. Como passou pelas três Portas Mágicas, entrou na imagem de Bastian e falou com Uiulala. Depois veio a história dos Gigantes do Vento, da Cidade Fantasma, de Gmork, da salvação de Atreiú e do seu regresso à Torre de Marfim. E nesse meio-tempo, tudo o que acontecera a Bastian voltou também a acontecer; ele acendeu novamente as velas, viu a imperatriz Criança e deixou-a esperar em vão pela sua vinda. Em seguida, ela se pôs novamente em busca do Velho da Montanha Errante, subiu uma vez mais a escada de letras, entrou no ovo e outra vez se desenrolou, palavra por palavra, a mesma conversa entre ambos, terminada quando o Velho da Montanha Errante começou a reescrever e a recontar de novo a História Sem Fim.

E então tudo recomeçou outra vez desde o princípio — inalterado e inalterável — e tudo acabou novamente no encontro da imperatriz Criança com o Velho da Montanha Errante, que, uma vez mais, recomeçou a escrever e a contar a História Sem Fim. . .

... e assim continuaria por toda a eternidade, pois era totalmente impossível que algo se modificasse no desenrolar dos acontecimentos. Só ele, Bastian, podia intervir. E tinha de o fazer, se não quisesse ficar encerrado para sempre naquele círculo sem fim. Parecia-lhe que a história já se repetira mil vezes, ou melhor, como se não houvesse nem antes nem depois; como se tudo fosse igual para sempre. Bastian entendia agora por que a mão do Velho tremera. O círculo do Eterno Retorno era o final sem final!

Bastian chorava, mas não percebia as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. De repente, quase sem se dar conta, gritou:

— Filha da Lua! Aqui vou eu!

Nesse mesmo instante, aconteceram várias coisas ao mesmo tempo.

A casca do grande ovo foi subitamente despedaçada por uma força espantosa, ao mesmo tempo que se ouviu o ruído semelhante ao de um trovão. Começou a soprar um vento tempestuoso

que surgiu das páginas do livro que Bastian segurava sobre os joelhos, revolvendo-as desordenadamente. Bastian sentiu o vento no cabelo e no rosto, quase lhe tirando a respiração; as chamas das velas do candelabro de sete braços bailaram e inclinaram-se, e então uma segunda rajada de vento, ainda mais forte, agitou outra vez as páginas do livro, apagando as velas.

O relógio da torre bateu meia-noite.

XIII

Perelim, a Floresta Noturna



uito baixinho, Bastian repetiu, na escuridão: "Filha da Lua! Aqui vou eu!" Emanava daquele nome uma força indescritivelmente doce e consoladora que o preenchia completamente. Por isso, disse várias vezes para si mesmo:

"Filha da Lua! Filha da Lua! Aqui vou eu, Filha da Lua! Em breve estarei aí."

Mas onde estaria ele?

Não via nada na escuridão total; mas essa escuridão já não era o negrume gelado do sótão, e sim uma escuridão quente e aveludada, na qual se sentia feliz e a salvo.

O medo e a angústia tinham-no abandonado. Lembrava-se desses sentimentos como de uma coisa que há muito tinha passado. Sentia-se tão alegre e tão leve que riu baixinho.

— Filha da Lua, onde estou?, perguntou ele.

Não sentia p peso do seu corpo. Apalpou com as mãos à sua volta e viu que pairava no ar. Já não havia colchões nem chão.

Era uma sensação desconhecida e maravilhosa, de leveza e liberdade absolutas. Nada daquilo que o tinha limitado e sobrecarregado até então podia atingi-lo agora.

Estaria ele pairando no extremo de alguma parte do universo? Mas no universo havia estrelas, e ele não via nada que se parecesse com elas. Havia só aquela escuridão aveludada, mas sentia-se tão bem como nunca tinha se sentido em toda a sua vida. Teria morrido?

— Filha da Lua, onde está você?

Ouviu então uma voz tão delicada como a de um passarinho que lhe respondia e que talvez já lhe tivesse respondido várias vezes sem que ele se tivesse dado conta. Ouviu essa voz muito próximo e, no entanto, não saberia dizer de que direção vinha:

— Estou aqui, Bastian.

— Filha da Lua, é você?

Ela riu com um estranho riso cantante.

— Quem haveria de ser, senão eu? Você acabou de me dar esse belo nome. Muito obrigada. Seja bem-vindo, meu Salvador e meu herói.

— Onde estamos, Filha da Lua?

— Eu estou com você e você comigo.

Era como uma conversa em sonhos, mas Bastian sabia que estava acordado, que não sonhava.

— Filha da Lua, é este o final?, murmurou ele.

— Não, é o princípio, respondeu ela.

— Onde está Fantasia, Filha da Lua? Onde estão todos os outros? Onde estão Atreiú e Fuchur? Desapareceram todos? E o Velho da Montanha Errante e o seu livro? Já não existem?

— Fantasia vai renascer dos seus desejos, Bastian. Com minha ajuda, eles se transformarão em realidade.

— Dos meus desejos?, repetiu Bastian, admirado.

— Você bem sabe, ouviu ele dizer com a voz doce, que me chamam de a Senhora dos Desejos. Que deseja você?

Bastian refletiu, e depois perguntou cautelosamente:

— Quantos desejos posso formular?

— Tantos quantos quiser. . . quanto mais, melhor, Bastian. Fantasia será assim mais rica e variada.

Bastian ficou surpreso e confuso. Mas exatamente porque se via perante possibilidades ilimitadas, não se lembrou de nenhum desejo.

— Não sei, disse ele finalmente.

Reinou o silêncio durante algum tempo, e depois tornou a ouvir a voz de passarinho.

— Isso *é* mau.

— Por quê?

— Por que assim não haverá Fantasia.

Bastian ficou calado, sem saber o que fazer. Sua sensação de liberdade ilimitada era perturbada pelo pensamento de que tudo dependia dele.

— Por que está tão escuro, Filha da Lua?, perguntou ele.

— O princípio é sempre escuro, Bastian.

— Gostaria de voltar a vê-la, Filha da Lua! Sabe? Como a vi no momento em que olhou para mim.

Ouviu outra vez o riso suave e cantante.

— Por que está rindo?

— Porque estou contente.

— Por quê?

— Porque você formulou seu primeiro desejo.

— Vai satisfazê-lo?

— Sim. Estenda a sua mão!

Ele obedeceu e sentiu que lhe punham alguma coisa na palma da mão. Era uma coisa minúscula, mas muito pesada. Irradiava frio e era dura e morta ao tato.

— O que é isto, Filha da Lua?

— Um grão de areia, respondeu ela. É tudo o que resta do meu reino sem fronteiras. Ofereço-o a você.

— Obrigado, disse Bastian, espantado. A verdade é que não sabia o que fazer com aquele presente. Se ao menos fosse uma coisa viva!

Enquanto pensava no que a Filha da Lua realmente queria dele, sentiu umas leves picadinhas na mão. Olhou melhor para o que havia ali.

— Olhe, Filha da Lua!, murmurou ele. Começa a brilhar! E agora, está vendo?, começa a sair do grão de areia uma chamazinha minúscula. É uma semente! Filha da Lua, isto não é um grão de areia! É uma sementinha brilhante que começa a germinar!

— Muito bem, Bastian!, ouviu-a dizer. Como vê, para você é muito fácil.

O pontinho que estava na mão de Bastian irradiava agora um brilho visível, que se intensificava a olhos vistos, iluminando na escuridão aveludada os dois rostos de criança, tão diferentes, que se debruçavam sobre aquela maravilha.

Bastian retirou lentamente a mão e o pontinho brilhante ficou pairando no ar entre os dois, como uma estrelinha.

A semente germinava muito depressa, tão depressa que era possível vê-la crescer. Lançou folhas e caules, formou botões, que desabrocharam em flores coloridas de cores variadas e brilhantes, fosforescentes. Depois formaram-se pequenos frutos, que explodiam como fogos-de-artifício em miniatura, assim que estavam maduros, produzindo uma chuva de novas sementes faiscantes, que também começavam a germinar.

As novas sementes davam origem a outras plantas, mas todas diferentes, semelhantes a fetos ou a pequenas palmeiras, a cactos, a gramíneas ou a arvorezinhas nodosas. E cada uma brilhava e resplandecia com uma cor diferente.

Em breve, a escuridão aveludada em toda a volta de Bastian e da Filha da Lua ficou povoada de belas plantas luminosas que continuavam sempre a crescer. Apareceu depois, vinda do nada, uma bola colorida e brilhante, um novo mundo luminoso que foi crescendo, crescendo, até que Bastian e a Filha da Lua ficaram sentados lá dentro, de mãos dadas, contemplando com olhos assombrados aquele espetáculo maravilhoso.

As plantas pareciam nunca se cansar de inventar novas formas e novas cores. Nasciam botões cada vez maiores, umbelas cada vez mais ricas. E todo aquele desabrochar se desenrolava em silêncio total.

Depois de algum tempo, algumas plantas já tinham atingido a altura de girassóis, e outras já eram tão grandes como árvores frutíferas. Algumas tinham feixes ou pincéis de folhas compridas

verde-esmeralda, outras tinham flores semelhantes a bolas de sabão, onde brilhavam todas as cores do arco-íris. Outras plantas pareciam pagodes formados por guarda-chuvas de seda violeta abertos e sobrepostos. Alguns troncos mais grossos retorciam-se como trancas. Eram transparentes, e pareciam de vidro cor-de-rosa iluminado por dentro. Havia ainda arbustos floridos que pareciam grandes cachos de lampiões azuis e amarelos. Em alguns lugares, havia trepadeiras de pequenas flores em forma de estrela que pendiam como cascatas prateadas, ou cortinas de ouro escuro formadas por campânulas de longos estames, semelhantes a borlas. E todas estas luminosas plantas noturnas cresciam e se desenvolviam cada vez mais densas e em maior quantidade, entrelaçando-se uma nas outras até formarem uma magnífica teia de luz suave.

— Você precisa dar um nome a ela!, murmurou a Filha da Lua. Bastian acenou afirmativamente.

— "Perelim, a Floresta Noturna", disse ele.

Olhou a imperatriz Criança nos olhos — e aconteceu-lhe outra vez o que já lhe tinha acontecido da primeira vez em que tinham trocado um olhar. Ficou ali sentado como se estivesse encantado, olhando-a sem parar, sem conseguir desviar os olhos. Da primeira vez, ela parecia muito doente, mas agora estava muito mais bonita. A túnica rasgada estava como nova e o reflexo da luz suave e multicolor brincava no branco imaculado da seda e do seu cabelo comprido. O desejo dele fora satisfeito.

— Filha da Lua, você já está bem outra vez?, gaguejou

Bastian envergonhado.

Ela sorriu.

— Não vê que sim, Bastian?

— Gostaria que ficássemos sempre assim, como estamos agora, disse ele.

— Sempre é apenas um momento, respondeu ela.

Bastian ficou calado. Não entendia a resposta dela, mas não estava com vontade de pensar. Só queria ficar ali sentado, olhando para ela.

O maciço de plantas luminosas foi crescendo em volta deles como uma densa rede, um tecido colorido e luminoso que os

envolvia como uma grande tenda redonda de mágica tapeçaria. Bastian não via o que acontecia lá fora. Não sabia que Perelim continuava a crescer e que as plantas se tornavam cada vez maiores. E continuavam a brotar em toda a parte repuxos de sementes faiscantes, que davam origem a novas plantas.

Mas ele estava mergulhado na visão da Filha da Lua. Não saberia dizer quanto tempo passou assim, se muito ou pouco, até que a Filha da Lua tapou-lhe os olhos com a mão.

— Por que me fez esperar tanto?, perguntou ela. Por que me obrigou a ir ter com o Velho da Montanha Errante? Por que você não veio quando eu lhe chamei?

Bastian engoliu em seco.

— Foi porque. . . respondeu ele, embaraçado, porque pensei. . . que tudo era possível, e tinha medo. . . quer dizer, tinha vergonha de você, Filha da Lua.

Ela retirou a mão e olhou para ele, surpreendida.

— Vergonha? Mas por quê?

— Sabe, explicou Bastian, pensei que você estivesse esperando uma pessoa à sua altura.

— E você?, perguntou ela. Não está à minha altura?

— Quer dizer, gaguejou Bastian, sentindo-se corar. Uma pessoa corajosa, forte e bonita. . . um príncipe, ou qualquer coisa assim. . . e não uma pessoa como eu.

Baixara os olhos, mas ouviu outra vez o riso cantante e suave dela.

— Está vendo!, disse ele. Agora você também ri de mim.

Fez-se silêncio durante bastante tempo e, quando Bastian finalmente conseguiu levantar outra vez os olhos, viu que ela tinha se aproximado muito dele. Tinha o rosto muito sério.

— Vou lhe mostrar uma coisa, Bastian, disse ela. Olhe bem nos meus olhos!

Bastian obedeceu, apesar de seu coração estar batendo muito depressa e de ele se sentir um pouco tonto.

Viu então, no espelho dourado dos olhos dela, uma figura a princípio pequena e como que muito longínqua, mas que ia se tornando cada vez maior e mais nítida. Era um rapaz, talvez da sua idade, mas esbelto e de uma beleza extraordinária. Tinha um porte

ereto e orgulhoso, um rosto nobre, estreito e másculo. Parecia um jovem príncipe oriental. Usava um turbante de seda azul, e uma jaqueta azul bordada em prata, que lhe chegava até os joelhos. Calçava botas altas vermelhas, de pele fina e macia e pontas reviradas. Pendia-lhe dos ombros um manto prateado que caía até os pés e tinha uma gola levantada. Mas a coisa mais bonita deste rapaz eram as mãos, finas e elegantes, mas que pareciam extraordinariamente fortes.

Bastian contemplava, encantado e seduzido, aquela imagem maravilhosa. Não se cansava de olhá-la. Queria perguntar quem era aquele belo filho de rei, quando o sacudiu como um raio a idéia de que era ele próprio.

Era sua própria imagem que via nos olhos dourados da Filha da Lua.

É difícil descrever com palavras o que ele sentiu naquele momento. Era uma espécie de encantamento, que o pôs fora de si, que o levou para muito longe, como se tivesse desmaiado; e quando finalmente tudo passou, e ele voltou a si, sentiu-se como aquele lindo jovem cuja imagem tinha visto.

Olhou-se e viu que estava tudo como o que vira nos olhos da Filha da Lua: as botas finas e macias de pele vermelha, a jaqueta azul bordada em prata, o turbante, o longo manto brilhante; sua figura — e pelo que podia sentir — seu rosto. Assombrado, olhou para suas mãos.

Voltou-se para a Filha da Lua.

Tinha desaparecido!

Estava sozinho no espaço circular, delimitado pela resplandecente espessura das plantas.

— Filha da Lua!, gritou em todas as direções, Filha da Lua!

Mas não teve resposta.

Sentou-se sem saber o que fazer. E agora? Por que ela o tinha deixado sozinho? Para onde iria, caso pudesse ir a algum lado e não estivesse preso naquela gaiola?

Enquanto estava assim sentado, tentando entender a intenção da Filha da Lua ao deixá-lo assim sozinho, sem qualquer explicação e sem uma palavra de despedida, seus dedos brincavam com um amuleto dourado que trazia ao pescoço, suspenso em uma corrente.

Olhou-o e soltou um grito de surpresa.

Era AURIN, a Jóia, o Brilho, o Signo da imperatriz Criança, que transformava seu portador no representante dela! A Filha da Lua tinha-lhe confiado seu poder sobre todos os seres e todas as coisas de Fantasia. Enquanto trouxesse aquele signo era como se ela própria estivesse junto dele.

Bastian contemplou por muito tempo as duas serpentes, a clara e a escura, que mordiam a cauda uma da outra formando uma figura oval. Depois, virou o medalhão e, para sua grande admiração, descobriu que no reverso havia uma inscrição. Consistia em quatro palavras curtas, escritas em letras floreadas:

Faça
o que
quiser

Nunca se falara de tal coisa na História Sem Fim. Não teria Atreiú reparado na inscrição?

Mas isso agora pouco importava. O importante era que aquelas palavras equivaliam a uma autorização, ou antes, a uma ordem para fazer tudo o que se tivesse vontade.

Bastian aproximou-se da parede de plantas de cores luminosas, para ver se podia atravessá-la, e por onde; verificou com prazer que podia facilmente passar, empurrando as plantas para o lado como se fossem uma cortina. Saiu para fora.

Nesse ínterim, o crescimento silencioso e luxuriante das plantas noturnas tinha continuado sem parar, e Perelim era agora uma floresta como nenhum outro ser humano, antes de Bastian, tinha visto igual.

Os grandes troncos tinham a altura e a espessura de torres de igreja. . . mas ainda continuavam a crescer, não paravam de crescer. Em muitos lugares, estas colunas gigantescas de brilho leitoso já estavam tão próximas, que era impossível passar entre elas. E a chuva de sementes faiscantes também não parava.

Enquanto Bastian passeava pela catedral de luzes desta floresta, esforçava-se para não pisar nas sementes brilhantes caídas no chão; mas logo isto se tornou impossível. Acabou por

avançar despreocupadamente entre os troncos gigantescos, por onde o caminho estava livre.

Bastian sentia-se satisfeito por ser belo. Não se importava de não haver ali ninguém para admirá-lo. Pelo contrário, estava contente por ter aquele prazer só para si. Não se importava com a admiração das pessoas que tinham zombado dele até então. Agora não. Pensava nelas quase com compaixão.

Nesta floresta em que não havia estações nem diferenças entre o dia e a noite, a vivência do tempo também era completamente diferente do que o fora até aí para Bastian. Por isso, não sabia há quanto tempo passeava pela floresta. Pouco a pouco, porém, sua alegria em ser belo transformava-se em outra coisa diferente: aceitava essa beleza como algo natural. Não que se sentisse menos feliz por ser belo, mas parecia-lhe que nunca tinha sido de outra maneira.

Havia uma razão para isso, que Bastian só soube muito mais tarde e que ainda não pressentia naquele momento. A beleza que lhe tinha sido concedida fazia-o esquecer que antigamente fora feio, gordo e de pernas tortas.

Mesmo que tivesse percebido que estava se esquecendo disto, certamente não estaria muito interessado em conservar essa recordação. Mas a verdade é que se esqueceu sem dar por nada. E quando essa recordação desapareceu completamente, era como se ele sempre tivesse sido tão belo como o era naquele momento. E exatamente por esta razão, seu desejo de ser belo desaparecera também, pois ninguém deseja ser aquilo que já é.

Quando chegou a este ponto, sentiu-se insatisfeito; foi então que despontou nele um novo desejo. Ser apenas belo não servia para nada! Queria ser forte também, mais forte que ninguém. O mais forte que existisse!

Enquanto continuava a passear por Perelim, a Floresta Noturna, começou a ter fome. Colheu aqui e ali alguns daqueles frutos luminosos de formas esquisitas e provou-os, para ver se eram comestíveis. Constatou, com grande satisfação, que não só eram comestíveis, como também muito saborosos, uns ácidos, outros doces, outros ainda um poucos amargos, mas todos muitos apetitosos. Comeu-os um atrás do outro sem parar de andar,

sentindo que seus membros adquiriam uma força nova e maravilhosa.

Entretanto, a espessura brilhante da floresta tornara-se tão densa à sua volta, que não lhe deixava ver nada em nenhuma direção. Além disso, começaram ainda a crescer de cima para baixo cipós e raízes aéreas que se confundiam com os arbustos, formando uma vegetação impenetrável. Bastian abria caminho com a palma da mão e a vegetação separava-se como se tivesse sido cortada a machado ou com uma faca-de-mato. Mas os arbustos uniam-se novamente atrás dele, como se nunca alguém tivesse passado por ali.

Continuou a avançar até que uma parede de árvores gigantescas, cujos troncos estavam encostados uns aos outros sem deixar entre eles qualquer espaço, lhe obstruiu o caminho.

Bastian estendeu ambas as mãos... e separou dois troncos! depois de ter passado, os troncos uniram-se novamente em silêncio, e a passagem desapareceu.

Bastian soltou um grito selvagem de júbilo.

Era o Senhor da Floresta Virgem!

Durante algum tempo, sentiu prazer em abrir caminho através da selva, como um elefante que ouviu a Grande Chamada. Suas forças não se esgotavam, não precisava parar para recuperar o fôlego, não sentia pontadas, nem o coração batendo mais depressa. Nem sequer transpirava com o esforço.

Finalmente, porém, cansou-se daquela brincadeira e teve vontade de contemplar Perelim, o seu reino, lá das alturas, para vê-lo em toda sua extensão.

Olhou para cima, cuspiu nas mãos, agarrou-se a um cipó e começou a subir com toda a facilidade, só com as mãos, sem usar as pernas, como já tinha visto fazerem os artistas de circo. Recordando vagamente tempos muito longínquos, viu-se por um momento na aula de Ginástica, pendurado na ponta da corda como um saco de farinha, para grande diversão de toda a classe. Sorriu. Certamente ficariam de boca aberta se pudessem vê-lo agora. Teriam orgulho em conhecê-lo. Mas ele nem sequer olharia para eles.

Sem parar uma única vez, chegou finalmente ao galho de onde pendia o cipó. Sentou-se como se montasse um cavalo. O galho era grosso como uma barrica e irradiava lá de dentro um brilho avermelhado fosforescente. Bastian pôs-se de pé com cuidado e avançou até o tronco da árvore como um equilibrista no arame. O caminho estava obstruído por uma densa vegetação, através da qual, porém, ele passava sem dificuldade.

Apesar de já se encontrar a grande altura, o tronco ainda era tão grosso que cinco homens de mãos dadas não seriam suficientes para lhe dar a volta. Do lugar onde estava, Bastian não conseguia chegar a um outro galho lateral, que brotava do tronco um pouco mais acima e em outra direção. Atirou-se com um salto na direção de uma raiz aérea e balançou para trás e para frente até chegar à altura do tronco mais alto, para o qual passou com um outro salto perigoso. Daí, içou-se para um outro ramo, mais alto ainda. Encontrava-se agora já a grande altura em meio aos galhos, a mais de cem metros do chão, mas a densa copa das árvores não o deixava ver nada lá embaixo.

Só quando atingiu o dobro da altura é que começaram a aparecer espaços livres que permitiam olhar em volta. Mas, nessa altura, a subida tornou-se mais difícil, pois havia cada vez menos galhos. Finalmente, quando já estava quase lá em cima, teve de parar, pois não havia mais nada a que se agarrar, além do tronco liso e escorregadio da árvore,- que ainda tinha a grossura de um poste telegráfico.

Bastian olhou para cima e viu que este tronco ou haste acabava mais ou menos vinte metros mais acima numa gigantesca flor luminosa de cor vermelho-escuro. Não conseguia ver como podia chegar até lá do ponto em que se encontrava. Mas tinha de subir, pois não queria ficar onde estava. Abraçou-se então ao tronco e subiu estes últimos vinte metros como um acrobata. O tronco oscilava para cá e para lá, vergando ao vento como um caule de erva.

Finalmente, chegou um pouco abaixo da flor, que se abria para cima como uma tulipa. Conseguiu colocar uma mão entre as pétalas. Segurando-se com essa mão, afastou mais as pétalas e içou-se até o alto da flor.

Ficou deitado durante um instante, pois estava um tanto quanto ofegante. Mas levantou-se quase em seguida e olhou por cima da orla da gigantesca flor vermelha, resplandecente, espreitando por todos os lados como se estivesse no cesto da gávea de um navio.

A vista era extraordinária e indescritível!

A planta, em cuja flor ele se encontrava, era uma das mais altas de toda a selva e, portanto, podia alcançar com a vista até muito longe. Por cima de sua cabeça, estendia-se ainda a escuridão aveludada, semelhante a um céu noturno sem estrelas, mas lá embaixo alastrava-se a perder de vista a imensidão dos cumes de Perelim, num jogo de cores deslumbrante.

Bastian contemplou aquele quadro durante muito tempo, enlevado. Era o seu reino! Tinha-o criado! Era o Senhor de Perelim.

E seu grito selvagem de júbilo ecoou uma vez mais na imensidão da selva luminosa.

Porém, o crescimento das plantas noturnas continuava, silencioso, suave e ininterrupto.

XIV

Goab, o Deserto o das Cores



unca Bastian dormira tanto nem tão profundamente como naquela gigantesca flor de esplendor vermelho. Quando abriu novamente os olhos, viu que por cima de sua cabeça estendia-se ainda, como uma abóbada, o céu noturno de um negro aveludado. Espreguiçou-se e sentiu, satisfeito, a maravilhosa força de seus membros.

Sem perceber, tinha sofrido uma nova modificação. O desejo de ser forte fora satisfeito.

Quando se levantou e foi espreitar à sua volta por cima da orla da flor gigante, verificou que Perelim cessara de crescer! A Floresta Noturna não se tinha modificado. Bastian não sabia que isto estava relacionado com a satisfação do seu desejo e com o fato de ele ter-se esquecido de sua antiga fraqueza e falta de jeito. Agora era forte e belo, mas, por qualquer razão, isso já não lhe bastava. Parecia-lhe mesmo que tudo tinha sido fácil demais. Ser belo e forte só valia

alguma coisa se a própria pessoa tivesse contribuído com tenacidade para se fortalecer, suportando privações. Tal como Atreiú. Mas entre estas flores luminosas, onde bastava estender a mão para colher os frutos, não havia oportunidade para se fazer isso.

Apareceram a leste, no horizonte de Perelim, os primeiros raios luminosos da aurora, cor-de-madrepérola. Quanto mais claro se tornava o dia, mais empalidecia o brilho fosforescente das plantas noturnas.

"Ótimo", disse Bastian para si mesmo, "pensei que nunca mais ia ser dia."

Sentou-se no fundo da flor e pensou no que faria a seguir. Descer novamente e continuar a passear pela floresta? É claro que o Senhor de Perelim podia abrir caminho em sua floresta para onde quisesse. Podia andar por ela durante dias, meses, talvez anos. A selva era muito vasta e ele poderia se perder nela sempre. Mas, apesar de as plantas noturnas serem muito bonitas, Bastian não estava disposto a contemplá-las eternamente. Seria agradável, por exemplo, vaguear durante algum tempo num deserto — no maior deserto de Fantasia. Sim, isso seria um feito de que um homem poderia se orgulhar!

Nesse mesmo momento, sentiu que toda a gigantesca planta em que estava empoleirado era sacudida com força. O tronco dobrou e ouviu-se um ruído crepitante e um estrondo semelhante ao de um trovão. Bastian teve de se agarrar bem para não cair da flor, que se inclinava cada vez mais e se encontrava agora na horizontal. Aquilo que podia ver de Perelim nessa posição era assustador.

Nesse ínterim, o sol nascera e iluminava um quadro de destruição. Quase nada restava das poderosas plantas noturnas. Tinham-se desfeito em pó e areia fina e colorida à luz clara do sol, muito mais depressa do que tinham nascido. Aqui e ali sobressaíam ainda os restos dos troncos de algumas árvores gigantescas, que se desmoronavam como castelos de areia seca. A última planta que restava era aquela em cuja flor Bastian se encontrava. Mas, quando tentou agarrar-se às pétalas da flor, estas se desfizeram em pó em suas mãos e voaram como uma nuvem de areia. Agora que nada lhe impedia olhar para baixo, viu também a altura vertiginosa em

que se encontrava. Se não quisesse correr o risco de se precipitar dessa altura, tinha de tentar descer o mais depressa possível.

Com toda cautela, para não movimentar desnecessariamente a planta, agarrou-se à haste de sustentação da flor, agora dobrada como uma vara de pescar. Assim que o conseguiu, o resto da flor também se desfez em pó e caiu, formando nova nuvem de areia vermelha.

Bastian continuou a avançar com todo o cuidado. Muitos não teriam agüentado a visão da terrível altura em que ele se encontrava, e teriam se precipitado no abismo com o pânico; mas Bastian não sofria de vertigens e tinha nervos de aço. Sabia que um único movimento impensado poderia quebrar a planta. Não podia cometer a menor imprudência. Foi-se arrastando lentamente até chegar ao ponto em que o tronco regressava novamente à posição vertical. Abraçou-se a ele e foi deslizando, centímetro por centímetro. Por vezes, caía sobre ele uma nuvem de pó colorido. O tronco já não tinha galhos laterais e, nos pontos onde ainda havia um resto de ramo, este se desfazia em pó assim que Bastian tentava utilizá-lo como apoio. Mais abaixo, o tronco era mais grosso, tornando-se impossível agarrar-se nele com os braços. Mas Bastian ainda estava muito longe do chão. Parou para pensar em como deveria continuar.

Mas um novo abalo sacudiu o tronco gigante e poupou-lhe esse trabalho. O que restava do tronco desfez-se em pó, formando uma montanha cônica, do cimo da qual Bastian rolou até embaixo no meio de um turbilhão de pó, dando algumas cambalhotas e caindo finalmente no chão, no sopé da montanha. Estava enterrado naquele pó colorido, mas libertou-se depressa; sacudiu a areia dos ouvidos e da roupa e cuspiu uma ou duas vezes com força. Depois olhou à sua volta.

O espetáculo que via era inédito: a areia ondulava por toda a parte, num movimento lento e contínuo. Formava turbilhões e correntes, montes e dunas de diferentes alturas e tamanhos, mas sempre de uma cor determinada. A areia azul-clara amontoava-se numa colina azul-clara, a verde formava um monte verde, a violeta, um violeta. Perelim dissolvera-se e transformara-se num deserto. Mas que deserto estranho!

Bastian subira em uma duna de areia vermelho-púrpura e à sua volta via colinas e mais colinas a perder de vista, de todas as cores possíveis e imagináveis. Pois cada uma dessas colinas era de uma tonalidade que não se repetia em nenhuma outra. A mais próxima era azul-cobalto, uma outra amarelo-açafrão, por detrás desta brilhavam muitas outras vermelho-carmim, azul-escuro, verde-maçã, azul-celeste, laranja, cor-de-pêssego, cor-de-malva, azul-turquesa, lilás, verde-musgo, vermelho-rubi, castanho, amarelo-escuro, vermelhão, cor de lápis-lazúli. E assim por diante de um lado ao outro do horizonte, até onde a vista abrangia e para além ainda. Entre as dunas corriam ribeirões de areia dourada e prateada que separavam as cores umas das outras.

— Isto é Goab, disse Bastian em voz alta, o Deserto das Cores!

O sol ia cada vez mais alto e o calor tornou-se sufocante. O ar começou a tremer por cima das dunas de areia colorida e Bastian percebeu que se encontrava em situação difícil. Não podia continuar nesse deserto, disso não tinha dúvida. Se não conseguisse sair dali, morreria em pouco tempo.

Tocou involuntariamente no sinal da imperatriz Criança que trazia ao pescoço, na esperança de que ele o conduzisse na direção certa. Depois pôs-se corajosamente a andar.

Escalava as dunas, uma por uma, depois descia novamente, subia, descia, subia, descia, e assim avançou por muitas horas sem ver outra coisa além daquelas colinas de areia. Sua fabulosa força física de nada lhe servia agora, pois um deserto de areia não pode ser vencido pela força. O ar parecia um sopro ardente vindo do inferno e era quase irrespirável. Tinha a língua colada ao céu da boca e o rosto banhado de suor.

O sol era agora um turbilhão de fogo no meio do céu. Estava há muito tempo no mesmo lugar e parecia ter-se imobilizado. O dia do deserto durava quase tanto como a noite de Perelim.

Bastian continuava sempre a avançar. Tinha os olhos ardendo e a língua parecia um pedaço de couro. Mas não desistiu. Tinha o corpo completamente ressequido e o sangue tornou-se tão espesso em suas veias, que quase parou de circular. Mas Bastian continuava sempre em frente; devagar, passo a passo, sem se apressar, mas também sem parar, como o fazem aqueles que conhecem bem o

deserto. Procurava esquecer o tormento da sede que lhe castigava o corpo. Sua vontade tinha adquirido uma dureza férrea e não podia ser vergada pelo cansaço nem pelas privações.

Lembrou-se de como antigamente costumava desanimar com facilidade. Começava a fazer centenas de coisas, mas desistia à menor dificuldade. Preocupava-se muito com a alimentação e tinha um medo ridículo de adoecer ou sentir dores. Mas tudo isso há muito já ficara para trás.

Ninguém antes dele se aventurara a empreender esta travessia de Goab, o Deserto das Cores, que ele fazia agora, e ninguém repetiria a proeza depois dele.

Provavelmente, ninguém viria sequer a saber do seu feito.

Este último" pensamento entristeceu Bastian. Mas ele não conseguia afastá-lo. Tudo indicava que Goab era tão infinitamente grande que ele nunca conseguiria chegar à orla do deserto. A idéia de que mais cedo ou mais tarde teria de morrer, apesar de toda a sua tenacidade, não lhe metia medo. Esperaria a morte com calma e dignidade, como costumavam fazê-lo os caçadores do povo de Atreiú. Dado, porém, que ninguém se aventurava naquele deserto, ninguém anunciaria a morte de Bastian. Nem em Fantasia, nem em sua casa. Seria dado simplesmente como desaparecido, como se nunca tivesse estado nem em Fantasia nem no deserto de Goab.

Enquanto continuava avançando, mergulhado nestes pensamentos, ocorreu-lhe de repente uma idéia. "Toda Fantasia", pensou ele consigo mesmo, "está contida naquele livro em que escrevia o Velho da Montanha Errante". E esse livro era a História Sem Fim que ele próprio lera enquanto estava no sótão. Talvez tudo o que se passava com ele agora também viesse no livro. Podia muito bem acontecer de outra pessoa lê-lo um dia. . . ou de o estar lendo naquele mesmo momento. Devia portanto ser possível enviar um sinal a esse alguém.

A colina de areia em que Bastian se encontrava naquele momento era azul-marinho. Logo a seguir, para além de um pequeno vale, havia uma outra duna vermelho-fogo. Bastian foi até essa duna, encheu uma mão-cheia de areia vermelha e levou-a até à colina azul. Depois formou uma linha comprida com essa areia na encosta da duna azul. Voltou à duna vermelha, trouxe mais areia

vermelha e fez a mesma coisa. Depois de algum tempo, tinha desenhado no chão azul três grandes letras vermelhas:

B B B

Contemplou sua obra com satisfação. Qualquer pessoa que lesse a História Sem Fim não poderia deixar de ver aquele sinal. Acontecesse a ele o que fosse, todos saberiam onde ele tinha ficado.

Sentou-se no alto da duna vermelho-fogo e descansou um pouco. As três letras brilhavam ao sol vivo *do* deserto.

Bastian esquecera-se nesse meio-tempo de outras características do Bastian do mundo dos homens. Já não se lembrava que antigamente era sensível, ou mesmo piegas. Orgulhava-se agora de sua tenacidade espartana. Mas anunciava-se já um novo desejo.

— É certo que não tenho medo, disse ele em voz alta, como costumava fazer. Mas falta-me a verdadeira coragem. Ser capaz de suportai privações e esforços inumanos é muito bom. Mas ter ousadia e coragem é ainda muito melhor. Gostaria de ter uma verdadeira aventura, que exigisse de mim muita coragem. Aqui, no deserto, não se vê ninguém. Mas seria fabuloso encontrar um ente perigoso — que não metesse tanto medo como Ygramul, mas que fosse muito mais perigoso ainda. Podia ser a criatura mais bela e também a mais perigosa de toda a Fantasia. E eu a enfrentaria e. . .

Nesse instante Bastian calou-se, pois, no mesmo momento, sentiu o chão do deserto vibrar sob seus pés. Era como um rugido profundo, que se sentia mais do que se ouvia.

Bastian voltou-se para trás e viu aparecer qualquer coisa ao longo, no deserto; a princípio, porém, não percebeu de que se tratava. Essa coisa deslocava-se com a velocidade de uma bola de fogo. Descreveu um círculo em torno do ponto onde se encontrava Bastian, a uma velocidade incrível, e depois avançou diretamente sobre ele. No ar fremente de calor que deformava os contornos dos objetos, fazendo-os ondular como chamas, aquela aparição parecia um demônio de fogo dançante.

Bastian teve muito medo e, sem pensar no que fazia, correu para o vale que ficava entre a duna vermelha e a duna azul, para se esconder daquele ser de fogo que se aproximava a toda velocidade. Mas assim que chegou lá embaixo, envergonhou-se desse medo e reprimiu-o.

Pegou AURIN, ergueu-o um pouco acima do peito, e sentiu que seu coração se enchia de toda a coragem que ele desejara.

Depois ouviu novamente o rugido que fazia tremer o chão do deserto, agora já bem perto de si. Olhou para cima.

No cimo da colina vermelho-fogo encontrava-se um gigantesco leão. Ele estava bem na frente do sol, e sua juba espessa formava como que uma auréola de chamas em volta de sua face. Mas tanto a juba como a pelagem do leão não eram amarelas, como costumavam ser as dos leões, e sim de um vermelho tão vivo como a areia que pisava.

O leão pareceu não ter visto o rapaz que, em comparação com ele, não passava de um minúsculo pontinho no vale entre as duas dunas, e olhava para as letras vermelhas que se destacavam na encosta azul da colina fronteira. Depois, disse com sua voz poderosa e retumbante:

— Quem fez isto?

— Eu, disse Bastian.

— E o que significa isto?

— É o meu nome, respondeu Bastian. Chamo-me Bastian Baltasar Bux.

Só então o leão baixou o olhar na direção de Bastian, que teve a sensação de estar envolto num manto de chamas que o reduziria a cinzas num piscar de olhos. Mas essa sensação logo desapareceu, e Bastian retribuiu o olhar do leão.

— Eu, disse o poderoso animal, sou Graograman, Senhor do Deserto das Cores; chamam-me também de a Morte Multicolor.

Continuavam ambos face a face e Bastian sentia a força mortífera que emanava daquele olhar.

Era como uma invisível luta de forças. Finalmente, porém, o leão baixou o olhar. Desceu a duna em movimentos lentos e majestosos. Quando entrou na areia azul-marinho a cor da juba e da pelagem mudou, tornando-se também azul. O gigantesco animal

parou um instante em frente de Bastian, que parecia um rato diante de um gato. De súbito, Graograman deitou-se e baixou a cabeça até o chão em frente do rapaz.

— Senhor, disse ele, sou o seu servo e aguardo suas ordens!

— Gostaria de sair deste deserto, explicou Bastian. Você pode me levar para fora daqui?

Graograman abanou a juba.

— Isso é impossível, senhor. —- Por quê?

— Porque eu trago o deserto comigo.

Bastian não compreendeu o que o leão queria dizer com aquilo.

— Há qualquer outra criatura, perguntou ele então, que possa me levar para fora daqui?

— Como seria isso possível, senhor? respondeu Graograman. Onde eu estou não pode haver outra criatura viva. Minha presença é suficiente para reduzir a cinzas todas as criaturas vivas, mesmo as mais fortes e temíveis, num círculo de muitas milhas ao meu redor. É por isso que me chamam de a Morte Multicor e o Rei do Deserto das Cores.

— Engana-se, disse Bastian. Nem todos os seres que vêm ao seu reino são consumidos pelo fogo. Eu, por exemplo, resisti a ele, como você pode ver.

— Porque traz o "Brilho"', senhor. AURIN o protege. Até de mim, que sou o mais mortífero de todos os seres de Fantasia.

— Quer dizer que, se eu não trouxesse a "Jóia", seria também reduzido a um montinho de cinzas?

— Sim, senhor, e isso seria inevitável mesmo que eu o lamentasse. Pois o senhor é a primeira e única pessoa que jamais falou comigo.

Bastian segurou o "Brilho".

— Obrigado, Filha da Lua!, disse baixinho.

Graograman ergueu-se novamente em toda a sua altura e olhou para Bastian de cima para baixo.

— Creio, senhor, que temos muito que falar. Talvez eu possa lhe revelar segredos que não conhece. Talvez o senhor possa me explicar também o segredo de minha existência, que é um mistério para mim.

Bastian acenou afirmativamente com a cabeça.

— Se for possível, peço que me arranje primeiro qualquer coisa para beber. Tenho muita sede.

— O seu servo escuta e obedece, respondeu Graograman.

— Quer se dignar a subir em minhas costas? Eu o levarei ao meu palácio, onde encontrará tudo de que precisa.

Bastian saltou para as costas do leão. Agarrou-se com ambas as mãos à juba do fabuloso animal, cujos caracóis tremulavam como pequenas chamas. Graograman voltou a cabeça para ele.

— Agarre-se bem, meu senhor, pois corro muito depressa. E quero pedir-lhe anula outra coisa, senhor: enquanto estiver em meu reino ou junto de mim, prometa-me que não vai se separar da "Jóia" por razão nenhuma, nem por um único instante, pois só ela pode lhe proteger!

— Prometo, disse Bastian.

O leão começou a andar, primeiro lenta e dignamente, depois cada vez mais depressa. Bastian observava, espantado, as mudanças de cor da juba e da pelagem do leão, sempre que entravam numa nova duna, pois essa pelagem confundia-se com a cor da areia em que pisavam. Finalmente, Graograman começou a deslocar-se em saltos poderosos do alto de uma duna para a outra, a uma velocidade espantosa, e suas patas quase não tocavam o solo. As mudanças de cor da pelagem eram cada vez mais rápidas, até que os olhos de Bastian começaram a ficar ofuscados e ele via todas as cores ao mesmo tempo, como se o gigantesco animal fosse uma opala irisada. Teve de fechar os olhos. O vento ardente como um sopro do inferno assobiava-lhe nos ouvidos e se engolfava no manto de Bastian, fazendo-o ondular atrás dele. Bastian sentia o movimento dos músculos do corpo do leão e o cheiro da juba emaranhada, de onde emanava um perfume selvagem e excitante. Soltou seu grito triunfante, semelhante ao de uma ave de rapina, e Graograman respondeu-lhe com um rugido que fez tremer o deserto. Naquele momento, fundiam-se ambos num só ser, por maior que fosse a diferença entre eles. Bastian sentia-se como que em estado de embriaguez, só voltando a si quando ouviu Graograman dizer:

— Chegamos, senhor. Queira descer, por favor.

Bastian saltou para o chão de areia Via à sua frente uma montanha de rochedos negros — ou seriam as ruínas de uma construção? Não saberia dizê-lo, pois as pedras que formavam portais, muros, colunas e terraços em ruínas, parcialmente cobertas de areia colorida, tinham fendas profundas cujas arestas e irregularidades pareciam ter sido limadas pelas tempestades de areia ao longo de muito tempo.

— Isto, senhor — soou a voz do leão nos ouvidos de Bastian —, é o meu palácio. . . e o meu covil. Entre e seja bem-vindo, pois é o primeiro *c* o único hóspede de Graograman.

O sol já tinha perdido parte da sua força ardente e brilhava no horizonte, grande e amarelo-pálido. A cavalgada fora obviamente muito mais demorada do que parecera a Bastian. As colunas em ruínas ou os rochedos aguçados, pois podia tanto ser uma coisa como outra, projetavam agora sombras alongadas. Em breve chegaria a noite.

Quando Bastian seguiu o leão através de um arco de pedra escura que conduzia ao interior do palácio de Graograman, os passos do leão pareceram-lhe menos fortes que até aí, como se o animal estivesse cansado e desanimado.

Passaram por um corredor escuro, subiram e desceram vários degraus, e chegaram finalmente a uma grande porta cujos batentes também pareciam feitos de pedra escura. Quando Graograman se aproximou da porta, esta se abriu sozinha, para tornar a fechar-se logo que Bastian a transpôs.

Estavam agora numa ampla sala, ou melhor, numa caverna iluminada por centenas de archotes suspensos no teto. O fogo que neles ardia era semelhante ao movimento colorido das chamas na pelagem de Graograman. O chão revestido de ladrilhos coloridos elevava-se em degraus até uma superfície circular central, mais alta, na qual havia um rochedo negro. Lentamente, Graograman voltou seu olhar — agora parecendo quase apagado — para Bastian.

— Minha hora está próxima, senhor, disse ele. E sua voz soava como um murmúrio. Não vamos ter tempo para conversar. Mas não tenha medo, e espere pelo dia. Vai acontecer agora o que sempre tem acontecido. E talvez o senhor possa me dizer por quê.

Em seguida, voltou a cabeça na direção de uma portinha que se encontrava na outra ponta da caverna.

— Entre ali, senhor, e encontrará tudo pronto. Esta câmara sempre esteve à sua espera.

Bastian dirigiu-se para a porta; antes de abri-la, olhou outra vez para trás. Graograman tinha-se deitado sobre o bloco de rocha negra e estava agora tão negro como a pedra. Então, o leão disse com uma voz que já não passava de um sussurro:

— Escute, senhor, pode ser que ouça ruídos que o assustem. Mas não se preocupe! Nada pode lhe acontecer enquanto trouxer consigo AURIN.

Bastian acenou-lhe com a cabeça, e depois entrou pela porta.

Viu à sua frente um compartimento magnificamente decorado. O chão estava coberto de tapetes macios e de belas cores. As colunas estreitas que sustentavam uma abóbada de várias faces estavam revestidas de mosaicos dourados, que refletiam e decompunham em mil raios de cores diferentes a luz dos archotes que iluminavam a sala. Em um canto, havia um diva largo recoberto de colchas e almofadas macias, sobre o qual havia um dossel de seda azul. Num outro canto do compartimento, o chão de rocha formava uma grande piscina cheia de um líquido brilhante de cor dourada. Numa mesinha baixa, havia pratos e taças cheios de comida e bebida, e também uma garrafa de cristal contendo uma bebida cor-de-rubi, junto da qual estava uma taça de ouro.

Bastian sentou-se no chão de pernas cruzadas junto da mesinha, s começou a saciar sua fome e sede. A bebida tinha um sabor acre e selvagem, mas tirava a sede de uma maneira maravilhosa. Os alimentos eram completamente desconhecidos para ele. Não saberia dizer se eram bolos, ou vagens grandes, ou nozes. Alguns frutos pareciam abóboras e melões, mas tinham um sabor completamente diferente, acre e picante. Tudo lhe agravada muito ao paladar. Bastian comeu até ficar saciado.

Depois despiu-se — mas sem tirar o Brilho — e entrou na piscina. Brincou durante um bom tempo com o líquido flamejante, lavou-se, mergulhou e se agitou como uma foca. Descobriu então uns frascos de aspecto invulgar na horda da piscina. Pensou que fossem sais de banho. Jogou um pouco do conteúdo de todos eles

dentro da água. Logo dali brotaram chamas verdes, vermelhas e amarelas, que saltitavam na superfície e por vezes produziam um pouco de fumaça. Cheirava a resina e a ervas amargas.

Finalmente saiu do banho, enxugou-se com as toalhas macias que já estavam preparadas para esse fim, e vestiu-se. De repente, pareceu-lhe que os archotes que iluminavam a sala tinham ficado mais fracos. Ouviu depois um ruído arrepiante: estalidos e rangidos que faziam lembrar uma grande pedra de gelo estalando e que acabaram num gemido que foi se extinguindo gradualmente.

Bastian ficou à escuta, com o coração batendo mais depressa. O ruído não se repetiu. Mas reinava um silêncio mais assustador ainda. Tinha de saber o que havia acontecido!

Abriu a porta do quarto e olhou para fora, para a grande caverna. A princípio, não viu nada de diferente, além do fato de a luz dos archotes ser mais turva e de essa luz começar a pulsar como o bater cada vez mais lento de um coração. O leão continuava deitado no bloco de rocha negra, sempre na mesma posição, e parecia olhar Bastian.

— Graograman!, chamou Bastian de mansinho. O que houve aqui? Que foi aquele barulho? Foi você?

O leão não se mexeu e nem respondeu; mas quando Bastian se aproximou dele, seguiu-o com o olhar.

Bastian estendeu hesitantemente a mão para acariciar a juba do animal; mal a tinha tocado, porém, retirou a mão, assustado. Estava dura e fria como o gelo, tal como o rochedo negro. A face e as patas de Graograman estavam duras e frias.

Bastian não sabia o que fazer. Viu que os negros batentes de pedra da grande porta se abriam lentamente. Só depois de ter chegado ao comprido corredor escuro e de começar a subir a escada, é que perguntou a si mesmo o que estava fazendo ali. Não conhecia naquele deserto ninguém que pudesse salvar Graograman.

Mas o deserto tinha desaparecido!

Na escuridão noturna apareciam numerosos pontos brilhantes. Milhões de plantas minúsculas brotavam dos grãos de areia, que agora eram novamente sementes. Perelim, a Floresta Noturna, brotava e crescia de novo!

Bastian pressentiu de repente que a rigidez de Graograman tinha qualquer coisa a ver com aquilo.

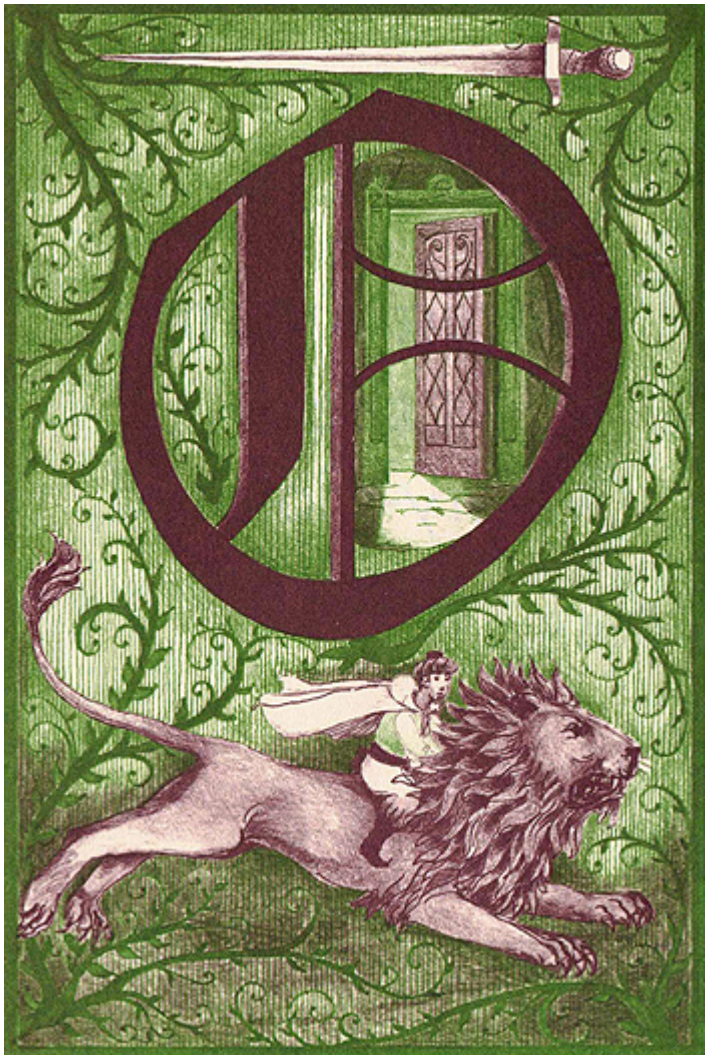
Voltou para a caverna. A luz dos archotes continuava a treme-luzir, mas já muito fraca. Bastian chegou até junto do leão, passou os braços em volta do pescoço forte do animal e encostou seu rosto ao dele.

Os olhos do leão estavam agora tão negros e mortos como sua pelagem. Graograman transformara-se em pedra. Um último clarão de luz, e logo tudo se tornou tão escuro como um túmulo.

Bastian chorou amargamente e a cara de pedra do leão ficou molhada com suas lágrimas. Finalmente, aninhou-se entre as grandes patas de pedra e adormeceu.

XV

Graograman, a Morte Multicor



uviu, então, a retumbante voz do leão que dizia:

— Senhor! Passou a noite toda aqui?

Bastian levantou-se e esfregou os olhos. Estava sentado entre as patas do leão; a grande face do animal olhava-o, e o olhar de Graograman estava cheio de espanto. Sua pelagem continuava negra como o bloco de rochedo sobre o qual estava deitado mas seus olhos faiscavam. Os archotes do teto ardiam novamente.

— Ah!, balbuciou, pensei. . . pensei que você tinha se transformado em pedra.

— E tinha, respondeu o leão. Morro todos os dias quando cai a noite e acordo outra vez todas as manhãs.

— Pensei que era para sempre, explicou Bastian.

— Cada vez *é* para sempre, replicou Graograman de forma enigmática.

Levantou-se, espreguiçou-se e correu de lá para cá na caverna, à maneira dos leões. Sua pelagem de chama começou outra vez a brilhar com as cores dos mosaicos coloridos. De repente, parou e olhou o rapaz.

— O senhor chorou por mim?

Bastian acenou afirmativamente, sem falar.

— Então, disse o leão, não só foi o único que jamais dormiu entre as patas da Morte Multicor, como também foi o único que chorou sua morte.

Bastian olhou o leão, que recomeçara a trotar para cá e para lá; finalmente perguntou em voz baixa:

— Você fica sempre sozinho?

O leão parou novamente, mas desta vez não olhou para Bastian. Manteve a cabeça voltada para o outro lado e repetiu com sua voz de trovão:

— Sozinho. . .

A palavra ecoou na caverna.

— Meu reino é o deserto. . . e o deserto é também minha obra. Para onde quer que me volte, tudo o que está ao meu redor se transforma em deserto. Trago o deserto comigo. Sou feito de fogo mortífero. Como poderia ter outro destino que não fosse uma perpétua solidão?

Bastian calou-se, perturbado.

— Mas o senhor, que traz o Signo da imperatriz Criança, pode me responder: por que tenho que morrer quando cai a noite?, continuou o leão, aproximando-se do jovem e olhando-o no rosto com seus olhos de fogo.

— Para que Perelim, a Floresta Noturna, possa brotar do Deserto das Cores, disse Bastian.

— Perelim?, repetiu o leão. O que é isso?

Bastian falou-lhe então das maravilhas da selva de luz viva. Enquanto Graograman o escutava imóvel e espantado, descreveu-lhe a variedade e a magnificência das plantas luminosas e fosforescentes que se multiplicavam incessantemente, seu crescimento contínuo e silencioso, sua beleza sem par e seu tamanho espantoso. Falava como se estivesse encantado e os olhos de Graograman brilhavam com uma luz cada vez mais clara.

— E tudo isso, concluiu Bastian, só pode acontecer enquanto você está transformado em pedra. Mas Perelim devoraria tudo e se asfixiaria a si mesma se não morresse e se desfizesse em pó todos os dias quando você acorda. Perelim e você, Graograman, são dois aspectos do mesmo todo.

Graograman calou-se durante muito tempo.

— Senhor!, disse ele então. Vejo agora que minha morte origina a vida e minha vida a morte, e ambas as coisas estão certas. Agora percebo o sentido da minha existência. Agradeço-lhe.

Depois, com um ar feliz, dirigiu-se lentamente até o canto mais escuro da caverna. Bastian não via o que ele fazia lá, mas ouviu um tinido metálico. Quando Graograman voltou para junto dele, trazia nos dentes algo que depôs aos pés de Bastian, inclinando a cabeça até o chão.

Era uma espada.

Não tinha grande aparência. A bainha de ferro em que se encontrava estava enferrujada e o punho parecia o de um sabre de criança, pois era feito de um pedaço de madeira.

— O senhor pode dar-lhe um nome?, perguntou Graograman. Bastian observou pensativamente a espada.

— Sikanda!, disse.

Nesse mesmo instante, a espada saiu da bainha e literalmente voou para sua mão. Bastian viu que a lâmina era feita de uma luz tão resplandecente, que mal se podia olhar para ela. De dois gumes, a espada era leve como uma pena em sua mão.

— Esta espada, disse Graograman, esteve guardada para o senhor desde toda a eternidade. Pois só a pode manejar sem perigo aquele que já montou nas minhas costas, que comeu e bebeu do meu fogo e que nele se banhou, como o senhor. Mas se lhe pertence é porque o senhor foi capaz de lhe dar seu verdadeiro nome.

— Sikanda!, murmurou Bastian, observando enlevado a luz faiscante. Volteava a espada, descrevendo lentos círculos no ar. É uma espada mágica, não é?

— Nada existe em Fantasia que lhe possa resistir, respondeu Graograman, nem o aço nem a rocha. Mas o senhor não poderá forçar o seu uso. Só poderá usá-la quando ela saltar por si mesma

para a sua mão, como o fez agora... mesmo que corra grandes perigos. Ela guiará sua mão e fará sozinha o que tem de ser feito. Entretanto, se o senhor a desembainhar por capricho, grandes desgraças cairão sobre o senhor e sobre Fantasia. Nunca se esqueça disto.

— Não esquecerei, prometeu Bastian.

A espada voltou para a sua bainha, parecendo outra vez uma coisa velha e sem valor. Bastian atou em volta da cintura as correias de couro de onde a bainha pendia.

— E agora, senhor, propôs Graograman, podemos caçar juntos no deserto, se o senhor quiser. Monte em minhas costas, porque tenho de sair.

Bastian saltou para as costas do leão e o animal trotou até lá fora. O sol da manhã já subia no horizonte do deserto e a Floresta Noturna fora há muito reduzida a pó colorido. Velozes, lançaram-se ambos através das dunas como uma tocha em movimento, como um vento ardente de tempestade. Bastian sentia-se como se estivesse cavalgando um cometa flamejante através de luzes e cores. E foi outra vez empolgado pela sensação de embriaguez selvagem que já experimentara anteriormente.

Ao meio-dia, Graograman subitamente parou.

— Este é o lugar onde nos encontramos ontem, senhor. Bastian sentia-se ainda um pouco aturdido com aquela correria louca. Olhou à sua volta, mas não viu nem a duna azul-marinho, nem a vermelho-fogo. Também não viu as letras. As dunas eram agora verde-azeitona e cor-de-rosa.

— Está tudo diferente, disse.

— Assim é, senhor, respondeu o leão. E o mesmo sucede todos os dias. . . fica tudo diferente. Até aqui, não sabia por que acontecia isso. Mas agora que o senhor me contou como Perelim brota da areia, já compreendo.

— Mas como você sabe que este é o lugar de ontem?

— Sinto-o como sinto as partes do meu corpo. O deserto faz parte de mim.

Bastian desceu das costas de Graograman e sentou-se no cimo da duna verde-azeitona. O leão deitou-se a seu lado, e agora

também era verde-azeitona. Bastian apoiou o queixo na mão e olhou pensativamente para o horizonte.

— Posso perguntar-lhe uma coisa, Graograman?, disse ele depois de ter estado calado durante muito tempo.

— O seu servo o escuta, foi a resposta do leão.

— É verdade que está aqui desde sempre?

— Desde sempre, confirmou Graograman.

— E o deserto de Goab também existe desde sempre?

— Sim, o deserto também existe desde sempre. Por que pergunta isso?

Bastian refletiu um momento.

— Não entendo, confessou ele finalmente. Eu poderia apostar que ele só existe desde ontem de manhã.

— Que quer dizer, senhor?

Bastian contou-lhe então tudo o que lhe sucedera desde que encontrara a Filha da Lua.

— É tudo tão estranho, disse, ao concluir sua narrativa. Quando me ocorre algum desejo acontece sempre alguma coisa que está de acordo com esse desejo e o satisfaz. Não sou eu que invento essas coisas, percebe? Nem seria capaz. Nunca teria podido inventar todas as inúmeras plantas noturnas de Perelim. Nem as cores de Goab. Nem você! Tudo é muito mais grandioso e real do que na minha imaginação. E, no entanto, tudo surge quando eu o desejo.

— Tudo isso acontece porque o senhor traz AURIN, o "Brilho", disse o leão.

— O que eu não compreendo é outra coisa, tentou explicar Bastian. Todas essas coisas só aparecem quando eu formulo algum desejo, ou já existiam e eu apenas pressinto, de alguma forma, sua existência?

— As duas coisas, disse Graograman.

— Mas como pode ser isso?, perguntou Bastian quase com impaciência. Você está aqui no deserto de Goab sabe-se lá há quanto tempo. O quarto do seu palácio sempre esteve à minha espera. A espada, Sikanda, a mim estava destinada desde tempos imemoriais. . . você mesmo disse!

— E assim é, senhor.

— Mas eu só estou desde ontem à noite em Fantasia! Portanto, tudo isto não pode ter começado a existir só quando eu cheguei!

— Senhor, disse o leão calmamente, não sabe que Fantasia é o reino das histórias? Uma história pode ser nova e, no entanto, falar de tempos remotos. O passado surge com ela.

— Então, também Perelim deve ter existido desde sempre, opinou Bastian, perplexo.

— A partir do momento em que o senhor lhe deu este nome, ela passou a existir desde sempre, replicou Graograman.

— Quer dizer que fui eu que criei Perelim?

O leão calou-se um instante, e depois respondeu:

— Isso só a imperatriz Criança poderá dizer. Dela o senhor recebeu tudo.

Levantou-se.

— Está na hora, senhor, de voltar ao meu palácio. O sol já desce no horizonte e o caminho é longo.

Nessa noite, Bastian ficou novamente no palácio de Graograman, que outra vez se deitou no bloco de rocha negra. Não falaram mais um com o outro. Bastian foi buscar comida e bebida no quarto onde estava a mesinha baixa, que aparecera novamente coberta de iguarias como se tivesse sido guarnecida por mãos invisíveis. Tomou a refeição sentado nos degraus que levavam até o bloco de rocha.

Quando a luz das lâmpadas começou a enfraquecer e a pulsar como um coração que bate cada vez mais lentamente, levantou-se e, silenciosamente, passou os braços à volta do pescoço do leão. A juba estava dura e parecia feita de lava solidificada. E, então, ouviu-se de novo aquele barulho assustador. Mas Bastian já não teve medo. Se chorou outra vez foi de desgosto pela irremediável desgraça de Graograman.

Mais tarde, ainda durante a noite, Bastian procurou tateando o caminho para o exterior e contemplou durante muito tempo o crescimento silencioso das luminosas plantas noturnas. Em seguida, regressou à caverna e deitou-se outra vez entre as patas do leão petrificado, ali adormecendo.

Bastian foi hóspede da Morte Multicor durante muitos dias e muitas noites, e ficaram amigos. Passaram longas horas em

divertidas brincadeiras no deserto. Bastian escondia-se entre as dunas, mas Graograman encontrava-o sempre. Fizeram apostas sobre quem corria mais, mas o leão era mil vezes mais rápido. Lutaram um com o outro, só de brincadeira, agarrando-se e rolando pelo chão; mas na luta Bastian tinha a mesma força que o leão. Apesar de se tratar apenas de uma brincadeira, Graograman tinha de se esforçar ao máximo para se mostrar à altura do rapaz. Nenhum deles conseguia vencer o outro.

Uma vez, depois de terem lutado assim, Bastian sentou-se no chão, um tanto quanto ofegante, e perguntou:

— Posso ficar aqui com você para sempre?

O leão sacudiu a juba.

— Não, senhor.

— E por que não?

— Aqui só há vida e morte, Perelim e Goab, mas não há histórias. E o senhor tem de viver sua própria história. Não deve ficar aqui.

— Mas não posso ir embora, disse Bastian. O deserto é demasiado grande para que alguém possa sair dele. E você não pode me levar para fora do deserto, porque o traz consigo.

— O senhor só poderá descobrir os caminhos de Fantasia, disse Graograman, através dos seus desejos. E só poderá fazê-lo indo de um desejo para outro. Aquilo que o senhor não deseja, não conseguirá atingir. É esse o significado das palavras "perto" e "longe" neste lugar. E também não basta querer ir embora de um lugar. E preciso que se queira ir para outro. Deixe que os seus desejos o conduzam.

— Mas eu não desejo ir embora, respondeu Bastian.

— Terá de encontrar seu próximo desejo, replicou Graograman quase com severidade.

— E quando o encontrar, como poderei ir embora daqui?, perguntou Bastian.

— Escute, senhor, disse Graograman de mansinho. Há em Fantasia um lugar que leva a toda parte e a que se pode chegar de toda parte. Esse lugar é o Templo das Mil Portas. Ninguém nunca o viu pelo lado de fora, porque não tem lado de fora. ü seu interior

consiste, porém, em um labirinto de portas. Quem quiser conhecê-lo tem de se aventurar a entrar.

— Mas como, se não podemos nos aproximar desse templo pelo lado de fora?

— Todas as portas, continuou o leão, todas as portas de toda a Fantasia, mesmo uma simples porta de estábulo ou de cozinha, sim, até a porta de um armário, podem ser, em dado momento, a porta de entrada para o Templo das Mil Portas. Se esse momento passa, a porta volta a ser o que era. Por isso mesmo, nunca se pode entrar uma segunda vez pela mesma porta. E nenhuma das mil portas conduz novamente ao lugar de onde se veio. Não há regresso.

— E depois que se está lá dentro, perguntou Bastian, não se pode tornar a sair para um outro lado qualquer?

— Sim, respondeu o leão. Mas não é tão fácil como nas casas comuns. Pois só um verdadeiro desejo pode guiar aquele que estiver no labirinto das mil portas. Quem não o tiver, tem de

vaguear a esmo até saber o que deseja. E isso, por vezes, demora muito tempo.

— E como se pode encontrar a porta de entrada?

— É preciso desejá-lo.

Bastian refletiu durante muito tempo, e depois disse:

— É estranho que não possamos desejar aquilo que queremos. De onde virão os desejos? E o que será realmente um desejo?

Graograman olhou o rapaz com ar sério, mas não respondeu. Alguns dias mais tarde, tiveram outra conversa muito importante.

Bastian mostrara ao leão a inscrição no reverso da "Jóia".

— O que significa isto? *Faça o que quiser.* Deve querer dizer que posso fazer tudo o que me apetecer, você não acha?, perguntou ele.

O rosto de Graograman pôs-se de repente muito sério e seus olhos começaram a faiscar.

— Não, disse ele com sua voz profunda e retumbante. Isso quer dizer que deve fazer sua Verdadeira Vontade. E nada é mais difícil do que isso.

— Minha Verdadeira Vontade?, repetiu Bastian impressionado. E o que significa isso?

— É o seu segredo mais profundo, que o senhor não conhece.

— Então como poderei descobri-lo?

— Seguindo o caminho dos desejos, passando de um para outro até o último. Assim será conduzido até sua Verdadeira Vontade.

— Não me parece muito difícil, opinou Bastian.

— É o mais perigoso de todos os caminhos, disse o leão.

— Por quê?, perguntou Bastian. Eu não tenho medo.

— Não se trata disso, ribombou a voz de Graograman. Esse caminho exige a maior autenticidade e atenção, porque em nenhum outro é tão fácil perder-se para sempre.

— Quer dizer que os desejos que temos nem sempre são bons?, perguntou Bastian.

O leão bateu com a cauda na areia. Levantou as orelhas, franziu o focinho, e os seus olhos cuspiam fogo. Bastian encolheu-se involuntariamente quando Graograman disse, numa voz que fez vibrar o chão:

— E o que o senhor sabe sobre os desejos? O que sabe sobre o que é bom ou não é?

Nos dias que se seguiram a esta conversa, Bastian pensou muito em tudo o que a Morte Multicor lhe dissera. Mas há muitas coisas que não se aprendem só pensando, é preciso vivê-las. E foi assim que só muito mais tarde, depois de ter tido a experiência vivida dessas coisas, Bastian recordou-se das palavras de Graograman e começou a compreendê-las.

Nesse meio-tempo, Bastian sofrerá uma outra modificação. Fora-lhe conferido um novo dom, além de todos os outros que recebera depois de seu encontro com a Filha da Lua. O da coragem. E tal como acontecera também das outras vezes, perdera alguma coisa, neste caso a recordação da sua antiga covardia.

Dado que agora não tinha medo de nada, pouco a pouco começou a surgir nele um novo desejo, que se tornava cada vez mais definido. Não queria continuar sozinho. Porque mesmo em companhia da Morte Multicor não deixava de estar, em certo sentido, só. Queria mostrar aos outros suas qualidades, queria ser admirado e tornar-se famoso.

E, certa noite, enquanto contemplava outra vez o crescimento de Perelim, sentiu de repente que era a última vez que a via, e que

devia se despedir da magnificência da luminosa Floresta Noturna. Uma voz interior chamava-o para longe dali.

Lançou um último olhar àquele esplendor colorido e brilhante, depois desceu novamente ao covil de Graograman e sentou-se nos degraus, envolto pela escuridão. Não sabia o que esperava, mas sabia que naquela noite não devia se deitar e adormecer.

Contudo, enquanto estava sentado, deve ter adormecido, porque de súbito sobressaltou-se, como se alguém o tivesse chamado pelo nome.

Bastian levantou-se. Teria a porta se transformado nesse momento na entrada para o Templo das Mil Portas? Avançou até à fenda da porta, indeciso, e tentou espreitar lá para dentro. Mas não via nada. Em seguida, a porta começou a fechar-se de novo, lentamente. Em breve, perderia sua última oportunidade de passar para o outro lado!

Voltou-se uma última vez para Graograman, que continuava imóvel em seu pedestal, e fitava-o com os seus olhos mortos de pedra. O raio de luz que se insinuava pela porta incidia sobre o leão.

— Adeus, Graograman, e obrigado por tudo!, disse ele baixinho. Hei de voltar! Tenho certeza!

Depois, esgueirou-se pela fenda da porta, que se fechou imediatamente atrás dele.

Bastian não sabia que não cumpriria sua promessa. Só muito, mas muito tempo mais tarde, viria alguém que a cumpriria em seu nome.

Mas essa é uma outra história, e terá de ser contada em outra ocasião.

XVI

Amargante, a Cidade de Prata



urpúrea luz percorria em ondas lentas o chão e as paredes do compartimento. Era um quatro hexagonal, semelhante à célula de um grande favo de mel. Parede sim, parede não, havia uma porta, e as outras três paredes estavam cobertas de estranhas pinturas. Eram paisagens quiméricas e criaturas que pareciam ao mesmo tempo vegetais e animais. Bastian entrara por uma das portas, e as outras duas ficavam à sua direita e à sua esquerda. As portas eram iguais, com a única diferença de que a da esquerda estava pintada de preto É a da direita de branco. Bastian decidiu-se pela porta branca.

No compartimento seguinte, a luz era amarela. As paredes estavam dispostas da mesma maneira. As pinturas representavam aqui toda a espécie de utensílios que Bastian não conseguia identificar. Seriam ferramentas ou armas? As duas portas, a da

esquerda e a da direita, eram da mesma cor, ambas amarelas, mas a da esquerda era alta c estreita e a da direita baixa e larga. Bastian passou pela da esquerda.

O compartimento em que entrou também era hexagonal como os outros dois, mas agora estava iluminado por uma luz azulada. As pinturas das paredes representavam ornamentos ou letras floreadas de um alfabeto desconhecido. As duas portas deste compartimento tinham a mesma forma, mas eram de substâncias diferentes, uma de madeira e a outra de metal. Bastian escolheu a porta de madeira.

Não é possível descrever todos os compartimentos e todas as portas por que Bastian passou, ao vaguear pelo Templo das Mil Portas. Havia portas que tinham o formato de grandes buracos de fechadura; outras pareciam a entrada de uma caverna; havia portas douradas e portas enferrujadas, portas almofadadas e portas enfeitadas com pregos dourados, portas tão finas como papel e outras tão grossas como as portas de um cofre-forte; havia uma porta que parecia a boca de um gigante e outra que se abria como uma ponte levadiça; uma que se assemelhava a uma grande orelha e outra que era feita de pão doce; outra havia que parecia a porta de um forno e uma outra abria-se como uma flor ao desabrochar. As duas portas de saída de um compartimento tinham sempre uma característica comum — a forma, o material, o tamanho ou a cor, mas eram sempre diferentes uma da outra.

Bastian já passara muitas vezes de um compartimento hexagonal para outro. Cada uma das decisões que tomava obrigava-o a tomar uma nova decisão, que por sua vez exigia outra decisão ainda. Mas todas essas decisões em nada alteravam o fato de ele estar no Templo das Mil Portas... e ali continuaria a estar. Sem parar de andar, começou a pensar no significado daquilo tudo. Seu desejo fora suficiente para o levar até o interior do labirinto, mas não era obviamente suficiente para lhe permitir encontrar a saída. Tinha desejado companhia. Mas dava-se conta de que, ao fazê-lo, nada imaginara de concreto. E de pouco lhe servia optar entre uma porta de vidro e uma porta de vime trançado. Até agora, tinha tomado suas decisões, por assim dizer, ao acaso, sem pensar. A verdade é que, em cada caso, poderia igualmente ter escolhido a

outra porta. Mas dessa forma nunca ia encontrar a saída do labirinto.

Nesse momento, estava num compartimento iluminado por uma luz esverdeada. Três das seis paredes estavam ornamentadas com pinturas que representavam nuvens. A porta da esquerda era de madrepérola branca, a da direita de ébano negro. E, de repente, Bastian soube o que queria: encontrar Atreiú!

A porta de madrepérola recordou-lhe Fuchur, o Dragão da Sorte, cujas escamas brilhavam como madrepérola; decidiu-se por ela.

No compartimento seguinte, havia duas portas, uma de erva trançada, outra de rede metálica. Bastian escolheu a porta de erva, pensando no Mar das Ervas, a pátria de Atreiú.

No compartimento seguinte encontrou duas portas que só se distinguiam porque uma era de couro e a outra de feltro. Naturalmente Bastian passou pela porta de couro.

Encontrou-se outra vez diante de duas portas, mas desta vez teve de pensar durante mais tempo. Uma era cor-de-púrpura e outra verde-azeitona. Atreiú era um Pele-Verde, e tinha um manto de pele de búfalo cor-de-púrpura. Na porta verde-azeitona estavam pintados a tinta branca alguns sinais simples, como os que Atreiú tinha na testa e no rosto quando o velho Cairon o encontrou. Mas havia também os mesmos sinais" na porta cor-de-púrpura, e Bastian não sabia se o manto cor-de-púrpura de Atreiú possuía sinais como aqueles. Tratava-se, portanto, de um caminho que devia conduzir a outra pessoa, mas não a Atreiú.

Bastian abriu a porta verde-azeitona... e encontrou-se ao ar livre!

Para sua grande admiração, não estava no Mar de Ervas, mas sim em uma iluminada floresta primaveril. Os raios solares penetravam por entre a folhagem nova e seus efeitos de luz e sombra cintilavam no chão coberto de musgos. Cheirava a terra e a cogumelos, e no ar morno ressoava o canto dos pássaros.

Bastian voltou-se para trás e viu que tinha saído de uma pequena capela, no meio da floresta. Naquele momento, a porta da capela fora a saída do Templo das Mil Portas. Bastian abriu-a outra vez. mas viu apenas o interior da capela, simples e pequeno. O teto

caíra, e só havia lá no alto algumas vigas podres, através das quais se avistava o céu. As paredes estavam cobertas de musgo.

Bastian começou a andar, sem saber para onde ia. Estava certo de que, mais cedo ou mais tarde, encontraria Atreiú. E desde já se alegrava com este encontro. Assobiava para os pássaros, que lhe respondiam, e cantava alto e alegremente tudo o que lhe vinha à memória.

Depois de ter caminhado assim durante algum tempo, viu numa clareira um grupo de pessoas que ali estavam acampadas. Quando se aproximou, viu que se tratava de vários homens com armas magníficas. Havia também entre eles uma bela dama. Ela estava sentada na grama e dedilhava um alaúde. Ao fundo, viam-se alguns cavalos ricamente ajaezados. Em frente dos homens, que conversavam deitados na grama, fora estendida uma toalha branca sobre a qual se via toda a espécie de alimentos e bebidas.

Bastian aproximou-se do grupo; antes, porém, escondeu por baixo da camisa o amuleto da imperatriz Criança, porque queria conhecer aquela gente sem se fazer conhecer e sem chamar a atenção.

Quando o viram aproximar-se, os homens levantaram-se e cumprimentaram-no cordialmente, fazendo uma reverência. Tomavam-no obviamente por um príncipe oriental ou algo do gênero. Para cumprimentá-lo, a bela dama também inclinou a cabeça, sorrindo, e continuou vibrando as cordas do seu instrumento. Um dos homens era bem mais alto do que os outros e estava vestido de forma mais luxuosa. Era ainda jovem e tinha o cabelo louro que lhe caía até os ombros.

— Sou Hynreck, o Herói, disse ele, e esta dama é a princesa Oglamar, filha do rei de Lunn. Estes homens são meus amigos: Hykrion, Hysbald e Hydorn. E qual é o seu nome, jovem amigo?

— Não posso revelar meu nome... por enquanto, respondeu Bastian.

—- Um voto?, perguntou a princesa Oglamar com uma certa ironia. Tão jovem e já com um voto?

— Certamente você vem de muito longe?, perguntou Hynreck, o Herói.

— Sim, de muito longe, replicou Bastian.

— É um príncipe?, perguntou a princesa, olhando-o com benevolência.

— Não posso dizê-lo, replicou Bastian.

— De qualquer modo, seja bem-vindo à nossa Távola Redonda!, exclamou Hynreck, o Herói. Não quer nos dar a honra de sentar-se junto de nós e partilhar de nossa refeição, jovem senhor?

Agradecido, Bastian aceitou, sentou-se e serviu-se.

Pela conversa entre a dama e os quatro cavaleiros soube que havia nas redondezas uma grande e magnífica cidade chamada Amargante, a Cidade de Prata. Ali ia se realizar uma espécie de torneio. Para lá se dirigiam, vindos de perto e de longe, os heróis mais audazes, os melhores caçadores, os guerreiros mais valentes, e também toda a espécie de aventureiros e de gente pouco recomendável, para tomar parte nessa competição. Mas só os três mais corajosos e fortes, que vencessem todos os outros, teriam a honra de participar de uma espécie de expedição de busca. Tratava-se aparentemente de uma viagem muito longa e arriscada, cujo objetivo era encontrar determinado personagem que se encontrava em alguma parte, num dos inúmeros países de Fantasia, e era designado apenas pelo nome de "Salvador". Ninguém sabia o seu verdadeiro nome. Mas Fantasia estava em dívida com ele, pois graças a ele continuava ou recomeçara a existir. Com efeito, em outros tempos, caíra sobre Fantasia uma terrível catástrofe que estivera prestes a aniquilá-la por completo. Fora o citado "Salvador" que o evitara no último momento, vindo à Fantasia e dando à imperatriz Criança o nome de Filha da Lua, nome por que a designavam agora todos os seres de Fantasia. Desde então, porém, vagueava incógnito por Fantasia; a tarefa dessa expedição de busca seria a de identificá-lo e de, por assim dizer, escoltá-lo, para que nada lhe acontecesse. Mas, para isso, precisavam ser escolhidos apenas os homens mais aptos e valorosos, pois era possível que tivessem de passar por aventuras inimagináveis.

O torneio que permitiria fazer essa escolha fora organizado por Querquobad, o Ancião de Prata — a cidade de Amargante era governada sempre pelo homem ou pela mulher mais velhos, e Querquobad tinha cento e sete anos — mas não seria ele que faria a escolha entre os competidores, e sim um jovem caçador chamado

Atreiú, um rapaz do povo dos Peles-Verdes que era hóspede de Querquobad, o Ancião de Prata. Atreiú chefiaria mais tarde a expedição. Era o único que poderia reconhecer o "Salvador", pois tinha-o visto uma vez num Espelho Mágico.

Bastian, calado, limitava-se a escutar. Não era fácil, pois percebera logo que o "Salvador" era ele próprio. E, sobretudo, quando ouviu o nome de Atreiú, sentiu-se tão feliz que teve de fazer um grande esforço para não trair seu segredo. Mas estava decidido a manter-se incógnito por enquanto.

Entretanto, Hynreck, o Herói, estava mais interessado naquele momento em conquistar o coração da princesa Oglamar do que na expedição de busca e seus objetivos. Bastian notara que Hynreck estava totalmente apaixonado pela jovem dama. Suspirava de vez em quando, em momentos em que nada o justificava, e olhava constantemente para sua amada com os olhos tristes. Ela fingia que não percebia nada. Como Bastian veio a saber pouco depois, ela tinha feito em qualquer ocasião o voto de só desposar o maior de todos os heróis, aquele que fosse capaz de vencer todos os outros. Não se contentaria com menos. Era esse o problema de Hynreck, o Herói, pois como havia ele de provar que era o maior? Afinal, não podia matar alguém que nunca lhe tivesse feito nenhum mal. E há muito tempo que não havia guerras. Se dependesse dele, gostaria de lutar com monstros e demônios, de lhe colocar aos pés todos os dias, logo pela manhã, uma cauda sangrenta de dragão; mas há muito não havia nas redondezas nenhum monstro ou dragão. Quando o emissário de Querquobad, o Ancião de Prata, fora convidá-lo para o torneio, naturalmente aceitara de imediato o convite. Mas a princesa Oglamar insistira em acompanhá-lo, pois queria ver com seus próprios olhos aquilo de que ele era capaz.

— Não podemos acreditar em todas as histórias que os heróis nos contam, disse ela a Bastian, sorrindo. Todos têm uma tendência para exagerar.

— Mas com ou sem exagero, interrompeu Hynreck, o Herói, eu valho cem vezes mais do que esse lendário Salvador.

— Como você pode saber?, perguntou Bastian.

— Ora, opinou Hynreck, se esse rapaz tivesse metade da minha coragem não precisaria de uma guarda pessoal para escoltá-

lo e protegê-lo como se fosse um bebê. Esse Salvador está me parecendo um coitado.

— Como você pode dizer uma coisa dessas?, exclamou Oglamar irritada. Foi ele que salvou Fantasia da destruição!

— E daí?, replicou Hynreck, o Herói, com desprezo. Para isso não foi necessário um feito muito heróico.

Bastian resolveu dar-lhe uma liçãozinha na primeira ocasião propícia.

Os três outros cavaleiros tinham encontrado aqueles dois por acaso, no decorrer da viagem, e tinham-se juntado a eles. Hykrion, que tinha um bigode negro em desalinho, afirmava ser ele quem melhor e mais ousadamente manejava a adaga em toda a Fantasia. Hysbald, que tinha o cabelo ruivo e, em comparação com os outros parecia frágil, dizia que ninguém era mais hábil e rápido do que ele ao manejar a espada. E Hydorn estava convencido de que ninguém o vencia em tenacidade e resistência na luta. Seu aspecto parecia confirmar aquela afirmação, pois era alto e magro e parecia feito só de ossos e tendões.

Depois da refeição, levantaram acampamento. Guardaram a toalha e as provisões no alforje de uma mula. A princesa Oglamar montou em seu palafrém branco e partiu a trote, sem esperar pelos outros. Hynreck, o Herói, saltou para o seu corcel negro como carvão e galopou atrás dela. Os outros três cavaleiros propuseram a Bastian montar na mula que levava as provisões. Bastian içou-se para o dorso do animal: os cavaleiros montaram em seus cavalos ricamente ajaezados e puseram-se a caminho, trotando pela floresta, com Bastian na cauda do cortejo. A mula era velha, deixando-se ficai constantemente para trás, e Bastian tentava incitá-la a apressar o passo. Mas em vez de correr mais depressa, a mula parou, voltou a cabeça para trás e disse:

— Não precisa me incitar, senhor, pois fiquei para trás de propósito.

— Por quê?, perguntou Bastian.

— Sei quem o senhor é.

— E o que você sabe?

— Quando se é meio-burro como eu, e não um burro completo, adivinham-se certas coisas. Até os cavalos notaram qualquer coisa.

Não precisa me dizer nada, senhor. Gostaria de contar aos meus filhos e aos meus netos que transportei o Salvador e fui a primeira a cumprimentá-lo. Infelizmente, os da minha espécie não têm filhos.

— Como você se chama?, perguntou Bastian. — Iicha, senhor.

— Escute, Iicha, não estrague tudo e, por agora, guarde o que sabe. Não se importa?

— Eu o farei com prazer, senhor.

E a mula recomeçou a trotar para alcançar os outros.

O grupo esperava na orla da floresta. Todos contemplavam maravilhados a cidade de Amargante, que brilhava ao sol diante de seus olhos. A orla da floresta situava-se em uma elevação, de onde se via um grande lago quase violeta, rodeado por todos os lados por outras colinas igualmente cobertas de floresta. E, no meio desse lago, situava-se Amargante, a Cidade de Prata. Todas as casas se erguiam sobre barcos, os grandes palácios sobre largas barcaças, as casas menores sobre barcas e botes. E todas as casas e todos os barcos eram de prata, prata finamente cinzelada e artisticamente decorada. As janelas e as portas dos palácios grandes e pequenos, as torres e as varandas eram de filigranas de prata tão artisticamente trabalhadas, como igual não havia em toda a Fantasia. Viam-se por todo o lago botes e barcos que levavam os visitantes das margens até a cidade. Hynreck, o Herói, e sua comitiva apressaram-se em chegar à praia, onde os esperava um barco de prata com a proa elegantemente arqueada. Toda a caravana, incluindo os cavalos e a mula, instalou-se no barco.

Durante a travessia, Bastian soube, pelo barqueiro, que também usava uma túnica tecida de prata, que as águas cor-de-violeta do lago eram tão salgadas e amargas que, a longo prazo, nada podia resistir à sua ação corrosiva... nada a não ser a prata. O lago chamava-se Murhu ou Lago das Lágrimas. Em tempos muito antigos, a cidade de Amargante fora levada para o meio do lago, para ser protegida do ataque de seus inimigos, pois quem tentasse assaltá-la em barcos de madeira ou de ferro em breve afundaria, pois a água destruía e tragava em pouco tempo o navio e a tripulação. Mas agora, Amargante permanecia no meio do lago por outra razão. Os habitantes gostavam de mudar as casas de lugar, modificando o aspecto da cidade, a posição de suas ruas e praças.

Quando, por exemplo, duas famílias que habitavam pontos opostos da cidade se tornavam amigas ou parentes, porque seus filhos se casavam, deixavam o lugar onde habitavam anteriormente e colocavam seus barcos lado a lado, tornando-se assim vizinhas. A prata era de especial qualidade, diga-se de passagem, e tão única como a beleza incomparável do seu trabalho.

Bastian gostaria de ouvir mais sobre o assunto, mas a barcaça chegara à cidade e ele teve de descer juntamente com seus companheiros de viagem.

Antes de mais nada, procuraram um lugar onde pudessem se alojar juntamente com seus animais. Não foi fácil, pois Amargante já fora invadida por viajantes que tinham vindo de todos os lados para participar do torneio. Acabaram por encontrar lugar numa estalagem. Quando Bastian levou a mula para a cavalariça, murmurou-lhe uma vez mais ao ouvido:

— Não se esqueça do que me prometeu, Iicha. Até breve.

Iicha limitou-se a assentir com a cabeça.

Em seguida, Bastian explicou aos seus companheiros de viagem que não os incomodaria mais com sua presença, pois preferia visitar a cidade sozinho. Agradeceu-lhes a amabilidade e despediu-se. Na verdade, estava ansioso por encontrar Atreiú.

Os barcos grandes e pequenos estavam ligados uns aos outros por pontes, algumas tão estreitas e frágeis, que só podia passar por elas uma pessoa de cada vez; outras eram largas e magnificentes como ruas onde se apinhava a multidão. Havia também pontes arqueadas, cobertas, e nos canais, entre os navios que sustentavam os palácios, navegavam centenas de barquinhos de prata. Sentia-se constantemente o chão ondulando debaixo dos pés, como se isto quisesse lembrar aos transeuntes que toda a cidade flutuava sobre as águas.

A multidão de visitantes que se acotovelava na cidade era tão colorida e variada que seria preciso um livro inteiro só para descrevê-la. Os habitantes de Amargante eram facilmente reconhecidos, pois todos usavam vestimentas ornamentadas em prata, quase tão belas como o manto de Bastian. Também seus cabelos eram prateados, e eles eram altos e bem constituídos, com olhos cor-de-violeta como Murhu, o Lago das Lágrimas. A maior

parte dos visitantes não era assim tão bela. Havia gigantes musculosos com cabeças que pareciam ser do tamanho de maçãs em comparação com seus ombros poderosos. Havia assaltantes noturnos, sombrios e fanfarrões, criaturas solitárias que pareciam ossos difíceis de roer. Havia espadachins de olhos fugidios e mãos ágeis, e guerreiros de andar conquistador, que soltavam fumaça pela boca e pelo nariz. Os charlatães corriam por todos os lados como peões vivos, e sátiros dos bosques trotavam de um lado para o outro sobre suas pernas nodosas, com grossas clavas sobre os ombros. Bastian viu até um come-rochas, de dentes semelhantes a cinzéis de aço que lhe saíam da boca. A ponte de prata dobrava com o peso desta criatura, que avançava batendo pesadamente os pés no chão. Mas antes que Bastian tivesse tempo de lhe perguntar se se chamava Piornrachzark, ela já havia desaparecido no meio da multidão.

Finalmente, Bastian chegou ao centro da cidade. Era aí que tinha lugar o torneio, já em pleno andamento. Numa grande praça circular, que parecia uma gigantesca arena de circo, centenas de competidores mediam suas forças e mostravam seu valor. Em toda a volta da praça, apinhava-se uma multidão de espectadores, que encorajavam os competidores com seus gritos; também as janelas e varandas dos palácios circundantes estavam cheias de espectadores, e outros ainda tinham conseguido subir nos telhados adornados com filigranas de prata.

Más Bastian não estava muito interessado no espetáculo proporcionado pelos competidores. Queria encontrar Atreiú, que devia estar assistindo aos jogos em algum lugar. Viu então que a multidão olhava constantemente para um determinado palácio, como se estivesse à espera de alguma coisa. . . e isto acontecia principalmente quando algum dos competidores cometia algum feito especialmente impressionante. Mas Bastian teve primeiro de se esgueirar por entre a multidão apinhada numa das pontes e subir depois em uma espécie de poste de rua antes de poder dar uma olhadela nesse palácio.

Viu, então, que numa das varandas do palácio haviam sido colocadas duas altas cadeiras de prata. Numa delas, estava sentado um homem velho, de barba e cabelo prateados que lhe

caíam até a cintura. Devia ser Querquobad, o Ancião de Prata. Junto dele, estava sentado um rapaz da idade de Bastian. Vestia calças compridas feitas de pele macia e tinha o tronco nu, o que permitia ver que sua pele era verde-azeitona. O rosto esguio tinha uma expressão séria, quase severa. O cabelo comprido, de um negro-azulado, estava preso em uma trança atada à nuca com tiras de couro. Trazia nos ombros um manto vermelho-púrpura. O jovem observava calmamente, mas com grande interesse, o campo de luta lá embaixo. Nada parecia escapar aos seus olhos escuros. Atreiú!

Nesse momento, apareceu na varanda, por trás de Atreiú, uma outra cabeça, enorme, semelhante à de um leão, mas que em vez de pêlo tinha escamas brancas de madrepérola e de cujo focinho escorriam longos bigodes brancos. Os olhos cor-de-rubi faiscavam, e, quando a cabeça se levantou acima de Atreiú, viu-se que ela se assentava sobre um pescoço comprido e flexível, também coberto de escamas de madrepérola, de onde pendia uma crina semelhante a um fogo branco. Era Fuchur, o Dragão da Sorte. Ele pareceu dizer qualquer coisa ao ouvido de Atreiú, que acenou afirmativamente com a cabeça.

Bastian escorregou outra vez pelo poste até o chão. Já vira o suficiente; então, dedicou sua atenção aos competidores.

No fundo, as lutas entre eles não eram verdadeiras e reais, mas sim uma espécie de espetáculo de circo em grande escala. É certo que naquele momento se desenrolava precisamente um combate de braço-de-ferro entre dois gigantes cujos corpos estavam unidos num forte abraço e rolavam para cá e para lá; é certo que, aqui e acolá, havia pares de seres da mesma espécie ou de espécies completamente diferentes, que exibiam sua perícia esgrimindo com a espada ou manejando a maça ou a lança, mas essas lutas não eram sérias, não eram lutas de morte. Uma das regras do jogo, inclusive, dizia que o concorrente deveria mostrar-se generoso e nobre na luta, dar provas do maior autodomínio. Um competidor que se deixasse arrastar pela cólera ou pela ambição e ferisse gravemente seu parceiro de luta seria imediatamente desclassificado. A maior parte dos competidores exibia sua perícia no arco e flecha, ou mostrava sua força levantando pesos gigantescos, enquanto outros exibiam seus talentos executando

façanhas acrobáticas ou outras provas de coragem. As proezas executadas pelos competidores eram tão variadas como também o eram os próprios participantes da competição.

Os que eram vencidos tinham de sair da praça, razão pela qual o número de competidores foi diminuindo gradativamente. Então Bastian viu que Hykrion, o Forte, Hysbald, o Ágil, e Hydorn, o Tenaz, entravam juntos na arena. Hynreck, o Herói, e sua amada, a princesa Oglamar, não estavam com eles.

Neste momento, ainda havia cerca de cem competidores na arena. Dado que já tinham sido selecionados os melhores, não foi tão fácil para Hykrion, Hysbald e Hydorn vencerem seus adversários como eles esperavam. Foi preciso uma tarde inteira para que Hykrion provasse ser o mais forte entre os fortes, Hysbald o mais ágil entre os ágeis e Hydorn o mais tenaz entre os tenazes. O público estava entusiasmado e aplaudiu quando os três vencedores se inclinaram na direção da varanda onde se encontravam Querquobad, o Ancião de Prata, e Atreiú. Este já se levantava para dizer alguma coisa quando entrou um outro competidor na arena. Era Hynreck. Fez-se um silêncio tenso de expectativa, e Atreiú sentou-se novamente. Dado que só três homens deviam acompanhá-lo, havia ali um a mais. Um deles teria de ficar de fora.

— Meus senhores, disse Hynreck com voz forte, para que todos pudessem ouvi-lo, penso que a modesta demonstração que acabaram de fazer de suas capacidades deve ter afetado em demasia suas forças. Não seria honroso de minha parte desafiá-los para uma luta a dois nessas circunstâncias. Como não vi até agora entre os competidores nenhum que pudesse medir-se comigo, abstive-me de entrar no recinto de luta e, portanto, estou bastante descansado. Se algum de vocês se sentir cansado, pode desistir agora da competição. Caso contrário, estou pronto a competir com os três ao mesmo tempo. Vocês têm alguma objeção?

— Não!, responderam os três a uma só voz.

Houve então uma luta em que as espadas faiscaram. Os golpes de Hykrion não tinham perdido a força, mas os de Hynreck, o Herói, eram mais fortes. Hysbald esgrimia como o relâmpago, e os golpes choviam sobre ele de todos os lados, mas Hynreck, o Herói, era mais rápido. Hydorn tentou cansá-lo, mas Hynreck, o Herói, era

mais resistente. A luta durou pouco mais de dez minutos, pois, ao fim desse tempo, os três cavaleiros estavam desarmados e dobravam o joelho diante de Hynreck, o Herói. Este olhou orgulhosamente à sua volta, procurando visivelmente o olhar de admiração de sua dama, que devia estar em algum lugar no meio da multidão. O júbilo e os aplausos dos assistentes atroaram na praça como um furacão. Devia ouvir-se aquele tumulto até nas mais remotas margens de Murhu, o Lago das Lágrimas.

Quando se restabeleceu a calma, Querquobad, o Ancião de Prata, levantou-se e perguntou em voz alta:

— Há mais alguém que ainda se atreva a lutar com Hynreck, o Herói?

E, no silêncio, ouviu-se uma voz de rapaz que dizia:

— Eu!

Era Bastian.

Todos os rostos se voltaram na direção dele. A multidão abriu-lhe caminho e Bastian entrou na arena. Ouviam-se gritos de espanto e compaixão.

— Olhem, que bonito ele é!. . . Que pena!. . . Não o deixem!

— Quem é você?, perguntou Querquobad, o Ancião de Prata.

— Só direi o meu nome depois da luta, respondeu Bastian. Viu que os olhos de Atreiú o examinavam com atenção, mas ainda cheios de incerteza.

— Meu jovem amigo, disse Hynreck, o Herói, sentamo-nos à mesma mesa e comemos e bebemos juntos. Por que quer que eu o envergonhe agora? Peço que retire suas palavras e vá embora.

— Não, respondeu Bastian, o que eu disse está dito. Hynreck, o Herói, hesitou um momento. Depois propôs:

— Não seria justo que eu me medisse com você numa luta corpo a corpo. Vamos ver primeiro quem é capaz de lançar uma seta mais alto.

— De acordo, replicou Bastian.

Trouxeram um forte arco e uma seta para cada um. Hynreck esticou a corda e atirou a seta para o céu, mais alto do que os olhos a podiam seguir. Quase no mesmo momento, Bastian estendeu o arco e disparou a sua seta atrás da do rival.

Só ao fim de algum tempo, as duas setas voltaram para trás, caindo no chão entre os dois arqueiros. Viu-se, então, que a seta de Bastian, que tinha penas vermelhas, devia ter alcançado a de Hynreck, a de penas azuis, no ponto mais alto da trajetória desta, e com tal violência, que a fendera pela parte de trás.

Hynreck, o Herói, olhou para as duas setas enfiadas uma na outra, espantado. Empalidecera um pouco, e suas bochechas mostravam duas manchas vermelhas.

— Só pode ter sido por acaso, murmurou. Vamos ver quem é mais hábil com o florete.

Pediu dois floretes e dois baralhos de cartas. Trouxeram-lhe tudo isso. Misturou cuidadosamente os dois baralhos.

Atirou então um baralho ao ar, desembainhou o seu florete com a velocidade do raio e atacou. Quando todas as cartas caíram no chão, viu-se que tinha trespassado com o florete o ás de copas, exatamente no meio do único coração da carta. Voltou a procurar sua dama com o olhar, enquanto mostrava ao público o florete com a carta espetada na ponta.

Bastian atirou então o outro baralho e a lâmina da sua espada silvou no ar. Nenhuma carta caiu no chão. As trinta e duas cartas do baralho ficaram todas espetadas na ponta da espada, exatamente no centro e, ainda por cima, na ordem certa... apesar de Hynreck, o Herói, as ter embaralhado muito bem.

Hynreck, o Herói, olhou para aquilo. Não disse palavra. Só seus lábios tremeram levemente.

— Mas você não me vence na força, disse ele, finalmente, se bem que com a voz um pouco rouca.

Pegou o mais pesado de todos os pesos que ainda estavam na praça e levantou-o lentamente. Porém, antes que pudesse colocá-lo novamente no chão, Bastian já o tinha agarrado, a ele e ao peso, e levantado ambos no ar. Hynreck, o Herói, fez uma cara tão desapontada que alguns espectadores não contiveram o riso.

— Até agora, disse Bastian, você escolheu as modalidades da competição. Concorda em que eu proponha agora outra coisa?

Hynreck assentiu em silêncio.

— É uma prova de coragem, continuou Bastian. Hynreck, o Herói, recuperou o ânimo.

—- Não há nada que me faça recuar!

— Então, replicou Bastian, proponho que atravessemos a nado o Lago das Lágrimas. Quem chegar primeiro à outra margem ganha.

Fez-se um silêncio total na grande praça.

Hynreck, o Herói, corou e empalideceu alternadamente.

— Isso não é uma prova de coragem, disse ele. É uma loucura!

— Eu, respondeu Bastian, estou pronto a tentar. Portanto, vamos!

Nesse momento, Hynreck, o Herói, perdeu o domínio sobre si próprio.

— Não!, gritou ele, e bateu com o pé no chão. Sabe tao bem como eu que a água de Murhu dissolve tudo. Isso equivaleria a uma morte certa.

— Não tenho medo, replicou Bastian calmamente. Vagueei pelo Deserto das Cores, comi e bebi do fogo da Morte Multicor, e banhei-me nele. Não tenho medo dessas águas.

— Mente!, rugiu Hynreck, o Herói, vermelho de cólera. Ninguém em Fantasia pode sobreviver à Morte Multicor. Isso até as crianças sabem!

— Herói Hynreck, disse Bastian lentamente. Em vez de me acusar de mentiroso, seria melhor confessar que simplesmente tem medo.

Aquilo foi demais para Hynreck, o Herói. Desvairado de fúria, desembainhou sua grande espada e avançou sobre Bastian. Este recuou e quis dizer uma palavra de aviso, mas Hynreck não lhe deu tempo. Atirou-se sobre Bastian e, desta vez, a luta era a sério. No mesmo momento, a espada Sikanda saiu como um relâmpago da sua bainha enferrujada, saltou para a mão de Bastian e começou a dançar.

O que aconteceu a seguir foi tão extraordinário que nenhum dos espectadores jamais o esqueceu em toda sua vida. Felizmente, Bastian não podia largar o punho da espada, e tinha de acompanhar todos os movimentos que Sikanda executava por si só. Antes de mais nada, a espada quebrou, peça por peça, a magnífica armadura de Hynreck, o Herói. Voavam pedaços para todos os lados, mas a ponta da espada nem sequer arranhou-lhe a pele. Hynreck, o Herói, defendia-se desesperadamente, desferindo golpes à esquerda e à

direita como um louco, mas a lâmina de Sikanda rodopiava à sua volta como um turbilhão de fogo, ofuscando-o de tal maneira a vista, que nenhum dos seus golpes acertava o alvo. Quando finalmente ficou só com a roupa íntima, continuando sempre a tentar atingir Bastian, Sikanda literalmente cortou sua espada em rodelinhas, a uma tal velocidade, que a lâmina ainda rebrilhou inteira uma última vez no ar, antes de cair no chão, tilintando, como uma chuva de moedas. Hynreck, o Herói, voltou seus olhos esbugalhados para o punho da espada, que conservava na mão. Depois, deixou-o cair e baixou a cabeça. Sikanda voltou para sua bainha enferrujada e Bastian pôde finalmente largá-la.

Um grito uníssono de admiração e espanto se ergueu então de mil gargantas na multidão de espectadores, que se precipitaram para a praça, levantaram Bastian no ar e o levaram em triunfo. As manifestações de júbilo pareciam não ter fim. Bastian olhou uma última vez lá de cima para Hynreck, o Herói. Queria gritar-lhe uma palavra de reconciliação, pois o pobre causava-lhe pena, e não tivera *a* intenção de humilhá-lo daquela maneira. Mas Hynreck, o Herói, tinha desaparecido.

De repente, fez-se silêncio. A multidão recuou e abriu espaço. Ali estava Atreiú, sorridente, olhando Bastian. Bastian sorriu também. Aqueles que o traziam nos ombros depuseram-no no chão e os dois rapazes ficaram de pé, um em frente do outro, olhando-se em silêncio. Finalmente, Atreiú começou a falar.

— Se eu ainda precisasse de um companheiro para partir em busca do Salvador do reino de Fantasia, estaria contente com este, pois vale mais do que cem homens juntos. Mas já não preciso de nenhum acompanhante, pois a expedição de busca não se realizará.

Ouviu-se um murmúrio de espanto e desilusão.

— O Salvador de Fantasia não precisa de nossa proteção, continuou Atreiú, levantando a voz, porque sabe se proteger melhor do que nós o poderíamos fazer. E não é preciso procurá-lo mais, porque ele nos encontrou. Não o reconheci imediatamente, porque quando o vi na Porta do Espelho Mágico do Oráculo do Sul tinha um aspecto diferente. . . muito diferente do de agora. Mas não esqueci

seu olhar. E é o mesmo que vejo agora. É impossível que eu esteja enganado.

Bastian moveu a cabeça, sorrindo e disse:

— Você não está enganado, Atreiú. Foi você que me conduziu à imperatriz Criança para que eu lhe desse um novo nome. E estou-lhe grato por isso.

Um sussurro respeitoso percorreu como uma rajada de vento a multidão de espectadores.

— Você também prometeu, respondeu Atreiú, dizer-nos o seu nome, que ninguém em Fantasia conhece, além da Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados. Quer fazê-lo agora?

— Chamo-me Bastian Baltasar Bux.

Os espectadores não puderam conter-se por mais tempo. O seu júbilo explodiu em milhares de gritos de aclamação. Muitos começaram a dançar de entusiasmo, e as pontes e caminhos que iam dar na praça, assim como a própria praça, começaram a balançar.

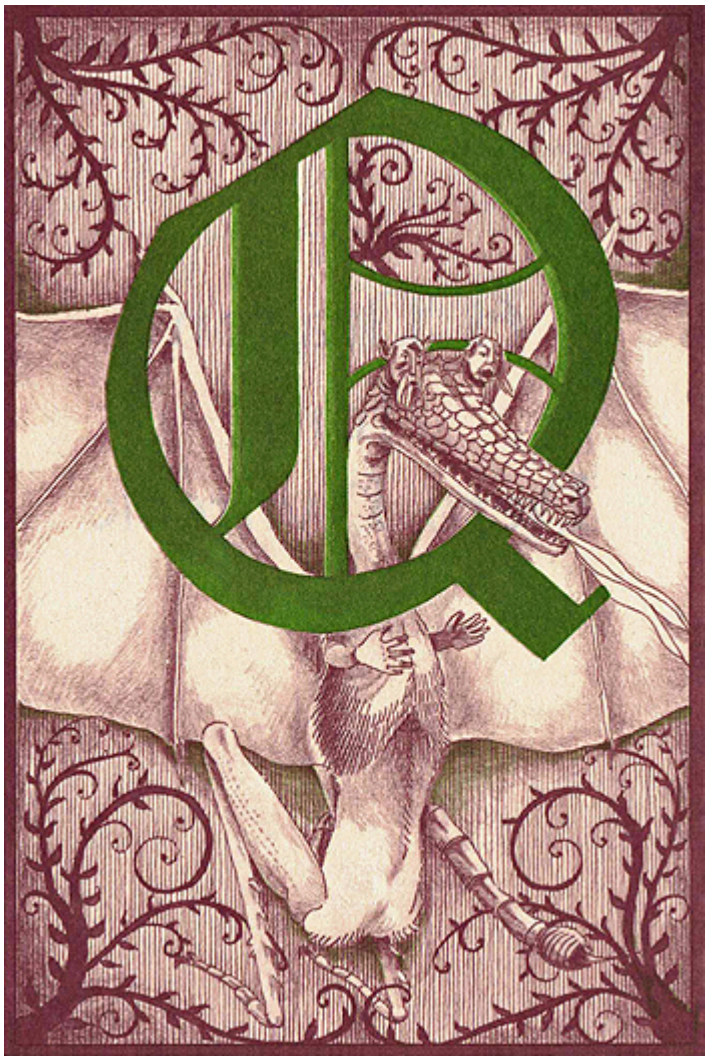
Atreiú estendeu a mão a Bastian, sorrindo; Bastian estendeu-lhe a sua, e assim, de mãos dadas, entraram no palácio, em cujos degraus de entrada os aguardavam Querquobad, o Ancião de Prata, e Fuchur, o Dragão da Sorte.

Nessa noite, a cidade de Amargante organizou a festa mais bela a que seus habitantes jamais tinham assistido. Tudo o que tinha pernas, compridas ou curtas, tortas ou direitas, dançou animadamente, e tudo o que tinha voz, bonita ou feia, grave ou aguda, cantou e riu alegremente.

Quando anoiteceu, os habitantes de Amargante acenderam milhares de luzes coloridas em seus barcos e palácios de prata. E à meia-noite queimaram belos fogos-de-artifício, como nunca se tinha visto mesmo em Fantasia. Bastian surgiu na varanda acompanhado por Atreiú, tendo à sua esquerda e à sua direita Fuchur e Querquobad, o Ancião de Prata, e contemplou os desenhos coloridos formados pelos fogos no céu e as milhares de luzes da Cidade de Prata, que se espelhavam nas águas escuras de Murhu, o Lago das Lágrimas.

XVII

Um Dragão para Hynreck, o Herói



uerquobad, o Ancião de Prata, adormecera sentado em sua poltrona, pois já era tarde da noite. Perdeu assim o acontecimento mais importante e mais belo que poderia ter presenciado em seus cento e sete anos de existência. O mesmo aconteceu a muitos outros em Amargante, naturais da cidade bem como estrangeiros, que tinham ido se deitar, cansados da festa. Poucos ainda estavam acordados, mas esses poucos ouviram algo que ultrapassava em beleza tudo o que tinham escutado ou viriam a escutar em toda a sua vida.

Fuchur, o Dragão Branco da Sorte, cantava.

Descrevendo 'círculos lá no alto do céu sobre a Cidade de Prata e o Lago das Lágrimas, o dragão cantou com sua voz de sino. Era uma canção sem palavras, a melodia simples e grandiosa da

pura felicidade. E o coração das pessoas que a ouviam abria-se por completo à alegria.

Foi o que aconteceu também a Bastian e a Atreiú, que estavam sentados lado a lado na varanda do palácio de Querquobad. Era a primeira vez que eles ouviam cantar um Dragão da Sorte. Sem perceberem, tinham dado as mãos e escutavam silenciosos e encantados. Cada um deles sabia que o outro sentia a mesma coisa: a alegria de ter encontrado um amigo. E evitaram perturbá-lo com palavras.

A grande hora passou, o canto de Fuchur pouco a pouco se tornou mais suave e acabou por se extinguir completamente.

Quando tudo ficou novamente, em silêncio, Querquobad acordou, levantou-se e disse, desculpando-se:

— Os Anciãos de Prata como eu precisam dormir. Vocês, os jovens, são diferentes. Não me levem a mal, mas tenho de ir para a cama.

Desejaram-lhe boa-noite e Querquobad foi-se embora.

Os dois amigos ficaram sentados durante muito tempo, calados, olhando o céu noturno onde o Dragão da Sorte continuava a descrever círculos, com movimentos ondulantes, lentos e calmos. De vez em quando, passava em frente ao círculo da lua cheia como uma nuvem branca. ,'

— Fuchur não dorme?, perguntou finalmente Bastian.

— Já está dormindo, disse Atreiú baixinho.

— Sem parar de voar?

— Sim. Ele não gosta de ficar dentro das casas, mesmo que sejam grandes como o Palácio de Querquobad. Sente-se apertado e pouco à vontade, e tem de se mover com todo o cuidado possível para não derrubar nem quebrar nada. É grande demais. Por isso, quase sempre dorme lá em cima, nos ares.

— Você acha que ele também me deixaria cavalgá-lo?

— É claro, opinou Atreiú, mas não é fácil. Temos de nos habituar primeiro.

— Eu montei Graograman, lembrou Bastian.

Atreiú acenou com a cabeça, e olhou-o cheio de admiração.

— Você já disse quando disputava a prova de coragem com Hynreck, o Herói. Como conseguiu domar a Morte Multicor?

— Trago AURIN comigo, disse Bastian.

— Ah, sim?, falou Atreiú. Parecia muito surpreendido, mas não disse nada.

Bastian tirou o sinal da imperatriz Criança de debaixo da camisa e mostrou-o a Atreiú, que o contemplou durante um momento e depois murmurou:

— Então agora é *você* que tem o "Brilho".

Bastian achou que ele parecia um pouco desapontado, por isso apressou-se em dizer:

— Você quer ficar com ele outra vez? Fez menção de tirar a corrente do pescoço.

— Não!

A voz de Atreiú soara quase com aspereza e Bastian deteve-se, perplexo. Atreiú sorriu, desculpando-se, e repetiu num tom mais amigável:

— Não, Bastian, já o usei durante tempo suficiente.

— Como quiser, disse Bastian. Depois virou a medalha.

— Olhei Você viu esta inscrição?

— Vi. Mas não sei o que diz, respondeu Atreiú.

— Por quê?

— Nós, os Peles-Verdes, sabemos ler alguns traços, mas letras não.

Desta vez foi Bastian que disse: "Ah, sim?"

— Que diz a inscrição?, perguntou Atreiú.

— "Faça o que quiser", leu Bastian. Atreiú olhou fixamente o "Signo".

— Então *é* isso que diz?, murmurou ele. Seu rosto não exprimia qualquer emoção e Bastian não foi capaz de adivinhar o que ele estava pensando. Por isso perguntou:

— Se você soubesse disso, teria agido de maneira diferente?

— Não, respondeu Atreiú, fiz o que queria.

— Isso é verdade, comentou Bastian, e acenou afirmativamente.

Calaram-se outra vez durante algum tempo.

— Preciso lhe perguntar ainda outra coisa, Atreiú, disse Bastian finalmente, retomando a conversa. Você disse que quando me viu na Porta do Espelho Mágico eu tinha um aspecto diferente.

— Sim, completamente diferente.

— Diferente como?

— Era muito gordo e pálido, vestia roupas totalmente diferentes.

— Gordo e pálido?, perguntou Bastian, e sorriu incrédulo. Tem certeza de que era eu mesmo?

— E não era? Bastian refletiu.

— Você me viu, sei que me viu. Mas eu sempre fui como sou agora.

— Tem certeza?

— Com certeza me lembraria, se tivesse sido diferente!, exclamou Bastian.

— Sim, disse Atreiú, e olhou-o pensativamente. Com certeza se lembraria.

— Não seria um espelho deformante? Atreiú abanou a cabeça.

— Não creio.

— Então como você explica que tenha me visto assim?

— Não sei, confessou Atreiú. Só sei que não estou equivocado.

Depois, calaram-se novamente durante muito tempo e finalmente foram dormir.

Bastian deitou-se em sua cama, que tinha naturalmente a cabeceira e os pés de filigrana de prata, e durante muito tempo ficou pensando na conversa com Atreiú. Parecia-lhe que sua vitória sobre Hynreck, o Herói, e até sua estada junto de Graograman tinham deixado de impressionar Atreiú desde que ele soubera que Bastian trazia o "Brilho". Talvez ele pensasse que, nessas circunstâncias, Bastian não tinha feito nada de extraordinário. E Bastian queria que Atreiú o admirasse sem reservas.

Refletiu durante muito tempo. Tinha de fazer alguma coisa de que ninguém fosse capaz em Fantasia, mesmo com o "Signo". Alguma coisa que só ele, Bastian, pudesse fazer.

E, finalmente, teve uma idéia: inventar histórias!

Tinha ouvido dizer uma porção de vezes que ninguém em Fantasia era capaz de criar algo novo. Até a voz de Uiulala falara disso. E era precisamente o que ele sabia fazer com perfeição!

Atreiú veria que ele, Bastian, era um grande autor!

Ansiava por uma oportunidade de mostrar ao amigo aquilo de que era capaz. Talvez mesmo no dia seguinte. Por exemplo, podia haver uma festa de poetas em Amargante, durante a qual Bastian ultrapassaria todos os outros competidores com sua imaginação.

Ou, melhor ainda, se tudo o que ele contasse se tornasse realidade! Graograman tinha dito que Fantasia era o país das histórias, e que, portanto, coisas passadas há muito tempo podiam acontecer novamente se aparecessem numa história.

Atreiú ficaria espantado!

E imaginando a assombrada admiração de Atreiú, Bastian adormeceu.

No dia seguinte, quando tomavam um magnífico café da manhã na sala de banquetes do palácio, Querquobad, o Ancião de Prata, disse:

— Resolvemos organizar uma festa muito especial para nosso hóspede, o Salvador de Fantasia, e o seu amigo, que o trouxe até nós. Talvez não saiba, Bastian Baltasar Bux, que nós, os habitantes de Amargante, somos conhecidos tradicionalmente em Fantasia como excelentes cantores e narradores de histórias. Nossos filhos aprendem desde muito cedo essa arte. Quando crescem, têm de viajar durante muitos anos por diferentes países, exercendo essa profissão para utilidade e proveito de todos. Por isso nos recebem em toda a parte com respeito e alegria. Mas há uma coisa que nos desgosta: nosso repertório de histórias e canções — temos de admiti-lo -— não é grande. E esse pouco tem de ser partilhado por muita gente. Porém, diz-se — não sei se com razão — que no seu mundo você era conhecido pela sua capacidade de inventar histórias. É verdade?

— Sim, disse Bastian. Até zombavam de mim por causa disso.

Querquobad, o Ancião de Prata, levantou as sobrancelhas, atônito.

— Zombavam de você porque contava histórias que ninguém antes tinha ouvido? Como isso *é* possível? Nenhum de nós é capaz de o fazer, e tanto eu como os meus concidadãos ficaríamos muito gratos se você nos quisesse presentear com algumas histórias novas. Quer nos ajudar com seu talento?

— Com prazer!, respondeu Bastian.

Depois do café da manhã, desceram as escadas do palácio de Querquobad e foram até a rua, onde já os esperava Fuchur.

Nesse ínterim, reunira-se na praça uma grande multidão, mas desta vez já havia muito poucos estrangeiros dos que tinham acorrido à cidade para o torneio. Essa multidão compunha-se principalmente de homens, mulheres e crianças de Amargante, todos belos e de olhos azuis, envergando belos trajes de tecido prateado. A maioria trazia também instrumentos de corda feitos de prata, harpas, liras, guitarras ou alaúdes, para acompanhar suas canções, pois todos esperavam poder exibir sua arte para Bastian e Atreiú.

Instalaram outra vez os cadeirões na varanda, e Bastian sentou-se no meio, entre Querquobad c Atreiú. Fuchur postou-se atrás deles.

Então Querquobad bateu palmas, e quando a multidão fez silêncio, disse:

— O grande autor vai satisfazer nossos desejos. Vai nos oferecer uma nova história. Esforçai-vos, portanto, meus amigos, por contribuir para que venha a inspiração!

Todos os amargantinos que estavam na praça fizeram uma reverência profunda, em silêncio. Então, um deles avançou e começou a recitar. Depois dele veio outro, e outro, e outro. Todos tinham vozes muito bonitas e melódicas e recitavam ou cantavam muito bem.

Algumas das histórias, poesia e canções que apresentaram eram emocionantes, outras alegres, outras tristes, mas exigiriam aqui demasiado espaço para reproduzi-las. Terão de ser contadas em outra ocasião. Cantaram ou recitaram ao todo umas cem peças diferentes. Depois começaram a se repetir. Os amargantinos que intervinham só podiam repetir o que já se ouvira de seus predecessores.

Mas Bastian estava cada vez mais excitado, pois aguardava o momento em que finalmente interviria. Seu desejo da véspera se realizara em todos os pormenores. Mal podia esperar que todos os outros acabassem. Olhava Atreiú de soslaio, mas ele escutava os narradores com um ar imperturbável. Seu rosto não demonstrava o que sentia.

Finalmente, Querquobad, o Ancião de Prata, pediu aos seus concidadãos que interrompessem o espetáculo. Suspirando, voltou-se para Bastian e disse:

— Como já lhe disse, Bastian Baltasar Bux, nosso repertório de histórias e canções infelizmente é muito pequeno. Não temos culpa de que não haja mais. Como vê, fazemos o melhor que podemos. Quer nos oferecer agora uma história das suas?

— Vou oferecer-lhes todas as histórias que inventei — disse Bastian generosamente —, pois sou capaz de sempre inventar histórias novas. Contei muitas delas a uma menina chamada Kris ta; a maioria delas, porém, só as contei a mim próprio. Portanto, ninguém as conhece. Mas seriam necessárias muitas semanas, ou mesmo meses, para contá-las todas, e não posso ficar esse tempo todo com vocês. Vou contar-lhes uma história que encerra todas as outras. Chama-se *A História da Biblioteca de Amargante* e é bem curta.

Refletiu um pouco e começou a contar ao acaso:

"Há muitos e muitos anos, havia em Amargante uma Anciã de Prata chamada Quana, que governava a cidade. Nesses tempos muito remotos ainda não existia Murhu, o Lago das Lágrimas, e Amargante ainda não era feita desta prata especial que resiste às águas amargas. Era ainda uma cidade comum, com casas de pedra e madeira. E situava-se num vale, entre colinas cobertas de floresta.

Quana tinha um filho chamado Quin, que era um grande caçador. Um dia, Quin viu na floresta um unicórnio, que tinha uma pedra luminosa na ponta de seu único chifre. Matou o animal e levou a pedra para casa. Mas isso atraiu uma grande desgraça sobre a cidade de Amargante. O número de habitantes começou a diminuir, e havia cada vez menos crianças. Se não descobrissem uma maneira de se salvarem, estariam condenados à extinção. Mas o unicórnio morrera e não era possível ressuscitá-lo, e ninguém sabia o que se deveria fazer.

Quana, a Anciã de Prata, enviou então um mensageiro ao Oráculo do Sul, que nessa época ainda existia, para perguntar a Uiulala o que deveriam fazer. Mas o Oráculo do Sul ficava muito longe. O mensageiro era um jovem quando partiu, e quando voltou já era muito velho. Quana, a Anciã de Prata, morrera há muito, e o

seu filho Quin sucedera-lhe. Ele já era muito velho, assim como todos os outros habitantes de Amargante. Só havia um único casal de crianças, um menino e uma menina. Ele se chamava Aquil e ela Muqua.

O mensageiro anunciou então o que lhe tinha revelado a voz de Uiulala! Amargante só continuaria a existir se se tornasse a cidade mais bela de toda a Fantasia. Só assim o crime de Quin poderia ser reparado. Mas os amargantinos só poderiam fazê-lo com a ajuda dos Aiaiai, que são os seres mais feios de Fantasia. Chamam-lhes também "os que sempre choram", pois eles não param de derramar lágrimas pelo pesar que lhes causa sua própria feiúra. Mas é exatamente com esses rios de lágrimas que eles lavam a prata especial que extraem das profundezas da terra, e com a qual sabem fazer uma filigrana maravilhosa.

Todos os habitantes de Amargante partiram assim em busca dos Aiaiai, mas nenhum os conseguiu encontrar, porque eles vivem nas profundezas da terra, Finalmente, só ficaram Aquil e Muqua.

Todos os outros tinham morrido e, nesse meio-tempo, os dois haviam crescido. Juntos, conseguiram encontrar os Aiaiai e convenceram-nos a transformar Amargante na mais bela cidade de Fantasia.

Os Aiaiai construíram então o primeiro barco de prata e, sobre ele, um pequeno palácio de filigrana, e colocaram-no na praça do mercado da extinta cidade. Depois, dirigiram suas torrentes de lágrimas para dentro da terra de tal maneira que formaram uma nascente no vale, entre as duas colinas cobertas de floresta. O vale se encheu de águas amargas, formando Murhu, o Lago das Lágrimas, no qual flutuava o primeiro palácio de prata. Foi aí que Aquil e Muqua ficaram morando.

Os Aiaiai tinham imposto uma condição ao jovem par: a de que tanto eles como todos os seus descendentes se dedicassem ao canto e à narração de histórias. Enquanto o fizessem, os Aiaiai continuariam a ajudá-los, pois dessa maneira eram também favorecidos e podiam contribuir para a ^criação de coisas belas, apesar de sua feiúra.

Aquil e Muqua fundaram então uma biblioteca — a famosa Biblioteca de Amargante — onde reuniram todas as minhas

histórias. Começaram por esta que acabo de vos contar e, pouco a pouco, foram acrescentando todas as outras que eu ia contando. Finalmente, as histórias eram tantas que nem eles, nem seus numerosos descendentes as conseguiriam esgotar.

Se Amargante, a mais bela cidade de Fantasia, ainda hoje existe, isto se deve ao fato de os Aiaiai e os habitantes da cidade terem mantido as respectivas promessas. . . apesar de nenhum dos dois povos saber nada um do outro. Só o nome de Murhu, o Lago das Lágrimas, recorda ainda o que sucedeu naqueles tempos remotos."

Quando Bastian acabou sua história, Querquobad, o Ancião de Prata, levantou-se da cadeira. Seu rosto estava iluminado por um grande sorriso.

— Bastian Baltasar Bux, disse ele, você nos ofereceu mais do que uma história ou até mais do que todas as suas histórias. Você nos deu um passado. Sabemos agora a origem de Murhu e de nossos navios e palácios de prata que flutuam no lago. Sabemos agora a razão por que somos, desde tempos muito antigos, um povo de cantores de canções e de narradores de histórias. E, principalmente, sabemos o que contém aquele grande edifício circular que existe em nossa cidade, no qual nunca nenhum de nós entrou, pois está fechado desde tempos imemoriais. Contém o nosso maior tesouro e, até agora, não o sabíamos! Contém a Biblioteca de Amargante!

O próprio Bastian ficou espantado por tudo o que ele acabara de contar ter-se tornado realidade (ou teria sido assim desde sempre? Graograman, provavelmente, teria dito: as duas coisas). De qualquer modo, quis ver com seus próprios olhos.

— Onde se situa esse edifício?, perguntou.

— Vou lhe mostrar, disse Querquobad, e, voltando-se para a multidão, exclamou: Venham todos! Talvez ainda nos esperem hoje outras maravilhas!

Uma longa comitiva, encabeçada pelo Ancião de Prata, Atreiú e Bastian, pôs-se a caminho sobre as pontes que ligavam uns aos outros os barcos de prata e parou finalmente diante de um grande edifício situado sobre uma barca circular que tinha a forma de uma enorme caixa de prata. As paredes exteriores eram lisas e sem

enfeites, e não tinham janelas. Havia uma única e grande porta, mas ela estava fechada.

No meio do batente de prata lisa da porta havia uma pedra de formato anelar, que parecia um pedaço de cristal. Em cima dela lia-se a seguinte inscrição:

Arrancada do chifre do unicórnio, apaguei-me.
Mantenho a porta fechada, até que minha luz regresse
despertada por alguém que me chame pelo nome.
Eu o iluminarei por cem anos
e o guiarei no abismo profundo
do Minroud de Yor.
E se ele disser meu nome uma segunda vez
de trás para frente,
irradiarei num só instante
a luz de cem anos.

— Nenhum de nós, disse Querquobad, é capaz de interpretar esta inscrição. Nenhum de nós sabe o que significa as palavras Minroud de Yor. Ninguém até hoje descobriu o nome da pedra, apesar de todos nós termos tentado mais de uma vez. Mas só podemos proferir nomes que já existem em Fantasia. E como são os nomes de outras coisas, nenhum deles fez com que a pedra se iluminasse e a porta se abrisse. Será capaz de descobrir esse nome, Bastian Baltasar Bux?

Fez-se um silêncio tenso e profundo. Todos, amargantinos e estrangeiros, retiveram a respiração.

— Al-Tsahir, gritou Bastian.

No mesmo instante, a pedra se iluminou, saltou do seu engaste e foi cair na mão de Bastian. A porta se abriu.

Um "Ah!" de assombro saiu de mil gargantas.

Bastian, segurando na mão a pedra luminosa, entrou pela porta, seguido de Atreiú e de Querquobad. A multidão entrou atrás deles.

A grande sala circular estava escura, e Bastian levantou a pedra bem alto. A luz que dela irradiava era mais forte do que a de uma vela, mas não bastava para iluminar o compartimento. Via-se

apenas que as paredes estavam cobertas até o alto por fileiras de livros.

Trouxeram lâmpadas, e em breve todo o compartimento estava bem iluminado. Via-se agora que os livros estavam ordenados em seções que tinham placas indicativas: por exemplo, "Histórias Alegres", ou "Histórias Emocionantes", ou ainda "Histórias Sérias", "Histórias Curtas", e assim sucessivamente.

No meio da grande sala circular havia no chão uma inscrição bem visível, que dizia:

BIBLIOTECA
DAS OBRAS COMPLETAS
DE BASTIAN BALTASAR BUX

Atreiú olhava tudo com olhos muito abertos. Estava tão dominado pelo espanto e pela admiração que, desta vez, a expressão do seu rosto traía claramente suas emoções. E Bastian alegrou-se com isto.

— Tudo isto, perguntou Atreiú, apontando com o dedo para os livros que os cercavam, tudo isto são histórias que você inventou?

— Sim, disse Bastian, colocando Al-Tsahir no bolso. Atreiú olhou-o boquiaberto.

— Isso, disse ele, é uma coisa que não consigo entender. Ansiosos, os amargantinos naturalmente tinham-se precipitado sem demora sobre os livros: folheavam-nos, mostravam-nos uns aos outros, e alguns tinham-se sentado no chão e começado ali mesmo a decorar algumas passagens.

A notícia do grande acontecimento espalhara-se por toda a Cidade de Prata como um incêndio, tanto entre os amargantinos como entre os forasteiros.

Bastian e Atreiú acabavam precisamente de sair da biblioteca quando viram que os senhores Hykrion, Hysbald e Hydorn vinham ao seu encontro.

— Meu senhor Bastian, disse o ruivo Hysbald, que era obviamente o que manejava com mais agilidade tanto a espada como a língua. Ouvimos contar todas as maravilhas que fez em um único dia. Por isso, queremos pedir permissão para que possamos lhe prestar nossos serviços, e acompanhá-lo em sua viagem. Cada

um de nós anseia por ter sua própria história. E mesmo que não precise da nossa proteção, como certamente é o caso, pode ser-lhe útil ter ao seu serviço três cavaleiros valentes e capazes como nós. Está de acordo?

— De bom grado, respondeu Bastian. Qualquer um se orgulharia de ter companheiros como vocês.

Os três homens queriam prestar imediatamente seu juramento de fidelidade sobre a espada de Bastian, mas ele os impediu.

— Sikanda, explicou-lhes, é uma espada mágica. Ninguém pode tocá-la sem perigo de vida, a menos que tenha comido e bebido do fogo da Morte Multicor e que também tenha se banhado nele.

Tiveram, pois, de se contentar com apertos de mãos amigáveis.

— E que aconteceu com Hynreck, o Herói?, perguntou Bastian.

— Está completamente arruinado, disse Hykrion.

— É por causa de sua amada, acrescentou Hydorn. Puseram-se portanto a caminho, agora já eram cinco, da estalagem onde a companhia tinha se alojado quando de sua chegada à cidade e onde Bastian deixara, na cavalariça, a velha Iicha.

Quando entraram na sala da estalagem, ali só se encontrava um homem sentado. Estava prostrado sobre a mesa e tinha as mãos enterradas no cabelo louro. Era Hynreck, o Herói.

Evidentemente, trouxera na bagagem uma armadura sobressalente, que envergava agora um atavio mais simples do que aquele que, no dia anterior, ficara despedaçado no combate com Bastian.

Quando Bastian lhe disse bom-dia, levantou-se de um pulo e olhou fixamente os dois jovens. Tinha os olhos vermelhos.

Bastian perguntou se podia sentar-se junto dele; o herói encolheu os ombros sem falar e fez sinal que sim, deixando-se cair novamente em seu banco. Diante dele, sobre a mesa, estava uma folha de papel que parecia ter sido amassada e alisada várias vezes.

— Venho saber notícias suas, disse Bastian. Lamento que esteja doente.

Hynreck, o Herói, abanou a cabeça.

— Acabou-se tudo para mim, disse ele a muito custo, com voz rouca. Veja isto!

Empurrou a folha de papel para a frente de Bastian. "Só quero o melhor", dizia no papel, "e você não é. Por isso, adeus!"

— É da princesa Oglamar?, perguntou Bastian. Hynreck, o Herói, assentiu.

— Logo depois de nossa luta, ela atravessou o lago de barco e desembarcou na outra margem com seu palafrém. Quem sabe onde estará agora! Nunca mais a verei. De que me serve continuar vivendo?

— Não pode procurá-la?

— Para quê?

— Para fazê-la mudar de opinião. Quem sabe? Hynreck, o Herói, riu amargamente.

— Você diz isto porque não conhece a princesa Oglamar. Treinei durante mais de dez anos, para aprender tudo o que sei. Renunciei a tudo o que pudesse prejudicar minha forma física. Aprendi a esgrimir com os melhores mestres, sujeitando-me a uma disciplina severa, e aprendi a lutar com os melhores lutadores até vencê-los a todos. Sou capaz de correr mais depressa que um cavalo, de saltar mais que um gamo, sou o melhor em tudo — isto é, era, até ontem. A princípio, ela não se dignava a olhar para mim, mas ultimamente estava cada vez mais interessada em minhas habilidades. Já tinha esperanças de que ela me escolhesse. . . e agora é tudo inútil. Como poderei viver sem esperança?

— Talvez, opinou Bastian, fosse melhor não se importar tanto com a princesa Oglamar. Com certeza deve haver outras damas que possam interessar a você.

— Não, respondeu Hynreck, o Herói. A mim só interessa a princesa Oglamar, exatamente porque ela só se contenta com o melhor.

— Ah!, disse Bastian, perplexo. Assim é difícil. E se tentasse a sorte junto dela em outra especialidade? Como cantor, por exemplo, ou como poeta?

— Sou um herói, replicou Hynreck um tanto irritado. E não tenho nem quero ter outra profissão. Sou como sou.

— Sim, disse Bastian, estou vendo.

Calaram-se todos. Os três cavaleiros olhavam Hynreck, o Herói, com compaixão. Compreendiam o que ele sentia. Finalmente, Hysbald tossiu e disse baixinho, voltando-se para Bastian.

— Senhor Bastian, para o senhor não seria difícil ajudá-lo.

Bastian olhou Atreiú, mas este mantinha outra vez seu ar impassível.

— Uma pessoa como Hynreck, o Herói, interveio Hydorn, se sente deslocada em um lugar onde não há monstros. Compreende?

— Os monstros, opinou Hykrion, afagando o seu enorme bigode negro, são indispensáveis para que um herói possa ser um herói.

Piscou o olho para Bastian. Bastian compreendeu finalmente.

— Ouça, Herói Hynreck, disse ele. Quando propus a você que oferecesse seu coração a outra dama, estava só pondo à prova sua perseverança. Na verdade, a princesa Oglamar precisa de sua ajuda neste mesmo momento e só você poderá salvá-la.

Hynreck, o Herói, pareceu ressuscitar.

— Fala sério, senhor Bastian?

— Muito sério. Você já vai ver. A princesa Oglamar foi atacada e raptada há poucos minutos.

— Por quem?

— Por um dos monstros mais terríveis de Fantasia. É o dragão Smarg. O monstro viu-a quando ela cavalgava numa clareira da floresta, precipitou-se lá dos ares sobre ela, arrancou-a de seu palafrém e levou-a consigo.

Hynreck levantou-se de um salto. Seus olhos começaram a brilhar e suas faces a arder. Bateu palmas de alegria. Mas, depois, o brilho do seu olhar extinguiu-se e ele sentou-se novamente.

— Infelizmente, isso não pode ser verdade, disse ele, tristemente. Já não há dragões em parte alguma.

— Você se esquece, Herói Hynreck, explicou Bastian, que eu venho de muito longe, de muito mais longe que todos os lugares onde você já esteve em toda sua vida.

— Isso é verdade, confirmou Atreiú, que intervinha agora pela primeira vez na conversa.

— E ela foi mesmo raptada por esse monstro?, exclamou Hynreck, o Herói. Depois colocou as duas mãos sobre o coração e

suspirou: — Ó minha adorada Oglamar, como você deve estar sofrendo neste momento! Mas não tenha medo, o seu cavaleiro já vem, já está a caminho! Diga-me, que devo fazer? Onde devo ir? Onde se passou tudo isso?

— Muito longe daqui, começou Bastian, há um país chamado Morgul ou o País do Fogo Frio, pois lá as chamas são mais frias que o gelo. Não posso lhe dizer como encontrar esse país. Você terá de encontrá-lo sozinho. No meio desse país, há uma floresta petrificada chamada Wodgabay. E, no meio dessa floresta, está o Castelo de Chumbo de Ragar. Esse castelo é rodeado por três fossos. O primeiro contém um veneno verde, o segundo ácido sulfúrico fumegante e o terceiro escorpiões venenosos tão grandes como os seus pés. Não há pontes levadiças nem passagens para transpor esses fossos, pois o senhor que reina no Castelo de Chumbo de Ragar é esse monstro alado chamado Smarg. Ele possui asas membranosas, cuja envergadura mede trinta e dois metros. Quando não está voando, anda de pé como um canguru gigante. O corpo dele parece o de uma ratazana repugnante, mas tem uma cauda semelhante à do escorpião. O menor toque com a unha do veneno é mortal. As patas traseiras são como as de um gafanhoto gigante, mas as dianteiras, pequenas e tortas, parecem as mãos de uma criança pequena. Porém, não se deixe enganar, porque precisamente essas patas têm uma força espantosa. O pescoço comprido encolhe como as antenas de um caracol, e tem na ponta três cabeças. Uma *é* grande e parece a cabeça de um crocodilo. A goela dessa cabeça cospe fogo. Mas, no lugar onde ficam os olhos do crocodilo, ele tem duas protuberâncias que, por sua vez, são outras duas cabeças. A direita parece a de um homem velho. É com essa cabeça que ouve e lê. Mas fala com a da esquerda, que parece o rosto enrugado de uma velha.

Hynreck, o Herói, empalidecera um pouco ao ouvir esta descrição.

— Smarg, repetiu Bastian, há mil anos faz suas maldades, pois é essa a idade que tem. Rapta sempre uma formosa donzela que tem de lhe governar a casa até o fim dos seus dias. Quando a donzela morre, rapta outra.

— Mas como é que nunca ouvi falar desse monstro?

— Smarg é capaz de voar incrivelmente depressa e até muito longe. Até agora sempre fez seus raptos em outros países de Fantasia. De resto, isto é algo que só acontece de cinqüenta em cinqüenta anos.

— E ninguém conseguiu até hoje libertar uma dessas prisioneiras?

— Não. Para isso é preciso um herói extraordinariamente valoroso.

Ao ouvir estas palavras, Hynreck, o Herói, recuperou a cor do rosto.

— Smarg tem algum ponto vulnerável?, perguntou ele com um ar muito profissional.

— Ah!, respondeu Bastian. Já ia me esquecendo do mais importante. Na cave mais profunda do Castelo de Ragar há um machado de chumbo. Você pode calcular o cuidado com que Smarg vigia esse machado, como se fosse a menina-dos-seus-olhos, pois ele é a única arma com a qual se pode matá-lo. É preciso cortar com ela as duas cabeças menores.

— Como sabe tudo isso?, perguntou Hynreck.

Bastian não precisou responder, pois, nesse mesmo momento, ouviram-se gritos de terror na rua:

— Um dragão!... Um monstro!... Vejam, lá em cima no céu!. . . Que horror! Vem na direção da cidade!... Salve-se quem puder!... Não, não, ele já leva uma vítima!

Hynreck, o Herói, precipitou-se para a rua, e todos os outros o seguiram, com Atreiú e Bastian na cauda do cortejo.

No céu, esvoaçava uma coisa que parecia um morcego gigante. Quando se aproximou, foi como se, por momentos, uma sombra gélida tivesse coberto a Cidade de Prata. Era Smarg, e tinha exatamente o aspecto que Bastian inventara. Agarrava com as duas mãozinhas tortas, mas terríveis, uma jovem dama, que se contorcia e gritava com todas as suas forças.

— Hynreck!, ouviu-se ela chamar, cada vez mais longe. Socorro, Hynreck! Salve-me, meu herói!

E, um momento depois, tinha desaparecido.

Hynreck, nesse ínterim, tirara da cavalariça seu corcel negro e já se encontrava numa das barcaças de prata que faziam o trajeto

até terra firme.

— Mais depressa!, ouviram-no gritar ao barqueiro. Dou-lhe o que quiser, mas se apresse!

Bastian olhou-o e murmurou:

— Espero não lhe ter dificultado muito a aventura. Atreiú olhou-o de soslaio. Depois, disse baixinho:

— Nós também deveríamos partir.

— Para onde?

— Você veio até Fantasia graças a mim, afirmou Atreiú. Acho que agora devo ajudá-lo a encontrar o caminho de volta. Com certeza vai querer voltar algum dia para o seu mundo, não vai?

— Oh!, disse Bastian. Ainda não tinha pensado nisso. Mas você tem razão, Atreiú. Claro que tem toda a razão.

— Você salvou Fantasia, continuou Atreiú, e parece-me que já foi bem recompensado. Penso que deve querer regressar ao seu mundo, para lhe devolver a saúde. Ou ainda há algo que o retenha aqui?

E Bastian, que já esquecera que nem sempre fora forte, belo, valente e poderoso, respondeu':

— Não, não tenho aqui mais nada a fazer.

Atreiú olhou novamente para o seu amigo, com ar pensativo, e acrescentou:

Talvez o caminho de volta seja difícil e longo, quem sabe?

— Sim, quem sabe?, concordou Bastian. Se quiser, podemos ir embora.

Houve ainda uma pequena discussão amigável entre os três cavaleiros, que não conseguiam chegar a um acordo sobre qual deles emprestaria seu cavalo a Bastian. Mas Bastian resolveu a questão pedindo-lhes que lhe oferecessem Iicha, a mula. Eles acharam que esse animal não era digno de um cavaleiro como Bastian, mas, como ele insistisse, acabaram por ceder aos seus desejos.

Enquanto os cavaleiros preparavam tudo para a partida, Bastian e Atreiú voltaram ao palácio de Querquobad para agradecerem ao Ancião de Prata sua hospitalidade e se despedirem. Fuchur, o Dragão da Sorte, esperava Atreiú em frente do palácio. Ficou muito contente quando soube que iam embora. As

cidades não eram o seu ambiente, mesmo que fossem tão belas como Amargante.

Querquobad, o Ancião de Prata, estava mergulhado na leitura de um livro que trouxera da Biblioteca de Bastian Baltasar Bux.

— Gostaria que ficassem por mais tempo, disse ele, um tanto distraído. Nem todos os dias tem-se a oportunidade de receber em casa um grande autor. Pelo menos temos as suas obras para nos consolar.

Despediram-se e saíram.

Quando Atreiú montou nas costas de Fuchur, perguntou a Bastian:

— Você também não queria cavalgar Fuchur?

— Depois, respondeu Bastian. Agora, Iicha está à minha espera, e eu prometi ir com ela.

— Então, nós o esperamos em terra, exclamou Atreiú. O Dragão da Sorte levantou vôo e, passado um instante, já estava fora de vista.

Quando Bastian regressou à estalagem, encontrou os três cavaleiros à sua espera, prontos para partir, com os cavalos e a mula. Tinham tirado os alforjes de Iicha, substituindo-os por uma sela de montar, ricamente ornamentada. Mas ela só soube por que quando Bastian se aproximou e lhe murmurou ao ouvido:

— Agora você me pertence, Iicha.

Embarcaram todos na barcaça que fazia a travessia e, enquanto ela se afastava da Cidade de Prata, o grito de alegria da velha mula continuava a ecoar sobre as águas amargas de Murhu, o Lago das Lágrimas.

Quanto a Hynreck, o Herói, ele conseguiu chegar a Morgul, o País do Fogo Frio. Penetrou na floresta petrificada de Wodgabay e transpôs os três fossos que rodeavam o Castelo de Ragar. Encontrou o machado de chumbo e venceu Smarg, o dragão. Depois, levou Oglamar de volta para junto do pai dela, apesar de ela agora estar disposta a desposá-lo imediatamente. Mas, então, foi ele que não quis. Mas essa é uma outra história e terá de ser contada em outra ocasião.

XVIII



Os Aiaiai



ápida e densamente caía a chuva de escuras nuvens que corriam quase à altura das cabeças dos cavaleiros. Depois, começou a nevar em flocos grandes e pegajosos. Finalmente, nevou e choveu ao mesmo tempo. O vento tormentoso era tão forte que até os cavalos tinham de se inclinar para lhe fazer frente. Os mantos dos cavaleiros pesavam, encharcados, e batiam com força no dorso dos animais.

Viajavam já há muitos dias e, nos três últimos, tinham cavalgado por aquele planalto. O tempo piorara de dia para dia e o chão convertera-se numa mistura de lama e cascalho de arestas afiadas que dificultava o avanço dos cavalos. Aqui e ali havia maciços de arbustos e algumas pequenas árvores inclinadas pelo vento; fora isso, porém, a paisagem era sempre igual.

Bastian, que montava a mula Iicha, não estava muito mal em comparação com os outros, pois o seu manto de prata brilhante, embora fosse fino e leve, aquecia muito, e a água escorria pela superfície sem encharcá-lo. Hykrion, o Forte, quase desaparecia embrulhado num manto de espessa lã azul. Hysbald, o Ágil, tinha puxado para cima dos cabelos ruivos o capuz do seu manto castanho. E o manto de tela cinzenta de Hydorn colava-se sobre seus membros magros.

Apesar disso, os três cavaleiros, à sua maneira um tanto rude, não tinham perdido a boa disposição. Sabiam que a viagem de aventuras na companhia do seu senhor, Bastian, não seria um passeio de domingo. De vez em quando, cantavam em voz alta no meio da tempestade, com mais entusiasmo que afinação, ora cada um sozinho, ora em coro. Sua canção preferida era, naturalmente, uma que começava com estes versos:

Quando eu era pequenino
Lá-lá-lá com vento e chuva. . .

Como tinham explicado a Bastian ela provinha de um viajante de Fantasia, de tempos muito remotos, chamado Chespir ou qualquer coisa do gênero.

O único do grupo que parecia completamente insensível ao frio e à chuva era Atreiú. Como o fizera quase sempre desde o início da viagem, cavalgava entre as nuvens nas costas de Fuchur, adiantando-se por vezes para reconhecer o caminho e voltando depois atrás para descrever o que tinha visto.

Todos eles, incluindo o Dragão da Sorte, pensavam que estavam à procura do caminho de volta para o mundo de Bastian. Ele também pensava. Não sabia, porém, que aceitara a proposta de Atreiú só por amizade e boa vontade, e que, na realidade, não desejava este regresso. Ora, a geografia de Fantasia é determinada pelos desejos, sejam eles conscientes ou não. E dado que Bastian precisava decidir em que direção avançariam, embrenhavam-se cada vez mais pelo interior de Fantasia, ou seja, dirigiam-se para o seu centro, constituído pela Torre de Marfim. O que isso significaria

para Bastian, só mais tarde ele compreenderia. Por enquanto, nem ele, nem os seus companheiros de viagem, suspeitavam de nada.

Os pensamentos de Bastian ocupavam-se de outra coisa.

No segundo dia após sua partida de Amargante, encontraram nas florestas que rodeavam Murhu o rastro bem visível do dragão Smarg. Uma parte das árvores dessa floresta estava petrificada. Era evidente que o monstro tinha aterrado ali, lançando sobre as árvores o fogo gelado de sua goela. As pegadas dos seus pés de gafanhoto eram bem visíveis. Atreiú, perito como era em encontrar pistas, descobrira também outras .pegadas: as do cavalo de Hynreck, o Herói. Portanto, Hynreck ia no encalço do dragão.

— Não é coisa que me agrade muito, disse Fuchur, meio a sério, meio brincando, piscando seus olhos cor-de-rubi. Pois apesar de Smarg ser um flagelo, é meu parente — ainda que muito afastado.

Não seguiram o rastro de Hynreck, optando por um caminho diferente, pois seu objetivo era procurar o caminho de regresso ao mundo real de Bastian.

Entretanto, Bastian refletira muito sobre o que tinha feito ao inventar um dragão para Hynreck, o Herói. É certo que Hynreck precisava de dar provas da sua valentia lutando contra um perigo. Mas nada garantia que ele vencesse. E se Smarg o matasse? Além disso, a princesa Oglamar encontrava-se numa situação terrível. É certo que ela sempre fora presunçosa, mas nem por isso Bastian tinha direito de atrair sobre ela uma tal desgraça. Para não pensar em todo o mal que Smarg poderia causar em Fantasia. Sem refletir muito, Bastian havia criado um perigo imprevisível, que continuaria a existir depois de sua partida e poderia acarretar indescritíveis desgraças a muitos inocentes. A Filha da Lua, ele sabia, não fazia diferença em seu reino entre o Bem e o Mal, entre o Belo e o Horrível. Para ela, todas as criaturas de Fantasia eram igualmente importantes e necessárias. Mas ele, Bastian. . . teria de se comportar como ela? E, principalmente, desejaria fazê-lo?

"Não", disse Bastian para si mesmo, não queria entrar na história de Fantasia como criador de monstros e horrores. Seria muito mais bonito tornar-se famoso pela' sua bondade e altruísmo, ser um exemplo para todos, ser chamado de "o homem bom" ou

venerado como "o grande benfeitor". Sim, era isso o que ele desejava.

Nesse meio-tempo, a região tornara-se rochosa e Atreiú, que regressara justamente de um dos seus vôos de reconhecimento nas costas de Fuchur, anunciou que, algumas milhas mais adiante, avistara um pequeno vale profundo que oferecia um bom abrigo contra o vento. Se vira bem, havia no vale várias grutas onde eles poderiam se abrigar da chuva e da neve.

A tarde já findava e era hora de procurar um lugar apropriado para passar a noite. Todos se alegraram com as novas de Atreiú e incitaram os animais. O caminho avançava ao longo de um vale que se afundava gradualmente cada vez mais para dentro de duas paredes rochosas. Talvez fosse o leito de um rio seco. Ao fim de umas duas horas, chegaram ao ponto indicado por Atreiú, onde o vale se alargava formando uma espécie de cratera com várias grutas nas paredes que o rodeavam. Escolheram a mais espaçosa' e acomodaram-se o melhor possível. Os três cavaleiros procuraram nas vizinhanças ramos de árvores derrubados pelo vento e mato seco, e, ao fim de algum tempo, brilhava no interior da caverna uma bela fogueira. Estenderam os mantos encharcados para secar, abrigaram e desselaram os cavalos e a mula, e até Fuchur, que geralmente preferia pernoitar ao ar livre, se enroscou no fundo da caverna para dormir. No fundo, o lugar não era assim tão desconfortável.

Enquanto Hydorn, o Tenaz, tentava assar na fogueira um grande pedaço de carne que fora buscar nas provisões e espetara na ponta da espada, todos em redor olhavam-no com impaciência; Atreiú voltou-se para Bastian e pediu-lhe:

— Conte-nos mais coisas sobre Kris Ta!

— Sobre quem?, perguntou Bastian, sem compreender.

— Sobre sua amiga Kris Ta, a menina a quem contava suas histórias.

— Não conheço nenhuma menina com esse nome, respondeu Bastian, e de onde você tirou essa idéia de que eu lhe contava histórias?

Atreiú olhou-o novamente com seu olhar pensativo.

— No seu mundo, disse ele lentamente, você contava muitas histórias. . . A ela e a si mesmo.

— Como você sabe, Atreiú?

— Foi você que disse. Em Amargante. E disse também que, por causa disso, as pessoas muitas vezes faziam troça de você.

Bastian olhou para o fogo.

— É verdade, murmurou, disse sim. Mas não sei por quê. Não me lembro de nada disso.

E a coisa pareceu-lhe extraordinária.

Atreiú trocou um olhar com Fuchur e acenou com gravidade, como se ambos tivessem comentado algo que se confirmava agora. Mas nada mais disse. Era evidente que não queria falar do assunto perto dos três cavaleiros.

— A carne está pronta, anunciou Hydorn.

Com a faca, cortou um pedaço para cada pessoa e todos comeram. Era preciso muito boa vontade para dizer, que a carne estava bem cozida — estava algo queimada por fora e crua por dentro — mas, dadas as circunstâncias, não podiam ser muito exigentes. Mastigaram todos durante algum tempo, e depois Atreiú pediu novamente:

— Conte-nos como chegou até junto de nós!

— Você sabe como foi, respondeu Bastian, foi você que me levou até a imperatriz Criança.

— Quero dizer antes disso, disse Atreiú. No seu mundo, onde você estava e como tudo se passou?

Bastian contou então como roubara o livro do senhor Koreander, como se refugiara no sótão da escola e ali começara a lê-lo. Quando quis começar a falar da Grande Busca de Atreiú, este fez-lhe sinal para se calar. Parecia não estar interessado no que Bastian lera acerca dele. Em contrapartida, queria saber mais pormenores sobre como e por que da visita de Bastian à loja do senhor Koreander e sobre sua fuga para o sótão da escola.

Bastian fez um esforço para se lembrar, mas nada mais encontrou em sua memória. Esquecera tudo o que se relacionava com seus antigos medos e com o fato de antigamente ter sido gordo, fraco e delicado. Suas recordações eram muito fragmentadas, e esses fragmentos pareciam-lhe tão longínquos e

vagos como se se tratasse da história de outra pessoa, e não da sua.

Atreiú pediu-lhe que contasse outras coisas de sua vida de que se lembrasse, e Bastian falou do tempo em que a mãe ainda era viva, do pai, da sua casa, da escola e da cidade onde vivia. . . De tudo o que recordava ainda.

Os três cavaleiros já tinham adormecido profundamente, mas Bastian continuava a falar de sua vida. Admirava-se por Atreiú se mostrar tão interessado exatamente nos pormenores mais corriqueiros. Talvez devido à maneira como Atreiú o escutava, esses pormenores comuns do dia-a-dia da sua vida pareciam-lhe cada vez menos comuns, como se encerrassem um segredo de que ele nunca se dera conta.

Finalmente, não soube mais o que dizer, não lhe ocorria mais nada. Já era tarde da noite e o fogo estava se apagando. Os três cavaleiros roncavam baixinho. Atreiú estava sentado, o rosto impassível, e parecia mergulhado em seus pensamentos.

Bastian espreguiçou-se, enrolou-se em seu manto de prata e estava quase adormecendo, quando Atreiú disse baixinho:

— É tudo por causa de AURIN.

Bastian apoiou a cabeça na mão e olhou ensonado para o amigo.

— Que quer dizer?

— O "Brilho", continuou Atreiú como se falasse consigo próprio, tem efeitos diferentes em nós e num filho do homem.

— Como você descobriu isso?

— O "Signo" lhe dá grandes poderes, satisfaz todos os seus desejos, mas ao mesmo tempo tira-lhe uma coisa: a memória do seu mundo.

Bastian pensou no que acabava de ouvir. Mas não lhe parecia que lhe faltasse nada.

— Graograman me disse que eu tinha de seguir o caminho dos desejos para encontrar minha Verdadeira Vontade. É esse o significado da inscrição que existe em AURIN. Mas para isso tenho de passar de um desejo para outro. Não posso passar por cima de nenhum. De outro modo, não se pode progredir em Fantasia, foi o que ele disse. E para isso preciso da "Jóia".

— Sim, disse Atreiú. A "Jóia" indica-lhe o caminho mas, ao mesmo tempo, oculta-lhe os objetivos finais.

— Ora, disse Bastian despreocupadamente, a Filha da Lua certamente sabia o que estava fazendo quando me deu o "Signo". Você está preocupado sem razão, Atreiú. Não há dúvida de que AURIN não é uma armadilha.

— Não, murmurou Atreiú. Também acho que não. Ao fim de um instante, acrescentou:

— De qualquer maneira, é bom procurarmos o caminho para o seu mundo. Porque é isso que estamos fazendo, não é?

— Claro, claro, respondeu Bastian, já meio dormindo.

No meio da noite, acordou com um barulho estranho. Não sabia o que era. O fogo apagara-se e eles estavam mergulhados numa escuridão total. Então, sentiu a mão de Atreiú em seu ombro e ouviu-o murmurar:

— O que é isto?

— Também não sei, murmurou ele em resposta.

Rastejaram até a entrada da caverna, de onde provinha o ruído, e escutaram com mais atenção.

Pareciam soluços e choros sufocados, saindo de inúmeras gargantas. Mas esse choro não tinha nada de humano e também não se parecia com gemidos de animais. Era uma espécie de murmúrio geral que, por vezes, crescia até parecer um soluço, como uma onda que rebenta, para depois diminuir de intensidade e de novo se intensificar ao fim de algum tempo. Era o som mais lastimoso que Bastian ouvira em toda a sua vida.

— Se ao menos pudéssemos ver alguma coisa!, murmurou Atreiú.

— Espere, respondeu Bastian. Ainda tenho comigo Al-Tsahir. Tirou do bolso a pedra luminosa e a ergueu. A luz era suave como a de uma vela e só fracamente iluminava a cratera rochosa; mas este tênue brilho era suficiente para revelar aos dois amigos um espetáculo que, pelo seu horror, os deixou de cabelos em pé.

Toda a cratera estava cheia de uma espécie de lagartas disformes, do tamanho do braço de um homem, cuja pele parecia envolta em trapos sujos e esfarrapados. De entre as rugas, estendiam uma espécie de braços viscosos, semelhantes a

tentáculos de polvo. Numa das extremidades do corpo brilhavam, entre os farrapos, dois olhos sem pálpebras dos quais não paravam de escorrer lágrimas. Tanto eles como toda a cratera estavam banhados por estas lágrimas.

No momento em que foram iluminados pelo brilho de Al-Tsahir imobilizaram-se, deixando à vista aquilo que vinham fazendo. Era uma torre da mais bela filigrana de prata — mais bela e mais preciosa que todos os edifícios que Bastian vira em Amargante. Muitos daqueles seres semelhantes a vermes estavam precisamente subindo nessa torre, completando-a com diversas partes. Mas agora estavam todos imóveis e como que petrificados, à luz de Al-Tsahir.

— Ai! Ai!, ouviu-se como um sussurro desesperado que ecoava na cratera. Agora a nossa feiúra tornou-se pública! Ai! Ai! Que olhos são os que nos viram? Ai! Ai de nós que tivemos de nos ver a nós mesmos! Seja você quem for, cruel intruso, tenha piedade de nós e leve daqui essa luz!

Bastian levantou-se.

— Sou Bastian Baltasar Bux, disse. E vocês, quem são?

— Somos os Aiaiai, foi a resposta que ecoou pelas paredes da cratera. Os Aiaiai! Os Aiaiai! As criaturas mais infelizes de Fantasia, eis o que somos!

Bastian calou-se, olhando perturbado para Atreiú, que também se levantara e viera até junto dele.

— Então são vocês que construíram a mais bela cidade de Fantasia, Amargante?, perguntou ele.

— Fomos, ai de nós, exclamaram aqueles estranhos seres. Mas afaste essa luz de nós e não nos olhe. Tenha compaixão!

— E foram vocês que choraram até formarem Murhu, o Lago das Lágrimas?

— Senhor, soluçaram os Aiaiai, é tal como diz. Mas morreremos de vergonha e .horror de nós mesmos se nos obrigar a continuar expostos a essa luz. Por que aumenta nosso tormento, que já é tão cruel? Ai, não lhe fizemos nada, e nunca ninguém teve de sofrer a visão da nossa feiúra.

Bastian colocou novamente a pedra Al-Tsahir no bolso, e logo se fez uma escuridão total.

— Obrigado!, gritaram as vozes soluçantes. Obrigado pelo seu favor e pela sua misericórdia, senhor!

— Gostaria de falar com vocês, disse Bastian. Quero ajudá-los. Sentia-se mal pelo horror e compaixão que lhe inspiravam aquelas criaturas do desespero. Era evidente que se tratava dos seres de que ele falara em sua história sobre a fundação de Amargante, mas tal como das outras vezes, não tinha bem a certeza se elas sempre tinham existido ou se haviam surgido por sua causa. Neste último caso, ele seria, de algum modo, responsável por todo aquele sofrimento.

Mas, fosse como fosse, desta vez estava decidido a remediar aquela coisa horrível.

— Ai, choramingaram as vozes lamurientas. Quem poderá nos ajudar?

— Eu, gritou Bastian. Eu tenho comigo AURIN.

Fez-se um silêncio repentino. O pranto cessou por completo.

— De onde saíram tão repentinamente?, perguntou Bastian no escuro.

— Moramos nas profundezas escuras da. Terra, murmurou novamente o coro das muitas vozes, para ocultarmos do sol nossa aparência. Ali choramos constantemente nossa existência e lavamos com nossas lágrimas a prata indestrutível que extraímos da rocha, com que fabricamos a filigrana que o senhor viu. Só nos aventuramos à superfície nas noites mais escuras, e estas cavernas são a nossa saída. Montamos aqui em cima o que preparamos lá embaixo. E esta noite era suficientemente escura para nos poupar de nossa própria vista. Por isso, estamos aqui. Com nosso trabalho, tentamos compensar o mundo pela nossa feiúra, e isso nos consola um pouco.

— Mas vocês não têm culpa de serem assim!, opinou Bastian.

— Ai, há muitas espécies de culpa, exclamaram os Aiaiai. — Por ações, por pensamentos. . . A nossa é por existirmos.

— Como posso ajudá-los?, perguntou Bastian, que quase chorava de compaixão.

— Ai, poderoso benfeitor, que traz consigo AURIN e tem poder para nos libertar, bradaram os Aiaiai. Só lhe pedimos uma coisa: que nos dê uma aparência diferente!

— É o que vou fazer, estejam descansadas, pobres lagartas!, disse Bastian. Desejo que adormeçam agora e que, quando acordarem amanhã cedo, saiam do vosso casulo e se transformem em borboletas. Serão alegres e coloridas e sua vida será só prazer e divertimento! De amanhã em diante não se chamarão mais Aiaiai, Os Que Choram Sempre, mas sim Gargalhadas, As Que Riem Sempre!

Bastian tentou escutar alguma coisa na escuridão, mas não ouviu nada.

— Já adormeceram, murmurou Atreiú.

Os dois amigos voltaram para a caverna. Os cavaleiros Hysbald, Hydorn e Hykrion continuavam a roncar suavemente e não tinham dado por nada.

Bastian deitou-se.

Sentiu-se muito contente consigo mesmo. Em breve toda a Fantasia iria saber da boa ação que acabava de realizar. E fora um ato verdadeiramente altruísta, pois ninguém podia dizer que ele tivesse ganho alguma coisa com isso. A fama da sua bondade resplandeceria com enorme brilho.

— O que você me diz disto tudo, Atreiú?, murmurou ele. Atreiú calou-se um instante, e depois respondeu:

— O que isto pode ter lhe custado?

Só algum tempo mais tarde, quando Atreiú já dormia, é que Bastian percebeu que o amigo fizera alusão aos seus esquecimentos e não à sua abnegação. Mas não pensou mais nisso e adormeceu com um alegre pressentimento.

Na manhã seguinte, acordou com os gritos de admiração dos três cavaleiros:

— Vejam só isto!. . . Minha nossa! Até o meu velho cavalo está rindo!

Bastian viu que estavam na entrada da caverna e que Atreiú se encontrava perto deles. Era o único que não ria.

Bastian levantou-se e foi até junto dos outros.

Por toda a cratera rochosa pululavam, rastejavam e esvoaçavam as figurinhas mais cômicas que Bastian jamais vira em toda a sua vida. Todas tinham asas coloridas de borboleta nas costas e usavam peças de vestuário de tecido quadriculado, listado,

de bolinhas, de pintinhas, mas estas roupas pareciam ser demasiado pequenas ou demasiado grandes e, por assim dizer, confeccionadas ao acaso. Nada se ajustava e até as asas tinham remendos. Todos aqueles seres eram diferentes uns dos outros, os rostos estavam pintados como os dos palhaços, com narizes redondos muito vermelhos ou exageradamente grandes e bocas enormes. Alguns tinham chapéus altos de todas as cores, outros barretes pontiagudos, alguns tinham três pêlos espetados no alto da cabeça e outros ainda carecas lisas e brilhantes. Na sua maior parte, estavam pousados ou pendurados na bela torre de filigrana de prata, fazendo acrobacias, batendo com os pés e tentando destruí-la.

Bastian correu lá para fora.

— Ei, fiquem quietos!, gritou-lhes. Não podem fazer isso! Os seres pararam e olharam para ele.

Um deles perguntou, lá do alto:

— O que é que ele disse?

E outro gritou-lhe aqui debaixo:

— O cara está dizendo que não podemos fazer isto.

— E por que ele diz que não podemos fazer isto?, perguntou um terceiro.

— Porque não podem mesmo!, gritou Bastian. Não podem estragar tudo!

— O cara está dizendo que não podemos estragar tudo, participou a primeira borboleta-palhaço às outras.

— Ora, claro que podemos!, respondeu uma outra e arrancou um grande pedaço da torre.

E a primeira gritou lá para baixo, para Bastian, saltando como louca:

— Ora, claro que podemos!

A torre oscilou e começou a estalar.

— O que vocês estão fazendo?, gritou Bastian. Estava zangado e assustado, mas não sabia como agir, porque aqueles serem eram mesmo muito engraçados.

— O cara, disse outra vez a primeira borboleta voltando-se para as outras, está perguntando o que estamos fazendo.

— E o que estamos mesmo fazendo?, quis saber uma outra.

— Estamos nos divertindo!, explicou uma terceira.

Ao ouvir isto, todas as borboletas que estavam mais próximas começaram a rir às gargalhadas, ruidosamente.

— Estamos nos divertindo!, gritou a primeira borboleta para Bastian e quase se engasgou de tanto rir.

— Mas se não ficarem quietas a torre vai cair!, gritou Bastian

— E daí?, disse uma outra.

E a primeira gritou outra vez lá para baixo:

— Sim! E daí?

Bastian ficou sem palavras e, antes de ter encontrado uma resposta adequada, todas as borboletas-palhaço que estavam penduradas na torre começaram de repente a dançar uma espécie de ciranda no ar; mas em vez de darem as mãos, agarravam-se pelos pés, pelas golas, outras rodopiavam de pernas para o ar e todas riam e davam gritos de alegria.

A palhaçada daquelas criaturinhas aladas era tão cômica e engraçada, que Bastian foi obrigado a rir, mesmo contra vontade.

— Mas não podem fazer isso!, gritou ele. É obra dos Aiaiai!

— O cara, disse a primeira borboleta-palhaço, voltando-se para as companheiras, diz que não podemos fazer isto.

— Podemos fazer tudo, gritou uma outra, dando uma cambalhota no ar. Podemos fazer tudo o que não é proibido. E quem é que nos proíbe alguma coisa? Somos as Gargalhadas!

— Eu!, respondeu Bastian.

— O cara, disse a primeira borboleta às outras, está dizendo "eu".

— Você?, perguntaram os outros. Mas quem é você para nos dizer seja o que for?

— Eu não!, explicou a primeira. O cara diz "ele".

— Por que é que o cara diz "ele"?, quiseram saber as outras. E quem é esse "ele"?

— Quem é esse "ele"?, perguntou a primeira borboleta lá para baixo.

— Não disse "ele"!, gritou Bastian, meio zangado, meio rindo. Estou dizendo que os proíbo de demolir a torre.

— Proíbe-nos de demolir a torre!, explicou a primeira borboleta para as outras.

— Quem?, perguntou uma recém-chegada.

— O cara, replicaram as outras. E a recém-chegada disse:

— Não conheço esse cara. Quem é? E a primeira gritou:

— Escute, cara, quem é você?

— Não sou nenhum cara, gritou Bastian, agora já bastante irritado. Sou Bastian Baltasar Bux e fui eu que criei as Gargalhadas, para vocês não chorarem e não se queixarem mais. Ontem à noite vocês ainda eram os infelizes Aiaiai. Podiam responder com um pouco mais de respeito ao seu benfeitor!

Todas as borboletas-palhaço pararam de repente, interrompendo seus pulos e danças, e olharam para Bastian. Fez-se subitamente um silêncio total.

— O que é que o cara disse?, murmurou uma borboleta que estava mais longe, mas a sua vizinha lhe deu uma palmada no chapéu enterrando-o pela cara abaixo e tapando-lhe os olhos e as orelhas. Todas as outras fizeram:

— Psiu!

— Você se importaria de dizer isto de novo, devagar e bem claro?, pediu a primeira borboleta educadamente.

— Sou o seu benfeitor!, gritou Bastian.

Assim que ouviram estas palavras, as borboletas-palhaço ficaram muito agitadas, começaram a repetir umas às outras o que tinham ouvido e finalmente todas as inúmeras criaturinhas aladas que até aí tinham estado espalhadas pela cratera rastejaram e esvoaçaram juntando-se umas às outras e formando um enxame em torno de Bastian, gritando-lhe aos ouvidos de todos os lados:

— Ouviram? Entenderam? É o nosso benfeitor! Chama-se Nastiban Baltebux! Não, chama-se Buxian Benfeitor! Cale-se, chama-se Saraben Buxfeitor! Não, chama-se Baldrian Hix! Psiu! Babeltran Malfeitor! Não! Nix! Flax! Trix!

Todas pareciam fora de si de admiração. Apertavam-se mutuamente as mãos, tiravam e punham os chapéus e davam palmadas nos ombros e na barriga umas das outras, levantando grandes nuvens de pó.

— Que sorte que nós temos!, gritavam. Viva o nosso Buxfeitor Sansibar Bastelbem!

E sempre a gritar e a rir, o gigantesco enxame levantou vôo como um turbilhão e afastou-se. A algazarra que faziam perdeu-se na distância.

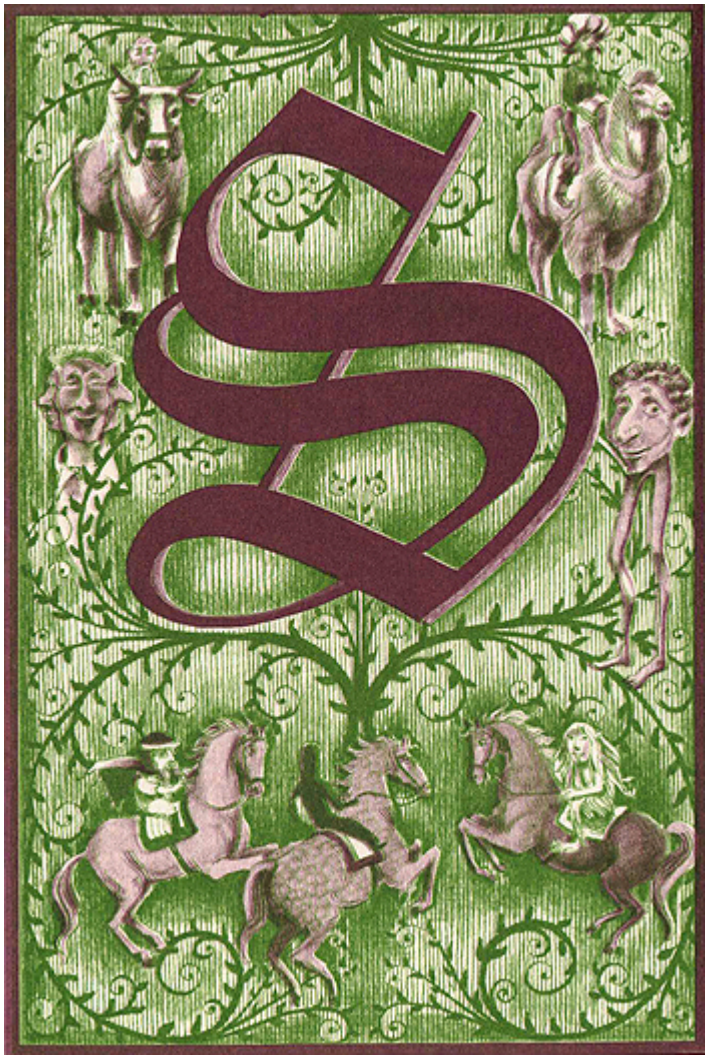
Bastian ficou ali parado, sem saber ao certo como se chamava.

Já não estava tão seguro de ter feito uma boa ação.

XIX



Companheiros de Viagem



urgiam obliquamente raios de sol por entre a escura camada de nuvens que encobria o céu, quando eles partiram naquela manhã. A chuva e o vento tinham finalmente cessado, mas algumas pancadas de chuva, breves mas violentas, ainda caíram sobre os cavaleiros durante essa manhã. No entanto, o tempo melhorava, tornando-se sensivelmente mais quente.

A disposição dos três cavaleiros continuava tão boa como no dia anterior; brincavam, riam e pregavam peças uns nos outros. Bastian cavalgava sua mula um pouco afastado deles, e muito calado. E os três cavaleiros, naturalmente, respeitavam-no demais para ousarem perturbar seus pensamentos.

A região que percorriam continuava a ser o mesmo planalto rochoso que parecia não ter fim. Só o arvoredo se tornara, pouco a pouco, mais denso e mais alto.

Atreiú que, segundo o seu costume, voava muito adiante dos outros nas costas de Fuchur em missão de reconhecimento, já tinha observado a atitude meditativa de Bastian no momento da partida. Perguntou ao Dragão da Sorte o que podia fazer para alegrar o amigo. Fuchur piscou os olhos cor-de-rubi, e disse:

— É muito simples! Ele não queria voar nas minhas costas? Quando, algum tempo depois, o pequeno grupo de viajantes dobrou a encosta de um rochedo, ali encontraram Atreiú e o Dragão da Sorte à sua espera. Tinham-se deitado ambos ao sol e olharam para os recém-chegados.

Bastian parou e também olhou para eles.

— Estão cansados?, perguntou.

— Nem um pouco, respondeu Atreiú. Eu só queria perguntar a você se posso andar um pouquinho na licha. Nunca montei uma mula. Deve ser fabuloso, porque você não se cansa. Podia me deixar experimentar este prazer, Bastian. Enquanto isto eu lhe empresto o meu velho Fuchur.

As faces de Bastian coraram de prazer.

— É verdade, Fuchur? Quer me levar?, perguntou.

— Com prazer, poderoso sultão!, trovejou o Dragão da Sorte, piscando um olho. Suba e agarre-se bem!

Bastian desmontou e subiu de um salto para as costas de Fuchur. Agarrou-se com força à crina prateada e o Dragão subiu para os ares.

Bastian ainda se lembrava bem da cavalgada no Deserto das Cores, montado em Graograman. Mas montar um Dragão Branco da Sorte era completamente diferente. Enquanto o poderoso Leão de Fogo rasava o chão numa correria embriagante, semelhante a um grito, o movimento ondulante do corpo flexível do Dragão parecia uma canção, ora suave e doce, ora forte e radiosa. Especialmente quando Fuchur descrevia círculos com a velocidade do raio, em que a sua crina, os longos bigodes que lhe pendiam dos lados da boca e as compridas franjas de pêlo dos membros voavam ao vento como chamas brancas, seu vôo parecia o canto do céu. O manto prateado de Bastian ondulava ao vento atrás dele, brilhando ao sol como um rastro de milhares de faíscas.

Por volta do meio-dia aterraram junto dos outros, que nesse ínterim tinham acampado numa plataforma rochosa batida pelo sol, por onde corria um regato. Sobre a fogueira, já fervia o caldeirão da sopa; além disso, havia também pão de milho. Os cavalos e a mula pastavam num prado, um pouco afastados.

Depois da refeição, os três cavaleiros resolveram ir à caça. As provisões se esgotavam, principalmente a carne. Pelo caminho eles tinham ouvido o canto de faisões no bosque. E parecia haver lebres também. Perguntaram a Atreiú se não queria ir com eles, pois, na qualidade de Pele-Verde, devia ser um exímio caçador. Mas Atreiú recusou o convite, agradecendo. Os três cavaleiros pegaram seus fortes arcos, puseram nas costas os carcases cheios de setas e desapareceram num bosquezinho que havia nas proximidades.

Atreiú, Fuchur e Bastian ficaram para trás, sozinhos.

Ao fim de alguns instantes de silêncio, Atreiú propôs:

— E se você nos contasse outra vez mais coisas sobre o seu mundo, Bastian?

— O que gostariam de ouvir?, perguntou Bastian.

— Que acha, Fuchur?, perguntou Atreiú ao Dragão da Sorte.

— Gostaria de ouvir mais coisas sobre as crianças de sua escola, respondeu o dragão.

— Que crianças?, perguntou Bastian, espantado.

— As que zombavam de você, explicou Fuchur.

— Crianças que zombavam de mim?, repetiu Bastian, mais espantado ainda. Não sei de criança nenhuma. . . e, aliás, ninguém se atreveria a zombar de mim.

— Mas ainda se lembra de ir à escola?, interveio Atreiú.

— Sim, disse Bastian pensativamente. Lembro-me de uma escola, é verdade.

Atreiú e Fuchur trocaram um olhar.

— Era o que eu temia, murmurou Atreiú.

— O quê?

— Você perdeu novamente uma parte de suas recordações, respondeu Atreiú com um ar muito sério. E desta vez isso está relacionado com a transformação dos Aiaiai em Gargalhadas. Não devia ter feito aquilo.

— Bastian Baltasar Bux!, interveio o Dragão com uma voz alegre. Se você quer um conselho, de agora em diante não torne a usar o poder que AURIN lhe confere. Caso contrário, corre o risco de perder todas as suas outras recordações. E, então, como vai poder voltar ao lugar de onde veio?

— Na verdade, confessou Bastian, depois de ter refletido um momento. Não tenho vontade nenhuma de voltar para lá.

— Mas tem de voltar!, gritou Atreiú assustado. Tem de voltar para tentar salvar o seu mundo, para os homens poderem vir novamente até Fantasia. De outra maneira, Fantasia será novamente destruída, mais cedo ou mais tarde, e tudo terá sido em vão!

— Mas eu ainda estou aqui, disse Bastian, um tanto quanto aborrecido. E ainda há pouco dei um novo nome à Filha da Lua.

Atreiú ficou calado.

— De qualquer forma, disse Fuchur, intervindo novamente na conversa, agora já se percebe por que ainda não descobrimos o caminho de volta ao mundo de Bastian. Se ele não o deseja. . .

— Bastian!, disse Atreiú em tom quase implorante. Não há nada que o atraia para o seu mundo? Não há nada lá de que você goste? Não se lembra do seu pai, que com certeza o espera e deve estar preocupado?

Bastian abanou a cabeça.

— Acho que não. Talvez até esteja contente por se ver livre de mim.

Atreiú olhou para o amigo, perturbado.

— Quando os ouço falar assim, disse Bastian amargamente, quase sou levado a pensar que se querem ver livres de mim.

— Que quer dizer com isso?, perguntou Atreiú com a voz velada.

— Ora!, respondeu Bastian. Vocês dois só querem saber de uma coisa: fazer com que eu desapareça o mais depressa possível de Fantasia.

Atreiú olhou para Bastian e abanou a cabeça lentamente.

Nenhum dos três disse nada durante muito tempo. Bastian já estava arrependido da acusação que lhes tinha feito. Sabia que fora injusto.

— Pensei que éramos amigos, disse Atreiú baixinho, ao fim de um momento.

— Sim!, gritou Bastian. Somos e havemos de ser sempre. Desculpem. Eu disse uma besteira.

Atreiú sorriu:

— Desculpe-nos também se o aborrecemos. Não foi de propósito.

— Seja como for, disse Bastian, arrependido, vou seguir o conselho de vocês.

Daí a pouco, os três cavaleiros voltaram. Tinham caçado algumas perdizes, um faisão e uma lebre. Levantaram acampamento e prosseguiram viagem. Desta vez, Bastian voltara a montar Iicha.

À tarde, chegaram a uma floresta de troncos retos e altíssimos. Eram pinheiros, cujas copas formavam um teto muito alto de folhagem verde e densa que quase não deixava passar os raios solares. Talvez por essa razão não havia mato no solo da floresta.

Era agradável cavalgar naquele chão macio e regular. Fuchur resignara-se a acompanhar os outros andando no chão, pois, se voasse com Atreiú por cima da copa das árvores, teria-os perdido de vista irremediavelmente.

Andaram durante toda a tarde à luz verde-escura do crepúsculo, que se infiltrava por entre os altos troncos das árvores. Já perto do anoitecer, encontraram as ruínas de um castelo, amontadas no cume de uma colina, e descobriram entre as torres e os muros, as pontes e as construções em ruínas, uma abóbada que não se tinha desmoronado. Acomodaram-se aí para passar a noite. Desta vez, competia ao ruivo Hysbald cozinhar o jantar, e ele demonstrou ser um perito. O faisão assado na brasa estava uma delícia.

Na manhã seguinte, continuaram a viagem. Andaram todo o dia pela floresta, que parecia sempre igual. Só perto do anoitecer repararam que tinham descrito um grande círculo, pois estavam novamente nas ruínas do castelo onde tinham acampado na noite anterior. Desta vez, porém, tinham-se aproximado do lugar pelo outro lado.

— Isto é uma coisa que nunca tinha me acontecido!, disse Hykrion, torcendo as pontas do negro bigode.

— Nem quero acreditar no que estou vendo!, opinou Hysbald, abanando a cabeça ruiva.

— Não pode ser!, resmungou Hydorn, e entrou nas ruínas do castelo dando largos passos com suas pernas longas e magras.

Mas era verdade, como o atestavam os restos da refeição do dia anterior.

Atreiú e Fuchur também não percebiam como tinham se perdido daquela maneira. Mas calaram-se ambos.

Na hora do jantar — que desta vez foi um assado de lebre preparado por hydorn e que estava mais ou menos comestível — os três cavaleiros perguntaram a Bastian se ele não gostaria de contar algumas das suas recordações do mundo de onde viera. Mas Bastian desculpou-se, dizendo que estava com dor de garganta. Dado que tinha estado calado todo o dia, os três cavaleiros acreditaram. Deram-lhe alguns conselhos sobre o que devia fazer para se curar e foram dormir.

Só Atreiú e Fuchur suspeitaram do que se passava no íntimo de Bastian.

No dia seguinte, partiram novamente de manhã bem cedo e andaram todo o dia pela floresta, mas tiveram o cuidado de se orientar pelo céu. . . o que de nada lhes serviu, pois, quando a noite caiu, estavam outra vez junto das ruínas do castelo.

— Com mil diabos!, desabafou Hykrion.

— Isto é de enlouquecer!, berrou Hysbald.

— Amigos, disse Hydorn secamente, podemos mudar de profissão. Já não servimos para cavaleiros andantes.

Logo no primeiro dia, Bastian encontrara um cantinho escondido para Iicha, que gostava de ficar sozinha com seus pensamentos. A companhia dos cavalos, que só sabiam falar de suas distintas origens e de suas nobres árvores genealógicas, aborrecia-a. Quando Bastian levou a mula para esse lugar, na terceira noite que passaram nas ruínas do castelo, ela disse:

— Senhor, sei o motivo por que não avançamos.

— E como você pode saber, Iicha?

— Porque sou eu que o transporto, senhor. Quando se é meio-burro, pressentem-se certas coisas.

— E, na sua opinião, por que está acontecendo isto?

— É porque o senhor não quer prosseguir. O senhor parou de ter desejos.

Bastian olhou-a surpreendido.

— Realmente, você é um animal muito sábio, Iicha. A mula, embaraçada, abanou as compridas orelhas.

— Sabe em que direção temos andado até aqui?

— Não, disse Bastian. E você, sabe? Iicha acenou afirmativamente.

— Até aqui, avançamos sempre na direção do centro de Fantasia. Era essa a nossa direção.

— Para a Torre de Marfim?

— Sim, senhor. E enquanto andamos nessa direção avançamos muito.

— Não pode ser, disse Bastian duvidoso. Se assim fosse, Atreiú e Fuchur já tinham dado por isso. E nenhum deles sabe.

— Nós, as mulas, disse Iicha, somos criaturas simples e certamente não nos comparamos a um Dragão da Sorte. Mas sabemos certas coisas senhor. E a direção é uma delas. É algo que nasce conosco. Nunca nos perdemos. Por isso tinha a certeza de que queria ir até junto da imperatriz Criança.

— Da Filha da Lua. . . murmurou Bastian. Sim, gostaria de voltar a vê-la. Ela me dirá o que devo fazer.

Depois afagou o focinho macio da mula e murmurou:

— Obrigado, Iicha, obrigado!

Na manhã seguinte, Atreiú chamou Bastian de lado.

— Escute, Bastian. Fuchur e eu queríamos lhe pedir desculpas. O conselho que lhe demos foi bem-intencionado. . . mas não tinha fundamento. Do momento em que você decidiu segui-lo, nossa viagem parou. Fuchur e eu falamos hoje muito tempo acerca disso. Você não vai conseguir sair daqui, nem você nem nós, enquanto não voltar a desejar alguma coisa. Inevitavelmente você vai

esquecer alguma outra coisa com esse desejo, mas não há outro remédio. Tomara que ainda esteja em tempo de encontrar o caminho de volta. Se ficarmos aqui, você também não ganha nada com isso. Você precisa recorrer aos poderes de AURIN e formular um novo desejo.

—- Sim, disse Bastian. Iicha já me disse o mesmo. E também já sei qual é o meu próximo desejo. Venha comigo, porque quero que todos o ouçam.

Voltaram para junto dos outros.

— Amigos!, disse Bastian em voz alta. Até aqui, procuramos em vão o caminho para voltar ao meu mundo. Temo que, se continuarmos assim, nunca mais o encontraremos. Portanto, resolvi procurar a única pessoa que pode me aconselhar. É a imperatriz Criança. De agora em diante, o objetivo de nossa viagem é a Torre de Marfim.

— Bravo!, gritaram os três cavaleiros em uníssono. Mas a voz de bronze de Fuchur interveio:

— Desista, Bastian Baltasar Bux! O que você deseja é impossível! Não sabe que só pode se encontrar uma única vez com a Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados? Nunca voltará a vê-la!

Bastian endireitou-se.

— A Filha da Lua me deve muito!, disse ele, irritado. Não acredito que se recuse a me receber.

— Você ainda não sabe, retrucou Fuchur, que as decisões dela são por vezes difíceis de compreender.

— Você e Atreiú, respondeu Bastian, cada vez mais encolerizado — estão sempre querendo me dar conselhos. Já viram o que aconteceu quando segui o conselho de vocês. Agora decidirei sozinho. Aliás, já decidi mesmo, e não tenciono mudar de idéia. Respirou fundo e continuou, mais calmo. Além disso, vocês raciocinam sempre à sua maneira. Mas vocês são criaturas de Fantasia, e eu sou um homem. Como podem saber se aquilo que se aplica a vocês se aplica também a mim? Quando Atreiú trazia AURIN, o efeito do "Brilho" sobre ele era diferente do que é agora para mim. E quem vai restituir a "Jóia" à Filha da Lua, se eu não o fizer? É impossível encontrá-la uma segunda -vez, você diz? Pois

eu já a encontrei duas vezes. Da primeira, vimo-nos só por um instante, quando Atreiú chegou junto dela; e a segunda vez foi quando o grande ovo explodiu. Para mim, tudo é diferente. E vou vê-la pela terceira vez.

Calaram-se todos. Os cavaleiros porque não percebiam a razão daquela discussão e Atreiú e Fuchur provavelmente porque estavam na dúvida.

— Sim!, disse finalmente Atreiú. Talvez você esteja certo, Bastian.. Não podemos saber como a imperatriz Criança irá se comportar com você.

Depois desta conversa, levantaram acampamento e, ao fim de poucas horas, antes do meio-dia, tinham atingido a orla da floresta.

Viram à sua frente uma vasta pradaria, ligeiramente ondulada, pelo meio da qual corria um rio. Quando chegaram junto deste, começaram a seguir o seu curso.

Para reconhecer o caminho, Atreiú voava outra vez nas costas de Fuchur, à frente do resto do grupo, descrevendo grandes círculos sobre suas cabeças. Mas ambos estavam preocupados e seu vôo era menos alegre.

Certa vez, subindo bem alto e se afastando mais dos outros, viram ao longe que a região parecia cortada ao meio. Um abismo rochoso separava a pradaria por onde avançavam de uma planície muito baixa que — tanto quanto a vista alcançava — estava coberta por uma densa floresta. O rio precipitava-se lá em baixo, formando uma grande catarata. Mas os cavaleiros só no dia seguinte chegariam àquele lugar.

Voltaram para trás.

— Fuchur, perguntou Atreiú, você acha que o que possa acontecer a Bastian é indiferente para a imperatriz Criança?

— Quem sabe?, respondeu Fuchur. Ela não faz diferenças.

— Mas então, continuou Atreiú, ela é mesmo uma. . .

— Não fale alto!, interrompeu Fuchur. Sei o que você está pensando, mas não deve dizê-lo.

Atreiú calou-se por algum tempo, mas depois disse:

— Ele é meu amigo, Fuchur. Temos de ajudá-lo. Mesmo contra a vontade da imperatriz Criança, se for preciso. Mas como?

— Com sorte!, respondeu o Dragão. Pela primeira vez, porém, sua voz brônzea tinha o som de um sino rachado.

Resolveram passar esta noite numa cabana vazia que encontraram à margem do rio. Esse abrigo era naturalmente muito pequeno para Fuchur, que preferiu dormir no ar, como já fizera de outras vezes. Os cavalos e Iicha também tiveram de ficar para fora.

Durante o jantar, Atreiú contou-lhes da catarata e do estranho desnível de terreno que vira lá de cima. Depois acrescentou, como se não desse importância a esse fato:

— Além disso, alguém vem atrás de nós.

Os três cavaleiros olharam uns para os outros.

— Opa!, gritou Hykrion, retorcendo alegremente as pontas do bigode negro. Quantas pessoas?

— Contei sete, respondeu Atreiú, mas não' podem chegar aqui antes de amanhã de manhã, a menos que andem a noite toda.

— Estão armados?, quis saber Hysbald.

— Não consegui ver, disse Atreiú, mas ainda há outros que vêm de outras direções. Vi seis a oeste, nove a leste e doze ou treze que vêm ao nosso encontro pela frente.

— Vamos esperar para ver o que querem, opinou Hydorn. Não temos medo de trinta e cinco ou trinta e seis pessoas, e muito menos o têm o senhor Bastian e Atreiú.

Nessa noite, Bastian não desafivelou a espada Sikanda, como costumava fazer nas outras noites. Dormiu com a mão no punho da espada. Viu, em sonhos, o rosto da Filha da Lua perto de si. Ela lhe sorria encorajadoramente. Quando acordou, não se lembrava de mais nada, mas o sonho reforçou sua esperança de tornar a vê-la.

Quando olhou para a porta da cabana, viu indistintamente sete figuras que estavam lá fora, no meio da neblina matinal que subira do rio. Duas delas vinham a pé, as outras montavam diferentes animais. Bastian acordou os companheiros com o mínimo de ruído possível.

Os cavaleiros desembainharam suas espadas, e saíram todos ao mesmo tempo da cabana. Quando as figuras que esperavam lá fora viram Bastian, os que vinham a cavalo desmontaram e os sete ajoelharam ao mesmo tempo sobre o joelho esquerdo.

— Salve, Bastian Baltasar Bux, Salvador de Fantasia!

Os recém-chegados tinham um aspecto muito estranho. Um dos dois que vinham a pé tinha um pescoço muito comprido na ponta do qual havia uma cabeça de quatro caras, todas voltadas em sua direção. A primeira tinha uma expressão alegre, a segunda uma expressão colérica, a terceira uma expressão triste e a quarta um ar ensonado. Cada uma dessas caras tinha feições hirtas e imutáveis, mas podia ser colocada à frente aquela cuja expressão mais se adequava ao seu estado de espírito do momento. Era um trole de Quatro Quartos, também conhecido em alguns lugares pelo nome de Temperamentnik.

O outro desses dois que vinham a pé era o que em Fantasia se chama cefalópode, ou Cabeça-Pé, uma criatura que consistia em uma cabeça sustentada por pernas muito compridas e finas, mas sem tronco nem mãos. Os Cabeça-Pés são nômades, não possuindo residência fixa. Deslocam-se geralmente em grupos de várias centenas, e raramente se encontra um indivíduo isolado. Alimentam-se de ervas. Este que estava agora ajoelhado na frente de Bastian parecia jovem e tinha bochechas vermelhas. As três outras figuras que vinham montadas em cavalos pouco maiores que cabras eram um gnomo, uma sombra e uma mulher selvagem. O gnomo trazia uma coroa de ouro na cabeça e era, com certeza, um príncipe. A sombra era difícil de se ver, pois consistia apenas em uma sombra que não era projetada por ninguém. A mulher selvagem tinha cara de gata e longos caracóis louros que a envolviam como um manto. Todo o corpo era recoberto da mesma pelagem loura encaracolada. Tinha a altura de uma criança de cinco anos.

Um outro visitante, que vinha montado num boi, era oriundo do país dos Sassafrases, que nascem velhos e morrem quando chegam a recém-nascidos. Este tinha uma longa barba branca, era careca e de cara muito enrugada, e portanto — segundo os critérios da sua terra — era muito novo, talvez da idade de Bastian.

Um Gênio azul viera montado num camelo. Era alto e magro e trazia um turbante gigantesco. Tinha figura humana, mas seu tronco nu e musculoso parecia feito de um metal azul brilhante. Em vez de nariz e boca tinha no meio do rosto um bico de águia, forte e adunco.

— Quem são vocês e o que querem?, perguntou Hykrion, "om uma certa rudeza. Apesar do cumprimento cerimonioso, não parecia muito convencido do caráter inofensivo destes visitantes e era o único que não tirara a mão do punho da espada.

O trole de Quatro Quartos, que até aí apresentara aos circunstantes sua cara ensonada, voltou para a frente a cara alegre e disse, dirigindo-se a Bastian e ignorando completamente Hykrion:

— Senhor, somos príncipes de diferentes países de Fantasia, e todos nos pusemos a caminho para saudá-lo e pedir sua ajuda. A notícia de sua presença se alastrou de país em país, o vento e as nuvens sabem o seu nome, as ondas do mar anunciam sua fama com seu marulhar e todos os riachos falam do seu poder.

Bastian lançou um olhar a Atreiú, mas este olhava para o trole com um ar muito sério e quase severo. Nos seus lábios não se descortinava o menor sorriso.

— Sabemos, foi a vez do gênio azul tomar a palavra, e sua voz soava como o grito agudo da águia, que o senhor criou a Floresta da Noite, Perelim e o Deserto das Cores, Goab. Sabemos que comeu e bebeu do fogo da Morte Multicor e que também tomou banho nele, uma proeza nunca igualada por nenhum ser vivo de Fantasia. Sabemos que errou pelo Templo das Mil Portas e sabemos também o que aconteceu na cidade de Amargante. Conhecemos, senhor, o seu poder. Basta que diga uma palavra, para que se faça o que o senhor quiser. Por isso o convidamos para vir até nós e conceder-nos a graça de tomar parte em uma de suas histórias. Pois nós ainda não temos história.

Bastian refletiu e logo abanou a cabeça.

— Por enquanto não posso fazer o que esperam de mim. Mais tarde, eu os ajudarei a todos. Mas antes tenho de ver a imperatriz Criança! Ajudem-me, portanto, a encontrar a Torre de Marfim!

Aqueles estranhos seres não pareceram desiludidos. Depois de terem falado uns com os outros, todos aceitaram, aparentemente muito satisfeitos, a proposta de Bastian, de que o acompanhassem. E pouco depois, a comitiva que agora parecia uma pequena caravana, colocara-se a caminho.

Durante todo aquele dia foram chegando outros seres. Apareceram não só os mensageiros avistados na véspera por

Atreiú, mas ainda muitos outros, vindos de todos os lados. Havia faunos de pernas de bode e enormes silvos noturnos, elfos e duendes, gênios cavalgando joaninhas e trípodes, um galo do tamanho de um homem, calçando botas altas, e um veado de armação de ouro, que caminhava de pé e vestia uma espécie de fraque. Mas, na maior parte, os recém-chegados eram seres que não tinham qualquer semelhança com figuras humanas. Havia, por exemplo, formigas cor-de-cobre trazendo elmos, rochedos ambulantes de formas bizarras, animais-flauta que tocavam música com os bicos compridos, e ainda três dos chamados Charcadores, que se, movimentam de uma forma muito esquisita pois a cada passo — se é que se pode chamar aquilo de passo — se liquefazem formando um charco, para logo se reconstituírem novamente, formando uma figura ereta. Mas o mais estranho de todos aqueles recém-chegados era talvez um Duplo, cujas partes da frente e de trás podiam andar separadas. Assemelhava-se vagamente a um hipopótamo, mas tinha o corpo de listas vermelhas e brancas.

Ao todo, já havia uma comitiva de cerca de cem seres. E todos eles tinham acorrido para saudar Bastian, o salvador de Fantasia, e lhe pedirem que inventasse uma história para eles. Os sete primeiros explicaram aos demais que viajariam primeiro até à Torre de Marfim, e todos estavam dispostos a acompanhar Bastian até lá.

Hykrion, Hysbald e Hydorn cavalgavam ao lado de Bastian à frente do cortejo, agora já bastante longo.

Ao fim da tarde, chegaram à catarata. E, quando caiu a noite, a comitiva tinha deixado a planície mais elevada, descendo por um caminho íngreme e tortuoso de montanha, e encontrava-se agora numa floresta de orquídeas, tão grandes como árvores. Eram flores gigantescas, mosqueadas e com um aspecto algo inquietante. Decidiu-se que acampariam ali, mas que, por via das dúvidas, alguns homens ficariam de guarda durante a noite.

Bastian e Atreiú apanharam musgos, que cresciam abundantemente por toda a parte, e com ele improvisaram camas macias. Fuchur deitou-se junto dos dois amigos, formando um anel que os envolvia por todos os lados; colocou a cabeça voltada para dentro desse anel, e eles ficaram tão bem protegidos como se estivessem dentro de um grande castelo de areia. O ar era morno e

estava impregnado por um estranho aroma que se desprendia das orquídeas e não era muito agradável. Havia algo nele que prenunciava desgraças.

XX



A Mão Que Vê



odas as pétalas e folhas das orquídeas refletiam em suas gotas de orvalho os primeiros raios do sol da manhã, quando a caravana se pôs novamente em marcha. Durante a noite nada sucedera, além da chegada de outros mensageiros que tinham se juntado aos anteriores, pelo que a caravana se compunha agora de mais de trezentos seres. Aquele cortejo de criaturas tão estranhas e variadas era na verdade um espetáculo digno de ser visto.

Quanto mais penetravam no interior da floresta das Orquídeas, mais estranhas eram as formas e as cores das flores. E os cavaleiros Hykrion, Hysbald e Hydorn em breve verificaram que a sensação de intranqüilidade que os tinha levado a ficar de guarda durante a noite não era completamente injustificada. Muitas daquelas plantas eram carnívoras, e suficientemente grandes para

engolirem uma vitela inteira. É certo que não se moviam por si — e sob este aspecto as sentinelas tinhas sido desnecessárias — mas quando alguém lhes tocava fechavam-se como dentes de aço. E algumas vezes os cavaleiros tiveram de usar as espadas para libertarem o braço ou o pé de um dos seus companheiros de viagem ou do animal que montavam, para o que tinham de decepar primeiro a cabeça da flor, cortando-a depois em pedaços.

Bastian, que montava Iicha, estava constantemente rodeado por um aglomerado de seres fantásticos de todas as espécies, que tentavam chamar sua atenção ou, pelo menos, vê-lo de perto. Mas Bastian cavalgava em silêncio e de rosto impenetrável. Surgira nele um novo desejo e, pela primeira vez, esse desejo parecia estranho e até sombrio.

Aquilo que mais o aborrecia no comportamento de Atreiú e Fuchur, apesar da reconciliação, era o fato inegável de eles o tratarem como uma criança dependente, pela qual se sentiam responsáveis e que tinham de acompanhar e orientar. Pensando bem, fora assim desde o primeiro dia em que andavam juntos. Por que o faziam? Era evidente que por qualquer razão se sentiam superiores a ele. . . mesmo que suas intenções fossem boas. Atreiú e Fuchur consideravam-no sem dúvida um menino indefeso e carente de proteção. E isso não lhe agradava, não lhe agradava nada mesmo! Ele não era inofensivo! Haviam de ver! Queria ser perigoso, perigoso e temido! Alguém de quem toda a gente tivesse de se precaver. . . incluindo Fuchur e Atreiú.

O Gênio azul — que, aliás, se chamava Illuan — abriu caminho entre a pequena multidão que rodeava Bastian e inclinou-se perante ele, com os braços cruzados sobre o peito.

Bastian deteve-se.

— Que há, Illuan? Fale!

— Senhor, disse o Gênio com sua voz de águia. Ouvi alguns comentários entre nossos companheiros de viagem. Alguns deles dizem conhecer esta região e saber o que nos espera. E todos tremem de medo, senhor.

— Por quê? Que há de especial nesta região?

— Esta floresta de orquídeas carnívoras, senhor, chama-se o Jardim de Oglais e pertence ao Castelo Encantado de Horok,

também conhecido pelo nome de A Mão Que Vê. Mora aí a mais poderosa e malévola de todas as feiticeiras de Fantasia. O seu nome é Xayíde.

— Está bem, respondeu Bastian. Diga aos medrosos que se tranqüilizem. Eu estou com eles.

Illuan inclinou-se novamente e afastou-se.

Um pouco mais tarde, Fuchur e Atreiú, que tinham voado muito à frente, aterraram junto de Bastian. O cortejo tinha parado para descansar na hora do almoço.

— Não sei o que pensar do que vimos, começou a dizer Atreiú. A três ou quatro horas de caminho, vimos no meio da floresta das orquídeas uma construção que parece uma grande mão saindo do solo e produz uma impressão bastante sinistra. Se continuarmos a avançar nesta direção, chegaremos até ela.

Bastian contou o que naquele ínterim soubera por Illuan.

— Neste caso, opinou Atreiú, seria mais razoável mudar de direção, não acha?

— Não, disse Bastian.

— Mas não há razão alguma que nos obrigue a ir ao encontro de Xayíde. Seria melhor evitar esse encontro.

— Há uma razão, disse Bastian.

— Qual?

— Porque eu quero, disse Bastian.

Atreiú calou-se e olhou-o espantado. Mas como continuavam a se aproximar por todos os lados outros seres de Fantasia que queriam ver Bastian de perto, não continuaram a conversa.

Depois do almoço, porém, Atreiú voltou e propôs a Bastian, num tom de voz aparentemente despreocupado:

— Você não gostaria de voar um pouco comigo nas costas de Fuchur?

Bastian. percebeu que Atreiú queria lhe dizer alguma coisa Subiram para as costas do Dragão, Atreiú à frente, Bastian atrás e elevaram-se nos ares. Era a primeira vez que voavam juntos.

Assim que chegaram fora do alcance dos ouvidos da comitiva, Atreiú disse:

— Agora é difícil falar com você a sós. Mas temos de falar sem falta, Bastian.

— Foi o que pensei, respondeu Bastian, sorrindo. O que é, então?

— Este lugar onde estamos, começou Atreiú a dizer, hesitante, e a direção em que avançamos. . . têm alguma coisa a ver com um novo desejo seu?

— É provável, replicou Bastian com uma certa frieza.

— Pois bem, continuou Atreiú, foi o que pensamos, Fuchur e eu. E que desejo é esse?

Bastian permaneceu em silêncio.

— Não interprete mal o que estou dizendo, acrescentou Atreiú. Não é que tenhamos medo de algum lugar ou de alguém. Mas, como somos seus amigos, estamos preocupados por sua causa.

— Isso é desnecessário, replicou Bastian, ainda mais friamente. Atreiú calou-se durante muito tempo. Finalmente, Fuchur voltou a cabeça na direção deles e disse:

— Atreiú tem uma proposta muito razoável a fazer, e você deve ouvi-lo, Bastian Baltasar Bux!

— Mais algum dos seus conselhos?, perguntou Bastian com um sorriso irônico.

— Não, não é um conselho, Bastian, respondeu Atreiú. É uma proposta, que, à primeira vista, pode não lhe agradar. Mas deve pensar bem antes de recusá-la. Temos pensado muito na melhor maneira de ajudá-lo. Tudo está relacionado com o efeito que o signo da imperatriz Criança tem sobre você. Sem o poder de AURIN, você não pode continuar a satisfazer seus desejos, mas com esse poder você se perde em si mesmo e cada vez menos se lembra de para onde se dirige. Se não fizermos nada, chegará o momento em que já não o saberá.

— Já falamos sobre isso!, disse Bastian. E daí?

— Quando eu usava a "Jóia", continuou Atreiú, tudo era diferente. Ela me conduzia, mas não me tirava nada. Talvez porque, não sendo um homem, não tenha recordações do mundo dos seres humanos para esquecer. O que eu quero dizer é que não me prejudicou, pelo contrário. Por todas essas razões, queria propor a você que me confiasse AURIN e me deixasse guiá-lo. Seria eu a procurar o seu caminho. Que acha da proposta?

— Recuso-a, disse Bastian friamente. Fuchur voltou outra vez a cabeça para trás.

— Você não quer ao menos refletir um pouco?

— Não, respondeu Bastian. Para quê? Atreiú encolerizou-se pela primeira vez.

— Bastian, tenha juízo! Você precisa perceber que não está fazendo grandes progressos! Não vê que está completamente diferente? Que relação ainda há entre o que é agora e você mesmo? E em que você vai se transformar ainda?

— Obrigado, disse Bastian, muito obrigado por se preocuparem o tempo todo com a minha vida. Mas, para dizer a verdade, preferia que me deixassem em paz de uma vez por todas. Fui eu — caso o tenham esquecido —, fui *eu* que salvei Fantasia, foi a mim que a Filha da Lua confiou o seu poder. E ela devia ter razões para fazê-lo, pois, de outro modo, tinha-o deixado entregue a você, Atreiú. Mas ela tirou AURIN de você, tirou de você o "Signo" e entregou-o a mim! Eu me modifiquei, você diz? Sim, meu querido Atreiú, você tem toda a razão! Já não sou a criatura insignificante e inofensiva que vocês vêem em mim. Quer que eu diga a verdadeira razão por que você pretende me tirar AURIN? Porque tem ciúmes de mim, só por isso. Vocês ainda não me conhecem, mas se continuarem assim — e olhem que ainda estou falando por bem — vão me conhecer!

Atreiú não respondeu. O vôo de Fuchur perdeu de repente a força, e o Dragão deslizava agora penosamente através dos ares, perdendo altura como um pássaro ferido.

— Bastian, disse Atreiú finalmente, por certo você não acredita mesmo no que acaba de dizer. Vamos esquecer. É como se você nunca tivesse dito uma coisa dessas.

— Está bem, respondeu Bastian, como você quiser. Não fui eu que comecei. Mas, por mim, podemos passar uma borracha nisso e acabou-se.

Por algum tempo, ninguém disse palavra.

Começaram a ver ao longe o castelo de Horok, que se erguia em meio à Floresta das Orquídeas. Parecia efetivamente uma mão gigante, com os cinco dedos levantados e estendidos.

— Mas há uma coisa que tem de ficar bem clara, disse Bastian repentinamente. Estou decidido a não voltar ao meu mundo. Ficarei

para sempre em Fantasia. Sinto-me muito bem aqui. Por isso, não me custa nada renunciar a todas as minhas recordações. E quanto ao futuro de Fantasia, não há problemas: posso dar mil novos nomes à imperatriz Criança. Já não precisamos do mundo dos homens!

Fuchur deu de repente uma meia-volta rápida e voltou para trás.

— Ei!, gritou Bastian. O que você está fazendo? Para a frente! Quero ver Horok de perto!

— Não posso mais, respondeu Fuchur, e na sua voz havia o tom do mais profundo cansaço. É verdade, não posso mais.

Quando aterraram junto da caravana, um pouco mais tarde, foram ter com os companheiros de viagem, agora muito excitados. Disseram-lhes que o cortejo tinha sido atacado por um bando de cerca de cinqüenta criaturas muito fortes, metidas em armaduras ou couraças negras, semelhantes a carapaças de insetos. Muitos dos componentes da comitiva tinham fugido e voltavam agora, isolados ou em grupos, mas outros tinham-se defendido corajosamente, sem quaisquer resultados. Os gigantes couraçados tinham anulado todos os contra-ataques como se fossem brincadeira de crianças. Os três cavaleiros, Hykrion, Hysbald e Hydorn, tinham-se batido como heróis, mas sem conseguir vencer um único dos adversários. Finalmente, dominados pela força superior do inimigo, tinham sido desarmados, presos com correntes e levados para longe. Um dos seres couraçados em negro gritara, num tom de voz estranhamente metálico:

"Eis a mensagem de Xayíde, a senhora do Castelo de Horok, a Bastian Baltasar Bux. Ela exige que o Salvador se submeta a ela incondicionalmente e jure servi-la como fiel escravo com tudo o que é, possui e sabe! Mas se ele se opuser e quiser desrespeitar a vontade de Xayíde, recorrendo à astúcia, então seus três amigos, Hykrion, Hysbald e Hydorn sofrerão uma morte lenta, ignominiosa e horrível, na tortura. Terá de resolver depressa, pois o prazo expira amanhã, ao nascer do sol. Esta é a mensagem de Xayíde, a

senhora do Castelo de Horok, a Bastian Baltasar Bux. Foi transmitida."

Bastian mordeu os lábios. Atreiú e Fuchur olhavam fixamente para outro lado, mas Bastian sabia o que eles pensavam. E o fato de eles não traírem seus pensamentos irritou-o ainda mais. Mas não era agora a hora mais indicada para falar disso. Mais tarde, decerto surgiria ocasião mais propícia.

— Não vou ceder de modo algum a essa exigência de Xayíde, como é evidente, disse em voz alta aos que o rodeavam. Assim, temos de preparar desde já um plano para libertar imediatamente os três prisioneiros.

— Isso não vai ser fácil, opinou Illuan, o Gênio azul de bico de águia. Não podemos levar a melhor contra estes guerreiros negros, como já se viu. E mesmo que o senhor, e Atreiú com o seu Dragão da Sorte, combatam à nossa frente, vai ser preciso muito tempo para conquistar o Castelo de Horok. A vida dos três cavaleiros está nas mãos de Xayíde, e assim que ela vir que atacamos, manda-os matar. Isso me parece indubitável.

— Então ela não pode perceber que estamos atacando, declarou Bastian. Temos de surpreendê-la.

— Como isso é possível?, perguntou o trole de Quatro Quartos que, tendo voltado agora para a frente o seu rosto colérico, tinha um aspecto bastante terrível. Xayíde é muito astuta e certamente estará preparada para todas as eventualidades.

— Também o temo, disse o príncipe dos gnomos. Somos muitos e é impossível que ela não nos veja se nos acercarmos do Castelo de Horok. Não se pode ocultar um exército como este, nem mesmo de noite. Com certeza ela colocou homens de vigia.

— Então, refletiu Bastian, podemos nos servir precisamente disso para enganá-la.

— Que quer dizer, senhor?

— Vocês terão de prosseguir com toda a caravana numa direção diferente, de forma que pareça estar fugindo, como se tivessem desistido de libertar os três prisioneiros.

— E o que será deles?

— Disso me ocupo eu, com Atreiú e Fuchur.

— Só os três?

— Sim, disse Bastian. É claro, se Atreiú e Fuchur quiserem me acompanhar. Caso contrário, eu o farei sozinho.

Incidiram sobre Bastian olhares de admiração. Os que estavam mais próximos comunicaram aos outros o que tinham ouvido.

— Isso, senhor, exclamou finalmente o Gênio azul, passará à história de Fantasia, quer vença, quer seja derrotado!

— Venham comigo, disse Bastian, voltando-se para Atreiú e Fuchur. Ou será que têm mais alguma das suas propostas?

— Não, disse Atreiú suavemente, vamos com você.

— Então, ordenou Bastian, que a comitiva se ponha a caminho enquanto é dia. Tem de parecer que estão fugindo, por isso despachem-se! Nós esperamos aqui pela escuridão. Amanhã cedo nos reuniremos novamente com vocês levando os três cavaleiros... ou nunca mais nos veremos. Agora vão!

Sem dizer palavra, os companheiros de viagem inclinaram-se perante Bastian, e depois puseram-se a caminho. Bastian, Atreiú e Fuchur esconderam-se entre o mato, na Floresta das Orquídeas, e esperaram pela noite, imóveis e em silêncio.

Quando caiu o crepúsculo, ouviram subitamente um tilintar suave e viram cinco dos gigantescos guerreiros entrando no acampamento abandonado. Movimentavam-se de uma forma estranha, mecânica, todos ao mesmo tempo. Pareciam feitos de metal negro, e até suas caras eram máscaras de ferro. Pararam todos ao mesmo tempo, voltaram-se na direção em que a caravana desaparecera e, sem trocai entre si uma única palavra, seguiram o rastro da comitiva, acertando o passo. Depois, fez-se novamente silêncio.

— O plano parece estar dando certo, murmurou Bastian.

— Eram só cinco, replicou Atreiú. Onde estão os outros?

— Com certeza estes cinco vão chamá-los, opinou Bastian.

Quando finalmente a noite caiu por completo, os três rastejaram cautelosamente para fora do seu esconderijo e Fuchur levantou vôo silenciosamente, com os seus dois cavaleiros. Voava o mais baixo possível, rente às copas da Floresta das Orquídeas, para não ser descoberto. A princípio, não hesitou quanto à direção a tomar, pois era a mesma em que já voara à tarde. Entretanto, ao fim de um quarto de hora já não sabiam se encontrariam o Castelo de Horok,

ou como o encontrariam. A escuridão era impenetrável. Alguns minutos depois, o Castelo apareceu diante dos seus olhos. As mil janelas de Horok estavam todas iluminadas. Xayíde parecia querer que seu castelo fosse visto. O que era compreensível, dado que esperava a visita de Bastian, se bem que não daquela maneira.

Por uma questão de precaução, Fuchur aterrou ainda entre as orquídeas e começou a rastejar pelo chão, pois suas escamas de madre-pérola faiscavam e refletiam a luz. E era importantíssimo que não fossem vistos.

O castelo de Horok erguia-se sobre uma pequena elevação, onde não havia orquídeas. A forma do edifício era realmente a de uma mão gigantesca que saía da terra. Cada um dos seus dedos era uma torre e o polegar um balcão sobre o qual se erguia, por sua vez, uma torre. No conjunto, tinha a altura de muitos andares, cada um formado por sua falange, com as janelas em forma de olhos que vigiavam a região por todos os lados. Com razão chamavam-lhe A Mão Que Vê.

Aproximaram-se do castelo, protegidos pelas plantas. Dez gigantes couraçados guardavam a porta principal. E diante de cada uma das janelas iluminadas havia outro guarda, negro e imóvel, como uma sombra ameaçadora.

— Temos de descobrir, murmurou Bastian ao ouvido de Atreiú, onde estão os prisioneiros.

Atreiú assentiu e fez sinal a Bastian para ficar quieto perto de Fuchur. Depois, afastou-se rastejando sobre a barriga e sem fazer o mínimo ruído. Só voltou depois de muito tempo.

— Dei a volta no castelo, murmurou ele, e só há esta entrada. Mas está bem guardada. Descobri lá em cima, na ponta do dedo médio, uma única clarabóia que parece não estar guardada por nenhum dos gigantes couraçados. Mas, se voarmos até lá com Fuchur, eles certamente nos verão. Os prisioneiros devem estar no porão. Pelo menos, pareceu-me ouvir um grito de dor vindo lá do fundo.

Bastian concentrou-se durante algum tempo. Depois murmurou:

— Vou tentar chegar a essa clarabóia. Enquanto isso, você e Fuchur têm de distrair as sentinelas. Façam alguma coisa que as leve a pensar que temos a intenção de atacar a porta de entrada.

Vocês têm de atrair todos para lá. Mas só atrair, entendem? Não lutem com eles! Vou tentar subir pela parte de trás da mão. Entretenham os guardas o tempo que puderem. Mas não corram riscos! Dêem-me alguns minutos antes de começarem.

Atreiú concordou e apertou-lhe a mão. Depois, Bastian despiu o manto de prata e esgueirou-se na escuridão. Arrastando-se, descreveu um grande semicírculo em volta do edifício. Assim que chegou à parte de trás, ouviu Atreiú gritar:

— Ei, vocês! Sabem quem é Bastian Baltasar Bux, o Salvador de Fantasia? Chegou não para pedir mercê a Xayíde, mas sim para lhe dar uma última oportunidade de libertar os prisioneiros por bem. Sob esta condição, vocês poderão conservar suas míseras vidas!

Bastian espreitou de dentro de um maciço arbusto pelo canto do castelo. Viu que Atreiú se envolvera no manto de prata e que tinha enrolado o cabelo negro à volta da cabeça como se fosse um turbante. Para uma pessoa que os não conhecesse bem, podia haver alguma semelhança entre os dois.

Os negros gigantes couraçados pareceram hesitar por um momento. Depois, precipitaram-se sobre Atreiú, e ouviu-se o estrépido metálico dos seus pés batendo no chão. Também os guardas que estavam diante das janelas se puseram em movimento, abandonando seus postos para ver o que estava se passando. Acorreram ainda muitos outros, que se aglomeraram diante da porta de entrada. Quando os primeiros chegaram perto de Atreiú, este esgueirou-se entre eles como uma doninha e, no instante seguinte, apareceu por cima das cabeças deles, montado em Fuchur. Os gigantes couraçados esgrimiam à toa com as espadas, saltando o mais alto que podiam, mas não chegavam até eles.

Bastian correu até o castelo, rápido como o raio, e começou a subir pela fachada. Aqui e ali, podia agarrar-se aos parapeitos das janelas ou às saliências das paredes, mas, geralmente, tinha de se firmar só com a ponta dos dedos. Foi subindo cada vez mais alto, e a certa altura um pedaço de parede onde tinha apoiado o pé desmoronou e por alguns segundos ele ficou suspenso apenas por uma mão; mas conseguiu içar-se, encontrou um apoio para a outra mão, e continuou a subir. Quando finalmente chegou às torres,

começou a avançar mais depressa, pois a distância entre os dedos era tão pequena que podia apoiar os pés na torre do lado e içar-se assim com mais facilidade.

Finalmente, chegou à clarabóia e esgueirou-se pelo buraco. Felizmente, por qualquer razão desconhecida, não havia nenhum guarda naquele torreão. Abriu a porta do quartinho onde se encontrava e viu uma estreita escada em caracol. Começou a descer sem fazer ruído. Quando chegou ao andar de baixo, viu dois guardas negros em frente de uma janela, observando silenciosamente o que se passava lá embaixo. Mas conseguiu passar por trás deles sem que o ouvissem.

Desceu mais escadas, atravessou corredores e passagens. Uma coisa era certa. Aqueles guerreiros couraçados podiam ser invencíveis na luta, mas como guardas deixavam muito a desejar.

Finalmente, chegou ao portão. Sentiu-o pelo cheiro de mofo e podridão, e pelo frio que ali reinava. Felizmente todos os guardas pareciam ter corrido para cima, para prender o suposto Bastian Baltasar Bux. De qualquer maneira, não se via viva alma. Havia archotes nas paredes, que iluminavam o caminho. Foi descendo cada vez mais. Parecia a Bastian que havia pelo menos tantos andares para baixo como para cima do chão. Finalmente, chegou ao último, e então viu a masmorra onde Hykrion, Hysbald e Hydorn estavam sendo torturados. O espetáculo era lastimoso.

Eles estavam pendurados pelos pulsos em compridas correntes de ferro, por cima de um fosso que parecia um buraco sem fundo. As correntes passavam sobre roldanas fixas no teto do cárcere e estavam presas a um cabrestante; mas este, travado com um grande cadeado de ferro, não se movia. Bastian ficou sem saber o que fazer.

Os três prisioneiros tinham os olhos fechados, como se estivessem desmaiados, mas Hydorn, o Tenaz, abriu o esquerdo e murmurou com os lábios ressequidos:

— Ei, amigos, vejam quem está aqui!

Os outros dois abriram os olhos a custo e, quando viram Bastian, esboçaram um fraco sorriso.

— Sabíamos que não ia nos abandonar assim, senhor, gemeu Hykrion.

— Como posso tirar vocês daí?, perguntou Bastian.

— O cabrestante está fechado com cadeado.

— Desembainhe sua espada, propôs Hysbald, e corte as correntes.

— Para cairmos no abismo?, perguntou Hykrion. Não me parece boa idéia.

— Não posso desembainhar a espada, disse Bastian. Sikanda tem de saltar sozinha para a minha mão.

— Humm!, resmungou Hydorn. Esse é o inconveniente das espadas mágicas. Quando precisamos delas são caprichosas.

— Ah!, murmurou de repente Hysbald. Havia uma chave para o cabrestante. Onde a colocaram?

— Havia em qualquer lugar uma laje solta, disse Hykrion. Não vi muito bem onde era, porque estavam me içando.

Bastian aguçou a vista. A luz era fraca e vacilante, mas, depois de ter andado algumas vezes para cá e para lá, descobriu uma laje mais saliente que as outras. Levantou-a com cuidado e viu a chave.

Agora podia abrir e tirar o grande cadeado do cabrestante. Começou a rodá-lo devagar, mas rangia e estalava tanto que o barulho com certeza seria ouvido em todos os andares do porão. Se os gigantes couraçados não fossem completamente surdos, com certeza já teriam sido alertados. Mas, agora, não podia parar. Bastian continuou a rodar o cabrestante até que os três cavaleiros ficaram suspensos sobre a borda do buraco. Os prisioneiros começaram a balançar para cá e para lá; finalmente, tocaram com os pés em solo firme. Logo que isto aconteceu, Bastian soltou-os completamente. Tombaram por terra, esgotados, ficando deitados no lugar onde tinham caído. As grossas correntes ainda lhe pendiam dos pulsos.

Bastian não teve muito tempo para pensar, pois já se ouvia o ruído metálico de passos pesados nos degraus de pedra que levavam ao porão, primeiro isolados, depois em grande número. Os guardas se aproximavam. Suas armaduras brilhavam à luz vacilante dos archotes como as carapaças negras de insetos gigantes. Desembainharam as espadas, todos ao mesmo tempo, e avançaram sobre Bastian, que estava parado em frente à estreita entrada da masmorra.

Então, Sikanda finalmente saltou de sua bainha enferrujada e colocou-se na mão de Bastian. A lâmina luminosa da espada abateu-se como um raio sobre os primeiros gigantes couraçados e antes mesmo que Bastian percebesse o que se passava, cortou-os em pedaços. Viu-se então como eram aqueles seres: eram ocos, constituídos apenas pelas couraças que se moviam por si; em seu interior nada havia, apenas o vazio.

A posição de Bastian era favorável, pois pela porta estreita do cárcere só podia passar um guarda de cada vez, e Sikanda desfazia-os um a um. Em breve havia no chão um monte de peças metálicas semelhantes a enormes cascas de ovos de algum pássaro gigante. Depois de uns vinte terem sido despedaçados, os outros pareceram mudar de idéia. Retiraram-se, aparentemente para esperar Bastian num local mais favorável para eles.

Bastian tirou partido desta oportunidade para cortar rapidamente com a lâmina de Sikanda as correntes que prendiam os pulsos dos três cavaleiros. Hykrion e Hydorn levantaram-se a custo e tentaram desembainhar suas próprias espadas, que muito estranhamente não lhes tinham sido tiradas, para combater ao lado de Bastian; mas suas mãos estavam insensíveis; depois de ficarem penduradas durante tanto tempo, elas não lhes obedeciam. Hysbald, o mais frágil dos três, nem sequer conseguia se manter de pé sozinho. Os outros dois tiveram de ajudá-lo.

— Não se preocupem, disse Bastian. Sikanda não precisa de ajuda. Fiquem atrás de mim e não me atrapalhem os movimentos tentando me ajudar.

Saíram da masmorra, subiram lentamente as escadas e chegaram a um grande compartimento que parecia um salão. . . de repente, todos os archotes se apagaram. Mas Sikanda brilhava, iluminando a sala.

Ouviram novamente os pesados passos metálicos de muitos gigantes couraçados que se aproximavam.

— Depressa!, disse Bastian. Voltem para a escada. Eu me defendo aqui!

Não viu se eles tinham obedecido às suas ordens, mas também não teve tempo de se certificar, pois Sikanda já começara a dançar em sua mão. E a luz forte e clara que irradiava iluminava toda a sala

como se fosse dia. Apesar de os atacantes o rodearem por todos os lados, tentando empurrá-lo para a escada, Bastian não foi atingido por nenhum dos seus terríveis golpes. Sikanda rodopiava tão depressa à sua volta que parecia centenas de espadas confundidas numa só. Finalmente, ficou sozinho no campo de batalha, coberto de destroços de couraças negras. Nada mais se movia.

— Venham!, gritou Bastian para os companheiros.

Os três cavaleiros saíram da entrada da escada e arregalaram os olhos.

— Nunca vi uma coisa assim! Minha nossa!, disse Hykrion,-e seu bigode tremia.

— É uma história para contar aos meus netos!, gaguejou Hysbald.

— E eles, com certeza, não vão acreditar, acrescentou Hydorn com tristeza.

Com a espada na mão, Bastian permanecia indeciso; de repente, porém, Sikanda voltou para a bainha.

— Parece que o perigo passou, disse ele.

— Pelo menos, os que podem ser vencidos pela espada, opinou Hydorn. Que faremos agora?

— Agora, respondeu Bastian, gostaria de conhecer pessoalmente Xayíde. Tenho de lhe dizer uma palavrinha.

Subiram os quatro as escadas dos andares do porão até chegarem ao que ficava ao nível do chão. Aí, numa espécie de vestíbulo, Atreiú esperava-os com Fuchur.

— Muito bem, vocês dois portaram-se muito bem!, disse Bastian, dando uma palmada no ombro de Atreiú.

— O que aconteceu aos gigantes couraçados?, quis saber Atreiú.

— Eram cascas vazias!, respondeu Bastian despreocupadamente. Onde está Xayíde?

— Lá em cima, no Salão Encantado, replicou Atreiú.

— Venham comigo!, disse Bastian. E envolveu-se novamente no manto de prata que Atreiú estendia. Depois, subiram todos a larga escadaria de pedra que conduzia aos andares superiores. Até Fuchur os acompanhou.

Quando Bastian, acompanhado de seus amigos, entrou no grande Salão Encantado, Xayíde levantou-se do seu trono de coral vermelho. Era muito mais alta do que Bastian e muito bonita. Vestia uma longa túnica de seda violeta, tinha os cabelos vermelhos como o fogo, empilhados no alto da cabeça num complicado penteado de trancas. O rosto era branco como o mármore, assim como as mãos longas e esguias. Seu olhar era estranho e perturbador, e só ao fim de algum tempo Bastian percebeu por quê: os olhos eram de cores diferentes, um verde e o outro vermelho. Parecia ter medo de Bastian, pois tremia. Bastian desafiou-lhe o olhar e ela baixou as longas pestanas.

O compartimento estava repleto de objetos estranhos, cuja utilidade não se conhecia: grandes globos com pinturas, relógios solares e pêndulos suspensos no teto. Entre outros objetos, havia numerosos queimadores de incenso, dos quais se evolavam pesadas nuvens de cores diferentes que pairavam sobre o chão como um nevoeiro.

Bastian ainda não dissera uma única palavra. E isso parece ter feito Xayíde perder o sangue-frio; de repente, ela correu para ele

atirando-se a seus pés. Depois, levantou o pé dele do chão e pousou-o sobre sua própria nuca.

— Meu senhor e mestre, disse numa voz profunda, aveludada e um pouco velada. Ninguém pode resistir ao senhor em Fantasia. O senhor é mais poderoso que todos os poderosos e mais perigoso que todos os demônios. Se o apraz vingar-se de mim porque fui suficientemente louca para não reconhecer sua grandeza, pode me esmagar com seu pé. Mereci sua cólera. Mas se quiser me tratar, apesar da minha indignidade, com essa benevolência porque é famoso, permita então que eu me submeta ao senhor como escrava obediente e jure servir-lhe com tudo o que sou, possuo e sei. Ensine-me a fazer aquilo que considera desejável, e eu serei a sua humilde aluna, que obedecerá ao menor movimento dos seus olhos. Arrependo-me do que quis fazer e imploro sua compaixão.

— Levante-se, Xayíde!, disse Bastian. Estivera furioso com ela, mas o discurso da maga lhe agradara. Se agira assim com ele porque não o conhecia e agora se arrependia realmente com tanta amargura, seria indigno da parte dele castigá-la. E dado que queria

aprender com ele o que ele considerasse desejável, não havia razão para recusar seu pedido.

Xayíde tinha-se levantado e estava de pé à sua frente, de cabeça baixa.

— Quer me obedecer incondicionalmente, perguntou Bastian, ainda que aquilo que eu a mande fazer seja muito difícil. . . sem objeções e sem hesitar?

— Quero, meu senhor e mestre, respondeu Xayíde, e o senhor verá como poderemos conseguir tudo com a minha arte e o seu poder.

— Muito bem, replicou Bastian, então aceito seus serviços. Vai deixar este castelo e me acompanhar à Torre de Marfim, onde pretendo me encontrar com a Filha da Lua.

Os olhos de Xayíde, o vermelho e o verde, faiscaram durante uma fração de segundo, mas logo baixou sobre eles suas longas pestanas, e ela disse:

— Obedeço, meu senhor e mestre. Desceram todos as escadas e saíram do castelo.

— Antes de mais nada, temos de encontrar nossos outros companheiros de viagem, decidiu Bastian. Quem sabe onde estão agora.

— Não muito longe daqui, disse Xayíde. Fiz com que se perdessem.

— Pela última vez. . ., replicou Bastian.

— Pela última vez, senhor, repetiu ela. Mas como vamos viajar? Terei de ir a pé? De noite e por estes bosques?

— Fuchur nos levará, ordenou Bastian. É suficientemente forte para voar com todos nós.

Fuchur levantou a cabeça e olhou Bastian. Seus olhos cor-de-rubi faiscaram.

— Sou forte, sim, Bastian Baltasar Bux, retumbou a sua voz de bronze. Mas não quero levar essa mulher.

— Pois o fará, disse Bastian, porque eu lhe ordeno.

O Dragão da Sorte olhou para Atreiú, que assentiu com um sinal quase imperceptível. Mas Bastian viu esse gesto.

Sentaram-se todos nas costas de Fuchur, que imediatamente levantou vôo.

— Para onde vou?, perguntou ele.

— Em frente!, disse Xayíde.

— Para onde vou?, voltou o Dragão a perguntar, como se não tivesse ouvido.

— Em frente!, gritou-lhe Bastian. Você ouviu muito bem!

— Ande!, disse Atreiú baixinho, e Fuchur lhe obedeceu.

Meia-hora mais tarde, quando despontavam os primeiros arvores cinzentos da madrugada, viram lá embaixo as numerosas fogueiras de um acampamento, e o Dragão da Sorte aterrou. Nesse meio-tempo, novos habitantes de Fantasia tinham-se juntado ao grupo, e muitos tinham trazido tendas. O acampamento parecia uma verdadeira cidade de tendas, que se espalhava por um grande prado florido, junto à orla da Floresta das Orquídeas.

— Quantos seremos agora?, quis saber Bastian, e Illuan, o Gênio azul que comandara a comitiva, explicou-lhe que ainda não haviam contado os componentes do cortejo, mas que já deviam ser mais de mil. Além disso, acontecera uma coisa muito estranha. Pouco depois de terem montado o acampamento, e portanto antes da meia-noite, tinham aparecido cinco daqueles gigantes couraçados. Mas seu comportamento fora pacífico; não se aproximaram do acampamento. Ninguém ousara chegar perto deles. Traziam consigo uma grande liteira de coral vermelho, que, no entanto, estava vazia.

— São meus carregadores, disse Xayíde a Bastian em tom de súplica. Mandei-os vir ter aqui ontem à noite. É a maneira mais agradável de viajar. Se me permite, senhor. . .

— Isto não me agrada, interrompeu Atreiú.

— Por quê?, perguntou Bastian. Tem alguma objeção?

— Ela pode viajar como quiser, respondeu Atreiú com frieza, mas o fato de ter mandado a liteira ontem à noite significa que sabia de antemão que viria conosco. É tudo um plano, Bastian. Sua vitória é na realidade uma derrota. Ela deixou-se vencer de propósito, para conquistar você depois, à sua maneira.

— Cale-se!, gritou Bastian, rubro de cólera. Não pedi sua opinião! Seus eternos sermões me aborrecem! Agora você também quer discutir minha vitória e ridicularizar minha generosidade!

Atreiú quis replicar, mas Bastian gritou:

— Cale a boca e deixe-me em paz! Se não lhes agrada aquilo que sou e o que faço, sigam o seu caminho! Não os retenho! Vão para onde quiserem! Estou farto de vocês!

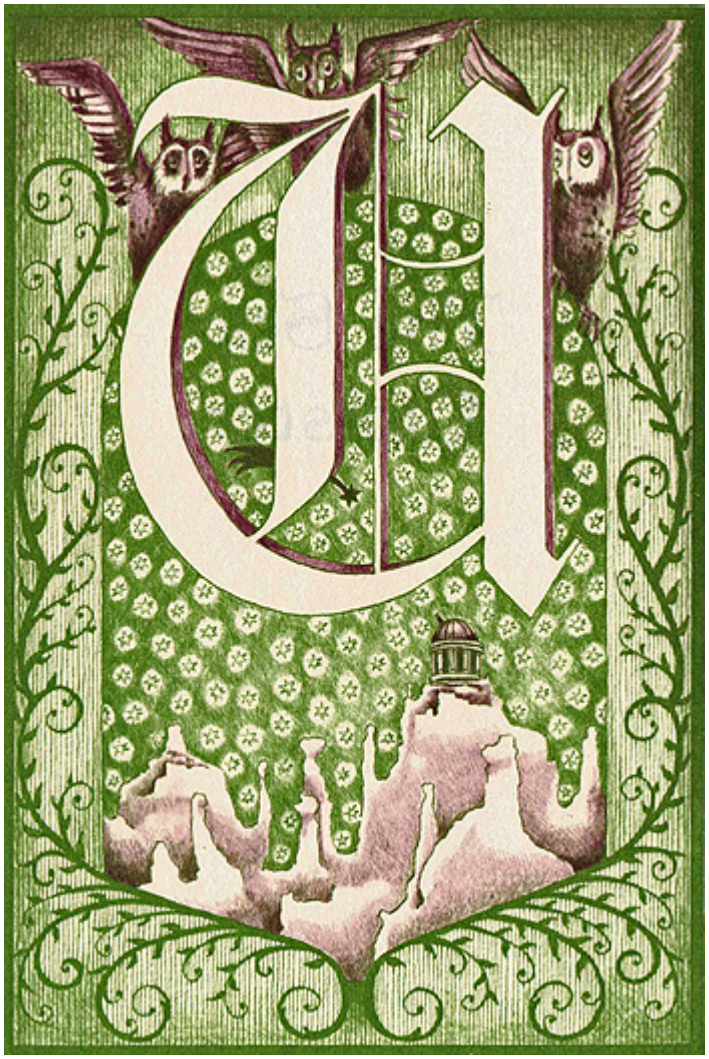
Bastian cruzou os braços em frente do peito e voltou as costas a Atreiú. A multidão que os rodeava reteve a respiração. Atreiú ficou ali durante um bocado, perplexo e calado. Até aquele momento, Bastian nunca o repreendera na frente dos outros. Sentia o coração tão apertado que quase não podia respirar. Esperou uns instantes, mas como Bastian não se voltou para trás, deu meia-volta e afastou-se lentamente. Fuchur o seguiu.

Xayíde sorria. Não era um sorriso agradável.

Nesse exato momento, porém, Bastian se esqueceu de que em seu mundo fora criança um dia.

XXI

O Mosteiro das Estrelas



ns após outros, não paravam de chegar de todos os países de Fantasia novos enviados para se juntarem à multidão que acompanhava Bastian em sua viagem à Torre de Marfim. Nem valia a pena contá-los, porque assim que se acabava a contagem, muitos outros já tinham se integrado à comitiva. Todas as manhãs reiniciava sua marcha um exército de vários milhares de cabeças, e quando paravam *a* noite para descansar, o acampamento se transformava na mais extraordinária cidade de tendas que se possa imaginar. Os companheiros de viagem de Bastian não se distinguiam só pelo aspecto, mas também pelo tamanho, e, portanto, havia tendas com dimensões que iam das de uma tenda de circo até aquelas que não ultrapassavam o tamanho de um dedal. Também as carruagens e

veículos em que estes enviados viajavam eram tão variados, que se torna impossível descrevê-los, pois havia desde coches e carruagens normais até estranhos tonéis rolantes, bolas saltadoras ou veículos que andavam sozinhos sobre suas próprias pernas.

Nesse meio-tempo, tinham arranjado para Bastian uma tenda que era a mais bela de todas. Tinha a forma de uma casinha, e era de seda colorida e brilhante, bordada a ouro e prata. Ao alto, ondulava uma bandeira que apresentava, à maneira de escudo de armas, um candelabro de sete braços. O interior era atapetado de colchas e almofadas macias. Onde quer que montassem o acampamento, esta tenda ficava sempre no centro. E o Gênio azul, que tinha se tornado uma espécie de camareiro e guarda pessoal de Bastian, tinha seu posto bem na entrada da tenda.

Atreiú e Fuchur continuavam entre o exército de acompanhantes de Bastian, mas desde o dia da repreensão pública, ele nunca mais lhes falara. No fundo, Bastian esperava que Atreiú cedesse e lhe pedisse perdão. Mas Atreiú não tomava essa iniciativa. E Fuchur parecia ter perdido o respeito por Bastian. Eles tinham que aprender, dizia ele para si mesmo. E se era uma questão de ver quem cedia primeiro, teriam ambos de compreender por fim que a sua vontade era inflexível. Mas se fossem eles a ceder, Bastian os receberia de braços abertos. Se Atreiú se ajoelhasse à sua frente, ele o levantaria e diria: "Você não deve se ajoelhar diante de mim, Atreiú, pois é e continua a ser meu amigo. .

Mas por agora, aqueles dois iam na cauda do cortejo. Fuchur parecia ter desaprendido a voar e corria pelo chão, e Atreiú caminhava a seu lado, geralmente de cabeça baixa. Se antes costumavam ir adiante do cortejo para reconhecer a região, agora marchavam em último lugar. Bastian não estava muito contente com aquilo, mas não podia fazer nada.

Quando o exército avançava, Bastian geralmente cavalgava à frente, na mula licha. Mas acontecia-lhe, com freqüência cada vez maior, de não ter vontade de montar a mula e, em vez disso, visitava Xayíde em sua liteira. Ela sempre o recebia com mostras de grande respeito, cedia-lhe o lugar mais cômodo e sentava-se a seus pés. Encontrava sempre um assunto interessante para conversar e evitava fazer-lhe perguntas sobre seu passado no mundo dos

homens, pois reparara que não lhe agradava falar sobre isto. Fumava quase ininterruptamente um cachimbo oriental que tinha a seu lado. O tubo do cachimbo tinha a forma de uma víbora verde-esmeralda e a boquilha, que ela segurava entre os compridos dedos cor-de-mármore, assemelhava-se à cabeça de uma serpente. Quando puxava a fumaça do cachimbo, era como se a beijasse. As nuvens de fumo que expelia voluptuosamente pelo nariz e pela boca tinham uma cor diferente a cada tragada: ora eram azuis, ora amarelas, ora cor-de-rosa, ora verdes ou lilases.

— Há uma coisa que eu queria perguntar-lhe há muito tempo, Xayíde, disse Bastian durante uma dessas visitas, olhando pensativa-mente os gigantescos carregadores com as negras couraças de inseto que conduziam a liteira a passos regulares.

— Sua escrava o escuta, respondeu Xayíde.

— Quando lutei com os seus gigantes couraçados, continuou Bastian, verifiquei que consistiam apenas em armaduras e que eram ocos por dentro. Como se movimentam?

— São movidos pela minha vontade, replicou Xayíde, sorrindo. Exatamente porque são ocos, obedecem à minha vontade. Minha vontade é capaz de se impor a tudo o que é vazio por dentro.

Observou fixamente Bastian com seus olhos bicolores. Bastian sentiu-se um tanto perturbado por aquele olhar, mas ela baixou imediatamente as pestanas.

— E eu também posso lhes impor minha vontade?, perguntou ele.

— Certamente, meu senhor e mestre, foi a resposta dela. E cem vezes melhor que eu, pois em comparação com o senhor não sou nada. Quer tentar?

— Agora não!, replicou Bastian, que se sentia embaraçado com tudo aquilo. Talvez em outra ocasião.

— Acha realmente mais agradável, continuou Xayíde, montar uma mula velha do que ser transportado por criaturas movidas pela sua vontade?

— Iicha gosta de me levar, disse Bastian, um pouco aborrecido. Fica contente por ser ela a me transportar.

— E você faz aquilo que ela quer?

— Por que não?, replicou Bastian. Que mal tem? Xayíde soltou fumaça verde pela boca.

— Nenhum, senhor. Que mal poderia haver no que o senhor faz?

— Onde você quer chegar, Xayíde?

Ela inclinou a cabeça coroada de cabelos cor-de-fogo.

— Pensa demais nos outros, meu senhor e mestre, murmurou ela. Mas ninguém merece que desvie a atenção de seus próprios desígnios. Se não se zangar comigo, vou me atrever a dar-lhe um conselho: pense mais em sua própria perfeição!

— Mas o que tem isso a ver com a velha Iicha?

— Pouco, senhor, ou mesmo nada. Mas ela não é um animal digno de uma pessoa como o senhor. Mortifica-me vê-lo cavalgar num animal tão... tão vulgar. Todos os seus companheiros de viagem pensam o mesmo, senhor. Só você, meu senhor e mestre, só você não vê que tem deveres para consigo mesmo.

Bastian não disse nada, mas as palavras de Xayíde tinham-no impressionado.

Enquanto o exército, com Bastian e Iicha à frente, atravessava no dia seguinte uma linda e fértil pradaria, interrompida aqui e ali por pequenos bosques de lilases perfumados, Bastian aproveitou a paragem do meio-dia para pôr em prática a proposta de Xayíde.

— Escute, Iicha, disse ele, e afagou o pescoço da mula. .. Chegou a hora de nos separarmos.

Iicha soltou um gemido de dor.

— Por quê, senhor?, queixou-se ela. Cumpri tão mal assim a minha obrigação?

E dos cantos dos seus olhos escuros escorriam lágrimas.

— Não, não, apressou-se Bastian em dizer para consolá-la. Pelo contrário, você me transportou este tempo todo com tanta suavidade e foi tão paciente e solícita que, em agradecimento, quero recompensá-la.

— Não quero outra recompensa, replicou Iicha, senão continuar a levá-lo. É o meu maior desejo.

— Não me disse, continuou Bastian, que fica triste por não poder ter seus próprios filhos?

— Sim, disse Iicha desgostosa, eu gostaria de lhes contar o que aconteceu nestes dias, quando já fosse muito velha.

— Muito bem, disse Bastian. Então vou contar-lhe uma história que vai se realizar. E vou contá-la só a você, a você e a mais ninguém, porque é a sua história.

Pegou uma das longas orelhas de Iicha e murmurou lá para dentro:

— Não muito longe daqui, num pequeno bosque de lilases, o pai do seu filho está à sua espera. É um corcel branco com asas de penas de cisne. Tem uma crina e uma cauda tão compridas que arrastam ao chão. Tem-nos seguido em segredo há muitos dias, porque está apaixonado por você pelo resto da vida.

— Por mim?, gritou Iicha quase assustada. Mas eu sou apenas uma mula e, além disso, já não sou nova!

— Para ele, disse Bastian de mansinho, você é a criatura mais bela de toda a Fantasia, exatamente porque é aquilo que é. E talvez também porque foi o animal que montei. Mas ele é muito tímido e não se atreve a se aproximar de você no meio desta multidão. Você tem que ir procurá-lo, senão ele morre de saudades suas.

— Meu deus, disse Iicha perplexa, é assim tão sério?

— Sim, murmurou-lhe Bastian ao ouvido. E agora, adeus, Iicha. Corra, que você vai encontrá-lo.

Iicha deu alguns passos, mas voltou-se outra vez para trás na direção de Bastian.

— Para dizer a verdade, explicou ela, estou com um certo receio.

— Coragem!, disse Bastian sorrindo. E não se esqueça de falar de mim aos seus filhos e aos seus netos.

— Obrigado, senhor!, retorquiu Iicha com seus modos simples, e foi embora.

Bastian ficou olhando a mula durante muito tempo, enquanto ela se afastava a trote, mas não se sentia muito satisfeito consigo próprio por tê-la mandado embora. Entrou em sua magnífica tenda, deitou-se sobre as almofadas macias e pôs-se a olhar para o teto. Repetia a si mesmo que o grande desejo de Iicha fora satisfeito. Mas nem por isso se sentia mais alegre. Pois importantes são o momento e a razão pelos quais fazemos alguma coisa para alguém.

Mas isso só dizia respeito a Bastian, pois Iicha encontrou mesmo o alado corcel branco e casou-se com ele. Mais tarde teve um filho, um macho branco, alado, chamado Pataplam. Esse filho havia de dar muito que falar em Fantasia. Mas essa é uma outra história e terá de ser contada em outra ocasião.

Daí em diante, Bastian viajou na liteira de Xayíde. Ela chegou mesmo a se oferecer para descer e ir a pé, para que ele se instalasse o mais comodamente possível, mas Bastian não quis aceitar esta proposta. Assim, os dois iam sentados na liteira de coral, que encabeçava o cortejo.

Mas Bastian continuava não se sentindo satisfeito, inclusive com Xayíde, pois fora ela a dar-lhe o conselho de se separar da mula. Xayíde logo percebeu isto, pois as respostas curtas de Bastian não davam margem para uma boa conversa. Para melhorar seu estado de espírito, ela disse alegremente:

— Gostaria de dar-lhe um presente, meu senhor e mestre, se me fizer a graça de aceitá-lo.

Tirou de debaixo da almofada do assento uma caixinha ricamente ornamentada. Curioso, Bastian endireitou-se no assento. Ela abriu o cofrezinho e tirou de lá de dentro um cinto que era uma espécie de corrente de elos móveis. Todos os elos, assim como o fecho, eram de vidro transparente.

— O que é isso?, quis saber Bastian.

O cinto tilintou levemente nas mãos dela.

— Ê um cinto que torna as pessoas invisíveis. Mas o senhor é que deve lhe dar um nome, para que ele passe a pertencer-lhe. Bastian olhou o cinto.

— É o cinto Guemal, disse ele. Xayíde acenou com a cabeça, sorrindo.

— Agora, ele é seu.

Bastian aceitou o cinto e segurou-o nas mãos, indeciso.

— Não quer experimentá-lo, perguntou ela, para se convencer do seu efeito?

Bastian pôs o cinto em volta da cintura, sentiu que ele se adaptava perfeitamente a seu corpo. Sentia-o apenas, pois não podia ver nada, nem o corpo, nem os pés, nem as mãos. Era uma sensação muito desagradável, e ele tentou abrir novamente o fecho

do cinto. Mas como não via nem as mãos nem o cinto, não conseguiu.

— Socorro!, gritou com voz abafada. De repente, teve medo de não ser capaz de tirar outra vez o cinto Guemal e de ficar invisível para sempre.

— O senhor precisa aprender a lidar com ele, disse Xayíde. O mesmo aconteceu comigo, meu senhor e mestre. Permita-me ajudá-lo.

Começou a agitar as mãos no ar e num instante abriu o fecho do cinto mágico. Bastian viu-se novamente. Deu um suspiro de alívio. Depois riu, e Xayíde sorriu também, tragando a fumaça pela boquilha em forma de cabeça de serpente do seu cachimbo oriental.

De qualquer modo, tinha conseguido desviar os pensamentos de Bastian.

— Agora está mais bem protegido contra qualquer perigo, disse ela docemente. E isso para mim é mais importante que tudo, senhor.

— Perigo?, perguntou Bastian, ainda um pouco confuso. Que perigo?

— Oh, ninguém está à sua altura, murmurou Xayíde, ninguém quando se é prudente. O perigo está no senhor mesmo, e por isso é mais difícil proteger-se dele.

— O que você quer dizer com isso. . . em mim mesmo?, quis saber Bastian.

— A prudência consiste em estar acima de todas as coisas, não odiar ninguém, nem amar ninguém. Mas o senhor continua a dar valor à amizade. Seu coração não é frio e indiferente como o cume nevado de uma montanha. . . e por isso há alguém que pode lhe fazer mal.

— Quem?

— Aquele de quem o senhor ainda gosta, apesar de todo o seu atrevimento, senhor.

— Fale claro!

— O pequeno selvagem atrevido e irreverente da raça dos Peles-Verdes, senhor.

— Atreiú?

— Sim, e também esse desavergonhado do Fuchur.

— E você está dizendo que esses dois podem me causar mal? Bastian quase começou a rir.

Xayíde manteve sua cabeça baixa.

— Não acredito nisso, nem nunca hei de acreditar, continuou Bastian. E não quero mais ouvir falar no assunto.

Xayíde calou-se e baixou ainda mais a cabeça. Ao fim de longo silêncio, Bastian perguntou:

— E o que poderia Atreiú ter contra mim?

— Senhor, murmurou Xayíde, quem me dera nunca ter falado!

— Mas agora você tem que dizer tudo!, gritou Bastian. Não faça só insinuações! O que você sabe?

— Tremo diante da sua ira, senhor, gaguejou Xayíde, e seu corpo realmente tremia. Mas mesmo que tenha de morrer, vou dizer: Atreiú planeja tirar-lhe o signo da imperatriz Criança, pela astúcia ou pela força.

Por um instante, Bastian sentiu que lhe faltava o ar.

— Você pode provar o que diz?, perguntou ele com voz velada. Xayíde abanou a cabeça e murmurou:

— Meus conhecimentos não são dos que se podem provar.

— Então guarde-os para você!, disse Bastian, e o sangue lhe subiu à cabeça. E não calunie o jovem mais valente e leal que existe em toda a Fantasia!

Dizendo isto, saltou para fora da liteira e se afastou.

Os dedos de Xayíde brincavam pensativamente com a cabeça de serpente e seus olhos verde e vermelho brilhavam. Ao fim de um momento, sorriu novamente e, soprando fumaça violeta pela boca, murmurou:

— É o que vamos ver, meu senhor e mestre. O cinto Guemal o demonstrará.

Quando a comitiva acampou para passar a noite, Bastian foi para sua tenda. Ordenou a Illuan, o Gênio azul, que não deixasse ninguém entrar, e muito menos Xayíde. Queria ficar sozinho para meditar.

Não considerava dignas sequer de atenção as acusações que a feiticeira fizera contra Atreiú. Seus pensamentos estavam ocupados

com outro assunto: as breves palavras que ela dissera sobre a prudência.

Bastian experimentara tantos sentimentos, medo e alegria, tristeza e triunfo, passara de desejo em desejo, mas nada disso lhe dera um momento de paz. Nada o tranqüilizara ou contentara. Mas ser prudente significava ser superior à alegria e à tristeza, ao medo e à compaixão, ao orgulho e à humilhação. Ser prudente era ser superior a todas as coisas, não odiar nem amar ninguém, mas aceitar também com indiferença o repúdio total ou o afeto dos outros. Nada interessava a quem era realmente prudente. Era inacessível, e nada podia atingi-lo. Sim, ser assim era uma coisa verdadeiramente desejável! Bastian estava convencido de que esse era seu último desejo, aquele derradeiro desejo que o conduziria à sua Verdadeira Vontade, como dissera Graograman. Acreditava agora compreender o que isso significava. Queria ser um grande sábio, o sábio mais sábio de toda a Fantasia!

Um pouco mais tarde saiu da tenda.

A lua iluminava uma paisagem que até aquele momento ele mal notara. A cidade de tendas espraiava-se por um vale rodeado por todos os lados por um amplo círculo de montanhas de formas bizarras. O silêncio era total. No vale ainda havia pequenos bosques e maciços de arbustos, mas, na encosta das montanhas, a vegetação rareava e, ainda mais acima, cessava completamente. Os amontoados de rochedos que se elevavam nos cumes formavam toda a espécie de figuras diferentes, que pareciam ter saído das mãos de um escultor gigante. Não havia vento e o céu estava limpo. As estrelas brilhavam e pareciam mais próximas da terra.

Lá em cima, no cume mais alto das montanhas, Bastian descobriu algo que parecia um edifício rematado por uma cúpula. Naturalmente era habitado, pois irradiava uma tênue luz.

— Também já vi, senhor, disse Illuan com sua voz estridente. Estava no seu posto de guarda à entrada da tenda. O que será?

Ainda mal acabara de falar quando se ouviu muito ao longe um estranho grito. Era semelhante ao "Uhuhuhu!" arrastado do piar de uma coruja, mas muito mais forte e profundo. O grito ecoou depois uma segunda e uma terceira vez, mas agora lançado por muitas vozes.

Eram realmente corujas, seis ao todo, como Bastian em breve pôde constatar. Vinham da direção do cume da montanha onde havia a construção com a cúpula. Voavam silenciosamente, quase sem mexer as asas. E, quanto mais se aproximavam, melhor se via o seu assombroso tamanho. Voavam a uma velocidade incrível. Os olhos delas brilhavam na escuridão, e tinham no alto da cabeça orelhas eretas, coroadas por um tufo de penas. Seu vôo era totalmente silencioso. Quando pousaram em frente da tenda de Bastian, ouviu-se apenas um leve silvo quando as asas se fecharam.

Ali ficaram, pousadas no chão, mais altas que Bastian, voltando as cabeças de grandes olhos redondos em todas as direções. Bastian avançou até junto delas.

— Quem são vocês e o que procuram?

— Fomos enviadas por Uchtu, a Mãe da Intuição!, respondeu uma das seis corujas. Somos as mensageiras aladas do Mosteiro das Estrelas, Guigame.

— Que mosteiro é esse?, perguntou Bastian.

— É a Sede da Sabedoria, respondeu uma das outras corujas, onde os monges aprendem o Conhecimento.

— E quem é Uchtu?, inquiriu Bastian.

— É um dos três Pensadores Profundos que dirigem o mosteiro e ensinam aos monges o Conhecimento, explicou a terceira coruja. Nós somos as mensageiras da noite e pertencemos a ele.

— Se fosse dia, acrescentou a quarta coruja, Chirkri, o Pai da Visão, teria enviado seus mensageiros, que são águias. E à hora do crepúsculo, entre o dia e a noite, Iisipu, o Filho da Inteligência, enviaria os seus, que são raposas.

— Quem são Chirkri e Iisipu?

— São os outros dois Pensadores Profundos, nossos Superiores.

— E o que vocês procuram aqui?

— Procuramos o Grande Sábio, disse a sexta coruja. Os três Pensadores Profundos sabem que ele se encontra nesta cidade de tendas e pedem-lhe que os esclareça.

— O Grande Sábio?, perguntou Bastian. Quem é?

— Seu nome, responderam as seis corujas em coro, é Bastian Baltasar Bux.

— Já o encontraram, respondeu Bastian. Sou eu.

As seis corujas fizeram uma grande reverência, o que apesar da sua grande altura era quase cômico.

— Os. três Pensadores Profundos, disse a primeira coruja, solicitam humilde e respeitosamente sua visita, para que o senhor responda à pergunta que eles ainda não foram capazes de responder durante toda sua longa vida.

Bastian afagou pensativamente o queixo.

— Muito bem, respondeu finalmente, mas gostaria de levar meus dois discípulos.

— Somos seis, replicou a coruja, e duas de nós juntas podem transportar um de vocês.

Bastian voltou-se para o Gênio azul.

— Illuan, vá chamar Atreiú e Xayíde! O Gênio afastou-se rapidamente.

— Que pergunta é essa, quis saber Bastian, que tenho de responder?

— Grande Sábio, declarou uma das corujas, somos apenas pobres mensageiros ignorantes, e nem sequer pertencemos à categoria mais baixa dos Monges do Conhecimento. Como poderíamos transmitir-lhes a pergunta que os três Pensadores Profundos não foram capazes de responder em toda sua longa vida?

Ao fim de poucos minutos, Illuan voltou com Atreiú e Xayíde. Tinha-lhes explicado, pelo caminho, o que se passava.

Quando Atreiú chegou junto de Bastian. perguntou-lhe baixinho:

— Por que eu?

— Sim, inquiriu também Xayíde. Por que ele?

— Em breve saberão, retorquiu Bastian.

As corujas, muito previdentes, tinham trazido consigo três trapézios. Duas a duas, elas agarraram com suas garras as cordas dos trapézios; Bastian, Atreiú e Xayíde sentaram-se na barra e as grandes aves noturnas levantaram vôo com eles.

Quando chegaram ao Mosteiro das Estrelas de Guigame, viram que a grande cúpula era apenas a parte superior de um edifício

majestoso, constituído por muitos elementos em forma de cubo. Tinha inúmeras janelinhas e as paredes da construção erguiam-se diretamente sobre o abismo rochoso. O mosteiro era de difícil acesso, impossível mesmo aos visitantes indesejáveis.

Os elementos em forma de cubo continham as celas dos Monges do Conhecimento, as bibliotecas, as cozinhas e os alojamentos dos mensageiros. Por baixo da grande cúpula, ficava a sala de reuniões, onde os três Pensadores Profundos dividiam seus ensinamentos.

Os Monges do Conhecimento eram habitantes de Fantasia de aspectos e origens muito variados. Mas quando entravam para este mosteiro tinham de renunciar a todas as ligações com seus países e famílias. A vida destes monges era dura e abnegada, dedicada exclusivamente à aquisição da Sabedoria e do Conhecimento. Mas nem todos os que aspiravam a isto eram aceitos na comunidade. As provas de admissão eram difíceis e os três Pensadores Profundos eram muito rígidos. Por isso, raramente viviam ali mais de trezentos monges, que entretanto constituíam a nata dos seres mais inteligentes de toda a Fantasia. Já acontecera de o número de irmãos e irmãs se reduzir, em certas épocas, a sete membros apenas. Mas isso em nada modificara a dificuldade das provas de admissão. Naquele momento, o número de monges e monjas era superior a duzentos.

Quando Bastian, acompanhado por Atreiú e Xayíde, entrou na grande sala de estudos, viu à sua frente uma multidão variada de toda a espécie de criaturas de Fantasia, que só se distinguia da sua própria comitiva porque todos eles vestiam hábitos castanho-escuros, feitos de um tecido grosseiro. O leitor pode imaginar como esse vestuário ficava estranho se vestido por um Rochedo Ambulante ou por um Minúsculo, conforme descrevemos anteriormente.

Mas os três Pensadores Profundos, os três Superiores, tinham aspecto humano. Só suas cabeças não o eram. Uchtu, a Mãe da Intuição, tinha cabeça de coruja, Chirkri, o Pai da Visão, tinha cabeça de águia, e Iisipu, o Filho da Inteligência, tinha cabeça de raposa, Eles estavam sentados em tronos de pedras e pareciam imensos. Atreiú e a própria Xayíde pareciam estar intimidados ao

vê-los. Mas Bastian avançou serenamente em sua direção. Reinava na grande sala um silêncio profundo.

Chirkri, que parecia ser o mais velho dos três e se sentava no meio, apontou lentamente com a mão para uma cadeira vazia que havia na frente deles. Bastian sentou-se.

Ao fim de um longo silêncio, Chirkri começou a falar. Falava baixo, mas sua voz era grave e sonora.

— Desde tempos imemoriais temos meditado acerca do enigma de nosso mundo. Iisipu tem idéias diferentes sobre o assunto do que Uchtu intui, e a intuição de Uchtu lhe diz uma coisa diferente daquilo que eu vejo; por sua vez, aquilo que vejo é diferente do que Iisipu pensa. Isto não pode continuar assim. Foi por isso que pedimos a você, Grande Sábio, que viesse até nós para nos ensinar. Atenderá ao nosso pedido?

— Sim, disse Bastian.

— Então escute, ó Grande Sábio, a nossa pergunta: o que é Fantasia?

— Fantasia é a História Sem Fim.

— Dê-nos algum tempo para compreender sua resposta, disse Chirkri. Encontraremo-nos amanhã, à mesma hora, neste lugar.

Todos, os três Pensadores Profundos e também todos os monges do Conhecimento, se levantaram silenciosamente e saíram.

Bastian, Atreiú e Xayíde foram conduzidos até às celas reservadas aos hóspedes, onde os esperava uma modesta refeição. As camas eram estrados de madeira com ásperas mantas de lã. Bastian e Atreiú não se importaram com isso, mas Xayíde ainda tentou melhorar a cama usando seus truques de magia. Porém, teve de desistir, pois seus truques não surtiam efeito naquele mosteiro.

Na noite seguinte, à mesma hora, reuniram-se outra vez todos os três monges e os três Pensadores Profundos na grande sala situada sob a cúpula do mosteiro. Bastian voltou a sentar-se na cadeira e Xayíde e Atreiú ficaram de pé, à sua esquerda e à sua direita.

Desta vez foi Uchtu, a Mãe da Intuição, que fitou Bastian com seus olhos redondos de coruja e disse:

— Meditamos sobre seus ensinamentos, Grande Sábio. Mas ocorreu-nos uma nova pergunta: se Fantasia é a História Sem Fim,

como disse, onde está escrita essa História Sem Fim?

Bastian ficou outra vez calado durante algum tempo e depois respondeu:

— Em um livro de capa cor-de-cobre.

— Dê-nos algum tempo para compreender suas palavras, disse Uchtu. Encontraremo-nos outra vez aqui amanhã, à mesma hora.

Tudo se passou como na noite anterior. E, na noite seguinte, quando estavam todos novamente reunidos na sala de estudo, Iisipu, o Filho da Inteligência, tomou a palavra:

— Meditamos outra vez sobre seus ensinamentos, Grande Sábio. E ocorreu-nos novamente uma pergunta que não sabemos responder. Se Fantasia é uma História Sem Fim, e se essa História Sem Fim está escrita em um livro de capa cor-de-cobre, então onde está esse livro?

Ao fim de um curto silêncio, Bastian respondeu:

— Está no sótão de uma escola.

— Grande Sábio, interpelou-o Iisipu, o da cabeça de raposa, não duvidamos da verdade daquilo que nos diz. Mas queremos pedir-lhe que nos deixe ver essa verdade. Pode fazê-lo?

Bastian refletiu, e depois disse:

— Acho que posso.

Atreiú olhou para Bastian, surpreendido. Também os olhos bicolores de Xayíde tinham uma expressão interrogativa.

— Encontramo-nos amanhã à mesma hora, disse Bastian, não aqui, na sala de aulas, e sim lá fora, nos telhados de Guigame, o Mosteiro das Estrelas. Vocês deverão contemplar o céu atentamente e sem interrupção.

Na noite seguinte, tão clara e estrelada como as três anteriores, todos os membros da irmandade, incluindo os três Pensadores Profundos, estavam à hora marcada nos telhados do Mosteiro das Estrelas e olhavam para cima, para o céu noturno, com as cabeças inclinadas para trás. Também Atreiú e Xayíde, que não sabiam o que Bastian tinha em mente, estavam entre eles.

Bastian subiu no ponto mais alto da grande cúpula. Quando lá chegou, olhou para todos os lados; nesse momento, pela primeira vez, viu bem ao longe no horizonte a Torre de Marfim, brilhando feericamente à clara luz do luar.

Tirou do bolso a pedra Al-Tsahir, que emitia uma fraca luz. Bastian repetiu em pensamento as palavras da inscrição que havia na porta da biblioteca de Amargante:

"... E se ele disser meu nome
uma segunda vez de trás para frente,
irradiarei num só instante
A luz de cem anos."

Ergueu a pedra ao alto e gritou:

— Rihast-la!

No mesmo momento, viu-se um clarão tão brilhante que o céu estrelado empalideceu e o espaço escuro que ficava por detrás iluminou-se. E esse espaço escuro era o sótão de uma escola, com suas grandes vigas enegrecidas pelo tempo. E logo tudo se passou. Depois de irradiar a luz de cem anos, Al-Tsahir desaparecera sem deixar rastro.

Todos eles, incluindo Bastian, precisaram de algum tempo para que seus olhos se habituassem novamente à fraca luz da lua e das estrelas.

Impressionados pela visão, reuniram-se todos em silêncio na grande sala de estudos. O último a entrar foi Bastian. Os Monges do Conhecimento e os três Pensadores Profundos levantaram-se dos seus lugares e inclinaram-se profunda e demoradamente diante dele.

— Não há palavras, disse Chirkri, com as quais possamos agradecer esse relâmpago de iluminação, ó Grande Sábio. Pois vi naquele sótão misterioso um ser da minha espécie, uma águia.

— Engana-se, Chirkri, retrucou Uchtu, a da cabeça de coruja, com um sorriso suave, vi muito bem que era uma coruja.

— Ambos estão enganados, interveio Tisipu com os olhos brilhantes. Aquele ser é meu parente. É uma raposa.

Chirkri levantou as mãos num protesto.

— Estamos outra vez na mesma, disse ele. Só você pode responder à nossa pergunta, Grande Sábio. Qual de nós três tem razão?

Bastian sorriu calmamente e disse:

— Os três.

— Dê-nos tempo para compreender sua resposta, pediu Uchtu.

— Sim, replicou Bastian, todo o tempo que quiserem. Pois agora vamos deixá-los.

Espelhou-se a desilusão nos rostos dos Monges do Conhecimento e também nos dos três Superiores, mas Bastian recusou calmamente seus pedidos insistentes no sentido de se demorar mais tempo junto deles, ou mesmo de ali ficar para sempre.

Então, foi acompanhado até o exterior do mosteiro, juntamente com seus dois discípulos, e os mensageiros alados levaram-nos de volta ao acampamento.

Nessa noite, começou em Guigame, o Mosteiro das Estrelas, o primeiro grande desentendimento entre os três Pensadores Profundos, que, muitos anos mais tarde, levaria à dissolução da irmandade, pois Uchtu, a Mãe da Intuição, Chirkri, o Pai da Visão, e Iisipu, o Filho da Inteligência, fundariam cada qual seu próprio mosteiro. Mas essa é uma outra história e terá de ser contada em outra ocasião.

Nessa noite, porém, Bastian esqueceu-se por completo de que havia freqüentado uma escola. O sótão e até o livro roubado, com a sua capa cor-de-cobre, foram igualmente apagados de sua memória. E ele deixou também de perguntar a si mesmo como chegara a Fantasia.

XXII

A Batalha da Torre de Marfim



oltaram ao acampamento os exploradores enviados em missão de reconhecimento, anunciando que a Torre de Marfim já estava bem próxima. Em dois, no máximo três dias de marcha acelerada, eles poderiam alcançá-la.

Mas Bastian parecia indeciso. Cada vez com mais freqüência, ordenava uma parada, para logo em seguida, sem que ninguém esperasse, levantar acampamento a toda pressa. Nenhum dos componentes da comitiva entendia a razão que o levava a agir assim, mas, naturalmente, ninguém ousava fazer-lhe perguntas. Desde o seu grande feito no Mosteiro das Estrelas, Bastian permanecera inacessível, inclusive para Xayíde. Faziam-se muitas suposições no acampamento, mas a maioria dos seus companheiros de viagem conformavam-se de boa vontade com suas ordens contraditórias. Os grandes sábios — opinavam eles —

parecem quase sempre incompreensíveis para os seres normais. Atreiú e Fuchur também já não conseguiam explicar o comportamento de Bastian. Aquilo que se passara no Mosteiro das Estrelas ultrapassava seu entendimento. Mas isso só aumentava a preocupação que sentiam.

Digladiavam-se em Bastian dois sentimentos contraditórios e ele não conseguia abafar nenhum deles. Ansiava por tornar a ver a Filha da Lua. Agora era famoso e admirado em toda a Fantasia e podia apresentar-se a ela como seu igual. Ao mesmo tempo, porém, enchia-o de preocupação ter de lhe devolver AURIN. E depois? Tentaria ela mandá-lo de volta para seu mundo, um mundo que Bastian tinha esquecido quase completamente? Não queria regressar! E queria ficar com a "Jóia"!... Depois ocorria-lhe novamente o pensamento de que nada garantia que ela exigisse a restituição de AURIN. Talvez ela o tivesse confiado a ele pelo tempo que ele quisesse. Talvez o tivesse dado para sempre, e agora ele lhe pertencesse. Nesses momentos, mal podia aguardar a hora de rever a Filha da Lua. E apressava a comitiva para chegar mais depressa até ela. Porém, logo lhe sobrevinham as dúvidas, e ele mandava que a caravana parasse e acampasse, para ter tempo de pensar no que deveria fazer.

Dessa forma, com marchas rápidas e precipitadas e paradas de horas, a comitiva finalmente atingira a orla exterior do famoso Labirinto, aquela vasta planície que era um único e enorme jardim, cheio de caminhos e atalhos intrincados. Todos já viam brilhar no horizonte, contrastando com o céu claro e dourado da tarde, o branco feérico da Torre de Marfim.

Todo o tropel de habitantes de Fantasia, e também Bastian, parou em silêncio meditativo, deleitando-se com a beleza indescritível daquela visão. Até o rosto de Xayíde apresentava uma expressão de espanto, inédita nela, e que em breve desapareceu também. Atreiú e Fuchur, que estavam na cauda do cortejo, pensavam em como o labirinto estava diferente da última vez em que o tinham visto, corroído pela doença mortal do Nada. Agora ele estava mais florido, mais belo e colorido do que nunca.

Bastian resolveu não avançar mais nesse dia, e todos acamparam para passar a noite. Enviou alguns mensageiros à

frente, para saudarem em seu nome a Filha da Lua e lhe anunciarem que no dia seguinte ele tinha intenção de entrar na Torre de Marfim. Depois deitou-se em sua tenda e tentou dormir. Mas virava-se para cá e para lá nas almofadas e suas preocupações não o deixaram descansar. Não podia adivinhar que, por razões muito diversas, aquela noite seria a pior de toda a sua vida em Fantasia.

Por volta da meia-noite, adormeceu; dormiu um sono leve e agitado, mas acordou com murmúrios excitados que se ouviam à entrada da sua tenda. Levantou-se e saiu.

— Que há?, perguntou com severidade.

— Este mensageiro, respondeu Illuan, o Gênio azul, diz que tem uma mensagem tão importante para você que não pode esperar até amanhã.

O mensageiro, que Illuan trazia suspenso pelo pescoço, era um Ligeirinho, uma criatura parecida com um coelho, mas que, em vez de pêlo, ostentava uma plumagem vivamente colorida. Os Ligeirinhos incluem-se entre os corredores mais rápidos de Fantasia e podem percorrer distâncias enormes a uma velocidade tal, que se tornam praticamente invisíveis, pois o único rastro deixado pela sua passagem é uma nuvem de pó. Fora exatamente devido a essas capacidades que este Ligeirinho de que estamos falando fora escolhido como mensageiro. Tinha corrido todo o caminho de ida e volta até à Torre de Marfim, e ofegava, sem fôlego, quando o Gênio o depositou em frente a Bastian.

— Perdoe-me, senhor, ofegou ele, inclinando-se algumas vezes diante de Bastian, perdoe-me se ouso perturbar seu repouso, mas o senhor ficaria aborrecido, e com razão, se eu não o fizesse. A imperatriz Criança já não está na Torre de Marfim há muito tempo, e ninguém sabe onde ela se encontra.

Bastian sentiu-se repentinamente como se estivesse frio e vazio por dentro.

— Você deve estar enganado. Isso não pode ser.

— Os outros mensageiros confirmarão a notícia quando chegarem, senhor.

Bastian calou-se um momento, e depois disse, num tom inexpressivo:

— Obrigado, está bem.

Deu meia-volta e entrou outra vez na tenda.

Sentou-se em cima da cama e apoiou a cabeça nas duas mãos. Era impossível que a Filha da Lua não soubesse que ele já estava há muito tempo a caminho para ir ter com ela. Não desejaria tornar a vê-lo? Ou será que teria acontecido alguma coisa a ela? Não, era completamente impossível que a ela, à imperatriz Criança, pudesse ter acontecido alguma coisa em seu próprio reino.

Mas se ela não estava na Torre de Marfim, ele não precisaria restituir-lhe AURIN. Por outro lado, sentia uma amarga decepção por não voltar a vê-la. Fosse qual fosse a razão da sua conduta, ela lhe parecia incompreensível, não... insultuosa!

Então lembrou-se da observação que Atreiú e Fuchur tinham feito várias vezes, de que só se via uma vez a imperatriz Criança.

Sentiu de repente saudades de Atreiú e Fuchur. Queria desabafar com alguém, falar com um amigo.

Lembrou-se de pôr o cinto Guemal e de vê-los sem ser visto. Assim poderia estar perto deles e desfrutar da sua presença reconfortante sem ceder em nada.

Abriu rapidamente o cofrezinho ricamente ornamentado, tirou o cinto e colocou-o na cintura. Teve a mesma sensação desagradável da outra vez, quando deixou de se ver. Esperou um pouco até se habituar e depois saiu e começou a vaguear pelo acampamento em busca de Atreiú e Fuchur.

Ouvia por todo o lado murmúrios de excitação, sombras escuras andavam de tenda em tenda, e aqui e ali havia vários seres agachados no chão, bem juntos, falando baixinho uns com os outros. Os outros mensageiros também tinham regressado e a notícia de que a Filha da Lua não estava na Torre de Marfim espalhara-se pelo acampamento como fogo na floresta. Bastian andou por entre as tendas, mas, a princípio, não encontrou quem procurava.

Atreiú e Fuchur estavam instalados nos limites do acampamento, debaixo de um arbusto de rosmaninho em flor. Atreiú estava de cócoras, com os braços cruzados sobre o peito, e olhava na direção da Torre de Marfim com uma expressão indecifrável. O

Dragão da Sorte estava estendido junto dele, com a poderosa cabeça deitada no chão, aos pés de Atreiú.

— Era minha última esperança, que ela abrisse uma exceção com ele para recuperar o "Signo", disse Atreiú, mas agora não há esperança.

— Ela sabe o que faz, respondeu Fuchur.

Foi nesse momento que Bastian chegou, invisível.

— Saberá mesmo?, murmurou Atreiú. Bastian não pode ficar mais tempo com AURIN.

— O que você pretende fazer?, perguntou Fuchur. Não vai entregá-lo por bem.

— Terei de o tirar, respondeu Atreiú.

Ao ouvir estas palavras, Bastian sentiu que lhe faltava o chão debaixo dos pés.

— Como vai fazer isso?, ouviu Fuchur dizer. Sim, se ele estivesse em seu poder, Bastian não poderia obrigar você a devolvê-lo.

— Não sei, opinou Atreiú, ele ainda teria sua força e sua espada mágica.

— Mas o "Signo" o protegeria mesmo dele, interveio Fuchur.

— Não, disse Atreiú, acho que não. Dele não. Acho que não.

— E pensar, continuou Fuchur com uma risada suave e amarga, que ele próprio o ofereceu a você na primeira noite que passamos em Amargante. E você recusou.

Atreiú concordou com a cabeça.

— Naquela hora eu ainda não sabia o que aconteceria a Bastian.

— Que outra possibilidade existe?, perguntou Fuchur. O que você poderá fazer para lhe tirar o "Signo"?

— Terei de roubá-lo, respondeu Atreiú.

A cabeça de Fuchur soergueu-se repentinamente. Olhou fixa mente com os seus olhos cor-de-rubi para Atreiú, que baixou os olhos e repetiu baixinho:

— Terei de roubá-lo. Não há outra alternativa.

Ao fim de uns instantes de silêncio, Fuchur perguntou, assombrado:

— E quando?

— Ainda esta noite, respondeu Atreiú, pois amanhã já pode ser tarde demais.

Bastian não quis mais ouvir. Retirou-se em passos vagarosos. Sentia apenas um vácuo frio e sem fundo. Agora tudo era indiferente. . . tal como Xayíde dissera.

Voltou para sua tenda e tirou o cinto Guemal. Depois ordenou a Illuan que fosse chamar os três cavaleiros Hysbald, Hykrion e Hydorn. Enquanto os esperava, andando para cá e para lá dentro da tenda, ocorreu-lhe que Xayíde já predissera tudo aquilo. Não quisera acreditar nela, mas agora não tinha outro remédio. Xayíde fora honesta com ele, compreendia-o agora. Era a única que lhe permanecera fiel. Mas ainda não era certo que Atreiú pusesse realmente em prática o seu plano. Talvez fosse só uma idéia da qual em breve se envergonharia. Nesse caso, Bastian não diria nada. . . embora daí em diante nunca mais quisesse saber da sua amizade. Ela acabara para sempre.

Quando chegaram os três cavaleiros, explicou-lhes que tinha razões para supor que, nessa noite, viria um ladrão à sua tenda. Pediu-lhes, portanto, que ficassem de guarda no interior, e prendessem o ladrão, fosse ele quem fosse. Hysbald, Hydorn e Hykrion concordaram e instalaram-se em seus postos de vigia. Bastian foi embora.

Dirigiu-se à liteira de coral de Xayíde. Ela dormia profundamente, e os cinco gigantes, com suas negras couraças de inseto, rodeavam-na imóveis e de pé. Na escuridão, pareciam cinco rochedos.

— Quero que me obedeçam, disse Bastian baixinho. Voltaram imediatamente para ele suas negras caras de ferro.

— Ordene, senhor da nossa senhora, respondeu um deles, com sua voz metálica.

— Acham que podem dominar Fuchur, o Dragão da Sorte?, quis saber Bastian.

— Isso depende da vontade que nos dirige, replicou a voz metálica.

— É a minha vontade, disse Bastian.

— Então, poderemos dominar qualquer um, foi a resposta.

— Muito bem, então acerquem-se dele... indicou a direção com a mão. Assim que Atreiú o deixar, aprisionem Fuchur! Mas fiquem lá com ele. Quando eu quiser que o tragam, eu os chamarei.

— Obedeceremos com prazer, senhor da nossa senhora, respondeu a voz metálica.

Em silêncio, os cinco gigantes negros puseram-se em movimento acertando o passo. Xayíde sorriu em sonhos.

Bastian voltou para sua tenda, mas hesitou quando chegou até ela. Se Atreiú tentasse realmente roubá-lo, não queria estar presente quando o capturassem.

Já despontava no céu os primeiros alvores cinzentos da madrugada; Bastian sentou-se debaixo de uma árvore, não muito longe da sua tenda, e esperou, envolto em seu manto prateado. O tempo parecia não mais passar. Nasceu o dia, a luz do sol era cada vez mais clara, e Bastian já começava a alimentar a esperança de que Atreiú tivesse desistido dos seus intentos, quando de repente se ouviu um barulho e um vozear confuso provenientes do interior da tenda. Em breve o ruído cessou, e Hykrion trouxe Atreiú para fora da tenda, com os braços atados atrás das costas. Seguiam-no os outros dois cavaleiros.

Bastian levantou-se pesadamente e apoiou-se na árvore.

"Vejam só!", murmurou ele para si mesmo.

Depois foi para dentro da tenda. Não queria olhar Atreiú, e também este manteve a cabeça baixa.

— Illuan!, disse Bastian ao Gênio azul que se mantinha junto da entrada da tenda. Acorde todo o acampamento. Todos devem se reunir aqui. E que os gigantes de ferro tragam Fuchur.

O Gênio soltou um dos seus gritos agudos de águia e afastou-se rapidamente. Em todo o lado por onde passava, começava a haver movimento nas tendas grandes e pequenas do acampamento.

— Nem sequer se defendeu, resmungou Hykrion, e fez um movimento de cabeça na direção de Atreiú, que continuava de pé, de cabeça baixa e imóvel. Bastian voltou-lhe as costas e foi sentar-se numa pedra.

Quando os cinco gigantes negros trouxeram Fuchur, uma grande multidão já tinha se reunido em volta da suntuosa tenda de Bastian. Quando os pesados passos metálicos dos gigantes se

aproximaram, os circunstantes abriram-lhes caminho. Fuchur não estava preso e os gigantes negros também não lhes tocavam, limitando-se a marchar à sua esquerda e à sua direita, com as espadas desembainhadas.

— Nem sequer se defendeu, senhor da nossa senhora, disse a Bastian uma das vozes metálicas, quando a comitiva se deteve junto dele.

Fuchur deitou-se no chão, aos pés de Atreiú e fechou os olhos.

Fez-se um longo silêncio. Os últimos componentes da comitiva aproximaram-se, esticando o pescoço para ver o que se passava. A única pessoa que não estava presente era Xayíde. O murmúrio das vozes da multidão calou-se pouco a pouco. Todos os olhares se dirigiam de Atreiú para Bastian e deste para aquele. À luz acinzentada da manhã, suas figuras imóveis pareciam uma imagem sem cor, ali petrificada para sempre.

Finalmente, Bastian ergueu-se.

— Atreiú, disse ele, você queria me roubar o signo da imperatriz Criança para ficar com ele. E você, Fuchur, sabia desse projeto e colaborou nele. Assim, não só traíram a amizade que outrora houve entre nós, como também cometeram o pior dos crimes contra a vontade da Filha da Lua, que me deu a Jóia. Admitem sua culpa?

Atreiú lançou um longo olhar a Bastian, e depois acenou afirmativamente.

Bastian sentiu que lhe faltava a voz, e teve de fazer duas tentativas antes de conseguir dizer:

— Não esqueço, Atreiú, que foi você que me conduziu para junto da imperatriz Criança. E também não me esqueço do canto de Fuchur em Amargante. Por isso, não lhes tiro a vida; a vida de um ladrão e de seu cúmplice no roubo. Façam com ela o que quiserem. Mas afastem-se para longe de mim, para muito longe, e nunca mais se atrevam a aparecer diante dos meus olhos. Estão banidos para sempre. Nunca os conheci!

Fez sinal com a cabeça para que Hykrion soltasse Atreiú e logo lhes virou as costas, voltando a sentar-se.

Atreiú ficou em pé durante muito tempo, sem se mover, e depois olhou Bastian. Pareceu estar prestes a dizer alguma coisa, mas logo mudou de idéia. Inclinou-se para Fuchur e murmurou-lhe

qualquer coisa. O Dragão da Sorte abriu os olhos e levantou-se. Atreiú saltou para as costas de Fuchur, e ele levantou vôo. Voou em linha reta no céu matinal que ia se tornando cada vez mais claro; e apesar de seus movimentos serem lentos e pesados, desapareceu em poucos minutos na distância.

Bastian levantou-se e entrou na tenda. Atirou-se em cima da cama.

— Agora você atingiu a verdadeira grandeza, disse com suavidade uma voz doce e velada. Agora tudo é indiferente e nada pode atingi-lo.

Bastian endireitou-se. Fora Xayíde quem falara. Estava agachada no canto mais escuro da tenda.

— Você?, perguntou Bastian. Como conseguiu entrar? Xayíde sorriu.

— A mim, meu senhor e mestre, não há guardas que me possam vedar a entrada. Só suas ordens. Quer que eu me vá?

Bastian recostou-se novamente e fechou os olhos. Ao fim de um momento murmurou:

— Tanto faz. Pode ficar ou ir!

Ela contemplou-o durante muito tempo por baixo das pálpebras semicerradas. Depois perguntou:

— Em que pensa meu senhor e mestre?

Bastian voltou-se para o outro lado e não respondeu.

Para Xayíde era evidente que não podia deixá-lo sozinho agora. Ele estava prestes a escapar-lhe das mãos. Tinha de consolá-lo e animá-lo à sua maneira. Tinha de persuadi-lo a continuar pelo caminho que ela traçara para ele. . . e para si própria. Mas, desta vez, a coisa era mais complicada e não se resolvia simplesmente com um presente mágico ou qualquer outro truque do mesmo gênero. Tinha de recorrer a grandes meios. Aos meios mais eficazes de que dispunha, aos desejos mais secretos de Bastian. Sentou-se, pois, junto dele e murmurou-lhe ao ouvido:

— Quando pensa partir para Torre de Marfim, meu dono e senhor?

— Não sei, disse Bastian, afundado em suas almofadas. E depois, que vou fazer lá se a Filha da Lua não está mais na Torre? Não sei o que fazer.

— Podia ir até lá e esperar pela vinda da imperatriz Criança. Bastian virou-se para Xayíde.

— Você acha que ela voltará?

Teve de repetir outra vez insistentemente sua pergunta antes de obter de Xayíde uma resposta hesitante:

— Não creio. Julgo que ela deixou Fantasia para sempre e que meu senhor e mestre é agora seu sucessor.

Bastian soergueu-se lentamente. Fitou os olhos bicolores de Xayíde e só ao fim de um momento compreendeu totalmente o que ' ela queria dizer.

— Eu?, balbuciou. E suas faces coloriram-se de vermelho.

— A idéia o assusta tanto assim?, murmurou Xayíde. Ela deu ao senhor o signo do seu poder. Confiou-lhe o seu reino. Agora o senhor vai ser o imperador Criança, meu dono e senhor. E tem todo o direito de sê-lo. Não só salvou Fantasia com sua vinda, como também a criou! Todos nós — e eu também — nada mais somos do que criaturas suas! O senhor é o Grande Sábio, e por isso não deve ter medo de se apoderar do poder supremo que, de resto, é seu por direito.

E enquanto se acendia pouco a pouco nos olhos de Bastian um brilho frio e febril, Xayíde falou-lhe de uma nova Fantasia, de um mundo criado pela vontade de Bastian nos mínimos detalhes, onde ele poderia criar e destruir arbitrariamente, onde não haveria para ele limites nem condições, e em que todas as criaturas, boas ou más, bonitas ou feias, sábias ou loucas, teriam sido criadas exclusivamente pela sua vontade, e no qual ele reinaria, majestoso e enigmático, sobre tudo e todos, mudando o curso dos acontecimentos num eterno jogo.

— Só então, concluiu ela, será verdadeiramente livre, livre de tudo o que o limita, livre para fazer o que quiser. O senhor não queria encontrar sua Verdadeira Vontade? Pois aí está ela!

Naquela mesma manhã, levantaram acampamento e a comitiva de muitos milhares de criaturas, chefiada por Bastian e Xayíde na liteira de coral, dirigiu-se para a Torre de Marfim. Um cortejo quase infindável avançou pelos entrelaçados caminhos do Labirinto. E quando ao fim da tarde os primeiros componentes da comitiva

chegaram à Torre de Marfim, os últimos retardatários mal haviam cruzado o limite exterior do jardim.

A recepção feita a Bastian foi tão festiva como ele poderia desejar. Todos os membros da corte da imperatriz Criança ali estavam para recebê-lo. Em todos os telhados e varandas havia silfos de sentinela que tocavam suas reluzentes trombetas com todo o entusiasmo. Os saltimbancos exibiam suas habilidades, os astrólogos prediziam felicidade e grandeza a Bastian, e os pasteleiros amassavam bolos enormes. Nesse ínterim, os ministros e os dignitários da corte aproximaram-se da liteira de coral e guiaram-na pelo meio da multidão fervilhante ao longo da rua principal que subia em uma espiral cada vez mais estreita a montanha cônica, no alto da qual se situava a Torre de Marfim, até o grande ponto em que a grande porta conduzia ao interior do palácio propriamente dito. Bastian desceu da liteira, seguido por Xayíde e por todos os dignitários do reino, subiu os degraus brancos como neve da escadaria, atravessou as salas e os corredores que levavam à segunda porta, e continuou a subir, pelo jardim dos animais, flores e árvores de marfim, pelas pontes arqueadas, até transpor a última porta. Queria chegar até aquele último pavilhão que constituía o remate da gigantesca torre e tinha a forma de uma flor de magnólia. Porém, a flor estava fechada e a última parte do caminho era tão inclinada e escorregadia que ninguém conseguiu subi-la.

Bastian recordou que também Atreiú, então gravemente ferido, não fora capaz de chegar lá em cima, pelo menos graças às suas próprias forças... pois nenhum dos que ali tinham subido sabia como o conseguira. Era algo que se concedia, não que se conquistasse.

Mas Bastian não era Atreiú. Se alguém merecia que lhe concedessem o último trecho do caminho, esse alguém era ele. E não estava disposto a deter-se agora.

— Chamem operários!, ordenou. Eles que talhem degraus nesta superfície lisa, ou façam uma escada, ou inventem outra coisa. Quero me sentar lá em cima.

— Senhor, atreveu-se a objetar um dos conselheiros mais velhos. Ali vive a nossa Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados, quando está entre nós.

— Façam o que mando!, disse Bastian imperiosamente.

Os dignitários empalideceram e deram um passo para trás. Mas obedeceram. Vieram operários que começaram a trabalhar com pesados martelos e escopros. Contudo, por mais que martelassem, não conseguiam fazer saltar a menor lasca de marfim do cume da montanha. Os escopros saltavam-lhes das mãos sem sequer arranhar a superfície lisa.

— Temos de arranjar outra maneira, disse Bastian, afastando-se contrariado, porque eu quero subir até lá. Mas lembrem-se de que minha paciência tem limites.

Depois disto, voltou para trás e com sua corte, cujos membros principais eram Xayíde, os três cavaleiros Hysbald, Hydorn e Hykrion e Illuan, o Gênio azul, instalou-se nos demais aposentos do palácio.

Nessa mesma noite, convocou todos os dignitários, ministros e conselheiros que até aí tinham servido a imperatriz Criança para uma reunião que devia ter lugar na mesma grande sala circular onde se tinha reunido, outrora, o congresso médico. Anunciou-lhes que a Senhora dos Desejos, a dos Olhos Dourados, legara a ele, Bastian Baltasar Bux, todos os seus poderes sobre o reino sem fronteiras de Fantasia e que, daí em diante, ele ocuparia o lugar dela. E aconselhou-os a se submeterem incondicionalmente à sua vontade.

— Ainda que, e precisamente quando minhas decisões lhes pareçam incompreensíveis de momento, acrescentou ele. Porque não sou igual a vocês.

Em seguida anunciou que dentro de exatamente setenta e sete dias, pretendia coroar-se a si próprio imperador Criança do Reino de Fantasia. Deveria haver uma festa tão magnífica como nunca se vira em Fantasia. Era preciso enviar imediatamente mensageiros a todos os países, pois queria que todos os povos de Fantasia tivessem seu representante na festa da coroação.

Dito isto, Bastian retirou-se, deixando sozinhos os desconcertados conselheiros e dignitários.

Ninguém sabia o que fazer. Tudo o que tinham ouvido lhes parecia tão monstruoso que, de início, ficaram ali calados e encolhidos durante muito tempo. Depois, começaram a falar em voz

baixa uns com os outros. E ao fim de várias horas de deliberação chegaram à conclusão de que deviam obedecer às ordens de Bastian, pois ele trazia o signo da imperatriz Criança e, portanto, eles eram obrigados a obedecer-lhe. . . quer a imperatriz Criança tivesse realmente confiado todos os seus poderes a Bastian, quer tudo aquilo fosse outra das suas decisões incompreensíveis. Por conseguinte, enviaram os mensageiros e fizeram tudo o que Bastian lhes ordenara.

Ele próprio não pensou mais no assunto. Confiou todos os preparativos da festa da coroação a Xayíde. E ela sabia pôr em ação todos os membros da corte da Torre de Marfim, mantendo-os tão ocupados, que praticamente nenhum deles voltou a pensar no problema.

Bastian passou os dias e as semanas que se seguiram sentado na sala que escolhera para si, perfeitamente imóvel. Fitava um ponto qualquer e não fazia nada. Gostaria de desejar alguma coisa ou inventar uma história para se entreter, mas não lhe ocorria nada. Sentia-se oco e vazio.

Ocorreu-lhe finalmente a idéia de que podia desejar a volta da Filha da Lua. E se era realmente onipotente, se todos os seus desejos se realizavam, também ela tinha de obedecê-lo. Ficava sentado durante grande parte da noite, murmurando: "Filha da Lua, venha! Tem de vir. Ordeno-lhe que venha!" E pensava no olhar dela, que guardava como um luminoso tesouro no mais íntimo de suas recordações. Mas ela não vinha. E quanto mais tentava obrigá-la a vir, tanto mais se apagava nele a lembrança daquele olhar, até que, dentro dele, reinou a escuridão total.

Dizia a si mesmo que relembraria tudo quando se sentasse no Pavilhão da Magnólia. Corria constantemente até junto dos operários e incitava-os, ora com ameaças, ora com promessas, mas tudo o que eles tentavam era em vão. As escadas partiam-se, os pregos de aço dobravam, os escopros rachavam.

Os cavaleiros Hykrion, Hysbald e Hydorn, com quem Bastian até aí gostara de conversar ou de jogar qualquer coisa, de pouco lhe serviam agora. Tinham descoberto uma adega no porão mais profundo da Torre de Marfim! Ficavam aí sentados dia e noite, bebendo, jogando dados, cantando canções estúpidas ou brigando

e desembainhando muitas vezes as espadas uns contra os outros. Por vezes, desciam trôpegos à rua principal da Torre de Marfim, e aborreciam as fadas, sílfides, as mulheres selvagens e outras criaturas femininas da Torre.

— O que o senhor quer, diziam, quando Bastian os repreendia. Arranje outra coisa para nós fazermos.

Mas Bastian não se lembrava de nada, e pensou que isso ficaria para depois da coroação, se bem que nem ele próprio soubesse como esse acontecimento podia alterar aquele estado de coisas.

Pouco a pouco o tempo foi piorando. Os crepúsculos ao fim do dia, que pareciam ouro líquido, eram cada vez mais raros. O céu estava quase sempre cinzento e encoberto, o ar tornava-se abafado. Não havia vento.

O dia marcado para a coroação aproximava-se lentamente.

Os mensageiros voltaram. Muitos deles traziam consigo enviados dos diferentes países de Fantasia. Mas outros regressaram sozinhos e informaram que os habitantes do país para onde tinham sido enviados tinham se negado veementemente a tomar parte na cerimônia. Em alguns lugares, tinham-se rebelado secreta ou até abertamente.

Bastian olhava para o nada, imóvel.

— Tudo isto vai acabar quando o senhor for imperador de Fantasia, disse Xayíde.

— Quero que eles queiram o que eu quero, foi a resposta de Bastian.

Mas Xayíde já se retirara precipitadamente para dar novas ordens.

Chegou finalmente o dia da coroação, coroação que não aconteceria. Esse dia iria passar à história de Fantasia como o da sangrenta batalha da Torre de Marfim.

Logo de manhã, o céu estava coberto por um manto espesso de nuvens cinzentas, cor-de-chumbo, e o dia nem sequer chegou a romper. Pairava sobre todas as coisas uma luz crepuscular e inquietante, o ar estava totalmente imóvel e tão pesado e opressivo que mal se podia respirar.

Xayíde, juntamente com os catorze mestres-de-cerimônia da Torre de Marfim, preparara um programa de festas particularmente magnificente, que devia ultrapassar em riqueza e esplendor tudo o que se vira em Fantasia.

Logo às primeiras horas da manhã, a música ressoava em todas as ruas e praças, mas era uma música como nunca se ouvira antes na Torre de Marfim: selvagem, estridente e, no entanto, monótona. Todos os que a ouviam eram obrigados a levantar os pés do chão e a saltar e dançar, quer quisessem, quer não. Ninguém conhecia os músicos, que usavam máscaras negras, e ninguém sabia onde Xayíde tinha ido buscá-los.

Todos os edifícios, todas as fachadas das casas, estavam enfeitados com bandeiras e galhardetes de cores gritantes, que no entanto pendiam tristemente, pois não havia o menor sopro de vento. As ruas e os muros do palácio estavam decorados com numerosos quadros, grandes e pequenos, mas todos representavam sempre o mesmo rosto: o de Bastian.

Como o Pavilhão da Magnólia continuava inacessível, Xayíde preparara um outro lugar para a coroação. No ponto onde a rua principal em espiral desembocava diante da grande porta de acesso ao recinto do palácio seria erigido um trono sobre os largos degraus de marfim. O local estava guarnecido de milhares de turíbulos, e a fumaça, que tinha um cheiro simultaneamente entorpecedor e excitante, flutuava lentamente sobre os degraus, sobre a praça, ao longo da rua principal, penetrando em todas as ruelas, em todos os recantos e aposentos.

Viam-se por todo lado os gigantes negros com as suas couraças de inseto. Ninguém, além de Xayíde, sabia como ela conseguira centuplicar os cinco que tinham-lhe restado. Mas havia mais: cerca de cinqüenta gigantes montavam agora formidáveis cavalos, também de metal negro, que se moviam todos ao mesmo passo.

Esses cavaleiros acompanharam o trono pela rua principal acima, num cortejo triunfal. Ninguém sabia de onde saíra esse trono. Era do tamanho de um portal de igreja e inteiramente constituído por espelhos de todos os tamanhos e feitios. Só o coxim do assento era de seda cor-de-cobre. Aquele objeto gigantesco e

brilhante subiu sozinho a rua principal, deslizando vagarosamente ao longo da subida, sem que ninguém o empurrasse ou puxasse, como se tivesse vida própria.

Quando parou diante da grande porta de marfim, Bastian saiu do recinto do palácio e sentou-se no trono. Sentado ali, em meio a todo aquele esplendor frio e reluzente, ele parecia tão pequeno como um boneco. A multidão de espectadores, contida por uma dupla fila de gigantes couraçados de negro, começou a dar gritos de júbilo, mas, de modo inexplicável, esses aplausos pareciam escassos e estridentes.

Em seguida, começou a parte mais pesada e cansativa das festividades. Todos os mensageiros e enviados dos diferentes países de Fantasia tiveram de formar uma fila, e essa fila ia desde o trono de espelhos até o fundo da rua principal, que subia em espiral a Torre de Marfim e penetrava até muito adiante no jardim do labirinto, aumentando constantemente à medida que a ela se juntavam novos embaixadores. Todos esses enviados, quando chegava sua vez, tinham de se prostrar diante do trono, tocar três vezes com a testa no chão, beijar o pé direito de Bastian e dizer: "Em nome do meu povo e dos da minha espécie, peço a vós, a quem devemos todos nossa existência, que vos coroeis imperador Criança de Fantasia!"

Duas ou três horas já tinham se passado quando uma agitação repentina percorreu a fila dos que ainda aguardavam. Um jovem fauno subiu a rua correndo, mas via-se que estava exausto, pois cambaleava, tropeçava e caía, de vez em quando, levantando-se novamente e continuando a correr, até que chegou junto de Bastian, atirou-se no chão a seus pés e aí ficou, lutando para recuperar o fôlego. Bastian inclinou-se para ele.

— O que aconteceu para você ousar perturbar esta cerimônia?

— Guerra, senhor!, disse o fauno, ofegante. Atreiú reuniu muitos rebeldes e vem a caminho com três exércitos. Exigem que o senhor lhes entregue AURIN, e se o não fizer por bem, pretendem obrigá-lo pela força.

De repente fez-se um silêncio de morte. A música dissonante e os gritos agudos de júbilo calaram-se. Bastian olhava fixamente para frente. Empalidecera.

Mas já acorriam até junto dele os três cavaleiros, Hysbald, Hykrion e Hydorn. Pareciam excepcionalmente bem-dispostos.

— Finalmente, temos qualquer coisa para fazer, senhor!, gritaram todos eles ao mesmo tempo. Deixe a guerra em nossas mãos! Não permita que estraguem sua festa! Vamos juntar alguns valentes e defrontaremos os rebeldes! Vamos dar-lhes uma lição de que não esquecerão tão depressa!

Entre os muitos milhares de criaturas de Fantasia que estavam ali presentes, havia muitas que não serviam para fins bélicos. Porém, a maior parte sabia manejar uma arma, quer a clava, a espada, o arco, a lança, a funda, quer simplesmente as garras e os dentes. Todas essas criaturas se agruparam ao redor dos três cavaleiros que chefiavam o exército. Enquanto se afastavam, Bastian ficou para trás com o grande grupo dos menos valorosos, para continuar a cerimônia. A partir deste momento, porém, deixou de prestar atenção ao que se passava. Seus olhos fitavam constantemente o horizonte, pois do lugar onde se encontrava tinha uma ampla vista. As grandes nuvens de pó que se levantavam ao longe testemunhavam o tamanho do exército com que Atreiú se aproximava.

— Não se preocupe, disse Xayíde, que se colocara junto de Bastian. Meus gigantes negros couraçados ainda não atacaram. Eles defenderão a Torre de Marfim, e ninguém poderá vencê-los. . . a não ser você e sua espada.

Algumas horas mais tarde, chegaram as primeiras notícias do campo de batalha. Ao lado de Atreiú lutava quase todo o povo dos Peles-Verdes, mas também duzentos centauros, cinqüenta e oito Come-rochas; cinco Dragões da Sorte conduzidos por Fuchur intervinham constantemente na luta, descendo dos ares, assim como um bando de águias gigantescas que tinham vindo da Montanha do Destino, e muitos outros seres combatiam também nesse exército. Viam-se até unicórnios.

É certo que eram muito inferiores em número ao exército chefiado pelos cavaleiros Hykrion, Hysbald e Hydorn, mas lutavam com tal decisão, que os combatentes favoráveis a Bastian eram empurrados continuamente para trás, na direção da Torre de Marfim.

Bastian também quis sair para se pôr à frente do seu exército, mas Xayíde aconselhou-o a não o fazer.

— Lembre-se, meu senhor e mestre, disse ela, que não está de acordo com sua nova condição de imperador de Fantasia lutar pessoalmente contra seus inimigos. Deixe isso aos que lhe são leais.

A batalha durou o dia inteiro. Ferozmente, o exército de Bastian defendeu palmo a palmo o jardim do Labirinto, que se transformou num triturado e sangrento campo de batalha. Quando já começava a escurecer, os primeiros rebeldes tinham chegado ao sopé da Torre de Marfim.

Então, Xayíde enviou para o campo de batalha seus gigantes couraçados negros, a pé e a cavalo, que começaram a semear a destruição entre os seguidores de Atreiú.

É impossível fazer uma descrição exata desta batalha da Torre de Marfim, e nem sequer o tentaremos aqui. Há ainda hoje em Fantasia numerosas canções e lendas que falam deste dia e desta noite, pois todos os que tomaram parte na batalha a viveram de maneira diferente. Mas essas são outras histórias e terão de ser contadas em outra ocasião.

Há quem diga que, ao lado de Atreiú, combatiam também um ou mais magos brancos, que se opunham à magia negra de Xayíde. Com certeza, porém, nada se sabe. Talvez seja essa a explicação da vitória de Atreiú e de sua gente sobre os gigantes couraçados negros, no assalto à Torre de Marfim. Mas talvez essa vitória tenha uma explicação diferente. Atreiú não lutava por si, e sim por seu amigo, a quem queria vencer para poder salvar.

A noite caíra há muito, uma noite sem estrelas, cheia de fumaça e chamas. Os archotes que caíam no chão, os turíbulos derrubados e as lanternas partidas tinham incendiado a torre em muitos pontos. Bastian corria entre os combatentes, à luz trêmula dos incêndios, que projetavam sombras espectrais. O estridor da batalha e o ruído do choque das armas rodeavam-no por todos os lados.

— Atreiú!, gritou com voz rouca, Atreiú apareça! Venha lutar comigo! Onde está você?

Mas a espada Sikanda permanecia em sua bainha e não se movia.

Bastian percorreu correndo todas as salas do palácio, depois saiu para fora e começou a correr em cima do muro, que neste lugar era tão largo como uma rua; e precisamente quando ia passar pela grande porta — agora partida em mil pedaços — viu Atreiú, que do outro lado vinha ao seu encontro. Atreiú tinha uma espada na mão.

Ficaram em frente um do outro, olhando-se nos olhos. Sikanda não se moveu.

Atreiú encostou a ponta da espada no peito de Bastian.

— Dê-me o "Signo", disse ele, para seu próprio bem.

— Traidor!, gritou-lhe Bastian. Você é uma criatura minha! Fui eu que dei vida a tudo o que existe! E a você também! Volta-se contra mim? Ajoelhe-se e peça perdão!

— Você está louco, respondeu Atreiú. Você não criou nada. Deve tudo à imperatriz Criança. Dê-me AURIN!

— Tire-o de mim, se for capaz! disse Bastian. Atreiú hesitou.

— Bastian, disse ele, por que *você* me obriga a vencê-lo para o poder salvar?

Bastian pegou no punho da espada e, graças à sua enorme força, conseguiu efetivamente tirar Sikanda da bainha sem que a espada saltasse, por si própria, para sua mão. No mesmo momento em que fez isso, porém, ouviu-se um estrondo tão aterrador que. os próprios combatentes que lutavam lá embaixo na rua, em frente da grande porta, se imobilizaram um momento como se tivessem ficado petrificados; todos olharam para eles. Bastian reconheceu aquele ruído. Era o rugido terrível que ouvia, quando Graograman se transformava em pedra. E o brilho de Sikanda extinguiu-se. Lembrou-se de repente daquilo que o leão lhe dissera, caso desembainhasse a espada por sua própria iniciativa. Mas agora não podia nem queria voltar atrás.

Golpeou Atreiú, que tentou defender-se com sua espada. Mas Sikanda partiu a espada de Atreiú e atingiu-o no peito, abrindo uma grande ferida, de onde o sangue começou a brotar. Atreiú recuou, cambaleando, e caiu do alto da grande porta. Mas uma língua de fogo branco saiu da confusão da batalha e da fumaça atravessando a noite, apanhou Atreiú na queda e levou-o para longe. Era Fuchur, o branco Dragão da Sorte.

Bastian enxugou o suor da testa com o manto. Ao fazê-lo, reparou que o manto se tornara negro, negro como a noite. Empunhando sempre a espada Sikanda, desceu do muro do palácio e entrou na praça.

A sorte da batalha mudara de um momento para o outro com a derrota de Atreiú. O exército rebelde, que ainda há pouco parecia certo da vitória, começou a fugir. Bastian parecia estar vivendo um sonho mau de que não era capaz de acordar. Sua vitória era amarga como o fel; ao mesmo tempo, porém, ele tinha uma sensação de triunfo selvagem.

Embrulhado em seu manto negro, empunhando a espada ensangüentada, Bastian desceu lentamente a rua principal da Torre de Marfim, agora ardendo em chamas como um archote gigantesco. Continuou avançando através do calor e do rugido das chamas, que mal sentia, até chegar ao pé da Torre. Encontrou ali o resto de seu exército, que o esperava no jardim do Labirinto, agora arrasado e transformado num campo de batalha cheio de seres fantásticos sem vida. Hykrion, Hysbald e Hydorn também estavam ali, os dois últimos gravemente feridos. Illuan, o Gênio azul, caíra no campo de batalha. Xayíde estava de pé junto do seu cadáver. Segurava na mão o cinto Guemal.

— Ele salvou isto para o senhor, mestre, disse ela. Bastian pegou o cinto, enrolou-o, e o colocou no bolso. Olhou lentamente em volta para os seus companheiros de

viagem e de luta. Restavam poucas centenas. Pareciam esgotados e desesperados. A luz vacilante do incêndio fazia com que parecessem um exército de fantasmas.

Todos os rostos tinham se voltado para a Torre de Marfim, que se desfazia em cinzas. O Pavilhão da Magnólia também ardia lá no cimo, e as pétalas abriram, mostrando que estava vazio. Depois, foi também engolido pelas chamas.

Bastian apontou com a espada para aquele braseiro e disse em voz rouca:

— Tudo isto é obra de Atreiú. Por isso hei de persegui-lo até o fim do mundo!

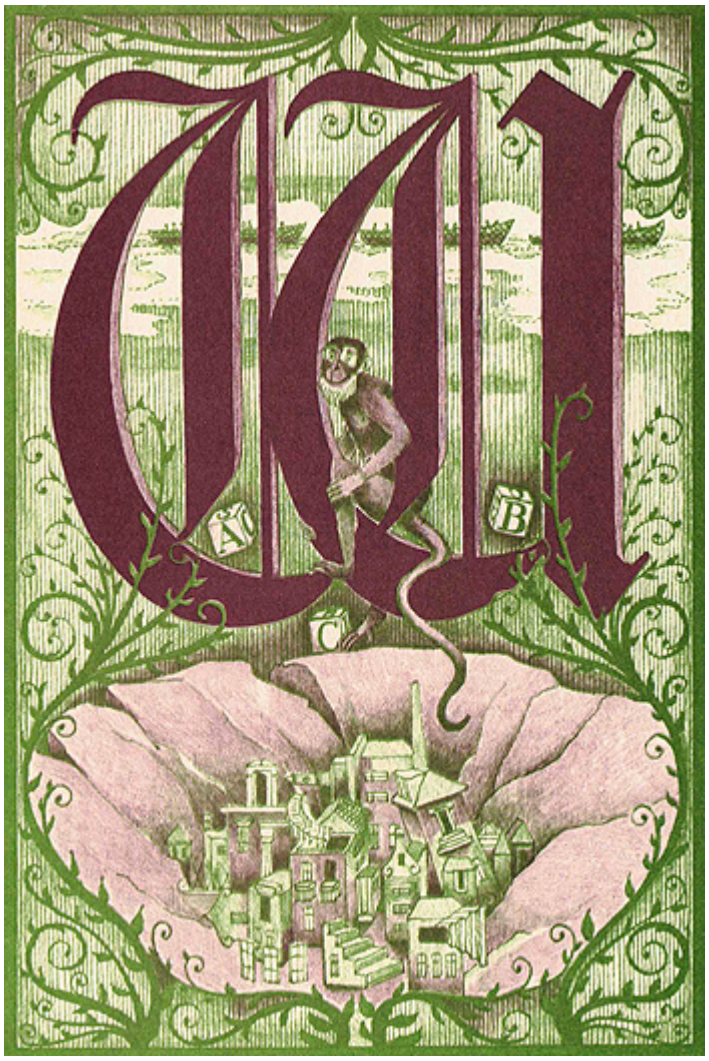
Saltou para o seu cavalo gigante de metal negro e gritou:

— Sigam-me!

O cavalo empinou-se, mas ele dominou-o com sua vontade; depois, cavalo e cavaleiro desapareceram a galope na noite.

XXIII

A Cidade dos Antigos Imperadores



ährend. . . Enquanto Bastian cavalgava por aquela noite negra como breu, já a muitos quilômetros de distância, quando seus companheiros de luta, que ele deixara para trás, começaram a partir. Muitos deles estavam feridos, todos estavam mortos de cansaço, e nenhum tinha nem um pouco da força e da resistência de Bastian. Os próprios gigantes negros couraçados, montados em seus cavalos metálicos, só a custo se puseram em movimento e os que iam a pé não conseguiam acertar seu habitual passo ritmado. A própria vontade de Xayíde — que era o que os movia — parecia ter atingido o limite de suas forças. A liteira de coral fora destruída pelas chamas no incêndio da Torre de Marfim. Improvisaram, portanto, uma liteira miserável, feita de tábuas, armas quebradas e restos carbonizados da Torre. O resto do exército vinha atrás, arrastando-se a custo pela

noite afora. Hykrion, Hysbald, Hydorn, que também haviam perdido seus cavalos, tinham de se amparar uns nos outros. Ninguém dizia nada, mas todos sabiam que lhes seria impossível alcançar Bastian.

Este continuava a galopar na escuridão, com o manto negro flutuando ao vento. As patas metálicas do cavalo gigante rangiam e estalavam a cada movimento, enquanto os cascos poderosos martelavam a terra.

— Hop!, gritava Bastian. Hop!, hop!, hop!

O cavalo não era suficientemente veloz para ele.

Queria apanhar Atreiú e Fuchur a todo custo, mesmo que tivesse de dar cabo àquele monstro metálico.

Queria vingar-se! A esta hora, ele já teria alcançado o objetivo de todos os seus desejos, se Atreiú não tivesse se intrometido. Por causa dele, Bastian não fora coroado imperador de Fantasia. Atreiú ainda havia de se arrepender amargamente do que tinha feito!

E Bastian incitava impiedosamente seu cavalo metálico. As articulações do animal rangiam e estalavam cada vez mais ruidosamente, mas ele obedecia à vontade do seu cavaleiro, acelerando ainda mais seu vertiginoso galope.

Esta corrida selvagem durou muitas horas, e a noite nunca mais acabava. Bastian continuava a ver em pensamento a Torre de Marfim em chamas, e revivia constantemente o instante em que Atreiú lhe encostara a espada ao peito... até que pela primeira vez lhe ocorreu uma pergunta: por que teria Atreiú hesitado? Por que não se decidira a feri-lo, para lhe tirar AURIN? Nesse momento, Bastian teve de pensar na ferida que infligira a Atreiú, e no olhar dele quando cambaleara e caíra.

Bastian recolocou Sikanda, que até aí ele continuava a empunhar, em sua bainha enferrujada.

Já surgiam no céu os primeiros alvores cinzentos da manhã, e pouco a pouco ele conseguiu ver onde estava. O cavalo metálico galopava agora numa charneca. Os contornos escuros de maciços de zimbros pareciam grupos de gigantes monges de capuz, imóveis, ou de feiticeiros de chapéus pontiagudos. Aqui e ali, havia penhascos dispersos.

E, neste momento, o cavalo metálico que galopava à rédea solta desfez-se em mil pedaços.

Bastian ficou atordoado com a violência da queda. Quando finalmente conseguiu levantar-se, esfregando os membros doloridos, viu que estava no meio de um pequeno maciço de zimbros. Engatinhando, conseguiu sair para fora. Ali, os pedaços do cavalo pareciam cascas espalhadas por uma superfície muito grande, como se uma estátua eqüestre tivesse explodido.

Bastian pôs-se de pé, colocou o manto negro sobre os ombros e começou a andar a esmo, na direção em que o céu matinal começava a clarear.

Contudo, no maciço de zimbros, ficou um objeto brilhante que ele ali perdera: o cinto Guemal. Bastian não deu por essa perda e nunca mais pensou no assunto. Fora em vão que Illuan salvara o cinto das chamas.

Alguns dias mais tarde, Guemal foi encontrado por uma pega, que não entendeu para que servia aquele objeto brilhante e levou-o para o ninho. Mas este é o início de uma outra história e terá de ser contado em outra ocasião.

Por volta do meio-dia, Bastian chegou junto de um alto barranco de terra que cortava transversalmente a charneca. Atravessou por cima dele. Atrás, ficava um grande vale, com a forma de uma cratera de fundo plano. E nesse vale havia uma cidade. . . Pelo menos, o conjunto de construções que aí existia assemelhava-se a uma cidade, se bem que fosse a mais esquisita que Bastian já vira. Os edifícios misturavam-se e confundiam-se de forma absurda, sem qualquer planejamento, como se tivessem sido despejados ali de um saco gigantesco. Não havia ruas, praças, nem qualquer ordenamento visível.

Os edifícios em si eram esquisitos: por exemplo, tinham a porta da rua no telhado, escadas colocadas em lugares por onde não se podia subir, ou que só se podiam subir de cabeça para baixo e acabavam no vazio. Havia torres deitadas, varandas pendiam verticalmente das janelas, havia janelas no lugar onde deviam estar as portas e chão em vez de paredes. Havia pontes cujos tabuleiros arqueados acabavam de repente, como se o construtor, no meio do trabalho, tivesse se esquecido do que queria fazer. Havia torres arqueadas como bananas e que tinham na ponta uma pirâmide. Em suma, a cidade toda dava uma impressão de loucura.

Então Bastian viu os habitantes da cidade. Eram homens, mulheres e crianças. Tinham o aspecto semelhante ao dos homens normais, mas as roupas que usavam sugeriam que eles deviam ter enlouquecido e já não eram capazes de distinguir entre as peças de vestuário e os objetos que serviam para outros fins. Tinham na cabeça abajures, baldes de praia, conchas de sopa e cestos de papéis, cartuchos de papel ou caixas de papelão. Protegiam o corpo com toalhas de mesa, tapetes, grandes folhas de papel prateado e até barricas.

Muitos empurravam ou puxavam carrinhos de mão ou carroças, sobre os quais tinham empilhado toda a espécie de trastes velhos: candeeiros quebrados, colchões, louça, trapos e outras bugigangas. Outros levavam nas costas cestos enormes, cheios de quinquilharias do mesmo gênero.

Quanto mais Bastian penetrava na cidade, mais densa era a multidão. Nenhuma daquelas pessoas, porém, parecia saber o que queria ou para onde ia. Bastian observou várias vezes que uma daquelas pessoas, depois de ter empurrado a custo um carro numa certa direção, de repente se voltava para trás e fazia o percurso em sentido inverso, para tomar depois uma outra direção. Mas todos eles se mostravam febrilmente ativos.

Bastian resolveu puxar conversa com um deles.

— Como se chama esta cidade?, perguntou.

O interpelado largou seu carro, endireitou-se, esfregou o queixo durante algum tempo, como se estivesse pensando seriamente, e depois foi embora, abandonando o carro. Parecia tê-lo esquecido. Alguns minutos mais tarde, uma mulher apoderou-se do veículo e começou a empurrá-lo com dificuldade numa direção qualquer. Bastian perguntou-lhe se a carga lhe pertencia. A mulher parou durante alguns instantes, absorta em seus pensamentos, e depois foi embora.

Bastian fez ainda mais algumas tentativas, mas não obteve resposta para nenhuma das suas perguntas.

— Não vale a pena fazer-lhes perguntas, disse de repente uma voz zombeteira. Não são capazes de responder. Essa gente poderia ser chamada de Os Que Nada Dizem.

Bastian voltou-se na direção da voz e viu um macaquinho cinzento sentado na saliência de uma parede (que era na realidade o apoio de uma varanda, voltada ao contrário). O animal tinha na cabeça um barrete negro de doutor com uma borla caída, e parecia ocupado em contar qualquer coisa com os dedos dos pés. Encarou Bastian ironicamente e disse:

— Desculpe, enganei-me na contagem.

— Quem é você?, perguntou Bastian.

— Argax é o meu nome, muito prazer!, respondeu o macaquinho, levantando o barrete de doutor. E com quem tenho a honra de falar?

— Chamo-me Bastian Baltasar Bux.

— Muito bem!, disse o macaquinho alegremente.

— E como é que se chama esta cidade?, informou-se Bastian.

— Na verdade não tem nome, explicou Argax, mas podíamos chamar-lhe. . . digamos. . . a Cidade dos Antigos Imperadores.

— A Cidade dos Antigos Imperadores?, repetiu Bastian, inquieto.. Por, quê? Não vejo aqui ninguém que pareça um antigo imperador.

— Ah não?, riu o macaquinho. Pois todos os que você vê aqui foram, em tempos idos, imperadores de Fantasia... ou, pelo menos, quiseram sê-lo.

Bastian sobressaltou-se.

— Como você sabe isso, Argax?

O macaco levantou outra vez o barrete de doutor e riu.

— Porque sou, por assim dizer, o guarda da cidade.

Bastian olhou em seu redor. Perto dali, um homem de avançada idade tinha feito uma cova. Colocou lá dentro uma vela acesa e tapou novamente a cova. O macaquinho riu-se.

— Quer dar uma voltinha pela cidade, senhor? Digamos, para conhecer o lugar em que vai residir futuramente?

— Não, disse Bastian. Que diabo você está dizendo? O macaquinho saltou-lhe para o ombro.

— Ande!, cochichou-lhe ao ouvido. Não custa nada. Você já pagou o que era preciso para poder entrar.

Bastian começou a andar, se bem que na verdade tivesse preferido fugir da cidade. Sentia-se incomodado, e esta sensação

intensificava-se a cada passo. Observou as pessoas, e viu que também não falavam entre si. Não se importavam, em absoluto, umas com as outras. De fato, nem sequer pareciam perceber que ali havia outras pessoas.

— O que eles têm?, quis saber Bastian. Por que têm um comportamento tão estranho?

— Não é nada estranho, murmurou Argax ao ouvido de Bastian com um riso abafado. Poderíamos dizer que são iguais a você, ou melhor, que o foram, no seu tempo.

— Que quer dizer com isso?, Bastian parou. Quer dizer que são seres humanos? Argax deu pulos de alegria sobre os ombros de Bastian!

— É isso mesmo! É isso mesmo!

Bastian viu que, no meio do caminho, estava sentada uma mulher que tentava apanhar as ervilhas de um prato com uma agulha de costura.

— Como chegaram aqui? O que fazem?, perguntou Bastian.

— Ora, sempre tem havido seres humanos que não encontraram o caminho de volta para seu mundo, explicou Argax. Primeiro não queriam e agora. . . digamos. . . já não podem.

Bastian olhou uma menina que, com grande esforço, empurrava um carrinho de boneca com as rodas quadradas.

— Não podem por quê?, perguntou ele.

— Porque precisavam desejar isto. E eles já não desejam mais nada. Gastaram seu último desejo com qualquer coisa.

— Seu último desejo?, perguntou Bastian com os lábios pálidos. Então não se podem formular desejos sempre que se quer?

Argax deu outra gargalhada. Tentava agora tirar o turbante de Bastian para catar piolhos.

— Fique quieto!, gritou Bastian. Tentou sacudir o macaco, mas ele estava bem agarrado e dava guinchos de alegria.

— Não é isso! Não é isso!, gritou excitadamente. Só podem desejar coisas enquanto se lembram do seu mundo. Mas estes que estão aqui esgotaram todas as suas recordações. Quem não tem passado também não tem futuro. Por isso não envelhecem. Olhe-os! Custa acreditar que muitos deles estão aqui há mil anos ou mais.

Mas permanecem como são. Para eles nada pode mudar, porque eles próprios já não podem mudar.

Bastian observou um homem que ensaboava um espelho para depois barbeá-lo. Aquilo que a princípio lhe parecera cômico causava-lhe agora arrepios.

Continuou a andar rapidamente, e só então percebeu que penetrava cada vez mais profundamente na cidade. Queria voltar para trás, mas alguma coisa o atraía como um ímã. Começou a correr, tentando livrar-se do aborrecido macaco cinzento, mas ele estava agarrado como um carrapato e incitava-o mesmo a andar mais depressa:

— Mais depressa! Hop! Hop! Hop!

Bastian percebeu que o que estava fazendo não adiantava nada e parou.

— E todos estes que estão aqui, perguntou, ofegante, foram ou quiseram ser imperadores de Fantasia?

— É claro!, disse Argax. Todos os que não encontram o caminho de volta mais cedo ou mais tarde querem ser imperadores. Nem todos conseguiram, mas todos tentaram. Portanto, há aqui duas espécies de loucos. O resultado, porém, é. . . digamos. . . o mesmo.

— Por que duas espécies? Explique-me! Quero saber, Argax!

— Calma! Calma!, gargalhou o macaco, agarrando-se com mais força ao pescoço de Bastian. Alguns perderam as recordações pouco a pouco. E, quando perderam a última, AURIN já não podia satisfazer seus desejos. Então vieram para cá... digamos... por sua própria vontade. Os outros, os que conseguiram tornar-se imperadores, perderam de repente as recordações. Por isso, AURIN também não podia satisfazer-lhes os desejos, porque eles nada desejavam. Como você vê, dá tudo no mesmo. Também eles estão aqui e não podem ir embora.

— Quer dizer que todos eles já tiveram alguma vez AURIN?

— É evidente!, respondeu Argax. Mas já o esqueceram há muito tempo. De resto, também já não lhes podia servir para nada, pobres loucos.

— Então..., Bastian hesitou, quer dizer que alguém o tirou deles?

— Não, disse Argax. Quando um deles se torna imperador, AURIN desaparece em conseqüência desse desejo. É evidente, digamos, que não se pode usar o poder da imperatriz Criança para lhe tirar esse mesmo poder.

Bastian sentia-se tão mal que queria sentar-se em algum lugar, mas o macaquinho cinzento não deixou.

— Não, não, a visita à cidade ainda não acabou!, gritava ele. O mais importante ainda está para vir! Ande! Ande!

Bastian viu um rapaz que pregava pregos com um martelo muito pesado em umas meias que estavam estendidas no chão, à sua frente. Um homem gordo tentava colar selos de carta em bolhas de sabão, que naturalmente sempre rebentavam. Mas não desistia de fazer mais bolhas.

— Olhe!, disse a voz zombeteira de Argax, e o macaco voltou a cabeça de Bastian numa determinada direção. Olhe aquilo! Não é divertido?

Havia ali um grande grupo de pessoas, homens e mulheres, novos e velhos, todos vestidos de maneiras mais estranhas, mas sem falar. No chão havia um montão de grandes dados, que tinham letras nas seis faces. Aquelas pessoas jogavam continuamente os dados e depois observavam-nos fixamente durante muito tempo.

— Que estão fazendo?, murmurou Bastian. Que jogo é aquele? Como se chama?

— É o jogo do acaso, respondeu Argax. Acenou aos jogadores e gritou: Muito bem, meus filhos! Continuem! Não desistam!

Depois voltou-se outra vez para Bastian e murmurou-lhe ao ouvido:

— Já não são capazes de contar histórias. Esqueceram a fala. Por isso lhes inventei esse jogo. Para passar o tempo, como você vê. E é muito simples. Pensando bem, temos de concordar que, no fundo, todas as histórias do mundo se compõem apenas de vinte e seis letras. As letras sempre as mesmas, só a sua combinação varia. Com as letras formam-se palavras, com as palavras frases, com as frases capítulos e com os capítulos histórias. Olhe o que aquilo deu!

Bastian leu:

HGIKLOPFMWEYVXQ
YXCVBNMASDFGHJKLOA
QWERTZUIOPU
ASDFGHJKLOA
MNBVCXYLKJHGFDSA
UPOIUZTREWQAS
QWERTZUIOPUASDF
YXCVBNMLKJ
QWERTZUIOPU
ASDFGHJKLAYXC
UPOIUZTREWQ
AOLKJHGFDSAMNBV
GKHDSRZIP
QETUOUSFHKO
YCBMWRZIP
ARCGUNIKYO
QWERTZUIOPUASD
MNBVCXYASD
LKJUONGREFGHL

— Sim, gargalhou Argax, é quase sempre assim. Mas quando se joga este jogo sem parar durante muito tempo, durante anos, algumas vezes formam-se palavras por acaso. Podem não ser muito significativas, mas são palavras. Por exemplo, "espinafre amarelo" ou "salsicha-escova" ou "pinta-pescoços". Porém, se se continua a jogar este jogo durante centenas, milhares ou centenas de milhares de anos, é provável que alguma vez, por acaso, se obtenha um poema. E se se jogar eternamente, terão de surgir todas as poesias e todas as histórias do mundo, e também todas as histórias das histórias, e até mesmo esta história em que estamos os dois conversando. É lógico, não acha?

— É horrível, disse Bastian.

— Ora, opinou Argax, isso depende do ponto de vista. Os que estão aqui... digamos... dedicam-se ao jogo apaixonadamente. E, além disso, que outra coisa poderíamos fazer com eles em Fantasia?

Em silêncio, Bastian olhou durante muito tempo para os jogadores e depois perguntou baixinho:

— Argax. . . você sabe quem eu sou, não sabe?

— Como não haveria de saber? Quem em Fantasia não conhece o seu nome?

— Diga-me uma coisa, Argax. Se ontem eu tivesse me tornado imperador, já estaria aqui, não é verdade?

— Hoje ou amanhã, respondeu o macaco, ou na semana que vem. De qualquer forma, em breve viria para cá.

— Então Atreiú me salvou.

— Isso eu não sei, retorquiu o macaco.

— E se ele tivesse conseguido me tirar a "Jóia", o que teria acontecido?

O macaco gargalhou novamente.

— Digamos... que você acabaria por vir dar aqui também.

— Por quê?

— Porque você precisa de AURIN para encontrar o seu caminho de regresso. Mas, para dizer a verdade, acho que não vai conseguir.

O macaco bateu palmas, levantou o barrete de doutor e fez uma careta.

— Diga-me, Argax. Que devo fazer?

— Encontrar um desejo que o leve de volta para seu mundo. Bastian calou-se outra vez durante muito tempo e depois perguntou:

— Argax, você sabe me dizer quantos desejos ainda me restam?

— Poucos. A meu ver, no máximo três ou quatro. E com eles dificilmente você resolverá seu problema. Acordou um pouco tarde, e o caminho de regresso é difícil. Você tem que atravessar o Mar da Névoa. Para isso tem de gastar um desejo. Não sei o que vem a seguir. Ninguém, em Fantasia, conhece o caminho para o mundo de vocês. Talvez encontre o Minroud de Yor que é a última esperança para alguns como você. Se bem que receie que para você fique. . . digamos. . . demasiado longe. Mas, desta vez, ainda poderá sair da Cidade dos Antigos Imperadores.

— Obrigado, Argax!, disse Bastian.

O macaquinho cinzento fez uma careta de riso.

— Até a vista, Bastian Baltasar Bux!

E, de um salto, desapareceu numa das absurdas casas. Levou consigo o turbante.

Bastian ficou ali mais algum tempo, sem se mover. Aquilo que ouvira perturbara-o e assustara-o de tal maneira, que ele não era capaz de tomar uma decisão. Todos os seus objetivos e planos anteriores tinham sido varridos de um só golpe. Era como se estivesse tudo de pernas para o ar dentro da sua cabeça. Como aquela pirâmide que estava à sua frente, com a parte de cima voltada para baixo e a parte de trás para a frente. Aquilo que desejara era sua perdição e aquilo que odiara sua salvação.

Por ora, só uma coisa era evidente: tinha de sair daquela cidade de loucos! Para nunca mais voltar!

Começou a andar por entre aquela confusão de edifícios sem sentido, e logo verificou que o caminho de entrada fora muito mais fácil de encontrar do que o de saída. Errava sempre e tinha de voltar para o centro da cidade. Levou a tarde inteira para conseguir chegar ao barranco de terra. Depois, começou a correr na charneca e só parou quando a noite — tão escura como a anterior — obrigou-o a isso. Atirou-se debaixo de um maciço de zimbro,- estafado, e caiu num sono profundo. E naquele sono extinguiu-se nele a recordação de que, em outros tempos, fora capaz de inventar histórias.

Sonhou durante toda a noite com a mesma coisa, e esse sonho não queria ir embora nem se modificava: via Atreiú com a ferida sangrenta no peito, olhando-o imóvel e sem falar.

Bastian foi acordado por um trovão, e levantou-se. Continuava cercado pela mais profunda escuridão, mas todas as nuvens que se acumulavam há dias pareciam arrastadas por um turbilhão selvagem. Os relâmpagos fulguravam ininterruptamente, os trovões rugiam fazendo tremer a terra, o vento tempestuoso ululava na charneca, dobrando os troncos dos zimbros até o chão. Cortinas cinzentas de chuva ondulavam na paisagem.

Bastian levantou-se. Ficou ali parado, enrolado em seu manto negro, e a chuva escorria-lhe pelo rosto.

Um raio atingiu uma árvore bem à sua frente, rachando o tronco nodoso. Os ramos incendiaram-se imediatamente, e o vento

espalhava pela charneca escura uma chuva de faíscas, imediatamente apagadas pela água que escorria do céu.

Bastian fora lançado ao chão pela força do raio, ficando de joelhos. Começou a escavar a terra com as duas mãos. Quando a cova já era suficientemente funda, desafivelou a espada Sikanda e colocou-a lá dentro.

— Sikanda!, disse ele baixinho no meio do ruído da trovoada. Despeço-me de você para sempre. Nunca mais acontecerão desgraças por você ter sido desembainhada contra um amigo. E ninguém a encontrará. . . até que aquilo que aconteceu por sua e por minha culpa seja esquecido.

Depois tapou novamente a cova e disfarçou-a com musgos e ramos para que ninguém a descobrisse.

E Sikanda ainda hoje está lá. Pois só daqui a muito tempo virá alguém que a poderá manejar sem perigo. . . mas essa é uma outra história e terá de ser contada em outra ocasião.

Bastian continuou caminhando através da escuridão.

Ao amanhecer, a tempestade abrandou, o vento diminuiu, a chuva cessou, apesar de ainda escorrerem das árvores as últimas gotas, e tudo ficou calmo.

Naquela noite, começou para Bastian uma longa e solitária peregrinação. Não queria voltar a ver seus companheiros de viagem e de luta, não queria voltar a ver Xayíde. Queria procurar o caminho de regresso ao mundo dos homens. . . mas não sabia como nem por onde começar. Haveria em algum lugar uma porta, uma passagem, uma fronteira que o levasse até lá?

Tinha de desejar esse regresso, sabia-o. Mas não lhe restavam forças para isso. Sentia-se como um mergulhador que procura no fundo do mar um navio naufragado, mas se vê constantemente obrigado a voltar à superfície antes de conseguir encontrá-lo.

Sabia, também que já lhe restavam poucos desejos, e portanto tinha o maior cuidado para não fazer uso de AURIN. Só podia sacrificar as poucas recordações que lhe restavam, se isso lhe permitisse aproximar-se do seu mundo, e mesmo assim só quando fosse absolutamente indispensável.

Mas não se podem invocar ou afastar os desejos deliberadamente. Eles provêm do mais íntimo de nós mesmos, sejam bons ou

maus. E aparecem sem que saibamos como.

Sem que Bastian percebesse, nascia nele um novo desejo, que pouco a pouco tomava forma.

A solidão em que vivia há muitos dias e noites, enquanto vagueava na charneca, fez com que desejasse pertencer a qualquer comunidade, ser integrado num grupo, não como senhor, vencedor ou como uma pessoa especial, e sim como um entre muitos, talvez o menor ou o menos importante, mas alguém que pertencesse a esse grupo naturalmente e participasse na comunidade.

E aconteceu que um dia chegou à beira-mar. Pelo menos, foi o que pensou inicialmente. Encontrava-se numa costa rochosa e escarpada, e diante dos seus olhos estendia-se um mar de ondas brancas e imóveis. Só mais tarde reparou que essas ondas não eram realmente imóveis, mas se moviam muito lentamente, formando correntes e redemoinhos que giravam tão imperceptivelmente como os ponteiros de um relógio.

Era o Mar da Névoa!

Bastian vagueou ao longo da costa escarpada. O ar era morno e ligeiramente úmido, e não havia um sopro de vento. Era ainda de manhã bem cedinho, e o sol brilhava sobre a superfície imaculadamente branca da névoa, que se estendia até a linha do horizonte.

Bastian andou durante algumas horas; por volta do meio-dia, chegou a uma pequena cidade erigida sobre estacas no Mar da Névoa, a uma certa distância da terra firme. Uma longa ponte suspensa, que oscilava livremente, ligava a cidade a um promontório da costa rochosa. A ponte balançou levemente quando Bastian a atravessou.

As casas eram relativamente pequenas; portas, janelas, escadas pareciam feitas para crianças. Na verdade, as pessoas que andavam pelas ruas tinham todas o tamanho de crianças, apesar de serem homens adultos, de barba, e mulheres que usavam penteados altos. Chamava a atenção o fato de ser difícil distingui-los, pois eram muito parecidos uns com os outros. Os rostos eram castanho-escuros como terra molhada e tinham uma expressão muito doce e calma. Quando olhavam para Bastian faziam-lhe um cumprimento, mas nenhum deles lhe dirigiu a palavra. Pareciam ser

muito calados; só muito raramente se ouvia uma palavra ou um chamamento nas ruas e vielas, apesar da grande atividade que reinava em toda a parte. Também não se via ninguém sozinho. Todas as pessoas andavam em grupos, pequenos ou grandes, de mãos ou braços dados.

Quando Bastian observou melhor as casas, verificou que todas eram feitas de uma espécie de vime trançado, ora mais grosso, ora mais fino, e o próprio pavimento das ruas era do mesmo material. Finalmente, reparou que até o vestuário das pessoas, calças, saias, casacos e chapéus, eram do mesmo trançado; neste caso, porém, eram feitos de palha muito fina e tecida com muita arte. Ao que parecia, tudo ali era feito do mesmo material.

Aqui e ali, Bastian via o interior de algumas oficinas, e todos os que nelas trabalhavam estavam ocupados com a fabricação de objetos de vime trançado: sapatos, moringas, candeeiros, xícaras, guarda-chuvas... tudo feito daquele trançado. E nenhum deles trabalhava sozinho, pois aquelas coisas só podiam ser feitas com a colaboração de vários artífices. Era um prazer ver como trabalhavam habilmente em conjunto, como o trabalho de uns sempre completava o de outros. Enquanto trabalhavam, quase sempre cantavam uma melodia simples e sem palavras.

A cidade não era muito grande, e por isso Bastian logo chegou aos seus limites. E o que viu demonstrava claramente que se tratava de uma cidade de marinheiros, pois havia ali centenas de barcos de todas as formas e tamanhos. Porém, era uma cidade portuária muito esquisita, pois todos aqueles barcos estavam pendurados em varas de pesca gigantes e balançavam mansamente, uns ao lado dos outros, sobre o abismo onde se moviam as massas brancas de névoa. Além disso, também aqueles barcos pareciam feitos de vime trançado e não tinham vela nem mastro, remos ou leme.

Bastian estava inclinado sobre um parapeito e olhava para baixo, para o Mar da Névoa. As estacas sobre as quais a cidade fora construída eram muito altas; via isto pelas sombras que elas projetavam à luz cio sol sobre a superfície branca lá embaixo.

— À noite, ouviu dizer uma voz a seu lado, o nevoeiro sobe até a altura da cidade. Nessa hora, podemos sair para o mar. Durante o

dia, o sol dispersa o nevoeiro e o nível do mar desce. Era isso que queria saber, não é verdade, estrangeiro?

Junto de Bastian estavam três homens apoiados no parapeito, que o olhavam atável e amistosamente. Conversou com eles e soube que a cidade se chamava Iskal ou a Cidade do Vime. Seus habitantes eram os iskalnari. A palavra significava qualquer coisa como "os comunitários'. Aqueles três tinham a profissão de marinheiros da névoa. Bastian não quis dizer seu nome, para não ser reconhecido, e por isso disse que se chamava Alguém. Os três homens do mar explicaram-lhe que não tinham nomes diferentes para cada pessoa, nem o consideravam necessário. Eram todos unidos, os Iskalnari, e isso lhes bastava.

Como estava na hora do almoço, convidaram Bastian para ir com eles e ele aceitou, agradecido. Foram comer em uma estalagem das vizinhanças e, durante a refeição, Bastian soube tudo o que queria saber sobre a cidade de Iskal e seus habitantes.

O Mar da Névoa, a que eles davam o nome de Skaidan, era um gigantesco oceano de vapor que dividia Fantasia em duas partes. Ninguém sabia qual era a profundidade de Skaidan, e ninguém tampouco sabia de onde provinha aquela monstruosa massa de nevoeiro. Entretanto, era perfeitamente possível respirar abaixo da superfície, podendo-se até mesmo caminhar pelo fundo um bom pedaço mar adentro a partir da costa, onde a neblina não era tão densa. Para isto, porém, era preciso que a pessoa fosse amarrada a uma corda, para ser puxada de novo para trás. Pois o nevoeiro tinha o poder de desorientar completamente as pessoas ao fim de pouco tempo. Muitos homens corajosos ou insensatos tinham perecido ao longo dos tempos ao tentarem atravessar Skaidan a pé e sozinhos. Só tinha sido possível salvar alguns. A única maneira de chegar ao outro lado do Mar da Névoa era aquela idealizada pelos Iskalnari.

O trançado de vime de que eram feitas as casas da cidade de Iskal, os objetos de uso cotidiano, o vestuário e também os navios, era feito com uma qualidade de junco que crescia junto da margem, por baixo do Mar da Névoa, e que — como se pode deduzir disso — eram apanhados com perigo de vida. Esse junco, apesar de ser muito flexível e de envergar-se ao toque do vento, dentro do nevoeiro ficava ereto, pois era mais leve que a névoa e flutuava

sobre ela. Do mesmo modo, também flutuavam, o que é óbvio, os barcos feitos com ele. O vestuário que os Iskalnari usavam também era uma espécie de colete salva-vidas, para o caso de alguém cair no nevoeiro.

Mas não era esse o verdadeiro segredo dos Iskalnari, nem a explicação dos seus hábitos comunitários invulgares, que determinavam todas as suas atividades. Como Bastian em breve notou, ele? não pareciam conhecer a palavra "eu". Pelo menos, nunca a usavam, falando sempre na primeira pessoa do plural. Só mais tarde ele viria a saber a origem desse hábito.

Quando ouviu os três marinheiros da névoa dizerem que sairiam para o mar nessa mesma noite, perguntou-lhes se não podiam levá-lo como grumete. Os marinheiros explicaram-lhe que uma travessia de Skaidan era muito diferente de qualquer outra viagem por mar, pois nunca se sabia quanto tempo duraria nem onde se aportaria. Bastian respondeu que para ele isso tanto fazia e os três marinheiros concordaram em levá-lo em seu barco.

Ao cair da noite, o nevoeiro começou a subir como de costume, e por volta da meia-noite tinha chegado à altura da Cidade de Vime. Todos os barcos, anteriormente suspensos no ar, flutuavam agora sobre a superfície branca da névoa. O barco em que Bastian se encontrava — que era uma barcaça baixa, com cerca de trinta metros de comprimento — foi solto de suas amarras e lentamente deslizou para a imensidade do Mar da Névoa.

Assim que Bastian viu aqueles navios, perguntou-se a si mesmo qual seria o sistema de propulsão que utilizavam, pois não tinham vela, remos ou hélices. As velas não serviam para nada, como viria a saber, pois em Skaidan reinava quase sempre a calmaria, e os remos ou a hélice de pouco poderiam servir no nevoeiro. A força que movia o navio era de natureza muito diferente.

No meio da coberta, havia uma plataforma circular, ligeiramente elevada. Bastian vira-a logo ao embarcar, mas tinha-a tomado por uma ponte de comando ou algo no gênero. Na verdade, durante toda a viagem sempre havia nela pelo menos dois marinheiros da névoa, e algumas vezes três, quatro ou ainda mais. (A tripulação era composta por catorze homens — naturalmente sem contar Bastian.) Os que se encontravam na plataforma circular tinham os braços

passados por cima dos ombros uns dos outros e olhavam na direção em que o navio avançava. À primeira vista, podia parecer que estivessem imóveis. Mas, observando melhor, via-se que balançavam lentamente, todos ao mesmo tempo, realizando uma espécie de dança. Cantavam simultaneamente uma melodia simples, sempre repetida, muito bela e suave.

De início, Bastian pensou que se tratava de uma cerimônia ou de um costume invulgar, cujo significado ele não entendia. Só no terceiro dia de viagem perguntou o que era aquilo a um de seus três amigos, que estava sentado a seu lado. Este pareceu ficar espantado com a pergunta de Bastian e explicou-lhe que aqueles homens faziam mover o barco com sua imaginação.

Bastian, de momento, não compreendeu esta explicação e perguntou se punham em movimento algum mecanismo oculto.

— Não, respondeu o marinheiro da névoa. Quando você quer movimentar as pernas, não basta imaginar isto? Ou você tem de as mover com o auxílio de engrenagens?

A diferença entre o próprio corpo e um barco residia apenas no fato de que era necessário que pelo menos dois Iskalnari unissem totalmente suas imaginações. Essa união produzia a força que movia o barco. E quando queriam andar mais depressa, vários tinham de colaborar ao mesmo tempo. Normalmente trabalhavam em turnos de três, e os outros descansavam, pois aquele trabalho, embora parecesse leve e agradável, era na realidade pesado e cansativo, pois exigia grande concentração. Mas era a única maneira de navegar sobre Skaidan.

E Bastian aprendeu com os marinheiros da névoa o segredo da sua vida comunitária: a dança e a ação sem palavras.

Pouco a pouco, durante a longa travessia, ele se transformou em um deles. Experimentava durante a dança uma sensação muito especial de esquecimento de si próprio e de harmonia, quando unia a força da sua imaginação à dos outros, num todo indivisível. Sentia-se verdadeiramente integrado na comunidade, era um deles. . . Ao mesmo tempo, desapareceu de sua memória a recordação de que, no mundo de onde viera e para onde queria voltar, havia homens, homens que tinham pensamentos e idéias próprias. A

única coisa de que ainda podia se recordar muito vagamente era de sua casa e de seu pai.

Mas bem no fundo do seu coração ainda havia um outro desejo, além daquele de não estar sozinho. E esse outro desejo começou a agitar-se suavemente.

Esse desejo manifestou-se pela primeira vez no dia em que verificou que os Iskalnari não atingiam seu espírito comunitário tentando conciliar modos de pensar diferentes, pois eram tão semelhantes uns com os outros, que não tinham de fazer esforço para formar uma comunidade. Pelo contrário, não havia a possibilidade de estarem em desacordo uns com os outros ou desunidos entre si, porque nenhum deles se sentia um indivíduo. Não precisavam superar contradições para atingir a harmonia, e essa facilidade começou a parecer insatisfatória a Bastian. A doçura deles parecia-lhe enfadonha e a melodia sempre igual de suas canções parecia-lhe monótona. Sentia que lhe faltava alguma coisa, que ansiava por alguma coisa, mas não sabia bem o quê.

Só percebeu do que se tratava quando, algum tempo mais tarde, se avistou no céu um gigantesco corvo de névoa. Todos os Iskalnari sentiram muito medo e desapareceram debaixo do convés do navio o mais depressa que puderam. Mas um deles não conseguiu fugir a tempo e o pássaro monstruoso desceu sobre ele com um grito, atacou o infeliz, e levou-o no bico.

Passado o perigo, todos os Iskalnari vieram outra vez para cima e recomeçaram a viagem com seu canto e sua dança, como se nada tivesse acontecido. Sua harmonia não fora perturbada, não se lamentaram nem se queixaram, e não trocaram uma única palavra sobre o acidente.

— Não, disse um deles quando Bastian tocou no assunto. Não falta ninguém. Por que haveríamos de nos lamentar?

O indivíduo não contava para eles. E, dado que eram todos iguais, ninguém era insubstituível.

Mas Bastian queria ser um indivíduo, queria ser Alguém e não apenas um elemento igual a todos os outros. Queria ser amado precisamente por ser como era. Na comunidade dos Iskalnari havia harmonia, mas não havia "amor.

Bastian já não queria ser o maior, o mais forte ou o mais inteligente. Ultrapassara tudo isso. Aspirava agora a ser amado por aquilo que era, como era, bom ou mau, bonito ou feio, esperto ou estúpido, com todos os seus defeitos... ou precisamente por causa deles.

Mas. . . como ele era?

Já não sabia. Recebera tantas coisas em Fantasia que já não era capaz de se encontrar a si mesmo no meio de todos aqueles dons e qualidades.

Daí em diante, deixou de tomar parte na dança dos marinheiros da névoa. Ficava sentado na proa do barco e olhava Skaidan durante todo o dia e por vezes também durante grande parte da noite.

Chegaram finalmente à outra margem. O barco da névoa atracou, Bastian agradeceu aos Iskalnari e desceu à terra.

Era uma região de roseirais, com rosas de todas as cores; e no meio desse infindável roseiral havia um caminho tortuoso.

Bastian enveredou por ele.

XXIV

A Dama Aiuola



ayíde: seu fim conta-se rapidamente, apesar de ser difícil de compreender e de trazer muitas contradições, como tantas outras coisas em Fantasia. Os eruditos e os historiadores ainda hoje se esforçam por compreender como tal coisa foi possível. Alguns duvidam inclusive dos fatos, ou tentam lhes dar uma interpretação diferente. Mas vamos contar aqui o que realmente aconteceu e os nossos leitores que tentem depois explicar as coisas o melhor que puderem.

No mesmo momento em que Bastian encontrou os marinheiros da névoa na cidade de Iskal, Xayíde chegou com seus gigantes negros ao lugar da charneca onde o cavalo metálico de Bastian se fizera em pedaços. Pressentiu nesse momento que nunca mais o encontraria. Quando, mais tarde, chegou junto do barranco de terra, seguindo o rastro de Bastian, seu pressentimento transformou-se

em certeza. Se ele tinha entrado na Cidade dos Antigos Imperadores, estava perdido para ela, quer tivesse ficado vivendo ali, quer tivesse conseguido fugir da cidade. No primeiro caso, teria perdido seus poderes, como todos os que ali viviam e já nada podiam desejar. . . No segundo caso, teria perdido todos os desejos de poder e grandeza. Em qualquer um dos casos, ela, Xayíde, perdera o jogo.

Ordenou aos seus gigantes de couraças negras que parassem; inexplicavelmente, porém, eles continuaram a marchar. Então zangou-se, saiu da liteira e pôs-se à frente deles com os braços abertos. Mas os gigantes de ferro, tanto os que iam a pé como os que andavam a cavalo, continuaram a avançar como se ela não existisse e pisotearam-na com pés e cascos. Só quando a vida de Xayíde se apagou é que o longo cortejo parou como um maquinismo de relógio a que faltasse corda.

Quando Hysbald, Hydorn e Hykrion, com o resto do exército, chegaram àquele lugar, viram o que tinha acontecido, mas não entenderam como aquilo tinha sido possível, pois se era a vontade de Xayíde, e só ela, que movia os gigantes ocos, então fora ela própria que os levara a pisoteá-la. Mas a meditação não era o forte dos cavaleiros, por isso encolheram os ombros e não pensaram mais no assunto. Reuniram-se para resolver o que fariam, e chegaram à conclusão de que a campanha estava terminada. Despediram-se então do exército e aconselharam a todos que voltassem para suas casas. Eles próprios, dado que tinham jurado fidelidade a Bastian e não queriam quebrar esse juramento, decidiram procurá-lo por toda a Fantasia. Mas não conseguiram entrar num acordo sobre que direção tomar, e resolveram que cada qual o procuraria por sua conta. Despediram-se pois uns dos outros e partiram, cada qual mancando na direção que tinha escolhido. Todos tiveram ainda muitas outras aventuras, e há em Fantasia muitas histórias que contam as peripécias de sua inútil busca. Mas essas são outras histórias e terão de ser contadas em outra ocasião.

Os gigantes metálicos, negros e ocos, estão imóveis até hoje naquele ponto da charneca, perto da Cidade dos Antigos Imperadores. A chuva e a neve caíram sobre eles, enferrujaram-nos

e enterraram-nos na terra pouco a pouco, eretos ou tombados. Mas ainda hoje se vêem alguns deles. O lugar tem fama de maldito, e todos os viandantes fazem um desvio para não passarem perto dali. Mas voltemos a Bastian.

Enquanto avançava pelas curvas suaves do caminho que atravessava o roseiral, Bastian viu algo que o encheu de espanto, pois nunca vira nada parecido em toda sua viagem por Fantasia: um poste com um letreiro indicando o caminho, constituído por uma mão recortada que apontava numa determinada direção, e sobre a qual estava escrito:

"Casa Mutante."

Sem se apressar, Bastian seguiu na direção indicada. Aspirava o perfume das inúmeras rosas e sentia-se cada vez mais satisfeito, como se o esperasse uma surpresa agradável.

Finalmente, chegou a uma avenida em linha reta, ladeada por árvores redondas como bolas, carregadas de maçãs vermelhas. E bem ao fundo da avenida havia uma casa. À medida que se aproximava, Bastian verificou que era a casa mais engraçada que tinha visto em toda sua vida. O telhado alto e pontiagudo parecia um capuz enfiado numa construção que se assemelhava a uma abóbora gigante, pois era redonda, e as paredes tinham em muitos pontos abaulamentos e concavidades que pareciam gordas barrigas, o que dava à casa um aspecto muito acolhedor e confortável. Havia também algumas janelas e uma porta, um tanto tortas e inclinadas, como se essas aberturas tivessem sido recortadas na abóbora um pouco ao acaso.

Enquanto se dirigia para a casa, Bastian viu que ela se modificava lenta e constantemente. À velocidade com que um caracol estende suas antenas, formava-se do lado direito um pequeno monte, que se transformou gradualmente numa torrezinha saliente. Ao mesmo tempo, uma das janelas do lado esquerdo fechava-se pouco a pouco, até desaparecer completamente. Nasceu uma chaminé no telhado e, por cima da porta principal, apareceu uma varandinha com uma balaustrada delicadamente trabalhada.

Bastian parará para observar aquelas constantes modificações, espantado e achando tudo muito divertido. Agora percebia por que

aquela casa se chamava "Casa Mutante".

Enquanto estava ali parado, ouviu no interior uma voz feminina harmoniosa e quente, que cantava assim:

"Por ti esperamos, amigo,
Já há centenas de anos.
Se o que procuras é abrigo,
Está certo de que o damos.
De comer e de beber,
O que quiseres terás.
E o que esperas, vais ver,
Que em breve encontrarás.
O que sofreste, não importa.
Se foste ruim ou bom,
O que és é o que conta,
Pois teu caminho foi longo."

— Ah!, pensou Bastian, que linda voz! Gostaria que aquela canção fosse para mim!

A voz recomeçou a cantar:

"Volta, Senhor, a ser pequenino!
Anda logo, entra menino!
Não fiques parado na entrada,
Pois és bem-vindo a esta casa!
P'ra ti tudo está preparado
Desde o mais remoto passado."

A voz exercia uma atração irresistível sobre Bastian. Ele tinha certeza de que a pessoa que cantava era amiga. Bateu à porta, e a voz disse:

— Entre! Entre, meu lindo menino!

Abriu a porta e viu uma salinha agradável, não muito grande, por cujas janelas entrava o sol. No meio, havia uma mesa redonda, coberta de taças e cestos cheios de frutos coloridos que Bastian não conhecia. Sentada à mesa, estava uma mulher que também se parecia com uma maçã, tão vermelha, redonda e apetitosa ela era.

No primeiro momento, Bastian foi assaltado pelo desejo quase irresistível de correr para ela de braços abertos, gritando "Mamãe! Mamãe!" Mas dominou-se. Sua mãe morrera e certamente não estava aqui, em Fantasia. Esta mulher tinha o mesmo sorriso terno e a mesma maneira de olhar que inspirava confiança, mas, na melhor das hipóteses, parecia-se mais com uma irmã de sua mãe. Sua mãe fora baixinha, e esta mulher era alta e de aspecto quase imponente. Tinha um grande chapéu todo enfeitado com flores e frutos e o vestido era também de um tecido florido de cores vistosas. Só depois de o ter olhado durante algum tempo, viu que, na realidade, era um estampado de folhas, flores e frutos.

Enquanto estava de pé olhando para ela, foi invadido por uma sensação que não experimentava há muito, muito tempo. Não se lembrava de quando e onde tinha se sentido assim, sabia apenas que isso lhe acontecera muitas vezes, quando ainda era pequeno.

— Sente-se, meu lindo menino!, disse a mulher, apontando-lhe uma cadeira com gesto convidativo. Você deve estar morrendo de fome; por isso, antes de mais nada, coma!

— Desculpe, respondeu Bastian, mas a senhora estava esperando um convidado. E eu estou aqui absolutamente por acaso.

— Verdade?, perguntou a mulher, e sorriu amavelmente. Ora, não faz mal. Pode comer assim mesmo, não acha? Enquanto você come eu lhe conto uma história. Ande, não faça cerimônia!

Bastian tirou seu manto negro, colocou-o em cima de uma cadeira, sentou-se e, hesitante, pegou uma fruta. Antes de começar a comê-la, porém, perguntou:

— E a senhora? Não come nada? Ou não gosta de fruta?

A mulher riu alto e com vontade. Bastian não entendeu por quê.

— Está bem!, disse ela quando se acalmou. Se lhe agrada, faço companhia e como alguma coisa, mas à minha maneira. Não se assuste!

— Ah!, disse ela. Que fresquinho!

Desta vez foi Bastian que riu. Depois mordeu o fruto e verificou imediatamente que nunca tinha comido nada tão bom. Em seguida comeu outro, e este era ainda melhor.

— Gosta?, perguntou a mulher, que o observava atentamente. Bastian tinha a boca cheia e não podia responder, mas fez sinal que

sim e continuou a mastigar. Ainda bem!, disse a mulher. Eu tive muito trabalho para conseguir isto. Coma tudo o que quiser! Bastian pegou outra fruta, que era deliciosa. Suspirou encantado. E agora vou lhe contar a história, continuou a mulher, mas não pare de comer.

Bastian teve de fazer um esforço para dar atenção ao que ela dizia, pois cada nova fruta era uma descoberta ainda mais deliciosa do que a anterior.

— Há muito, muito tempo, começou a florida mulher, nossa imperatriz Criança estava muito doente, porque precisava de um novo nome, e só um filho do homem podia dá-lo. Mas os seres humanos já não vinham a Fantasia, ninguém sabia por quê. E se ela morresse seria também o fim de Fantasia. Mas um dia, ou melhor, uma noite, chegou um ser humano. . . Era um menino e ele deu à imperatriz Criança o nome de Filha da Lua. Ela ficou boa e em sinal de agradecimento prometeu ao menino que todos os desejos que formulasse em seu reino se tornariam realidade. . . até que encontrasse sua Verdadeira Vontade. Daí em diante, o menino fez uma longa viagem, de desejo em desejo, e todos se realizaram. E a realização de cada desejo despertava um novo desejo. Nem todos os desejos eram bons, alguns eram maus; mas para a imperatriz Criança isto é indiferente; para ela tudo é igual e tudo é igualmente importante em seu reino. E quando a Torre de Marfim acabou por ser destruída, ela não fez nada para impedi-lo. Entretanto, cada vez que um dos seus desejos era satisfeito, o menino esquecia parte de suas recordações do mundo de onde viera. Mas não se importava, porque não queria voltar para lá. De modo que continuou a desejar e a desejar; agora, porém, já tinha renunciado a quase todas suas recordações, e sem recordações não se podem ter mais desejos. Ele quase tinha deixado de ser um homem para se tornar um ser fantástico. E continuava sem saber qual era sua Verdadeira Vontade. Agora, porém, havia o perigo de perder as últimas recordações sem nunca atingir seu objetivo. E isso significava que nunca mais poderia regressar ao seu mundo. Finalmente, seus passos levaram-no à Casa Mutante para que ali ficasse o tempo necessário até encontrar sua Verdadeira Vontade. Porque a Casa Mutante não tem esse nome só porque está sempre mudando, e

sim porque também modifica as pessoas que nela habitam. E isso era muito importante para o menino que, até aí, sempre quisera ser uma pessoa diferente, mas sem se modificar.

Neste ponto parou, porque seu visitante deixara de mastigar. Tinha na mão um fruto mordido e olhava de boca aberta para a mulher do vestido florido.

— Se não gosta deste, disse ela preocupada, deixe-o de lado e pegue outro.

— O quê?, gaguejou Bastian. Não, não. É muito bom!

— Então está tudo bem, disse a mulher satisfeita. Mas esqueci-me de dizer como se chamava o menino que era aguardado há muito tempo na Casa Mutante. Muitos dos habitantes de Fantasia chamavam-lhe simplesmente o "Salvador", outros "O Cavaleiro do Candelabro de Sete Braços", ou o "Grande Sábio", ou ainda "Soberano e Senhor", mas seu verdadeiro nome era Bastian Baltasar Bux.

Depois disto, a mulher olhou durante muito tempo para seu convidado, sorrindo-lhe. Ele engoliu algumas vezes em seco e depois disse:

— É o meu nome.

— Ora, veja só!, disse a mulher, e não pareceu nada surpreendida.

Os botões de flor do seu chapéu e do seu vestido abriram-se de repente, desabrochando todos ao mesmo tempo.

— Mas não estou há cem anos em Fantasia, disse Bastian, um pouco inseguro.

— Ora, na realidade estamos à sua espera há muito mais de cem anos, respondeu a mulher. Já a minha mãe, e a minha avó, e a avó da minha avó esperaram por você. Veja bem... estou contado a *você* uma história que é nova e, no entanto, refere-se a tempos muito remotos.

Bastian lembrou-se das palavras de Graograman, quando ainda estava no início de sua viagem. Agora sentia-se como se realmente estivesse ali há cem anos.

— Além disso, ainda não lhe disse como me chamo. Sou a Dama Aiuola.

Bastian repetiu o nome, mas teve de fazer um certo esforço para pronunciá-lo corretamente. Depois pegou outra fruta. Deu uma dentada, e mais uma vez lhe pareceu que a fruta que comia era a mais saborosa de todas. Reparou, preocupado, que já estava na penúltima.

— Quer mais?, perguntou a Dama Aiuola, que observava o olhar dele. Bastian fez sinal que sim. Então ela colheu frutas do chapéu e do vestido até encher a fruteira.

— As frutas crescem no seu chapéu?, perguntou Bastian espantado.

— Que chapéu?, e a Dama Aiuola olhou para ele sem entender. Depois deu uma gargalhada ruidosa e bem-disposta. Ah, você pensa que isto que tenho na cabeça é um chapéu? Não, meu lindo menino, tudo isto cresce de dentro de mim. Como os seus cabelos. Isso mostra como estou contente por você ter finalmente chegado. Como vê, estou florindo. Se estivesse triste, tudo murcharia. Mas não pare de comer!

— Não sei, disse Bastian perplexo. Não se podem comer coisas que crescem em outra pessoa.

— Por que não?, perguntou a Dama Aiuola. Os bebês também mamam o leite de suas mães. É uma coisa muito bonita.

— Pois é, interrompeu Bastian, corando um pouco, mas só enquanto são muito pequenos.

— Então, disse a Dama Aiuola radiante, você precisa se tornar outra vez pequenino, meu lindo menino.

Bastian pegou outra fruta e a Dama Aiuola ficou muito contente. Suas flores desabrocharam ainda mais magníficas. Depois de alguns instantes de silêncio, ela disse:

— Parece-me que devíamos ir para o quarto ao lado. Talvez ela tenha preparado alguma coisa para você.

— Ela quem?, perguntou Bastian, olhando à sua volta.

— A Casa Mutante, explicou a Dama Aiuola como se se tratasse de uma coisa evidente.

Na verdade, acontecera uma coisa extraordinária. O compartimento onde estavam tinha-se modificado sem que Bastian percebesse. O teto do quarto tinha subido e três das paredes

tinham-se aproximado muito da mesa. Havia ainda bastante espaço até a quarta parede, e via-se aí uma porta que estava aberta.

A Dama Aiuola levantou-se — via-se agora como era alta —, e propôs:

— Vamos! Ela é teimosa. Não vale a pena contrariá-la, se preparou uma surpresa para você. Vamos fazer o que ela quer! Além disso, as surpresas dela são quase sempre agradáveis.

E atravessou a porta. Bastian seguiu-a, não se esquecendo de levar a fruteira com as frutas.

O quarto era grande como uma sala, mas era uma sala de jantar, que pareceu familiar a Bastian. No entanto, tinha uma característica estranha. Todos os móveis, incluindo a mesa e as cadeiras, eram gigantescos, tão grandes que Bastian não poderia servir-se deles.

— Ora, vejam só!, disse a Dama Aiuola toda satisfeita. A Casa Mutante lembra-se sempre de coisas novas. Agora preparou uma sala com a aparência que têm as salas para uma criança pequena.

— O quê?, perguntou Bastian. Então esta sala não estava aqui antes?

— Claro que não, respondeu ela. Sabe, a Casa Mutante é muito animada. À sua maneira, gosta de participar das conversas. Acho que ela está querendo lhe dizer alguma coisa.

Então sentou-se à mesa numa das cadeiras, enquanto Bastian tentava em vão subir na outra. A Dama Aiuola teve de ajudá-lo e de levantá-lo, e mesmo assim o seu nariz ficava à altura do tampo da mesa. Sentia-se muito contente por ter trazido consigo a fruteira com os frutos, que segurava no colo. Se estivessem em cima da mesa não conseguiria alcançá-los.

— A senhora tem que andar sempre assim, de quarto em quarto?, perguntou ele.

— Sempre, não!, respondeu a Dama Aiuola. Três ou quatro vezes por dia, no máximo. Às vezes, a Casa Mutante resolve se divertir à nossa custa e, de repente, os quartos ficam todos trocados, com o chão em cima e o teto embaixo, ou qualquer coisa do gênero. Mas isso é só quando ela está muito bem-disposta e, se lhe chamo a atenção, tudo volta logo ao seu lugar. No fundo, é uma

casa muito simpática, e sinto-me muito bem aqui. Divertimo-nos muito uma com a outra.

— Mas isso não é perigoso?, perguntou Bastian. Por exemplo, se uma pessoa está dormindo e o quarto começa a ficar cada vez menor?

— O que você está pensando, lindo menino?, disse a Dama Aiuola escandalizada. A casa gosta de mim, e de você também. Ela gosta que você esteja aqui.

— E quando não gosta de alguém?

— Não faço idéia, respondeu ela, você faz cada pergunta! Até agora nunca esteve ninguém aqui além de mim e de você.

— Ah!, disse Bastian. Então, sou o primeiro visitante?

— É claro!

Bastian olhou à sua volta para o gigantesco compartimento.

— Parece impossível que este quarto caiba na casa. De fora, não parecia tão grande.

— A Casa Mutante, explicou a Dama Aiuola, é maior por dentro do que por fora.

Nesse ínterim caíra o crepúsculo e o quarto estava cada vez mais escuro. Bastian encostou-se para trás em sua grande cadeira e apoiou a cabeça no espaldar. Sentia-se estranhamente ensonado.

— Por que a senhora esperou tanto tempo por mim, Dama Aiuola?, perguntou.

— Sempre quis ter um filho, respondeu ela, um bebezinho para acarinhar, que precisasse da minha ternura, que eu pudesse tratar. . . alguém como você, meu lindo menino.

Bastian bocejou. Sentia-se como que embalado por aquela voz quente.

— Mas a senhora disse, respondeu ele, que sua mãe e sua avó também esperaram por mim.

O rosto da Dama Aiuola estava agora no escuro.

— Sim, ouviu-a dizer. Minha mãe e minha avó também queriam ter um filho. Mas, agora, eu tenho um.

Bastian sentia os olhos fecharem-se. Mesmo assim ainda perguntou:

— Mas como pode ser isso? Sua mãe tinha você quando era pequena. E sua avó teve sua mãe. Então tinham filhas, ou não?

— Não, meu lindo menino, respondeu suavemente a voz. Conosco é diferente. Não morremos e não nascemos. Somos sempre a mesma Dama Aiuola e, ao mesmo tempo, não somos a mesma. Quando minha mãe envelheceu, secou, todas as folhas caíram como as de uma árvore no inverno, e ela retirou-se para dentro de si mesma. Ficou assim durante muito tempo. Mas depois, um belo dia, começaram a nascer folhinhas novas, botões, flores, e finalmente frutos. Foi assim que eu apareci, e aquela nova Dama Aiuola era eu. E o mesmo aconteceu quando minha avó trouxe ao mundo minha mãe. Nós, as Damas Aiuola, só podemos ter um filho depois de termos murchado. Mas somos nós o nosso próprio filho e não podemos ser mães. É por isso que estou tão contente por você estar aqui, meu lindo menino. . .

Bastian não respondeu. Tinha caído numa doce sonolência, em que continuava a ouvir as palavras dela como se fossem uma canção de embalar. Ouviu-a levantar-se, aproximar-se e inclinar-se sobre ele. A Dama Aiuola fez-lhe uma suave carícia no cabelo e deu-lhe um beijo na testa. Sentiu depois que ela lhe pegava no colo e o levava nos braços. Encostou a cabeça no ombro dela como uma criança pequena. Caía cada vez mais profundamente na escuridão quente do seu sono. Sentiu vagamente que ela o despia e o colocava numa cama macia e perfumada. Finalmente ouviu — já bem ao longe — aquela bela voz, cantando uma canção de embalar:

Dorme, dorme, meu menino
De atribulado destino.
Dorme, dorme, sem temor,
Volta a ser criança, senhor!

Quando acordou, na manhã seguinte, sentia-se tão bem e tão satisfeito como há muito tempo não lhe acontecia. Olhou à sua volta e viu que estava em um quartinho muito confortável. . . dentro de um berço! É certo que se tratava de um berço muito grande, ou melhor, tão grande como devia parecer a uma criança pequena. Durante um momento, aquilo lhe pareceu ridículo, pois ele não era uma criança pequena. Conservava ainda todas as forças e poderes que lhe

tinham sido concedidos em Fantasia. E continuava a trazer no pescoço o signo da imperatriz Criança. Mas, no instante seguinte, passou a ser-lhe indiferente o fato de parecer ou não ridículo estar ali deitado. Além dele e da Dama Aiuola, ninguém nunca saberia e eles dois sabiam que aquilo era bom e estava certo.

Levantou-se, lavou-se, vestiu-se e saiu do quarto. Teve de descer uma escada de madeira e entrou na grande casa de jantar que, durante a noite, se transformara numa cozinha. A Dama Aiuola já o esperava com o café da manhã. Também ela estava muito bem-disposta; todas as suas flores tinham desabrochado, e ela cantou, riu e até dançou com ele em volta da mesa da cozinha. Depois da refeição mandou-o para fora para respirar o ar puro.

No grande roseiral que rodeava a Casa Mutante, parecia ser sempre verão. Bastian passeou pelo meio das rosas, observou as abelhas que zumbiam de flor em flor, escutou os pássaros que cantavam em todas as roseiras, brincou com os lagartos, tão mansos que lhe subiam na mão, e com as lebres, que se deixavam acariciar. Por vezes deitava-se debaixo de uma roseira, aspirava o doce perfume das rosas, piscava os olhos para o sol e deixava que o tempo corresse como um riozinho, sem pensar em nada.

Assim passaram-se os dias, e os dias transformaram-se em semanas. Bastian nem dava por isso. A Dama Aiuola andava contente, e Bastian entregava-se completamente aos seus cuidados e à sua ternura maternal. Era como se ansiasse, sem saber, por alguma coisa que agora lhe era dada plenamente. E do que nunca mais se fartaria.

Durante algum tempo, revistou a Casa Mutante do porão ao sótão. Era uma ocupação que nunca se tornava aborrecida, pois todos os quartos se modificavam constantemente e havia sempre coisas novas para serem descobertas. Era evidente que a casa fazia o possível por entreter o seu hóspede. Produzia quartos de brinquedos, comboios, teatrinhos de fantoches, escorregadores, e até um grande carrossel.

Outras vezes, Bastian passeava o dia inteiro pelas redondezas. Mas nunca se afastava muito da Casa Mutante, pois de repente sentia uma enorme vontade de comer as frutas da Dama Aiuola. Ficava ansioso por voltar para casa e comer até ficar saciado.

De tardezinha, os dois muitas vezes tinham longas conversas um com o outro. Ele contava a ela tudo o que lhe tinha acontecido em Fantasia, falando-lhe de Perelim e Graograman, de Xayíde e Atreiú, que tinha ferido tão gravemente, e talvez morto.

— Fiz tudo errado, disse, não percebi nada. A Filha da Lua me deu muitas coisas, mas, com elas, só causei desgraças a mim e a Fantasia.

A Dama Aiuola olhou longamente para ele.

— Não, respondeu, acho que não. Você percorreu o caminho dos desejos e ele nunca é reto. Você fez um grande desvio, mas era o *seu* caminho. E sabe por quê? Porque você é daqueles que só podem regressar ao *seu* mundo depois de terem descoberto a fonte de onde brotam as Águas da Vida. E esse é o lugar mais secreto de Fantasia. Não há caminho fácil para se chegar até lá. E depois de um longo silêncio, acrescentou: Todos os caminhos que para lá conduzem são, no fim das contas, certos.

De repente Bastian começou a chorar. Nem ele próprio sabia por quê. Era como se se desatasse um nó em seu coração e ele se desfizesse em lágrimas. Soluçava, soluçava, e não era capaz de parar. A Dama Aiuola pegou-o no colo e acariciou-o meigamente; Bastian enterrou o rosto nas flores do vestido dela e chorou até cansar.

Nessa noite não falaram mais.

Só no dia seguinte é que Bastian voltou a se referir à sua busca:

— Sabe onde posso encontrar as Águas da Vida?

— Na fronteira de Fantasia, disse a Dama Aiuola.

— Mas Fantasia não tem fronteiras, respondeu ele.

— Tem, mas não são exteriores, são interiores. Situam-se onde a imperatriz Criança vai buscar o seu poder e ela própria não pode ultrapassá-las.

— E eu tenho de encontrar esse lugar?, perguntou Bastian preocupado. Já não é tarde demais?

— Só há um desejo que pode te levar até lá: o último. Bastian sobressaltou-se.

— Dama Aiuola, todos os desejos que foram satisfeitos por AURIN me fizeram esquecer alguma coisa. Isto também vai

acontecer agora?

Ela fez sinal que sim, lentamente.

— Mas eu não percebo nada!

— E das outras vezes, você percebeu alguma coisa? Já não pode saber aquilo que esqueceu.

— E o que estou esquecendo agora?

— Só posso dizer-lhe quando chegar o momento certo. De outro modo, você não ia querer esquecer.

— Terá de ser assim? Tenho de perder tudo?

— Nada se perde, disse ela. Tudo se transforma.

— Mas então, disse Bastian inquieto, talvez fosse melhor me apressar. Não devia ficar aqui.

Ela acariciou-lhe os cabelos.

— Não se preocupe. Durará o tempo que tiver de durar. Quando despertar em você o seu último desejo, você o saberá... e eu também.

Daí em diante, algo começou a mudar, se bem que Bastian ainda não percebesse nada. A força transformadora da Casa Mutante exercia seu efeito. Mas como todas as verdadeiras transformações, esta também se processava lenta e silenciosamente, por si mesma, como o crescimento de uma planta.

Os dias sucediam-se uns aos outros na Casa Mutante e ainda era verão. Bastian deixava-se mimar pela Dama Aiuola como se fosse uma criança. Os frutos dela pareciam-lhe tão saborosos como no início, mas pouco a pouco sua fome se acalmava. Comia menos. E ela notou, mas nada disse. Sentia-se também saciado dos cuidados e da ternura dela. E, na medida em que essa necessidade diminuía, acordava nele o desejo de outra coisa, uma aspiração que até aí nunca sentira e era completamente diferente de todos os seus desejos anteriores: o desejo de amar. Verificou com admiração e pena que não era capaz. Mas o desejo era cada vez mais intenso.

E numa noite em que estavam os dois sentados conversando, ele falou nisso à Dama Aiuola.

Depois de tê-lo escutado, ela se calou durante muito tempo. Tinha o olhar fito em Bastian, com uma expressão que ele não

compreendia.

— Você encontrou seu último desejo, disse ela. Sua verdadeira Vontade é amar.

— Mas por que eu não sou capaz de amar, Dama Aiuola?

— Só poderá fazê-lo quando tiver bebido das Águas da Vida, respondeu ela, e não pode voltar ao seu mundo sem levar dessa água a um outro.

Bastian calou-se perplexo.

— E você?, perguntou. Já não bebeu dessa água?

— Não, disse a Dama Aiuola, eu sou diferente. Só preciso de alguém a quem possa dar o que tenho a mais.

— Então, não era amor?

A Dama Aiuola refletiu um instante e depois replicou:

— Era o que você desejou para si.

— Será que os seres de Fantasia não podem amar. . . tal como acontece comigo?, perguntou ele, temeroso.

— Digamos, respondeu ela baixinho, que há algumas criaturas em Fantasia que podem beber das Águas da Vida. Mas ninguém sabe quem são elas. E há uma profecia, de que raramente falamos, segundo a qual, num futuro longínquo, chegará o dia em que os homens trarão o amor a Fantasia. Nesse dia, os dois mundos serão um só. Mas não sei o que isso quer dizer.

— Dama Aiuola, perguntou Bastian em voz baixa, a senhora me prometeu que quando chegasse a hora indicada me diria o que tenho de esquecer para encontrar o meu último desejo. Esse momento já chegou?

Ela acenou afirmativamente.

— Você teria que esquecer seu pai e sua mãe. Agora só lhe resta o nome.

Bastian refletiu.

— Meu pai e minha mãe, disse ele lentamente. Mas as palavras não tinham qualquer significado para ele. Não se lembrava de nada.

— Que devo fazer agora?

— Terá de me deixar, respondeu ela. Sua estada na Casa Mutante chegou ao fim.

— E para onde devo ir?

— Seu último desejo o guiará. Não o perca!

— Devo partir já?

— Não, é tarde. Amanhã cedo, ao romper do dia. Vai passar ainda uma noite na Casa Mutante. Agora, vamos dormir.

Bastian levantou-se e foi até junto dela. Só agora, ao chegar bem perto, viu na escuridão que todas as flores estavam murchas.

— Não se preocupe!, disse ela. E amanhã também não deve se preocupar comigo. Siga o seu caminho! Está tudo bem e é justo que assim seja. Boa-noite, meu lindo menino.

— Boa-noite, Dama Aiuola, murmurou Bastian. Depois subiu as escadas e foi para seu quarto.

Quando desceu no dia seguinte, viu que a Dama Aiuola continuava sentada no mesmo lugar. Todas as suas folhas, flores e frutos tinham caído. Tinha os olhos fechados e parecia uma árvore negra e morta. Bastian ficou durante muito tempo diante dela, olhando-a. Depois, abriu-se de repente uma porta que conduzia ao exterior.

Antes de sair, voltou-se mais uma vez para trás e disse, sem saber se se dirigia à Dama Aiuola, à casa ou a ambas:

— Obrigado, obrigado por tudo!

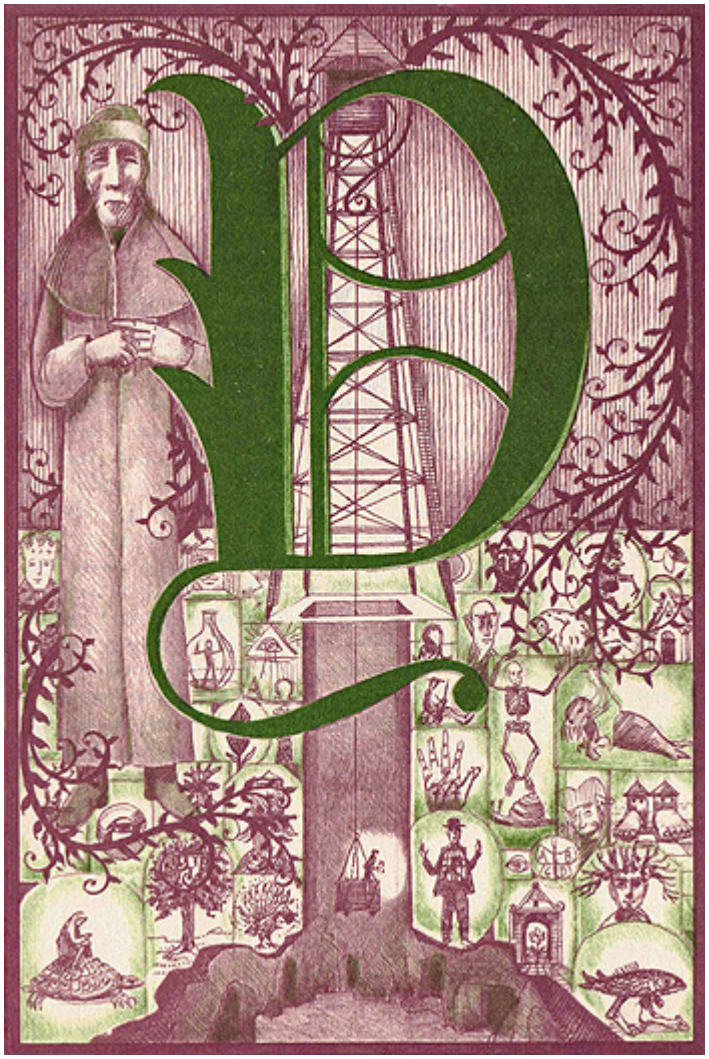
Depois, atravessou a porta. Lá fora o inverno chegara de um dia para o outro. Havia neve até a altura dos joelhos, e do roseiral em flor só restavam sebes escuras e espinhosas. Não havia vento. Fazia muito frio, e estava tudo silencioso.

Bastian quis voltar para a casa para buscar seu manto, mas as portas e as janelas tinham desaparecido. Estava tudo fechado.

Então começou a andar, tiritando de frio.

XXV

A Mina das Imagens



or, o Mineiro Cego, estava diante de sua cabana, tentando ouvir alguma coisa na vastidão da neve que se estendia por todos os lados com seu manto branco. O silêncio era tão absoluto, que seu ouvido apurado ouvia os passos de um viandante rangendo na neve, ainda muito ao longe. Os passos vinham em direção da cabana.

Yor era um homem alto e velho, mas seu rosto era imberbe e não tinha rugas. Tudo nele era cinzento como a pedra, a roupa, o rosto e o cabelo. Quando estava assim, de pé e imóvel, parecia esculpido num bloco de lava. Só seus olhos cegos eram escuros, e tinham lá no fundo um brilho que parecia uma chamazinha.

Quando Bastian — pois era ele o viandante — se aproximou, disse:

— Bom-dia. Eu me perdi. Procuro a fonte de onde brotam as Águas da Vida. O senhor pode me ajudar?

O mineiro escutava a voz que falava.

— Você não se perdeu, murmurou ele. Mas fale baixo, senão minhas imagens vão se quebrar.

Fez sinal a Bastian para segui-lo e entrou na cabana.

Esta consistia em um único compartimento minúsculo, sem nenhum enfeite e pobremente mobiliado. Uma mesa de madeira, duas cadeiras, um estrado para dormir e uma armação de tábuas onde estavam guardados a louça e os alimentos. Na lareira ardia um pequeno lume, sobre o qual estava pendurado um caldeirão onde fervia a sopa.

Yor encheu dois pratos, um para ele e outro para Bastian, colocou-os sobre a mesa e convidou o hóspede para comer, fazendo-lhe sinal com a mão. Tomaram calados aquela refeição.

Depois o mineiro recostou-se na cadeira, e seus olhos pareciam olhar para muito longe através de Bastian; murmurando, perguntou:

— Quem é você?

— Chamo-me Bastian Baltasar Bux.

— Ah, então você ainda sabe o seu nome.

— Sim. E quem é você?

— Sou Yor, a quem chamam de o Mineiro Cego. Mas só sou cego onde há luz. Na minha mina, onde reina uma escuridão total, posso ver.

— E que mina é essa?

— Chama-se a Cova de Minroud. É a Mina das Imagens.

— A Mina das Imagens?, repetiu Bastian espantado. Nunca ouvi falar de semelhante coisa.

Yor parecia sempre à escuta de alguma coisa.

— No entanto, murmurou ele, a mina existe precisamente para pessoas como você. Para pessoas que não são capazes de encontrar o caminho até as Águas da Vida.

— Que imagens são essas?, quis saber Bastian.

Yor fechou os olhos e calou-se durante um tempo. Bastian não sabia se deveria repetir a pergunta. Depois ouviu o mineiro murmurar:

— Nada se perde no mundo. Já aconteceu alguma vez a você de sonhar e de não saber o que tinha sonhado ao acordar?

— Sim, respondeu Bastian. Muitas vezes.

Yor acenou pensativamente. Depois levantou-se e fez sinal a Bastian para segui-lo. Antes de saírem da cabana, agarrou-lhe pelo ombro com sua mão forte e murmurou-lhe ao ouvido:

— Mas não diga nada, não faça barulho, ouviu? O que você vai ver é o meu trabalho de muitos anos. O menor ruído pode destruí-lo. Por isso, fique calado e ande com cuidado!

Bastian acenou que sim, e saíram da cabana. Atrás da cabana havia uma grande torre de madeira e, por baixo, um poço que conduzia verticalmente às profundezas da terra. Dirigiram-se para lá, atravessando a neve. Bastian viu então imagens sobre a neve, como se fossem jóias preciosas incrustadas em seda branca.

Eram placas muito finas de uma espécie de mica transparente e colorida, de todas as formas e tamanhos, quadradas e redondas, fragmentadas ou inteiras, algumas do tamanho de vitrais, outras pequenas como a miniatura da tampa de uma caixinha. Estavam dispostas em filas na neve, ordenadas de acordo com o tamanho e a forma, e as filas eram tão compridas que se estendiam até o horizonte da grande planície branca.

Essas imagens eram enigmáticas. Havia figuras disfarçadas que pareciam flutuar num grande ninho de pássaros, burros com togas de juizes, relógios que se fundiam como queijos cremosos, ou ainda marionetes em praças iluminadas onde não havia ninguém. Havia rostos e cabeças constituídos por figuras de animais e outros que formavam paisagens. Mas .havia também imagens normais, homens que ceifavam um campo de trigo e mulheres sentadas numa varanda. Havia aldeias alpestres e paisagens marinhas, cenas de guerra e espetáculos de circo, ruas e quartos, e novamente rostos, velhos e novos, inteligentes e idiotas, de loucos e de reis, tristes e alegres. Havia imagens aterradoras, de execuções e danças macabras, e imagens alegres de jovens damas, cavalgando um cavalo marinho, ou de um nariz que passeava sozinho e era cumprimentado por todos os transeuntes.

Quanto mais passeavam ao longo das imagens, menos Bastian compreendia o seu significado. Só percebia uma coisa: havia nelas

tudo o que existia, se bem que por vezes numa estranha combinação.

Depois de ter andado durante muitas horas ao lado de Yor e ao longo das filas de imagens, o crepúsculo caiu sobre a extensa planície nevada. Voltaram para a cabana. Depois de ter fechado a porta, Yor perguntou em voz baixa:

— Você reconheceu alguma?

— Não, replicou Bastian.

O mineiro balançou pensativamente a cabeça.

— Por quê?, quis saber Bastian. Que imagens são aquelas?

— São os sonhos esquecidos do mundo dos homens, explicou Yor. Depois de ter sido sonhado, um sonho não pode desaparecer. Mas quando o homem que o sonhou o esquece, para onde vai? Vem para cá, para junto de nós, em Fantasia, e fica enterrado nas profundezas da terra. É ali que estão os sonhos esquecidos, em camadas muito finas dispostas umas sobre as outras. Quanto mais fundo se cava, mais espessas são essas camadas. Todo o reino de Fantasia assenta-se sobre alicerces de sonhos esquecidos.

— Os meus também estão lá?, perguntou Bastian, com os olhos muito abertos.

Yor acenou afirmativamente.

— E quer dizer que tenho de encontrá-los?, perguntou Bastian.

— Pelo menos um. Um chega, respondeu Yor.

— Mas para quê?, quis saber Bastian.

O mineiro voltou para ele seu rosto, iluminado agora pelos reflexos do lume que ardia na lareira. Seus olhos cegos pareciam novamente olhar através de Bastian, para muito longe.

— Escute-me, Bastian Baltasar Bux, disse ele. Gosto de falar pouco. Prefiro o silêncio. Mas, por esta vez, falarei. Você procura as Águas da Vida. Queria ser capaz de amar, para poder voltar ao seu mundo. Amar. . . é muito fácil dizê-lo! As Águas da Vida vão lhe perguntar: quem? Não se pode amar simplesmente, em geral, e de qualquer maneira. Mas você se esqueceu de tudo exceto o seu nome. E se não for capaz de responder, não poderá beber. Por isso, só um sonho esquecido que você reencontre aqui poderá ajudá-lo, uma imagem que o conduza até a fonte. Mas para isso terá de esquecer a última coisa que ainda lhe resta: você mesmo. E isso

implica um trabalho árduo e paciente. Não se esqueça de minhas palavras, pois não voltarei a pronunciá-las.

Dito isto, deitou-se em seu estrado de tábuas e adormeceu. Bastian não teve outro remédio senão deitar-se no chão duro e frio. Mas não se importou.

Quando acordou no dia seguinte, com os membros entorpecidos, Yor já tinha saído. Provavelmente estava na Cova de Minroud. Bastian serviu-se de um prato de sopa quente, que o aqueceu, mas que não lhe agradou muito ao paladar. Era salgada como as lágrimas e o suor.

Depois saiu e vagueou pela neve da grande planície, junto às inúmeras imagens. Contemplava-as com atenção uma por uma, pois sabia agora que eram importantes para ele, mas não conseguia descobrir nenhuma que lhe dissesse alguma coisa. Todas lhe eram completamente indiferentes.

Ao fim da tarde viu Yor, que saía do poço da mina num cesto de exploração. Trazia nas costas uma armação de madeira onde empilhara várias placas daquela mica finíssima, de diferentes tamanhos. Bastian acompanhou-o em silêncio enquanto ele se afastava até muito longe na planície para, no final de uma fileira de imagens, acomodar cuidadosamente sobre a neve macia o que tinha achado. Uma das imagens representava um homem cujo peito era uma gaiola onde estavam duas pombas. Outra representava uma mulher de pedra que cavalgava uma grande tartaruga. Numa imagem muito pequena via-se uma borboleta cujas asas tinham manchas do formato de letras. Havia ainda outras imagens, mas nenhuma dizia nada a Bastian.

Quando já estava outra vez na cabana com o mineiro, Bastian perguntou:

— Que acontece às imagens quando a neve derrete?

— Aqui é sempre inverno, replicou Yor. Foi tudo o que disseram nessa noite.

Durante os dias seguintes, Bastian continuou a procurar entre as imagens alguma que reconhecesse ou que pelo menos tivesse um significado especial para ele... mas foi em vão. À noite, sentava-se na cabana com o mineiro, mas como este não falava, Bastian habituou-se a também ficar calado. Pouco a pouco, aprendeu a

maneira cautelosa de andar de Yor, que não fazia o menor ruído, para evitar que as imagens se quebrassem.

— Agora já vi todas as imagens, disse Bastian uma noite, mas nenhuma delas me diz nada.

— Isso é mau, respondeu Yor.

— Que devo fazer?, perguntou Bastian. Esperar que traga novas imagens da mina?

Yor refletiu um momento, e depois abanou a cabeça.

— No seu lugar, murmurou, eu iria à Cova de Minroud e lá escavaria as imagens.

— Mas eu não tenho os seus olhos, disse Bastian. Não vejo no escuro.

— Ninguém lhe deu nenhuma luz em suas longas viagens?, perguntou Yor, olhando de novo através de Bastian. Nenhuma pedra luminosa, nada que possa usar agora?

— Sim, respondeu Bastian tristemente. Mas usei Al-Tsahir para outra coisa.

— Isso é mau, repetiu Yor, mantendo inabalável seu rosto de pedra.

— O que você me aconselha?, quis saber Bastian.

O mineiro voltou a calar-se por longo tempo, antes de responder.

— Terá de trabalhar no escuro.

Bastian teve um arrepio. É certo que ainda conservava a força e a coragem que AURIN lhe tinha dado, mas a idéia de trabalhar lá no fundo, nas entranhas da terra, numa escuridão total, gelava-lhe os ossos. Não disseram mais nada e foram se deitar.

Na manhã seguinte, o mineiro acordou-o, sacudindo-lhe um ombro. Bastian levantou-se.

— Coma a sopa e venha!, ordenou Yor bruscamente. Bastian obedeceu-lhe.

Seguiu o mineiro até o poço, entrou com ele no cesto e desceram ambos à Cova de Minroud. Embrenhavam-se cada vez mais fundo nas entranhas da terra. Já há muito tempo desaparecera o último raio de luz fraca que penetrava no interior do" poço, e o cesto continuava a descer na escuridão. Finalmente, uma sacudidela indicou que tinham tocado o chão. Saíram do cesto.

Ali embaixo fazia muito mais calor do que lá em cima, na planície coberta de neve, e, ao fim de pouco tempo, Bastian começou a suar por todos os poros; naquela escuridão, ele se esforçava por não se perder do mineiro, que avançava rapidamente à sua frente. Era um caminho tortuoso, através de um número sem-fim de galerias, corredores e, por vezes, vastas salas, como se podia adivinhar pelo eco suave dos passos. Bastian machucou-se várias vezes ao bater em saliências e vigas de apoio, mas Yor pouco se importou com isso.

Nesse primeiro dia e também nos seguintes, guiando-lhe as mãos em silêncio, o mineiro ensinou a Bastian a arte de separar umas das outras as finas camadas de mica e de levantá-las cuidadosamente. Serviam-se para esse trabalho de instrumentos que, ao tato, pareciam espátulas de madeira ou de chifre, mas Bastian nunca os viu, porque ficavam sempre na mina ao final do dia de trabalho.

Aprendeu pouco a pouco a se orientar lá embaixo, naquela escuridão total. Conhecia as galerias e os corredores como se tivesse adquirido inexplicavelmente um novo sentido. E, um dia, Yor indicou-lhe em silêncio, por meio de um toque das mãos, que daí em diante devia trabalhar sozinho num corredor baixo, em que só se podia penetrar agachado. A galeria era muito apertada e por cima dele estava todo o peso da pedra da montanha.

Trabalhava encolhido nas profundezas obscuras dos alicerces de Fantasia como uma criança no ventre da mãe, procurando pacientemente um sonho esquecido, uma imagem que o conduzisse às Águas da Vida.

Dado que não via nada na noite eterna das entranhas da terra, não podia escolher nem tomar decisão alguma. Tinha de confiar no acaso ou num destino misericordioso que lhe permitissem achar alguma coisa certa. Todos os dias, ao fim da tarde, trazia para cima, à luz fraca do crepúsculo, o que tinha conseguido extrair das profundezas da Cova de Minroud. E todos os dias verificava que seu trabalho fora em vão. Mas Bastian não se lamentava nem se revoltava. Tinha perdido toda a compaixão por si próprio. Tornara-se paciente e calado. Apesar de suas forças serem inesgotáveis, sentia-se por vezes muito cansado.

Não se pode dizer quanto tempo durou esse trabalho, porque este tipo de tarefa não pode ser medido em dias ou meses. Seja como for, certo dia, no fim da tarde, trouxe para cima uma imagem que o perturbou de tal maneira assim que a viu, que teve de se dominar para não soltar um grito de surpresa, o que teria destruído imediatamente o fruto do seu trabalho.

A fina placa de mica — que não era muito grande, pois tinha aproximadamente o formato da página de um livro comum — representava com grande clareza e nitidez um homem usando um avental branco. Segurava numa das mãos uma dentadura de gesso. Estava de pé, e a sua atitude, a expressão triste e calma do seu rosto, comoveram Bastian profundamente. Mas o que mais o impressionou foi o fato de o homem estar congelado num bloco límpido como cristal. Estava rodeado por todos os lados por uma camada impenetrável de gelo, embora totalmente transparente.

Enquanto contemplava a imagem colocada sobre a neve, Bastian sentiu muita saudade daquele homem que não conhecia. Era um sentimento que vinha de muito longe, como uma onda do mar que ao longe parece inofensiva, mas que, à medida que vai se aproximando, se transforma numa parede de água da altura de uma casa, que arrasta tudo consigo. Bastian quase se afogou nessa onda de saudade, e teve de fazer um esforço para respirar. Seu coração lhe doía; era como se não fosse suficientemente grande para uma saudade tamanha. E essa onda levou consigo todas as recordações que ainda tinha de si próprio. E ele se esqueceu finalmente do que lhe restava; seu próprio nome.

Mais tarde, quando voltou para a cabana de Yor, nada disse. O mineiro também não disse nada, mas olhou para ele durante muito tempo, e seus olhos pareciam ver através dele, perdendo-se muito longe. E então, pela primeira vez em todo aquele tempo, suas feições cinzentas como a pedra iluminaram-se com um breve sorriso.

Nessa noite, o rapaz que já não tinha nome não conseguiu dormir, apesar de todo o seu cansaço. Era como se aquele homem quisesse lhe dizer alguma coisa, mas não pudesse por estar encerrado num bloco de gelo. O rapaz sem nome queria ajudá-lo, queria derreter aquele gelo. Como se sonhasse acordado, via-se a

si mesmo abraçando o bloco de gelo, para derretê-lo com o calor do seu corpo. Mas tudo era inútil.

E então, ouviu de repente o que o homem queria lhe dizer; ouviu-o não com os ouvidos, mas bem fundo em seu coração:

— Ajude-me, por favor! Não me abandone! Não sou capaz de sair sozinho deste gelo. Ajude-me! Só você pode me libertar dele!... Só você!

Quando se levantaram no dia seguinte, ao romper do dia, o rapaz sem nome disse a Yor:

— Hoje não descerei com você à Cova de Minroud.

— Vai me deixar?

O rapaz fez sinal que sim.

— Vou-me embora, em busca das Águas da Vida.

— Encontrou a imagem que o conduzirá?

— Sim.

— Quer me mostrá-la?

O rapaz acenou afirmativamente. Saíram ambos para a neve, e foram até o lugar onde estava a imagem. O rapaz olhou-a, mas Yor dirigiu seus olhos cegos para o rosto do rapaz, como se olhasse através dele para muito longe. Parecia escutar alguma coisa. Finalmente, moveu afirmativamente a cabeça.

— Leve-a com você, murmurou, e não a perca. Se a perder ou for destruída, tudo estará acabado para você. Porque nada mais lhe resta em Fantasia. Sabe o que isso significa.

O rapaz que já não tinha nome permaneceu de cabeça baixa e em silêncio durante algum tempo. Depois disse, também baixinho:

— Obrigado, Yor, por tudo o que me ensinou. Apertaram as mãos.

— Você foi um bom mineiro, murmurou Yor, trabalhou bem. E com estas palavras voltou-lhe as costas e dirigiu-se para o poço da Cova de Minroud. Sem se voltar para trás uma única vez, entrou no cesto e desapareceu nas profundezas da mina.

O rapaz sem nome levantou a imagem da neve e, caminhando pesadamente, desapareceu ao longe, na vasta planície coberta de neve.

Já andava há muitas horas; a cabana de Yor há muito desaparecera atrás dele no horizonte, e não via mais nada além da

superfície plana e branca que se estendia a perder de vista para todos os lados. Mas sentia que a imagem, que ele segurava cuidadosamente com as duas mãos, o impelia numa direção determinada.

O rapaz estava decidido a seguir essa força, que o conduziria ao lugar certo, quer o caminho fosse longo ou curto. Nada mais deveria detê-lo agora. Queria encontrar as Águas da Vida e estava certo de que podia fazê-lo.

Então ouviu um grande ruído lá em cima, no ar. Era uma enorme gritaria e a tagarelice de muitas bocas. Quando olhou para o céu, viu uma nuvem escura que parecia um grande bando de pássaros. Só quando o bando se aproximou é que se deu conta do que se tratava e ficou imóvel, petrificado de susto.

Eram as borboletas-palhaço, as Gargalhadas!

"Minha nossa!", pensou o rapaz sem nome, "tomara que não tenham me visto! Vão destruir a imagem com sua gritaria!"

Mas tinham-no visto!

Com risos estridentes e gritos de júbilo, o bando se precipitou sobre o viandante solitário e pousou à sua volta na neve.

— Viva!, cacarejavam, abrindo bem as bocas pintadas. Finalmente o encontramos, ó grande benfeitor!

E rodopiavam na neve, atiravam bolas de neve umas nas outras, davam cambalhotas e ficavam de cabeça para baixo.

— Não façam barulho! Por favor, não façam barulho!, murmurou o rapaz sem nome, desesperado. Mas todo o coro gritou em conjunto, encantado:

— Que disse ele?... Disse que fazíamos muito pouco barulho! . . . Isso nunca ninguém nos tinha dito!

— O que vocês querem de mim?, perguntou o rapaz. Por que não me deixam em paz?

Rodopiaram todas à volta dele, tagarelando:

— Grande benfeitor! Grande benfeitor! Você se lembra de como nos libertou quando éramos os Aiaiai? Éramos então os seres mais infelizes de Fantasia, mas agora estamos outra vez desesperados. Aquilo em que você nos transformou era, de início, muito divertido, mas agora nos aborrece muito. Esvoaçamos de um lado para o outro e não há nada que nos detenha. Nem sequer podemos jogar

um jogo a sério, porque não respeitamos as regras. Sua libertação nos transformou em palhaços ridículos! Você nos enganou, grande benfeitor!

— Minhas intenções eram boas, murmurou o rapaz, horrorizado.

— Sim, boas para você!, gritaram as Gargalhadas em coro. Você se mostrou muito generoso! Mas fomos nós que pagamos pela sua generosidade, grande benfeitor!

— Que posso fazer?, perguntou o rapaz. Que querem de mim?

— Estávamos procurando você, guincharam as Gargalhadas com as suas caras distorcidas de palhaços. Queríamos apanhá-lo antes que pudesse fugir para sempre. E agora o apanhamos. E nunca mais te deixaremos em paz, até que aceite ser nosso chefe. Você será a Supergargalhada, nosso Presidente-Gargalhada, nosso General-Gargalhada! Tudo o que quiser!

— Mas por quê, por quê?, murmurou o rapaz em tom suplicante.

E o coro dos palhaços guinchou em uníssono:

— Queremos que nos dê ordens, que nos comande, que nos obrigue a fazer qualquer coisa, que nos proíba alguma coisa! Queremos que a nossa existência tenha algum sentido!

— Mas não posso! Por que não escolhem um de vocês?

— Não, não, queremos você, grande benfeitor! Foi você que nos fez como somos!

— Não!, disse o rapaz, ofegando. Tenho que ir embora daqui. Tenho de regressar ao meu mundo!

— Mais devagar, grande benfeitor!, gritaram os palhaços. Não pense que pode escapar assim. Era o que você queria. . . Fugir de Fantasia!

— Mas eu estou perto do fim!, protestou o rapaz.

— E nós?, respondeu o coro. O que somos nós?

— Vão embora!, gritou o rapaz. Não posso me preocupar com vocês!

— Então tem de nos transformar novamente naquilo que éramos!, replicaram as vozes esganiçadas. Queremos ser outra vez os Aiaiai. O Lago das Lágrimas se evaporou e Amargante está seca!

E ninguém mais sabe fazer aquela bela filigrana de prata. Queremos voltar a ser os Aiaiai!

— Isso é impossível!, respondeu o rapaz. Já não tenho qualquer poder em Fantasia.

— Então, zumbiu todo o bando, dando voltas em confusão, vamos levá-lo conosco!

Centenas de mãozinhas o agarraram, tentando levantá-lo no ar. O rapaz se defendia com todas as forças, e as borboletas voaram para todos os lados. Mas sempre voltavam ao ataque, teimosas como vespas irritadas.

No meio daquela gritaria e confusão, ouviu-se de repente, ao longe, um som suave e ao mesmo tempo poderoso, que parecia o ressoar de um grande sino de bronze.

As Gargalhadas puseram-se em fuga num abrir e fechar de olhos, desaparecendo no céu como um enxame escuro.

O rapaz que já não tinha nome, ajoelhou na neve. À sua frente, reduzida a pó, estava a imagem. Tudo se perdera para ele.

Nada podia lhe ensinar o caminho para as Águas da Vida.

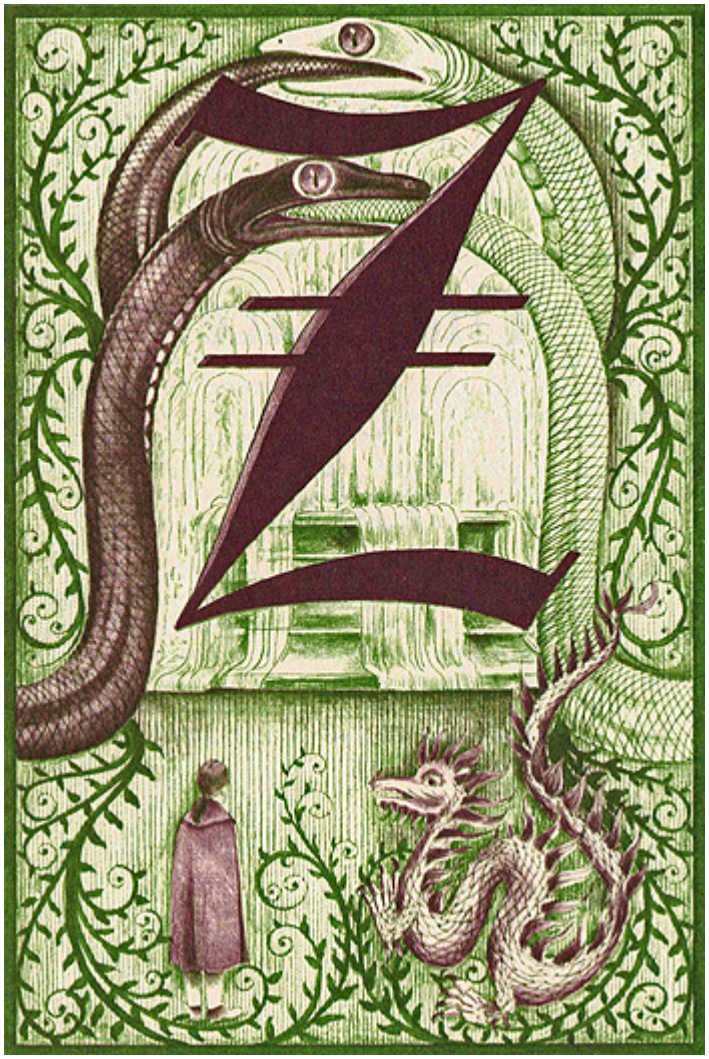
Quando levantou os olhos encharcados de lágrimas, viu a certa distância duas figuras sobre a campina nevada, uma grande e outra pequena. Esfregou os olhos e voltou a olhar.

Eram Fuchur, o Dragão Branco da Sorte, e Atreiú.

XXVI



As Águas da Vida



onzo, hesitante, o rapaz que não tinha nome levantou-se e deu alguns passos na direção de Atreiú. Depois parou. Atreiú não fez nada, limitando-se a olhá-lo calma e atentamente. A ferida em seu peito já não sangrava.

Ficaram assim longo tempo, frente a frente, sem que nenhum falasse. O silêncio era tão absoluto que cada um deles ouvia a respiração do outro.

Lentamente, o rapaz sem nome retirou do pescoço a corrente de ouro de onde pendia AURIN. Inclinou-se até o chão e depôs cuidadosamente a "Jóia" na neve, aos pés de Atreiú. Contemplou uma vez mais as duas serpentes, a clara e a escura, que mordiam a cauda uma da outra, formando uma figura oval. Depois, largou o medalhão.

Nesse mesmo momento, o brilho dourado de AURIN tornou-se tão claro e intenso que ele teve de fechar os olhos, ofuscado, como se tivesse olhado para o sol. Quando os abriu novamente, viu que estava numa sala rematada por uma cúpula, *tão alta* como a abóbada celeste. As paredes que sustentavam o edifício eram de luz dourada. No meio desse espaço incomensurável, estavam as duas serpentes, gigantescas como as muralhas de uma cidade.

Atreiú, Fuchur e o rapaz sem nome estavam de pé, lado a lado, junto à cabeça da serpente negra, que tinha na boca a ponta da cauda da serpente branca. O olho imóvel da serpente, com a sua pupila vertical, dirigia-se para os três. Em comparação com ela, até o Dragão da Sorte parecia tão pequeno como uma lagarta branca.

Os corpos gigantescos e imóveis das serpentes brilhavam como se fossem feitos de um metal desconhecido, um negro como a noite, o outro branco como a prata. E a destruição que elas podiam provocar só era evitada porque se imobilizavam mutuamente. Se uma delas se soltasse, o mundo acabaria. Quanto a isso não havia a menor dúvida.

Contudo, imobilizando-se uma à outra, também protegiam as Águas da Vida. Pois *no meio do* espaço que elas delimitavam, borbulhava uma fonte enorme, cujo jorro d'água dançava para cima e para baixo, originando no ponto em que caía milhares de figuras que novamente se desfaziam tão depressa, que o olhar não conseguia acompanhar esse jogo. As águas espumantes da nascente pulverizavam-se numa névoa fina, na qual a luz dourada se decompunha em todas as cores do arco-íris. Ouvia-se um ruído semelhante ao murmúrio, ao canto, ao riso, aos gritos e ao rejubilar de mil vozes alegres.

O rapaz sem nome olhou para aquela água como se estivesse morrendo de sede. . . mas, como chegar até ela? A cabeça da serpente não se movia.

De repente, Fuchur levantou a cabeça. Seus olhos cor-de-rubi começaram a faiscar.

— Compreendem o que dizem as águas?, perguntou.

— Não, respondeu Atreiú, eu não.

— Não sei como é isto possível, murmurou Fuchur, mas eu as compreendo perfeitamente. Talvez porque eu seja um Dragão da

Sorte. Todas as linguagens da alegria se parecem.

— Que dizem as águas?, perguntou Atreiú.

Fuchur escutou com atenção e depois repetiu vagarosamente, palavra por palavra, o que ouvia:

"Somos as Águas da Vida: Fonte que a si própria se deve e flui tanto mais incontida quanto mais dela se bebe."

Depois escutou durante mais algum tempo e disse:

— Repetem constantemente: "Beba! Beba! Faça o que quiser!"

— Mas como podemos chegar junto à água?, perguntou Atreiú.

— Estão perguntando nosso nome, explicou Fuchur.

— Eu sou Atreiú!, gritou Atreiú.

— Eu sou Fuchur!, disse Fuchur. O rapaz sem nome ficou calado.

Atreiú olhou para ele, depois pegou-lhe a mão e disse:

— Este é Bastian Baltasar Bux.

— Elas estão perguntando, traduziu Fuchur, por que ele não fala.

— Não pode, disse Atreiú. Esqueceu tudo.

Fuchur escutou durante mais um momento o murmurar e borbulhar das águas.

— Sem recordações, dizem elas, ele não pode entrar. As serpentes não o deixarão passar.

— Mas eu guardei tudo, gritou Atreiú. Tudo o que ele me contou de si e do seu mundo. Eu respondo por ele.

Fuchur pôs-se a escutar.

— Elas perguntam. . . com que direito você faz isto.

— Sou amigo dele, disse Atreiú.

Passou-se mais um tempo e Fuchur continuava escutando, atento.

— Elas não sabem se vão aceitar essa justificativa, murmurou ele a Atreiú. Agora estão falando da sua ferida. Querem saber como isso aconteceu.

— Tínhamos os dois razão, disse Atreiú, mas ambos nos enganamos. Porém, agora Bastian entregou AURIN por sua livre vontade.

Fuchur escutou e fez um sinal.

— Sim, disse ele, agora aceitam sua justificativa. Este lugar é AURIN. Somos bem-vindos, dizem elas.

Atreiú olhou para a enorme cúpula dourada.

— Todos nós, murmurou ele, o usamos no pescoço durante algum tempo. . . Até você, Fuchur.

O Dragão da Sorte fez-lhe sinal para se calar e escutou novamente o canto das águas. Depois traduziu:

— AURIN é a porta que Bastian procurava. Trouxe-a sempre consigo, desde o princípio. Mas nada do que pertence a Fantasia pode passar a soleira dessa porta, pois as serpentes não permitem. Por isso, Bastian tem de renunciar a tudo o que a imperatriz Criança lhe deu. De outro modo, não pode beber das Águas da Vida.

— Mas nós estamos em seu signo..., bradou Atreiú. Ela não está aqui?

— Dizem que aqui acaba o poder da Filha da Lua. Ela é a única que nunca poderá entrar neste lugar. Não pode penetrar no interior do "Brilho", porque não pode renunciar a si própria.

Atreiú calou-se, perplexo.

— Perguntam agora, continuou Fuchur, se Bastian está pronto.

— Sim, disse Atreiú em voz alta. Está.

Nesse momento, a gigantesca cabeça da serpente negra começou a se levantar lentamente, sem largar a ponta da cauda da serpente branca, que segurava na boca. Os corpos poderosos arquearam-se, formando uma porta, metade negra, metade branca.

Atreiú levou Bastian pela mão através da monstruosa porta até junto da fonte, que se revelava agora aos olhos de ambos em toda a sua grandeza e esplendor. Fuchur os seguiu. E à medida que avançavam, Bastian era despojado, a cada passo, de cada um dos maravilhosos dons que recebera em Fantasia. O herói belo, forte e intrépido transformou-se novamente no rapazinho baixo, gorducho e tímido. Até as roupas que usava, reduzidas a farrapos enquanto trabalhara no Minroud de Yor, desapareceram no nada. De modo que Bastian viu-se finalmente, nu e solitário, frente ao grande círculo dourado, de cujo centro brotavam as Águas da Vida, formando um jorro d'água semelhante a uma árvore de cristal.

Naquele último instante, quando já não tinha nenhum dos dons que recebera em Fantasia, mas ainda não recuperara as

recordações do seu mundo, Bastian passou por uma fase de total incerteza, em que já não sabia a que mundo pertencia, e nem sequer se ele próprio existia de verdade.

Mas logo saltou para dentro da água cristalina, agitou-se, bateu os braços e as pernas, chapinhou e abriu a boca para sentir as gotas daquela chuva faiscante escorrerem-lhe pela garganta. Bebeu tudo o que tinha vontade, até acalmar sua sede. E uma alegria encheu-o da cabeça aos pés, a alegria de viver e de ser ele próprio. Porque agora sabia outra vez quem era e a onde pertencia. Nascera de novo. E o melhor de tudo era que queria ser precisamente quem era. Se tivesse sido obrigado a escolher uma alternativa entre muitas, não teria escolhido outra. Pois sabia-o agora: havia no mundo milhares de formas de alegria, mas no fundo todas elas se resumiam a uma única: a alegria de poder amar. Tudo se resumia a isto.

E mais tarde, depois de Bastian ter voltado ao seu mundo, depois mesmo de ter atingido a idade adulta, e finalmente de envelhecer, nunca perdeu totalmente essa alegria. Mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida, mantinha sempre o coração alegre, o que o fazia sorrir e consolar os outros.

— Atreiú, gritou ele para o amigo, que estava à borda do grande círculo dourado, junto com Fuchur. Ande! Venha! Beba! É maravilhoso!

Mas Atreiú abanou a cabeça, sorrindo:

— Não, gritou ele em resposta. Desta vez nós só viemos te acompanhar.

— Desta vez?, perguntou Bastian. Que quer dizer com isso? Atreiú trocou um olhar com Fuchur, e depois disse:

— Nós dois já estivemos aqui. Não reconhecemos imediatamente este lugar, porque naquele dia fomos trazidos para cá para dormir, e dormimos todo o tempo que aqui estivemos. Mas agora nos lembramos.

Bastian saiu da água.

— Agora já sei de novo quem sou, disse ele, radiante.

— Sim, concordou Atreiú, acenando com a cabeça, agora também o reconheço. É igual ao que era antigamente, quando o vi na Porta do Espelho Mágico.

Bastian olhou para a água espumante e faiscante.

— Gostaria de levar um pouco dessa água para meu pai, gritou ele em meio ao marulhar da cascata. Mas como?

— Acho que não é possível, respondeu Atreiú. Não se pode levar nada para além da fronteira de Fantasia.

— Mas Bastian pode!, disse Fuchur, cuja voz parecia novamente o toque sonoro de um sino de bronze. Bastian vai poder!

— Você é um verdadeiro Dragão da Sorte!, disse Bastian. Fuchur fez-lhe sinal para se calar e escutou o marulhar das

mil vozes da água. Depois explicou:

— As águas dizem que agora você deve ir, e nós também.

— E qual é o caminho?, perguntou Bastian.

— Pela outra porta, traduziu Fuchur, onde está a cabeça da serpente branca.

— Está bem!, disse Bastian. Mas como posso sair? A cabeça branca não se move.

Com efeito, a cabeça da serpente branca não se mexia. Segurava na boca a ponta da cauda da serpente negra, e o seu olho gigantesco fitava Bastian fixamente.

— As águas perguntam, anunciou Fuchur, se você concluiu todas as histórias que começou em Fantasia.

— Não!, disse Bastian. Na verdade, nenhuma!

Fuchur escutou durante um momento. No seu rosto de leão surgiu uma expressão perturbada.

— Dizem que assim a serpente branca não vai deixá-lo passar. Você terá de regressar a Fantasia e concluir tudo.

— Todas as histórias?, gaguejou Bastian. Mas assim nunca poderei regressar. Foi tudo em vão.

Fuchur escutava com toda a atenção.

— Que dizem elas?, quis saber Bastian.

— Psiu!, disse Fuchur.

Depois de alguns instantes, suspirou e explicou:

— Dizem que é assim mesmo, a menos que alguém se encarregue de fazer esse trabalho por você.

— Mas as histórias são inúmeras, exclamou Bastian, e cada uma delas dá origem a outras histórias. Ninguém pode levar a cabo uma tarefa dessas.

— Sim!, disse Atreiú. Eu posso.

Bastian olhou-o, sem conseguir falar. Depois abraçou-o pelo pescoço e gaguejou:

— Atreiú! Atreiú! Nunca o esquecerei! Atreiú sorriu.

— Muito bem, Bastian. E nunca se esqueça de Fantasia.

Deu-lhe uma palmada amigável na bochecha, depois voltou-lhe rapidamente as costas e dirigiu-se para o portão da cabeça da serpente negra, que continuava arqueada como no momento em que tinham entrado naquele lugar.

— Fuchur, disse Bastian, como vocês irão concluir tudo o que deixei por acabar?

O Dragão Branco piscou um dos seus olhos cor-de-rubi e respondeu:

— Com sorte, meu rapaz' Com sorte! E seguiu seu senhor e amigo.

Bastian ficou olhando os dois enquanto passavam pela porta para regressar a Fantasia. Eles se voltaram ainda uma última vez para trás, piscando-lhe o olho. Depois, a cabeça da serpente negra baixou até ficar novamente deitada no chão. Bastian deixou de ver Atreiú e Fuchur.

Agora estava só.

Voltou-se na direção da cabeça da outra serpente, a branca, e viu que nesse ínterim ela se erguera e que os corpos das duas serpentes estavam arqueados, formando uma porta, como já acontecera do outro lado.

Encheu rapidamente as mãos em concha com as Águas da Vida e correu para a porta. Lá atrás, reinava a escuridão.

Bastian atirou-se para o outro lado. . . e precipitou-se no vazio.

— Papai!, gritou. Papai! Sou. . . Bastian. . . Baltasar. . . Bux!

— Papai! Papai! Sou. . . Bastian. . . Baltasar. . . Bux!

Quando ainda gritava por seu pai, viu-se de repente no sótão da escola, de onde certa vez, há muito tempo, ele partira para Fantasia. Não reconheceu imediatamente o lugar, e por um momento, vendo as coisas estranhas que o rodeavam — as animais empalhados, o esqueleto e os quadros — pensou se ainda não estaria em Fantasia. Mas logo viu sua pasta escolar, o candelabro

de sete braços enferrujado com as velas apagadas, e percebeu onde estava.

Quanto tempo teria se passado desde que empreendera a sua longa viagem pela História Sem Fim? Semanas? Meses? Talvez anos? Certa vez ele tinha lido a história de um homem que entrara por uma hora numa caverna mágica e, quando saíra, cem anos tinham-se passado e todas as pessoas que ele conhecera tinham morrido nesse ínterim, menos uma, que fora na época uma criança pequena e que agora era um homem muito velho.

A luz pálida do dia entrava pela clarabóia do telhado, mas não se percebia se era de manhã ou de tarde. Fazia muito frio no sótão, tal como na noite em que Bastian partira.

Saiu de debaixo do monte de mantas militares empoeiradas em que estava embrulhado, pôs os sapatos e os casacos e verificou surpreendido que continuavam úmidos, como naquele dia em que tinha chovido tanto.

Enfiou as correias da pasta nos ombros e procurou o livro que roubara e que tinha provocado toda aquela confusão. Estava firmemente decidido a devolvê-lo ao antipático Senhor Koreander. Mesmo que ele o castigasse por causa do roubo, que fizesse queixa dele ou qualquer outra coisa ainda pior, pois uma pessoa que tinha passado por aventuras como as de Bastian não ia ter medo de qualquer coisa. Mas não encontrou o livro.

Bastian procurou, tornou a procurar, sacudiu as mantas e revistou todos os cantos do sótão. Não adiantou nada. A História Sem Fim tinha desaparecido.

"Bem", disse Bastian finalmente para si mesmo, "tenho de dizer que desapareceu. Com certeza ele não vai acreditar. Mas paciência. Quem sabe se ele ainda se lembrará do incidente, depois de tanto tempo? Talvez a loja já nem exista."

Mas isto ele iria saber dentro em breve, pois a primeira coisa que tinha a fazer era sair da escola. Se não conhecesse os professores e as crianças que encontrasse, ficaria sabendo o que o esperava.

Mas quando abriu a porta do sótão e desceu para os corredores da escola, reinava um silêncio total. Parecia não haver ninguém no edifício. No entanto, o relógio da torre da escola estava

precisamente batendo nove horas. Portanto, era de manhã e as aulas já deviam ter começado há muito tempo.

Bastian espreitou para dentro de algumas salas de aula, mas todas estavam vazias. Quando chegou à janela e olhou para a rua, viu pessoas e automóveis passando lá embaixo. Pelo menos, o mundo não tinha acabado.

Desceu as escadas até a grande porta de entrada e tentou abri-la, mas ela estava trancada. Dirigiu-se à porta que dava para a casa do porteiro, tocou a campainha e bateu, mas ninguém lhe respondeu.

Bastian começou a refletir. Não estava disposto a esperar até que aparecesse alguém. Queria ir ter com seu pai agora mesmo, apesar de ter derramado as Águas da Vida.

Deveria abrir uma janela e chamar até que alguém o ouvisse e tratasse de mandar abrir a porta? Não, isso lhe parecia de alguma forma vergonhoso. Lembrou-se de que podia sair por uma janela. Elas podiam ser abertas pelo lado de dentro. Mas todas as janelas do rés-do-chão tinham grades. Lembrou-se então de que, quando olhara para a rua pela janela do primeiro andar, vira um andaime. Certamente estavam pintando uma das paredes exteriores da escola.

Bastian subiu outra vez até o primeiro andar e dirigiu-se à janela. Abriu-a e saiu para fora.

O andaime consistia em postes verticais, entre os quais, a intervalos regulares, havia pranchas horizontais. As tábuas oscilavam com o peso de Bastian. Durante um instante sentiu vertigens e teve medo, mas dominou-se. Aquela escalada não podia ser difícil para alguém que fora o Senhor de Perelim. . . se bem que já não possuísse a antiga forma fabulosa e o peso do seu corpo gorducho o atrapalhasse. Foi procurando apoio para as mãos e os pés, devagar e com cuidado, e assim desceu pelos postes verticais. Num dado momento, enfiou uma lasca de madeira na mão, mas essas insignificâncias já o não perturbavam. Um tanto encalorado e ofegante, mas são e salvo, chegou finalmente à rua. Ninguém o tinha visto.

Bastian correu para casa. O estojo de lápis e os livros chocalhavam dentro da pasta ao ritmo dos seus passos e ele sentiu

uma pontada no peito, mas continuou a correr. Queria ver o pai.

Quando finalmente chegou à casa onde morava, ficou parado durante algum tempo, olhando para a janela do laboratório do pai. E então, de repente, a angústia apertou-lhe o coração, pois ocorreu-lhe pela primeira vez a idéia de que seu pai já poderia não estar mais ali.

Mas seu pai estava lá e, sem dúvida, devia tê-lo visto chegar, pois, enquanto Bastian subia as escadas de dois em dois degraus, seu pai veio correndo ao seu encontro. Abriu os braços, e Bastian precipitou-se neles. Seu pai levantou-o do chão e levou-o para dentro da casa.

— Bastian, meu rapaz, repetia ele, meu querido, querido filho, onde você esteve? O que aconteceu?

Só quando os dois já estavam sentados na cozinha e o rapaz bebia leite quente e comia pãezinhos de leite nos quais seu pai passava bastante manteiga e mel, é que Bastian reparou como o rosto de seu pai estava pálido e afilado. Tinha os olhos vermelhos e a barba por fazer. Fora isso, porém, seu aspecto era o mesmo de antigamente, quando Bastian partira. E Bastian disse isto a seu pai.

— Antigamente?, perguntou ele, admirado. O que você quer dizer com antigamente?

— Quanto tempo eu estive fora?

— Desde ontem, Bastian. Desde que você foi para a escola. Como você não voltava, telefonei para o professor e soube que você não tinha estado na escola. Procurei o dia inteiro e a noite toda, meu rapaz. Notifiquei a polícia, porque temia o pior. Meu Deus, Bastian, que aconteceu? Fiquei quase louco de preocupação por sua causa. Onde você esteve?

Bastian começou então a contar o que tinha se passado. Contou tudo nos mínimos detalhes, e o relato durou horas.

O pai escutava-o como nunca o tinha escutado. Compreendia o que Bastian lhe contava.

Por volta do meio-dia, interrompeu a narração para telefonar à polícia e dizer que o filho tinha voltado e que estava tudo bem. Depois fez o almoço para ambos, e Bastian continuou a contar sua história. Já era quase noite quando Bastian chegou à parte da sua

narrativa sobre as Águas da Vida, e contou como desejara trazer dessa água para o pai, mas que a tinha derramado.

Já estava escuro na cozinha. O pai continuava sentado, imóvel. Bastian levantou-se e acendeu a luz. Então viu uma coisa que nunca tinha visto antes.

Viu lágrimas nos olhos de seu pai.

E compreendeu que, apesar de tudo, ele tinha conseguido trazer-lhe a Água da Vida.

Seu pai pegou-o no colo, sem falar, apertou-o de encontro a si, e eles se acariciaram um ao outro.

Depois de muito tempo assim sentados, o pai respirou fundo, olhou para Bastian e começou a sorrir. Era o sorriso mais feliz que Bastian vira nele.

— De agora em diante, disse seu pai com uma voz completamente diferente, de agora em diante vai ser tudo diferente entre nós dois, você não acha?

E Bastian fez sinal que sim. Tinha o coração cheio demais para poder falar.

Na manhã seguinte tinha caído a primeira neve. Acumulara-se, branca e macia, no parapeito da janela de Bastian. Todos os ruídos da rua chegavam amortecidos até ele.

— Sabe de uma coisa, Bastian?, disse seu pai bem-humorado na hora do café da manhã, acho que temos todas as razões para festejar. Um dia como este só acontece uma vez na vida. . . e a algumas pessoas nunca chega a acontecer. Por isso, proponho que façamos juntos qualquer coisa formidável. Eu tiro férias por um dia e você falta na escola. Eu escrevo um bilhete para justificar sua falta. O que você acha?

— Falto à escola?, perguntou Bastian. Mas ainda há escola? Ontem quando eu atravessei a escola não havia ninguém. Nem sequer o porteiro.

— Ontem?, perguntou o pai. Mas ontem foi feriado, Bastian. O rapaz mexeu pensativamente o chocolate. Depois, disse baixinho:

— Acho que vai ser preciso um certo tempo para me habituar outra vez a tudo.

— Claro, disse o pai, e acenou com a cabeça. E é por isso mesmo que hoje vamos fazer um feriado. O que você gostaria de

fazer? Podemos dar um passeio, ou ir ao Jardim Zoológico. Ao meio-dia, vamos almoçar num restaurante e comemos tudo o que você quiser. À tarde podemos ir às compras. O que você quiser. E à noite. . . à noite você quer ir ao teatro?

Os olhos de Bastian brilharam de contentamento. Depois, disse decididamente:

— Mas antes tenho de fazer outra coisa. Tenho de ir falar com o senhor Koreander para lhe dizer que roubei o livro e que o perdi.

Seu pai pegou-lhe na mão.

— Ouça, Bastian, se você quiser, eu faço isso por você. Bastian abanou a cabeça.

— Não, disse resolutamente. Isso é comigo. Eu mesmo quero fazê-lo. E o melhor é fazer agora.

Levantou-se e pôs o casaco. Seu pai não disse nada, mas no olhar que lançou ao filho havia surpresa e respeito. O rapaz nunca tinha se comportado assim.

— Acho que também vai ser preciso um certo tempo para eu me habituar às transformações, disse ele finalmente.

— Já volto, gritou Bastian, já no corredor. Não vou demorar. Desta vez volto depressa.

Mas, quando chegou em frente da livraria do senhor Koreander, sua coragem esmoreceu. Olhou para o interior da loja, através da vidraça onde estavam pintadas as letras floreadas. O senhor Koreander estava com um freguês, e Bastian preferiu esperar até que ele fosse embora. Começou a andar para cá e para lá em frente do alfarrabista. A neve recomeçou a cair.

Finalmente, o freguês saiu da loja.

"É agora!", disse Bastian para si mesmo.

Lembrou-se de como tinha ido ao encontro de Graograman em Goab, o Deserto das Cores. Decidido, levantou o trinco da porta.

Por trás da parede de livros que ao fundo delimitava o compartimento escuro, ouvia-se alguém tossindo. Um pouco pálido, mas sério e sereno, Bastian foi andando até o fundo da loja e deu a volta nos livros até ficar em frente do senhor Koreander, que estava sentado na sua velha poltrona de couro, como da primeira vez em que tinham se visto. O rapaz estava pálido, mas resoluto.

Bastian ficou calado. Pensara que o senhor Koreander ia se atirar contra ele rubro de cólera, gritando-lhe "Ladrão! Criminoso!" ou qualquer coisa do gênero.

Mas, em vez disso, o velho acendeu calmamente seu cachimbo arqueado, examinando o rapaz com os olhos franzidos por detrás dos óculos ridiculamente pequenos. Quando o cachimbo finalmente se acendeu, deu umas baforadas e só depois resmungou:

— Então? O que é? O que você quer desta vez?

— Eu. . . disse Bastian hesitantemente, roubei um livro do senhor. Queria restituí-lo, mas não posso. Perdi-o, ou melhor. . . não consegui encontrá-lo. Seja como for, desapareceu.

O senhor Koreander parou de fumar o cachimbo e tirou-o da boca.

— Um livro? Que livro?, perguntou.

— Era o livro que o senhor estava lendo da outra vez que aqui estive. Levei-o comigo. O senhor foi lá atrás falar ao telefone, o livro ficou em cima da poltrona e eu o tirei.

— Ah!, disse o senhor Koreander, e tossiu. Mas aqui não está faltando nenhum livro. Que livro era esse?

— Chama-se *A História Sem Fim,* explicou Bastian. A capa é cor-de-cobre e brilha quando se mexe o livro. Tem duas serpentes na capa, uma clara e outra escura, que mordem a cauda uma da outra. Por dentro, está impresso em duas cores. . . e as letras que iniciam os capítulos são grandes e muito bonitas.

— Mas que coisa extraordinária!, opinou o senhor Koreander Nunca tive um livro assim. Portanto, não é possível que você tenha roubado. Pode ser que tenha sido em algum outro lugar.

— Claro que não!, garantiu Bastian. Com certeza o senhor se lembra. É..., hesitou, mas depois continuou a falar, é um livro mágico. Quando eu o estava lendo, eu mesmo entrei na História Sem Fim, e quando saí outra vez dela o livro tinha desaparecido.

O senhor Koreander olhou para Bastian por cima dos óculos.

— Você não está brincando comigo?

— Não, respondeu Bastian, aflito. Claro que não estou. O que estou dizendo é a pura verdade. O senhor devia saber!

O senhor Koreander refletiu um momento, e depois abanou a cabeça.

— Você precisa me explicar tudo isso melhor. Sente-se, meu rapaz. Faça o favor de sentar!

Apontou com a boquilha do cachimbo para uma outra poltrona que estava em frente da dele. Bastian sentou-se.

— Bem, disse o senhor Koreander. Conte-me tudo direitinho, para eu ver se entendo alguma coisa. Mas devagar e na seqüência, por favor.

E Bastian começou a contar.

Contou a história com menos pormenores do que quando a narrara ao pai, mas como o senhor Koreander manifestava um interesse cada vez maior e fazia perguntas para saber ao certo o que tinha se passado, mais de duas horas se passaram antes que acabasse.

Não se sabe ao certo por quê, mas fato é que eles não foram perturbados por nenhum freguês durante todo esse tempo.

Quando Bastian terminou de contar seu relato, o senhor Koreander deu longas baforadas em seu cachimbo. Parecia absorto em seus pensamentos. Finalmente tossiu, endireitou os óculos, olhou pensativamente para Bastian durante um tempo e depois disse:

— Uma coisa é certa: você não me roubou este livro, porque ele não pertence a mim, nem a você, mas a alguma outra pessoa. Se não estou enganado, ele deve ter vindo de Fantasia. Quem sabe. Talvez, neste preciso momento, alguém o tenha nas mãos e o esteja lendo.

— Então, acredita em mim?, perguntou Bastian.

— É claro!, respondeu o senhor Koreander. Qualquer pessoa sensata acreditaria em você.

— O senhor é muito simpático, comentou Bastian. Nunca pensei.

— Há pessoas que não podem ir a Fantasia, disse o senhor Koreander, e há pessoas que podem, mas ficam lá para sempre. Porém há outros que vão a Fantasia e regressam. Como você, Bastian. E são esses que devolvem a saúde aos dois mundos.

— Ora, disse Bastian, corando um pouco. Não fiz nada de especial. E por pouco não teria voltado. Se não fosse Atreiú, eu teria ficado para sempre na Cidade dos Antigos Imperadores.

O senhor Koreander acenou com a cabeça e deu uma baforada com ar pensativo.

— Sim, murmurou ele, você teve a sorte de ter um amigo em Fantasia. Deus sabe como isso é raro.

— Senhor Koreander, perguntou Bastian, como o senhor sabe todas estas coisas? Quer dizer. . . já esteve alguma vez em Fantasia?

— É claro!, disse o senhor Koreander.

— Mas então, comentou Bastian, o senhor também deve conhecer a Filha da Lua!

— Sim, conheço a imperatriz Criança, disse o senhor Koreander, mas por outro nome. Eu a chamei de outro modo. Mas isso pouco importa.

— Então, tem de conhecer o livro também!, exclamou Bastian. Já leu *A História Sem Fim?*

O senhor Koreander abanou a cabeça.

— Todas as verdadeiras histórias são uma História Sem Fim! Passou os olhos pelos muitos livros empilhados até o teto nas estantes que tapavam as paredes e depois disse, apontando para eles com a boquilha do seu cachimbo:

— Há muitas portas para Fantasia, meu rapaz. Há muitos outros livros mágicos. Muitas pessoas nunca percebem isso. Tudo depende da pessoa em cujas mãos o livro vai parar.

— Então, a História Sem Fim é diferente para cada um?

— É isso mesmo, disse o senhor Koreander. Além disso, não são só os livros que levam a Fantasia, há outras possibilidades de ir até lá e voltar. Você virá a sabê-lo mais tarde.

— Acha que sim?, perguntou Bastian, esperançoso. Mas então teria de encontrar outra vez a Filha da Lua, e só podemos encontrá-la uma vez.

O senhor Koreander inclinou-se para a frente e disse em voz baixa:

— Ouça uma coisa que um velho e experiente viajante de Fantasia vai lhe dizer, meu rapaz! É um segredo que ninguém de lá sabe. É certo que você não pode se encontrar duas vezes com a Filha da Lua. . . enquanto ela for a Filha da Lua. Mas, se lhe der um

novo nome, poderá tornar a vê-la. E sempre que o fizer, será de novo a primeira e a única vez.

E a cara de buldogue do senhor Koreander iluminou-se durante um momento, numa expressão suave que o fez parecer mais jovem e quase bonito.

— Muito obrigado, senhor Koreander!, disse Bastian.

— Eu é que tenho que agradecer, meu rapaz, respondeu o senhor Koreander. Gostaria muito que você aparecesse por aqui de vez em quando, para trocarmos umas idéias. Não existe muita gente com quem se possa falar sobre estas coisas. Estendeu a mão a Bastian. Combinado?

— Combinado!, disse Bastian, e apertou-lhe a mão. Agora tenho de ir. Meu pai está me esperando. Mas volto em breve.

O senhor Koreander acompanhou-o até a porta. Quando estavam para sair, Bastian viu através da vidraça com as letras ao contrário que seu pai estava do outro lado da rua à espera dele. Seu rosto parecia radiante.

Bastian abriu rapidamente a porta fazendo tilintar furiosamente os sininhos de latão, e correu em direção daquele sorriso radiante.

O senhor Koreander fechou a porta com cuidado e seguiu-os com os olhos.

— Bastian Baltasar Bux, murmurou ele. Ou eu muito me engano, ou você ainda vai ensinar a muita gente o caminho até Fantasia, para que elas possam nos trazer as Águas da Vida.

E o senhor Koreander não se enganava.

Mas essa é uma outra história e terá de ser contada em outra ocasião.

Table of Contents

Créditos
Prólogo
I: Fantasia em Perigo
II: Atreiú É Chamado
III: A Velha Morla
IV: Ygramul, o Múltiplo
V: Os Dois Colonos
VI: As Três Portas Mágicas
VII: A Voz do Silêncio
VIII: No País dos Espectros
IX: A Cidade-Fantasma
X: O Vôo à Torre de Marfim
XI: A Imperatriz Criança
XII: O Velho da Montanha Errante
XIII: Perelim, a Floresta Noturna
XIV: Goab, o Deserto o das Cores
XV: Graograman, a Morte Multicor
XVI: Amargante, a Cidade de Prata
XVII: Um Dragão para Hynreck, o Herói
XVIII: Os Aiaiai
XIX: Companheiros de Viagem
XX: A Mão Que Vê
XXI: O Mosteiro das Estrelas
XXII: A Batalha da Torre de Marfim
XXIII: A Cidade dos Antigos Imperadores
XXIV: A Dama Aiuola
XXV: A Mina das Imagens
XXVI: As Águas da Vida